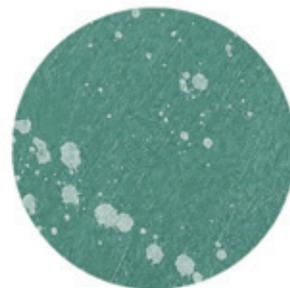
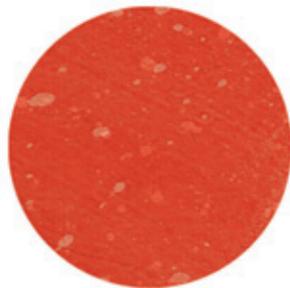


Olimpíada
DE LÍNGUA PORTUGUESA
Escrevendo o Futuro 



Edição 2012



Textos Finalistas

Olimpíada DE LÍNGUA PORTUGUESA

Escrevendo o Futuro 

Textos Finalistas

Edição 2012

Parceria



Coordenação
Técnica



Iniciativa





Resultado da parceria entre o Ministério da Educação e a Fundação Itaú Social, sob a coordenação técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), a Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* foi fundamentada na metodologia, nas estratégias de atuação e na experiência das três edições do Programa Escrevendo o Futuro.

Com o objetivo de colaborar para a melhoria do ensino da leitura e da escrita, o Programa Escrevendo o Futuro desenvolveu, de 2002 a 2007, ações de formação continuada para professores das 4ª e 5ª séries da rede pública, a fim de orientar a produção de textos dos alunos.

Em 2008, em sua primeira edição, a Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* ampliou a atuação do Programa Escrevendo o Futuro, passando a trabalhar também com professores e alunos das 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental (ou séries equivalentes do ciclo de nove anos) e com os dos 2º e 3º anos do Ensino Médio.

Desde 2010, participam da Olimpíada professores e seus alunos do 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, nas seguintes categorias:

- Poema (4ª e 5ª séries ou 5º e 6º anos do Ensino Fundamental)
- Memórias literárias (6ª e 7ª séries ou 7º e 8º anos do Ensino Fundamental)
- Crônica (8ª série ou 9º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio)
- Artigo de opinião (2º e 3º anos do Ensino Médio)

A Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* vai além de um concurso: oferece propostas de formação dos educadores, seja nas orientações pedagógicas dos materiais oferecidos, seja na participação em encontros para reflexão sobre as práticas educativas, com o objetivo de aprimorar o processo de escrita dos alunos. Desse modo, pretende contribuir para uma prática pedagógica de melhor qualidade.

Valorizando a interação das crianças e jovens com a realidade em que vivem, a Olimpíada adota o tema “O lugar onde vivo”. Assim, para escrever os textos, o aluno resgata histórias, estreita vínculos com a comunidade e aprofunda o conhecimento sobre o seu lugar. E isso contribui para o desenvolvimento de sua cidadania.

Esta coletânea reúne os textos dos alunos finalistas da edição 2012 da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. Parabenizamos os novos escritores e os seus professores que tão bem apoiaram seus alunos e os ajudaram a descobrir a força que a escrita tem.

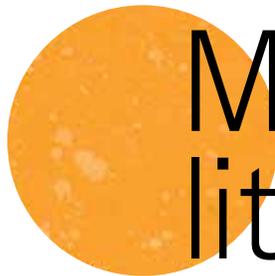
Boa leitura!

Nota: cada texto expressa a opinião de seu autor e não traduz a opinião dos realizadores da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.



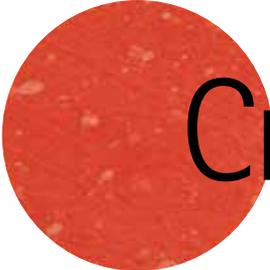


Poema
6

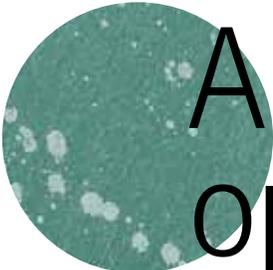


Memórias
literárias
60





Crônica
138



Artigo de
opinião
208

Poema



O que se encontra aqui é o resultado do esforço de estudantes de todo o país orientados por seus professores a se expressarem pela poesia. Por semanas, em suas escolas, dedicaram-se a ler, ouvir e experimentar versos, encaixar rimas, criar ritmos, desenvolvendo atividades em que podiam analisar, selecionar e optar pelo som e sentido das palavras que queriam usar.

Esses poemas ilustram sotaques, impressões, olhares e sensibilidades. Não surgiram apenas da vontade de brincar com as palavras, por importante que seja essa ação lúdica. A construção dos textos tinha por foco o próprio lugar onde vivem. Sem dúvida, um desafio para crianças que tiveram de transformar em linguagem poética o que lhes era proposto e dado a observar. Um desafio para professores que tiveram de buscar, em sua experiência, os meios para incentivar e apoiar seus alunos nessa forma de escrever.

Sinta-se, assim, leitor, convidado a imaginar cada rosto, cada voz e cada traço dos jovens autores. Deixe-se encantar com os textos! Essa será a melhor maneira de homenagear esses aprendizes e seus mestres.



Poema

- 10 Tantos tons
Marcela de Oliveira Amaral
- 11 O destino do Faxinal
Angélica Kovalski de Ramos
- 12 Histórias do meu lugar
Walisson Gabriel dos Santos
- 14 Lagos encantados
Luís Gustavo Rodrigues Viana
- 15 O melhor lugar do mundo
Marina Andrade Nogueira
- 16 Meu pequeno vilarejo
Luana da Silva Dantas
- 17 Minha Astorga
Ulisses Gallo de Lima
- 18 Pacajá em poesia
Jamile Fraga Menezes
- 20 Amazonas, meu lugar
Vitória Silva da Paz
- 21 Estrela altaneira
Ivo Lopes de Lima
- 22 O João de Ipumirim
João Pedro Artifon Canton
- 24 Manhã manhosa mineira
Lamaira Condack Gonçalves
- 25 O recanto encantado
Jaine Costa de Lima
- 26 Encantos além da minha janela
João Arthur Pagotto Salvi
- 28 Minha cidade viva, viva em mim!
Carlos Daniel Pereira do Nascimento
- 29 Meu bairro, minha primavera
Josinara Correia de Sousa
- 30 Coisas da minha terra
Emanuelle de Oliveira Andrade
- 32 O ponto da fofoca
Giselly de Sousa Virginio
- 33 Cariri: Este é o meu lar
Tamiles Andrade dos Santos

- 34 Um rio, uma linha e um menino
Gustavo Ruthes Prohmann
- 36 Linda Paraíso
Maria Eduarda da Silva Lima
- 37 Os pedacinhos de minha cidade
Any Dieniffer Nunes Teixeira
- 38 Cheiros e sabores da minha cidade
Arthur França Costa
- 39 Arraias, identidade negra
Atos Gabriel Tavares Moura
- 40 Apare Cida
Vitória Cristina de Oliveira Appolinária
- 41 Jangurussu, um bairro especial
Alexandre Machado Teixeira
- 42 Terra de valor
Igor Araújo de Melo Junior
- 43 Ô de casa?!
Henrique Douglas de Oliveira
- 44 Jacintinho – O bairro onde moro
Sanielly Lourenço da Silva
- 46 Cidade inesquecível
João Pedro de Souza Rosa
- 48 Eta! Terra boa!
Arthur Cechele dos Santos
- 50 Terra pequena de povo valente
Atalita Goes Bezerra
- 51 Meu Recanto
Andressa Monteiro da Silva
- 52 Quero pintar de verde meu sertão
Ana Letícia Oliveira Dutra
- 54 Um cantinho do Brasil
Pedro Augusto Silva Moraes
- 56 Heliópolis: O bairro do sol
Henrique Dias da Silva
- 58 Terra de gente mineira
Yan Douglas Silva
- 59 Sabará sempre tem
Pedro Augusto Gonçalves da Silva

Tantos tons

Aluna: Marcela de Oliveira Amaral



10

Na tela branca como açúcar
Vou colorir esse lugar
Aonde chegaram meus avós
Vindos de distantes caminhos
À procura de trabalho
Acolhidos em SertãoNinho.

Não tem mar ou cachoeira,
Nem canaviais ofertam flores.
Aqui cresce a cana-caiana,
a preta, a roxa, a amarela...
Posso testar todas as cores
Brincando com essa aquarela.

Misturei o sol com o céu
Na ponta do meu pincel
E na tela brotou a cana:
Cana que vira etanol
Cana que enche de doçura
O canavial da pintura.
O chão de terra vermelha

Escondi sob o asfalto.
A cidade cresceu tanto!
Concreto, casa, comércio,
indústria pra todo canto,
Poeira jogada pro alto.

Das festas na avenida
Pinte a noite iluminada
Pelos fogos de artifício
Que explodem prazenteiros
Tal confeitos coloridos
Pelo céu de brigadeiro.

Com tantas tintas e tons:
Verdes, vermelhos, marrons...
Pra pintar minha cidade
e contar a sua história,
resgatei todas as cores
Da paleta da memória.

O destino do Faxinal

Aluna: Angélica Kovalski de Ramos

Lugar de plantações
Riachos, matas, cascatas
De repente graças aos patrões
Viramos depósitos de latas.

É aqui o lixão da cidade
Mesmo depois do protesto
Nossa voz não valeu nada
Seja bem-vindo “progresso”!

No lugar do rio e da mata
Mosca, rato, mau cheiro e barata
Se plantar fumo já era prejudicial
O lixo nos faz ainda mais mal.

A consequência do consumismo
É cada vez mais lixo produzir
E se do lixo não vamos tratar
Como é que vamos ficar?

O futuro será escuro e fétido
Como o chorume que escorre do lixão
Só pedimos às autoridades
Sua sensibilização
Sabemos que o lixo é problema
De difícil solução.

Porém se a população
Acostumar-se a reaproveitar
E usinas de reciclagem
Começarem a funcionar
O destino do Faxinal
Talvez possa mudar
E a natureza tão bela
Volte aqui a imperar.

Histórias do meu lugar

Aluno: Walisson Gabriel dos Santos

Minha cidade foi pequenina,
Cabia toda numa história,
De bandeirantes desbravadores
Com ruas, lendas e glórias
Uma clareira e uma cruz...

Por aqui veio morar
Um padre da Catalunha
E para o nome do lugar
Usaram sua alcunha.
Ele era conhecido
Como o padre Catalão,
Esse foi o nome dado
À terra do meu coração.

Minha cidade foi crescendo
Com histórias de arrepiar.
Lã no morrinho a igreja branca
Viu uma moça desencantar,
Quando matou seu amado
Virou a doida do lugar...

Num tempo antigo outra história
De um povo bravo e severo
Que torturou e matou
Um moço chamado Antero.
Ele hoje é cultuado
Como santo de esmero!



Aqui tem história de festa
Da santa lá no altar.
Quando eu ouço o tum... tum...
Vou correndo espiar.
Luzes, cores, vozes, sonhos,
É a congada a passar:
“Ô meu São Benedito,
Hoje eu vi a sereia no mar!”

Aqui também tem os causos
Que vêm num dedo de prosa.
Tem conversa nas calçadas,
Tradição que o povo gosta.
Tem forró e tem leilão
Nas boas festas de roça.
A família se reúne
Pra fazer a pamonhada.
O cheiro do pequi conta
Que também tem galinhada!

Quando ouço o apito
Quem conta história é o trem,
Ele trouxe o progresso
Com o minério que aqui tem!
Minha cidade hoje em dia
Tem histórias de montão,
Aqui se monta e vende
Carro que é do Japão.
É o lugar que mais amo
Minha terra: Catalão!

Lagos encantados

Aluno: Luis Gustavo Rodrigues Viana

Nasci e moro
na “terra dos lagos encantados”
Sete Lagoas eu digo
é seu nome contemplado.

Passear na orla da Boa Vista
andar de pedalinho na Paulino.
Cidade de belezas mil!
São tantas belezas que temos
que deslumbram qualquer menino.

A antiga estação ferroviária
hoje virou um museu
quem não viajou de trem...
que belo passeio perdeu.

Gruta Rei do Mato,
pôr do sol na serra,
tudo é tão bonito
que parece cenário de novela.

Monumentos históricos
prédios imponentes
no passado aqui já esteve
o mártir Tiradentes.

Toda a cidade é muito rica e bonita
em meio ao patrimônio
é só prestar atenção
está a catedral de Santo Antônio
padroeiro da cidade
santo casamenteiro, santo da igualdade.

Em nenhum outro lugar
encontrará tão perfeitas paisagens
suas lagoas à luz do luar
são tão lindas, que parecem até miragens.



O melhor lugar do mundo

Aluna: Marina Andrade Nogueira

Minha cidade é fantástica,
você pode acreditar.
Todos os que por aqui passam
não conseguem se afastar.

Neste lugar tão pequeno
as riquezas são imensas.
Lindas montanhas verdejantes
com cachoeiras de águas densas.

O povo carvalhense
é bastante hospitaleiro,
gosta de carnaval
e também é forrozeiro.

A política da minha cidade
dessa não posso esquecer,
é assunto que sempre faz
minha cidade ferver.

Nosso artesanato,
uma grande riqueza,
como mãos tão delicadas
fazem surgir tanta beleza?

No bairro do Carimbã
você vai encontrar
um santo padroeiro
capaz de fazer você casar.

Este é o meu cantinho,
localizado no sul de Minas Gerais,
que encanta a todos os visitantes
com suas paisagens naturais.

Agora vou lhe contar
um segredo bem profundo,
acho a minha cidade
o melhor lugar do mundo.

Meu pequeno vilarejo

Aluna: Luana da Silva Dantas

O lugar onde vivo
É cheio de encantos mil
Na região Centro-Oeste
No coração do Brasil.

O lugar onde moro
É cercado de natureza
Onde a fauna e a flora
São deslumbrantes em beleza.

Meu vilarejo é pequeno
E se chama Paranorte
Na cidade de Juara
No Mato Grosso do Norte.

O povo é hospitaleiro
Humilde e trabalhador,
Com coragem desbravaram
Esse chão com muito amor.

Acordo de manhã cedo
E abro minha janela
Observando nas árvores
As araras tagarelas.

Corro e vou ao quintal
Jogar milho pras galinhas
Depois eu vou para o curral
Tomar leite das vaquinhas.

À tarde vou pra escola
Cumprir com meu dever
Pois quero ajudar no futuro
Meu país desenvolver.

Moro aqui há dez anos
Crescendo com minha família
Posso dizer ao leitor
Que aqui é uma maravilha.

Quero dizer pra você
Meu poema vou terminar
Conheça nossas belezas
Venha nos visitar!

Minha Astorga

Aluno: Ulisses Gallo de Lima

Vou num pé e volto n'outro.
Tic-tac, tic-tac, TRIMMMM...
– Acorda, menino!
Pra escola vou sozinho,
pois conheço o caminho.

Vou num pé e volto n'outro.
Ao sítio levar o almoço.
A colheita está em pleno vapor.
Sol e vento nos cachos de trigo,
um mar dourado, a plantação.

Vou num pé e volto n'outro.
Com os amigos na rua brincar,
chutar bola, pega-pega, esconde-esconde,
na sombra das árvores me refrescar.
Carro na rua quase não passa
e o vovô estica a vida na praça.
Vou num pé e volto n'outro.

Ver a lua pontear no chafariz
as cordas do violão.
Praça Chitãozinho e Xororó,
uma homenagem à sua canção.

Vou num pé e volto n'outro.
Cidade pequena
tem esta vantagem.
A todo canto posso ir,
sem fazer grande viagem.

Astorga dizem ter outra na Espanha,
com belos castelos e esplendor.
Mas a minha Astorga é assim,
todo lugar a que vou...
Vou num pé e volto n'outro.



Pacajá em poesia

Aluna: Jamile Fraga Menezes

Meus amigos me escutem,
Prestem muita atenção,
Vou falar de uma terra
Que me causa muita emoção
É a cidade de Pacajá
Que eu amo de coração.

Foi de um programa do governo
Que o município se originou
Em 1971 o governo implantou
Um projeto chamado PIN
Foi onde tudo começou.

O objetivo do projeto
Era o de desenvolver
A colonização da Amazônia
E trabalhadores trazer
Pra trabalharem aqui
Uma terra iriam ter.

Assim essas pessoas
Por aqui foram chegando
Entre Marabá e Itaituba
Agrovilas foram formando
Ao longo da Transamazônica
Tudo foi se transformando.

Escolas, igrejas e posto médico
Começaram a surgir
Para atender às carências
Dos que viviam aqui
E assim pouco a pouco
Tudo começou a evoluir.

Por incrível que pareça
Tudo começou com um bar
Que um colono abriu
Para poder trabalhar
Também era restaurante
Que passou a apoiar
Motoristas que passavam
E paravam pra descansar.

Vários pontos como esse
Começaram a se instalar
E ao redor desses pontos
O povo foi se juntar
E sem querer começaram
O município formar.

Já na década de 80
A pequena população
Via que necessitava
De melhores condições
Começaram a lutar
Pela emancipação.



No início Pacajá
Pertencia a Portel,
Não tinha prefeito próprio
Que fosse bom e fiel
E por isso a população
Vivia jogada ao léu.

E então Geraldo Franco
O padre de Pacajá
Se uniu com moradores
E começaram a lutar
Qual era o sonho deles?
Emancipar Pacajá.

Foi então que em 10 de maio
A emancipação ocorreu
Oitenta e oito foi o ano
Em que tudo aconteceu
No governo Mota Gueiros
O sonho se sucedeu.

No ano de oitenta e nove
Houve a instalação
Em primeiro de janeiro
Foi tamanha a emoção
Tomou posse a prefeita
Eleita pelo povão.

Zuleide Santos era a prefeita
Vinha para governar
Nossa querida cidade
Que nasceu para brilhar
Cícero Rodrigues era o vice
Que iria ajudar.

Já faz mais de vinte anos
Que isso tudo aconteceu
Mas desse dia feliz
O povo não se esqueceu
E espera as melhorias
Que ele sempre mereceu.

E a cada 10 de maio
O povo vai se lembrar
Com muita felicidade
Ele vai comemorar
É mais um ano de glória,
Viva, Viva, Pacajá!

Amazonas, meu lugar

Aluna: Vitória Silva da Paz

Aquelas águas boas,
Florestas bonitas,
Me lembro do Amazonas,
Minha terra querida.

Mas, às vezes, vem a tristeza,
Carregada pela enchente,
Leva vidas,
Leva casa,
E leva quase toda a minha gente.

Todo dia penso nisso,
Que angústia que me dá,
Tem crianças coitadinhas,
Não conseguem cochilar,
Com medo da força da água
Dentro da sua casa entrar.

Mas essa é a realidade,
Tenho que me acostumar,
Vou tentar viver a vida,
Sem meu olho lagrimar.

Tem também a parte boa
Que eu tenho que contar
Tem o Teatro Amazonas
Que é bom pra visitar.

Conheça nossa nova ponte,
Sei que você vai adorar.
Veja o encontro das águas
Que faz todo mundo sonhar.

Minha Manaus bonita,
Minha cidade linda,
Quando eu crescer e me formar,
Ao mundo vou te apresentar,
Para que todos possam também te amar.



Estrela altaneira

Aluno: Ivo Lopes de Lima

Eu vivo o Acre dentro de mim
Sou acriano e sempre vou ser assim
Da janela eu vi o sol, nas nuvens se escondeu
Assim como um dia o Acre apareceu.

Onde eu vivo tem paisagem natural
Chico Mendes, por exemplo, defendeu esse ideal
Nossa história é repleta de eventos sem igual
A cidade onde moro antes era um seringal.

Onde vivo é muito legal
Povo simples, povo alegre
Povo que sempre está por perto
Por perto pra ajudar, por perto pra alegrar.

Onde vivo é sempre assim
A cada dia se renova a esperança
De viver, de lutar e perdoar sem fim.

A noite vai desaparecendo
O sol em outro lugar vai nascendo
Rio Branco vai passando com o vento
E ninguém vê Rio Branco como eu vejo em meu pensamento.

Nas estrelas vou vagando
Nas nuvens vou voando
Pelas ruas de Rio Branco vou caminhando
Mas no Acre vou ficando.



O João de Ipumirim

Aluno: João Pedro Artifon Canton

Blém, blém, blém!...
Toca o sino da matriz
São seis horas da manhã
Me acordo, sou o João!

O João da poesia
O João da antiga Vila Harmonia
O João da alegria
O bisneto da nona Maria.

O João de Ipumirim
Que cuida do jardim
Que pratica esporte, lazer
Dança gaúcha folclórica, prazer.

O João que ama a escola
Vive chutando bola
Ama a rua onde mora
Não deixa pássaro na gaiola.

O João que faz fogo no fogão
Que sapeca o pinhão
Que toca seu violão
Que bebe o bom chimarrão.

O João que brinca no parque da praça
Que com o amigo faz graça
Que desenha na vidraça
Que é feliz quando abraça.

O João que vai à piscina
Que no judô fascina
Que anda de skate na esquina
Que sua bicicleta empina.



O João que dá bom-dia
Pro vizinho, pro amigo, pra tia
Que a vida desafia
Convivendo com alegria.

O João que cultiva o chão
Cuida da terra com a mão
Planta milho, pipoca, feijão...
Divide tudo com o irmão.

O João que anda a cavalo
Que dá comida pro galo
Que no rio Engano pesca
Que com os amigos faz festa.

O João que nasceu nessa cidade
Que cresce com liberdade
Tem amigos de verdade
Só existe amizade.

O João que aqui é feliz
Que aqui criou raiz
Que toca o sino da matriz
Que desse povo é um aprendiz.

Blêm, blêm, blêm!...
Toca o sino da matriz
18 horas é a hora
Que na família a conversa rola.

Manhã manhosa mineira

Aluna: Lamaira Condack Gonçalves

Acorda, manhã manhosa
Que vem vindo o vento frio
Faz curva, faz manha, faz graça
Brinca na beira do rio.
Vem ligeiro. Eta! menino faceiro!
Vem trazendo um buchicho
Cochicho de maritaca
E é lá da mata.

Balança quati, jaguatirica, tucano
Dançando ao chuã-chuã
Da cachoeira do Chiador
Vêu de noiva
Da princesinha da Zona da Mata mineira
Esperando feliz o seu noivo.
Xô, bem-te-vi! Olha o chiado!

Chacoalha o chocalho
Ruge o trovão
Gotas gorduchas de chuva
Rolam na poeira
Encharcam o chão
Enverdecem a plantação.

Sol brincando de pique-esconde
Menino travesso! Escondeu atrás do monte
Logo ali, onde estão os “panhadores”
colhendo ouro
Mas não é ouro qualquer
Ouro verde, vermelho, ouro preto
Esse ouro é o café.

Acorda, manhã dengosa
Levanta, abre teus olhos de aprendiz
Vai percorrer as ruas
Catar frutas frescas nos quintais
Lá fora o vento frio,
De braços abertos, te Espera Feliz.

O recanto encantado

Aluna: Jaine Costa de Lima

O meu pequeno lugar
Um recanto de beleza,
Sofre com a estiagem
Que chegou de surpresa
Nos tirando a alegria
Enchendo-nos de tristeza.

Com a chegada da seca
Tudo se modificou,
Observo da janela
No que se transformou
O meu pequeno recanto
Hoje se desfigurou.

Aquelas serras tão verdes
Mais parecem um deserto,
Os beija-flores fugiram
Isso não é um mistério
Hoje o recanto da serra
Mais parece um cemitério.

Quem via as barragens cheias
E os lagos a transbordar,
A chuva a cair
E o chão a molhar
Hoje se penaliza
Vendo o solo rachar.

O fazendeiro fiel
Vê o seu gado morrendo,
Pensa na sina cruel
Sofre com o desalento
Recorre aos santos devotos
Pra aliviar o sofrimento.

A chuva vai voltar
A molhar o nosso chão,
O que hoje é tristeza
Vai virar recordação
E o trovão a rugir
Voltará a ser canção!



Encantos além da minha janela

Aluno: João Arthur Pagotto Salvi

Além da minha janela
Vejo o maior espetáculo da natureza
É o retrato da minha Terra
Carregado de imensa beleza

O rei do terreiro exibido
Bate as asas até estremecer
Abre a garganta e canta
Anuncia o amanhecer

O sol surge majestoso
Iluminando toda a terra
Em meio à grama macia
A missão do orvalho se encerra

O vento passa correndo
Passa de casa em casa
Leva poeira da estrada
Parece um anjo de asas

Por trás das verdes colinas
Alegrando toda a floresta
Brincam as borboletas meninas
Deixando a natureza em festa

A saracura bailarina
Baila seu corpo elegante
No pequeno riacho a correr
Em suas águas refrescantes

O rio é um grande atleta
Peixes brincam a nadar
Corre velozmente, com pressa
Seu destino é o grande mar

Na mata verde e frondosa
A melodia dos pássaros é calma
É uma corrente musical carinhosa
Que toca na minha alma

Mugindo as vacas no curral
Chamam o produtor experiente
Para o leite fresquinho tirar
Sustento de toda essa gente

O agricultor da pele queimada
Acaricia a terra com leveza
Mão calejada lança a semente
Eis o mistério da natureza!

Na roça farta o milharal
Milhares a perder de vista
Soldados verdes enfileirados
Anunciam a grande conquista

À tardinha, na hora da Ave-Maria
Faz uma pausa o agricultor
Com a natureza em harmonia
Agradece ao Criador

Terra, animais e homem
Tudo está em sintonia
Essa corrente maravilhosa
Faz parte do meu dia a dia

Esse é o lugar onde vivo
Concórdia de encantos mil
Terra de tamanha beleza
Um pedacinho do Brasil

Fecho minha janela, adormeço
Sonho com um novo dia pela frente
Sinto um sopro divino e forte
A tocar o coração dessa gente.

Minha cidade viva, viva em mim!

Aluno: Carlos Daniel Pereira do Nascimento

O lugar onde vivo
É terra boa que sô vendo
Tem dias quentes de sol
E dias que está chovendo

A cidade em que moro
Tem um clima tropical
Pra tomar banho de rio
Não existe outra igual

Muitas riquezas naturais
Em minha cidade reluz
Tem o rio Paraíba
Que a todo mundo seduz

Tem também o balneário
De águas minerais
Onde a gente toma banho
E brinca até não querer mais

Esta cidade feliz
Para mim é a melhor que há
Pois este é o lugar
Bonito de se morar

A cidade onde moro
Tem muitas coisas especiais
Entre elas se encontram
Os belos canaviais

Com a cana-de-açúcar
Produce-se a aguardente
Também se faz o açúcar
Que adoça a vida da gente

Santa Rita é conhecida
Por sua religiosidade
E o nome da padroeira
Foi colocado na cidade

Minha Santa Rita querida
Trabalhas incansavelmente
Para ver crescerem os frutos
Que brotam de tua semente.

Meu bairro, minha primavera

Aluna: Josinara Correia de Sousa

Aqui, agora é sempre primavera,
Antes não era...
Uma linda história que virou poesia,
De um lugar simples cheio de alegria.

Já foi lixão,
Atrás de um morro escondido,
Onde a cidade descartava
O que deveria ser esquecido.

A cidade cresceu,
O lixo indesejado foi processado.
Borracha... vidro... plástico...
Triturado... compactado... aterrado.
Terreno distribuído...
Novo bairro formado...

Assim como a feia lagarta
vira linda borboleta,
Da pequenina semente
surgem flores e ramalhetes.
Brotou do lixo
A Primavera!

Depois de tantos anos
Ainda hoje quando cavamos
Encontramos muitos sinais
Borracha... vidro... plástico...
Que nem o tempo desfaz...

Aqui, agora é sempre primavera,
Antes não era...

Assim é a vida.
Podemos plantar beleza nos lugares feios,
Podemos plantar sonhos em terrenos áridos,
Podemos viver numa eterna primavera...

Coisas da minha terra

Aluna: Emanuelle de Oliveira Andrade

Escute, caro leitor
A história que vou contar
Embora não seja poeta
Uma rima vou arriscar
E vou contar pra você
Como é o meu lugar.

Um lugar muito pequeno
Não tem muita opção
Para os jovens e crianças
Não há quase diversão
Praça, igreja e escola
Lazer, fé e educação.

Lagoa da Cruz é seu nome
No alto da serra está
No meio do alto sertão
Onde cantava o sabiã
Antes dessa seca medonha
Que o espantou de lá.

No centro tem uma praça
Que é mesmo cheia de graça
Com seus casais de namorados
Que nem olham para quem passa
Onde as pessoas ainda
Conversam pelas calçadas.

Na capela de Nossa Senhora
Sempre há missa e procissão
Blêm... Blêm... O sino toca
Chamando pra oração
O povo pede chuva
Pra molhar nosso torrão.

O povo que mora aqui
Acredita em renovação
Povo culto, inteligente
Valoriza a educação
Nesse lugarzinho escondido
Uma escola: orgulho e admiração.

Escola Tomê Francisco
É nela que eu estudo
Uma escola que tem nome
E que dá o que falar
Sempre subindo ao pódio
Por tantos prêmios ganhar.



Ideb, Idepe e Obmep
Nossa escola é destaque
Enem, OLP, OJE e OBA
Não ficam fora à parte.

Uma escola divertida
Onde o prazer é estudar
Tem carnaval, tem folclore
Tem cultura popular
Tem também festa junina
É tudo o que você possa imaginar.

Por isso Lagoa da Cruz
De Quixaba ganhou o mundo
Até nos Estados Unidos
Esta escola é conhecida
O povo que aqui trabalha
É mesmo muito unido.

O projeto O Prazer de Ler
Traz prazer pra muita gente
As peças criativas
Alegram até doente
O fascínio da leitura
Aprendizado excelente!

24 de abril
Um dia especial
De Ariano Suassuna
Espetáculo Triunfal
Com tantos prêmios assim
Somos escola sem igual.

Assim todos ficam felizes
Por viverem nesse lugar
Onde a escola se destaca
Na TV, rádio e jornal
Globo News, TV Futura
Em rede nacional.

Amo a minha escola
Ela faz parte do meu lugar
Aqui tenho muitos sonhos
Um dia vou realizar
Lagoa da Cruz, minha terra
Aqui sempre vou morar.

O ponto da fofoca

Aluna: Giselly de Sousa Virginio



Meu lugar é pequenino,
Fica aqui no Ceará,
Município de Aracati,
Onde adoro morar.
O povo que vive aqui
Gosta muito de fofocar.

Temos cinco árvores,
Que são os pontos da fofoca.
Das crianças aos idosos,
Todos contam suas lorotas
Delas ninguém escapa,
Quando formam a patota.

A árvore do Madaleno
É na rua do papoco,
Onde junta muita gente,
Que vai chegando aos poucos,
Para ouvir as conversas
Que dizem um e outro.

No cajueiro do malandro
Os jovens gostam de conversar,
Falar do futebol,
De quem não sabe jogar,
Nele todos os jogadores
Ficam em último lugar.

O ninho da Neci
Tem uma sombra gostosa,
Acolhe a quem chega,
Pra contar a sua prosa.
Ali as donas de casa
Se tornam preguiçosas.

Na árvore da escola,
Ao ônibus esperar
Os alunos se juntam,
E logo vão fofocar
Conversando dos colegas,
Com quem vão se encontrar.

Na árvore dos irmãos,
Vive-se a orar,
A Deus pedem perdão,
Se contra alguém falar,
Só querem para Jesus
As almas dos irmãos ganhar.

Assim vive meu povo,
Numa vida sossegada,
Humilde, mas muito feliz,
De todos dando risadas
Aqui todos os moradores,
Têm sua vida contada.

Cariri: Este é o meu lar

Aluna: Tamiles Andrade dos Santos

No lugar onde eu moro
Tem pássaros e muito mais
Capim e a terra
Onde ficam os bananais
Onde ficam os cacauzeiros
Sem esquecer os laranjais.

Nas árvores que lá tem
Ficam os passarinhos a cantar
Fica o colibri assanhado
Com suas flores a beijar
E coloridas borboletas
Que fazem piroetas no ar.

No riacho aonde eu vou
Tem até peixinhos dourados
E uma água bem gostosa
Que molha meus cacheados
E uma pedra onde eu brinco
Quando chegam os feriados.

Tem flores sortidas
Pequenas, grandes e perfumadas
Tem um lugar bem espaçoso
Onde fica a bicharada
A vaquinha e o bezerro
A galinha e sua ninhada.

Tem as frutas gostosinhas
Laranja, jaca, graviola
Tem também as que não gosto
Pois não são tão saborosas
Minha terra é tão rica
Veja que coisa gostosa!

Nas noites de lua cheia
Fico muito animada
Pega-pega, boi-vaqueiro
Roda e muita gargalhada
É certa a diversão
Com toda meninada.

Cariri, meu paraíso
Terra do meu coração
Assim posso definir
Meu pedacinho de chão
Aqui vivo minha infância
Grata e de coração.

Sei que ainda sou criança
Mas mulher vou me tornar
Portanto conservo a esperança
De meu filho desfrutar
De tudo o que hoje vivi
Nesta terra de luar.

Um rio, uma linha e um menino

Aluno: Gustavo Ruthes Prohmann

Um rio serpenteia
minha cidade,
paralelo a ele
corre a linha do trem.

Apaixonados
têm seus destinos separados,
pois quando um vai,
o outro vem...

Acredito que até Deus,
dessa dolorosa separação,
se compadece,
pois quando a lua cheia aparece,
um milagre concede!
No ponto mais bonito
da minha cidade,
encontram-se de verdade
rio e linha,
linha e rio,
finalmente tocam-se
com saudade...

A linha passa por cima da ponte,
seu reflexo sob o luar
escorrendo timidamente...
O rio passa por baixo da ponte,
escorrendo murmurante...
Com a brisa suave
tremulam,
deliram,
aí são apenas um,
não se sabe onde começa o rio,
onde termina a linha,
costurados pelos fios do luar...

Um rio serpenteia
minha cidade,
paralelo a ele
corre a linha do trem...



Na estradinha de cascalho,
eu, menino faceiro,
cabelo trigueiro,
ando ligeiro.

Tenho pressa,
a vida me chama,
bolica na rua,
mexerica no pê,
futebol e muito olê...
No cascalho também,
ao lado da linha do trem,
gastam sola de sapato,
a molecada do bairro,
todos querem estar
no campinho
onde a vida vibra sem parar...

A criançada dá gargalhada,
vendo no céu a pipa empinada.
Ipês decorando a calçada,
anunciando que não tem mais geada...
Em meu coração de adolescente
serpenteia,
corre a linha de um amor incandescente
por Rio Negro, cidade alegre,
cidade amável, cidade afável,
cidade amiga, cidade animada,
cidade agradável, cidade adorável
onde dei a sorte de nascer!

Um rio serpenteia
minha cidade,
paralelo a ele
corre a linha do trem.

É aqui onde rio e linha,
linha e rio
encontram-se na clandestinidade
que eu encontro felicidade!

Linda Paraíso

Aluna: Maria Eduarda da Silva Lima

36

Quando o senhor Baltazar
Ao pé da serra chegou,
Sentiu o cheiro das flores,
Pelo lugar se apaixonou.
Disse para si mesmo:
“Num paraíso estou”.

O homem acima citado
Era o engenheiro encarregado
Daquela grande construção,
Da rodovia da integração,
Que veio para mudar
Aquele bonito lugar.

Ali naquele momento,
Um acampamento montou.
Viajou para Pium,
E o seu José convidou
Para se instalar aqui,
E ele o lugar visitou.

Logo naqueles dias
Seu José para cá se mudou,
Com os filhos e a esposa,
E um comércio montou.
E em poucos dias chegaram
Também outros moradores.

O lugar era aconchegante,
E também encantador.
Todos que aqui chegavam
Enchiam-se de amor.
Sendo belo e agradável,
Por Paraíso ficou.

A cidade foi crescendo
Em um ritmo assustador.
Com gente brava e valente,
Que lutou com unhas e dentes.
E na década de cinquenta
Tornou-se independente.

Agora com 59 anos
Tudo se modificou.
As ruas foram asfaltadas,
Tudo se modernizou.
Só não mudou a paixão
Que o povo traz no coração.

Paixão por esta cidade,
Que cheira prosperidade.
Gente que ama esta terra,
Que adora subir a serra.
Que morre se for preciso,
Por esta linda Paraíso.

Os pedacinhos de minha cidade

Aluna: Any Dieniffer Nunes Teixeira

Povo danado o da minha terra
Não é rico, não tem grana
Nasceu em berço de ouro, não
Mas dá nomes aos lugares,
De um modo tão bom!

Luzia era uma santa
Em Posse é um setor
E abençoado pela Senhora
Fazemos novenas com muito louvor.

Há o centro da cidade
Todos gostam desse setor
Para tudo dá acesso e alcance,
Farmácia, banco e também ao doutor.

Trabalhadores também têm seu lugar,
Chamam de setor dos funcionários.
De uma esquina a outra, todos amigos,
Se tem briga, logo esquece.
Eita! Povo sabido!

Que lindo o amor de mãe,
Não há quem disso duvide.
Houve um filho muito amoroso
Que não a pintou em uma tela.
Mas fez de um pedaço de Posse
O setor chamado Mãe Bela.

Entre as serras a cada dia
A cidade fica mais bonita.
Pois de uma brilhante ideia
Nasceu o setor Bela Vista

Aqui não se viaja quando vai ao exterior,
Pego a avenida com nome de presidente
e sigo para o setor.
Para Buenos Aires?
Vou, sim, senhor!



Cheiros e sabores da minha cidade

Aluno: Arthur França Costa

No começo, bem no começo,
Muito do nosso dinheiro
Vinha da cana,
Tudo de gosto doce:
Açúcar, rapadura, melado...
Mas as lágrimas e o suor
Dos escravos
Eram de gosto salgado,
Melado e amargo.

Depois o cheirinho bom do café... hum!...
“Aceita um cafezinho?”
Nessa xícara tem uma fazenda,
Tem casa-grande e senzala,
Tem coronel e sinhã
E tem navios na minha cidade
Esperando a carga chegar!
E tem rua XV e a Bolsa do Café
Com muita história pra contar...

Aí, a novidade: os imigrantes...
Nova vida! Novos sabores!
A massa, o quibe, o bacalhau
O sushi, o sashimi,
O tempurá...
“Vai me convidar?”

Já faz um bom tempo que
O engenho é ponto turístico,
Não há mais escravos por lá,
E o café se bebe sem grande esforço
Num dos shoppings da cidade.
“Aceita um cafezinho?”

E novos cheiros e sabores
Vão para outros países:
No álcool, nos sucos,
Na soja,
No minério de ferro...
Novos cheiros e sabores invadiram a minha cidade!



Arraias, identidade negra

Aluno: Atos Gabriel Tavares Moura

Arraias foi descoberta
Quando pessoas vieram para cá
Grandes minas com preciosidade
Para o negro garimpar

Cidade lavada
Pelo suor dos negros
Que nossa cidade
ajudaram a fundar
Trabalhavam o dia inteiro
Para um espaço conquistar

Cidade cercada por pedras
Que ralaram os escravos
Ruas estreitas que eles
Cansaram de trilhar
Belezas naturais aos nossos olhos
Chegam a encantar

Arraias 272 anos
Muita história para contar
Só quem mora ou conhece
Sabe bem o que é sonhar

Seja criança, jovem ou adulto
Novo, velho, homem ou mulher
Todos donos de uma história
Só não enxerga quem não quer

Gente que sabe o que quer
Arraias, cidade das colinas
De ruas tortuosas, casarões
Becos e ruínas

Seja filho desta terra
Ou por ela adotado
Sabe que viver em Arraias
É ver seu sonho realizado!

Apare Cida

Aluna: Vitória Cristina de Oliveira Appolinária

40

Aparecida
Apare Cida
Pare Cida
Parecida...

Aparecida
Parece com a Cida
Que parece com a Ida
E que de ida e volta
Está sempre em Aparecida.

Aparecida
Terra deromeiro
Terra de tropeiro

Aparecida
Terra de Nossa Senhora
Terra de todas as senhoras
Que se parecem com a Cida
E com a Ida
Que estão sempre em Aparecida.

Aparecida
Aquele que aqui vem, volta
Como a Cida e a Ida
Que todo ano estão de volta.

Aparecida
Apare Cida
Apare seu cabelo
Apare seu desejo
Pois é chegado o dia
De voltar a Aparecida.

Aparecida
Apare Cida
Pare Cida
De sofrer
De conter
Entregue suas mãos
À Senhora Aparecida
E deixe Cida,
Que ela decida.

Aparecida
Aparecida é a Senhora
Que nos braços da aurora
Dá novo rumo ao povo
Que te visita o ano todo.

Cida e Ida
De tanto vai e vem
Decidiram aqui ficar
E hoje moram num belo lugar
Cida e Ida
Em Aparecida!



Jangurussu, um bairro especial

Aluno: Alexandre Machado Teixeira

Meu bairro Jangurussu
tem muito cidadão
que toda noite, todo dia
trabalha pelo seu ganha-pão.

Homens, mulheres e crianças
trabalham no lixo
humildemente procuram
sustento e alimentação.

As crianças da comunidade
são carentes de educação
enquanto crescem, sonham
com igualdade, família e profissão.

Ao sair de suas casas
alvenaria, lona ou papelão
todos necessitam de
segurança, esgoto e pavimentação.

Mana, Gereba e Santa Rita
São comunidades do povão
por conta das diferenças
corpos ficam no chão.

De um lado a reciclagem
do outro lixo e poluição
no meio, a esperança
que faz bater forte o coração.

Em defesa dos moradores
ainda temos uma associação
ONGs, projetos e esportes
nos auxiliam na solução.

O cinza do aterro
torna forte a exclusão
só não enfraquece os sonhos de quem sofre,
luta e constrói uma vida digna de cidadão.

Terra de valor

Aluno: Igor Araújo de Melo Junior

Do litoral ao agreste
Cariri e sertão
Teu nome é uma referência
Paraíba do meu coração

Entre o rio e o mar
De águas tranquilas
Surgiu este lugar
De beleza singular

Com clima gostoso
Paisagens de deslumbrar
Sinto-me orgulhoso
Por viver neste lugar

Onde o sol nasce primeiro
E a natureza é protegida
Garantindo ao cidadão
Muita qualidade de vida

Minha terra querida
Não é sol, rio e mar
Lutas, resistências e conquistas
Fazem a história do lugar

Histórias de heroísmo
E muito patriotismo
Vitórias, honras e glórias
Guardo sempre na memória

Essa terra tem valor
Por isso não nego
Sou Paraibano
Com orgulho, sim, senhor!

Ô de casa?!

Aluno: Henrique Douglas de Oliveira

Ê, Ê, Ê... Morena
Ô, Ô, Ô... Machada
Ê, Ê, Ê... Grauno
Ô, Ô, Ô... Pelada.

O vaqueiro solta a voz
No oco do mundo,
Com seu aboio triste,
Em poucos segundos,
Encanta gente e gado.
"Eita" aboio profundo!

Chapéu de couro e gibão,
Luvas e peitoral,
Perneiras e sandálias,
Tudo artesanal.
Ofício de meu pai,
Vaqueiro magistral.

O sertanejo anseia
Uma visita em nossa terra,
Faz as honras da casa
E ansioso espera,
São José intercede
E o povo por ela reza.

Quando a visita chega
Molha o tapete vermelho,
Desbota ele todo,
O caminho é só lameiro,
Pra nós é festa,
É festa "pros violeiro".

Eles cantam e encantam
Aqui no nosso recanto,
Em noite de cantoria
Improvizam com seu canto,
É coisa da nossa gente
Aqui do nosso canto.

Sítio Gerimum
Este é o meu lugar,
Pedaço de chão resistente
Como o povo que aqui está,
Que semeia coragem,
E faz a esperança brotar.

Meu Gerimum é com G,
Você pode ter estranhado,
Gerimum em abundância
Aqui era plantado,
E com a letra G
Meu lugar foi registrado.

Este ano a visita
Raramente se aconchegou,
Sua ausência causou tristeza
E o nosso sertão chorou,
Nem as lágrimas derramadas
O chão seco molhou.

O tempo parece mudado,
Mudou o verde do capim,
A brisa está mais quente,
Não faz um carinho assim,
Até os passarinhos
Voaram pra longe de mim.

Espero que os bons ventos
Fluam em nossa cidade,
Visitem José da Penha
Sem nos deixar saudade,
Tragam-nos boa-nova
Espalhando prosperidade.

Enquanto espero a visita
Você pode entrar,
Também é meu convidado,
Pode se aproximar
Nossa essência permanece
Sinta... Está no ar!

Jacintinho – O bairro onde moro

Aluna: Sanielly Lourenço da Silva

O bairro do Jacintinho
É bastante povoado
Um centro comercial
Não muito organizado
Casas residenciais
Construções pra todo lado

Alguns postos de saúde
Escolas e padarias
Há bares e lanchonetes
Tem muitas confeitarias
Vários consultórios médicos
Farmácias e drogarias

Existem muitas igrejas
Para fazer oração
Tem transporte coletivo
Que mesmo com lentidão
Presta importante serviço
A toda a população

A feira do Jacintinho
Atende à comunidade
Tem frutas e hortaliças
Com grande variedade
Tudo com preço acessível
E de boa qualidade

Acerolas e maçãs
Com cores avermelhadas
Maracujás e bananas
Com cascas amareladas
Belas espigas de milho
Pela calçada espalhadas

Abóbora e macaxeira
Melancia e melão
Inhame, batata e coco
Laranja doce e limão
Para fazer vitamina
Apetitoso mamão

Saborosas hortaliças
Que dão gosto às comidas
Coentro e cebolinha
Com cuidado escolhidas
Alface e couve-flor
Todas na hora colhidas

Mas esse famoso bairro
Lá pelos anos quarenta
Não passava de um sítio
Até os anos cinquenta
Sô alcançando o progresso
Pela década de sessenta

Senhor Jacinto Athayde
Nobre e rico cidadão
Um homem muito severo
Porém de bom coração
Era o proprietário
Desta bela região

O sítio do seu Jacinto
Como era conhecido
Tornou-se para os pobres
O recanto preferido
Pois quem chegava por lá
Era logo acolhido

Na entressafra da cana
Costumavam aparecer
Trabalhadores rurais
Tentando sobreviver
E assim o novo bairro
Não parou de crescer

Duzentos mil habitantes
Residem neste espaço
Essa aglomeração
Provoca um descompasso
E traz à população
Verdadeiro embaraço

Falta água nas torneiras
E também saneamento
Ruas muito empoeiradas
Por falta de calçamento
Hospital e cartório
E mais policiamento

O Jacintinho é carente
De mais áreas de lazer
Escola em tempo integral
Para o aluno aprender
A preparar o futuro
Para quando ele crescer

Assim é o nosso bairro
O querido Jacintinho
Com os seus altos e baixos
Avenida e bequinho
É o lugar onde moro
Com muito amor e carinho

Cidade inesquecível

Aluno: João Pedro de Souza Rosa

É com simplicidade que começo
Falar de Santo Antônio do Pinhal,
Começando pelo mês de janeiro
Pra ver o que acontece até o final!

Janeiro é o mês de festa,
Do querido São Sebastião,
Não podemos esquecer também
Dos jogos de verão!

Fevereiro chega com tudo,
Pra liberar geral.
Neste mês comemoramos
O tradicional carnaval!

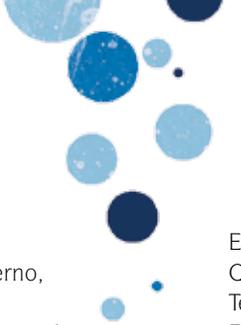
Março e abril
São meses de reflexão,
Temos a Semana Santa
E o teatro da paixão!

Pegando carona com abril
Não podemos esquecer,
Temos o Festival da Truta
Que faz a cidade aquecer!

Maiο começa uma nova estação
Chega o friozinho à serra,
E com ele a Festa do Pinhão!

Junho é tão esperado
Pela sua tradição,
Santo Antônio comemora
Tem a Festa do Padroeiro
E sem falar da comemoração!

Em junho tem ainda
São Pedro e São João
É tempo de festas juninas,
De pipoca, vinho quente e quentão!



Chega julho,
O que temos de moderno,
É mês de muito frio,
Temos o Festival de Inverno!

Agosto passa batido
Setembro chega com emoção,
Neste mês é esperada
A grande Festa do Peão!

Outubro chega de mansinho,
Com ele a Festa do Divino.
Acordamos neste dia
Com fogos e repicar dos sinos!

Estamos em novembro,
Quase esqueci, companheiro.
Temos o Festival da Viola
E a Cavalgada dos Tropeiros!

Dezembro chegou
E com ele a alegria,
Neste mês comemora-se
O nascimento do Filho de Maria!

Tempo de ceias e muitas festas
Unindo amigos e famílias.
No final tem a queima de fogos
Comemorando mais um ano que se inicia!

Eta! Terra boa!

Aluno: Arthur Cechele dos Santos

O lugar onde vivo
É a cidade de um prédio só
No inverno há fortes geadas
Uma cidade do vermelho pô.

O lugar onde vivo
Tem violeiro e gaiteiro
Lugar de lindos ipês-amarelos
Onde o povo é muito hospitaleiro.

O lugar onde vivo
Lá tenho animais, tenho amigos
Com eles me aventuro
Às vezes, até corro perigos.

O lugar onde vivo
Abriga belas cachoeiras
Com muitas serras e rios
Lar das lindas pitangueiras.

O lugar onde vivo
É lugar do barro vermelho no chão
No passado pisado pelos famosos tropeiros
Hoje lembrados nas rodas de chimarrão.



O lugar onde vivo
Já foi retratado pelos escritores
Conta-se de uma revolta, “Abril Violento”
Entre índios kaingang e colonos desbravadores.

O lugar onde vivo
Terra do churrasco de fogo de chão
Do pinhão feito na chapa
Na cozinha à beira do fogão.

O lugar onde vivo
É Pitanga, coração do Paraná
Aqui no falar se destaca
O “leite quente” e o “piã”.

O lugar onde vivo
O povo é de muita religião
O sino da Matriz anuncia a hora da missa
Sant’Ana a padroeira a que todos têm devoção.

O lugar onde vivo
Tem gritos de quero-queros ao amanhecer
À tardinha nas suas serras
As curucacas anunciam o entardecer.

O lugar onde vivo
Preserva-se muito a tradição
A piazada brinca nas ruas
E ainda dos avós pede a bênção.

O lugar onde vivo
É o berço onde nasci
Hoje me vejo poeta
E de Pitanga nem tudo escrevi.

O lugar onde vivo
É onde sou feliz e nada me enjoa
Gosto de tudo o que há aqui
Pitanga! Eta! Terra boa!

Terra pequena de povo valente

Aluna: Atalita Goes Bezerra

Eu sinto forte emoção
quando escuto alguém falar
das saudades que tem no peito
de um pequeno lugar.
Dele só resta a memória
pois debaixo d'água está.

Sinto saudades também
quando fico a imaginar,
olhando as luzes de Jaguaribara
e cada estrela a piscar,
como seria se todos
não tivessem que se mudar.

A cidade velha ficou pra trás
mas a vida continua,
nas águas profundas do Castanhão
a linda história flutua
de um povo cheio de garra
que cantava a luz da lua.

Apesar da grande mudança
essa cidade permanece bela,
é só olhar o céu azul
e cada flor amarela
que cresce no barro vermelho
dessa terra tão singela.

O sol já nasce quentinho
trazendo força e vigor
pra que ninguém possa esquecer
que nosso povo tem valor
e também que a nossa história
foi escrita com amor.

Quem vem aqui não esquece
de tudo o que viu e ouviu.
O que temos é valioso,
a água que vem do rio
e deságua no Castanhão,
causando forte arrepio.

Nossa gente é amiga,
recebe bem quem nos visita,
com um sorriso no rosto
oferece um abraço e convida
a ficar juntinho de nós,
conhecer um pouco dessa vida.

Nossa trajetória é composta
de coragem para lutar
reescrevendo um novo tempo
que comecemos a trilhar
nesse pequeno pedaço de chão
que era sertão e virou mar.

Meu Recanto

Aluna: Andressa Monteiro da Silva

Minha cidade nasceu
Tão simplesinha
Nem água e nem luz tinha.

De Recanto das Emas foi batizada
Pra sua memória preservar
Pois aqui era a morada
Em um sítio chamado Recanto,
Das aves grandes pernaltas
Que a todos causavam espanto
Por causa do grasnar.

Ave tão elegante e imponente
É o nosso símbolo secular
Que sempre a cultura e história da sua gente
Irã representar.

Dessa gente que veio de todo lugar
Aqui se assentar
Somos uma mistura “multiculturalá”
Aqui tem gente da Bahia, Piauí e Ceará.

O domingo é de muita alegria
O povo todo contente
Shows de dança e cantoria
Na feira permanente
Samba, baião, pagode, forró e repente.

No meu Recanto tem reservas naturais
Que se cuidadas não se acabam jamais
Se quiser me refrescar ou
A natureza contemplar
Nas cachoeiras e corredeiras
Vou me banhar.

Esse meu Recanto
Que percorro com o olhar
Sua beleza, seu encanto
Ah, que vontade de gritar!
Pela alegria de vê-lo mudar.
Pra vida de seu povo melhorar.

Quero pintar de verde meu sertão

Aluna: Ana Letícia Oliveira Dutra

I

Alto Santo é minha terra
Fica no sertão, precisamente
Onde toda tardezinha
Fico olhando o sol poente
Esse sol que sem a chuva
Deixa o meu sertão tão quente.

II

A seca que aqui vivemos
Deixa tudo acinzentado
Na estrada carros-pipas
Passam por todo lado
O jumento leva água
Subindo o morro cansado.

III

Quando o sertão não tem água
Precisamos nos mudar
E a cor roxa da saudade
Vai nos acompanhar
E o preto da tristeza
No coração vai ficar.

IV

O pincel que o senhor usa
Emprestado eu vou pedir
Com as gotinhas que dele
Certamente vão cair
Só assim eu poderei
O meu sertão colorir.

V

Quando as gotinhas caírem
E o verde se espalhar
O feijão, arroz e milho
Do chão vão poder brotar
E a fartura, porém
Vai mudar o meu lugar.

VI

Animais magros no pasto
As vaquinhas a cair
Quando eu pintar de verde
Isso não vai existir
E o aboio do vaqueiro
Vamos voltar a ouvir.

VII

Nas noites de São João
Milho assado na fogueira
O beiju de mandioca
Cheirando na farinha
Queijo e manteiga da terra
Sendo feitos na queijeira.

VIII

Assim com o pincel
Deixo verde o meu sertão
O cajueiro na caatinga
As aves de arriação
A umburana florida
O branco do algodão.

IX

O verde do xique-xique
Sozinho não vai ficar
Muitas flores vão se abrir
E no meu sertão cheirar
Sem o preto, o cinza, o roxo
Cores tristes do lugar.

X

Quando tudo colorir
E o verde predominar
Quero agradecer ao Senhor
Por poder me emprestar
O pincel que transformou
A vida do meu lugar.

Um cantinho do Brasil

Aluno: Pedro Augusto Silva Morais

Moro aqui escondidinho
Num cantinho do Brasil
Lugar que poucos aguentam
Pois aqui faz muito frio.

Neste lugar não tem praia
Neste lugar não tem mar
Mas tem estrada de asfalto
Onde vejo carros passar.

Sentado na beira do asfalto
Eu e outros meninos
Ficamos contando os carros
E imaginando seus destinos.

Neste lugar não tem trem
Muito menos avião
Mas não tem coisa mais linda
Quando passa um caminhão.

Saio correndo atrás
Gritando “Esse é meu”
Ele some no infinito
Seguindo o destino seu...

E eu volto pro meu mundo
Brincar com a minha bola
Depois desenho um caminhão
Nos bancos da minha escola.

Neste lugar não tem prédio
Neste lugar não tem nada...
mas não tem coisa mais linda
que os campos com a geada.

O galo canta bem cedo
Anunciando o novo dia
Abro a janela e sinto
A madrugada bem fria.

Casa fechada e quentinha
Com o fogo no fogão
Bule de café com leite
Sapecado de pinhão.

Neste lugar não tem shopping
Cinema aqui é coisa vã
Mas não tem coisa mais linda
Que a florada da maçã.

As flores, além de lindas
Perfumam toda a cidade
E espalham pelo ar
Cheiro de felicidade.

Aqui todos se conhecem
Dizem “boa noite”, “bom dia”
Com um sorriso no rosto
“Como vai sua família?”

O pai diz para seu filho
“Dá bênção pro teu padrinho”
E ele de mãos arrumadas
Também ganha um trocadinho.

Neste lugar não tem luxo
Muito menos a “modinha”
O costumes das mulheres
E o chimarrão na vizinha.

Domingo, churrasco na brasa
Deixa um cheirinho no ar
Logo chegam as visitas
Que vêm para almoçar.

Os namoros por aqui
São estilo à “moda antiga”
O rapaz pede a mão da moça
Para não arranjar intriga.

A moça arruma a casa
Tudo com muito cuidado
Faz docinho e sobremesa
Pra esperar o namorado.

Passa dia e entra dia
É assim a minha cidade
Todos seguem sua vida
Na maior simplicidade.



Heliópolis: O bairro do sol

Aluno: Henrique Dias da Silva

O lugar onde vivo fica no Ipiranga
Onde “o sol da liberdade em raios fúlgidos
brilhou no céu da pátria nesse instante”.
Isso eu descobri em um livro que estava na estante!

Pra quem está de fora o meu bairro não é muito amado,
Também não é bem falado,
Quando se fala em Nova Heliópolis
Todo mundo fica abismado!
Pensam logo em tráfico de drogas, funk, rap,
Ataques do PCC e polícia com cassetete!

Aqui tem muita violência e também pessoas boas que com isso não têm nada,
Por isso todo ano fazemos pela paz uma caminhada.
É homenagem pra uma menina (se chamava Leonarda)
que com cinco tiros na porta da escola foi assassinada!

Mas a beleza existe pra quem consegue ver,
Pode ser eu e pode ser você!
Quando abro a minha janela
vejo o colorido da favela
formando um mosaico que poderia estar numa tela
em um museu de arte moderna!

Uma imagem ainda mais bela
é formada pelos meninos que jogam bola na viela,
É pra lá que eu vou
formar meu time e fazer gol!





Aqui também tem o Instituto Baccarelli,
Joia da nossa comunidade,
cujo coração é regido
por Beethoven, Mozart e Wagner!

É nessa orquestra que toco,
lá tem piano, viola e violino
mas meu instrumento é o contrabaixo,
minha paixão de menino!

E entre tantos “et ceteras”
também tem grandes festas.
No Ano Novo é uma maravilha,
Todos comemorando com suas famílias!
Em dia de jogo é pior...
quero dizer, é muito melhor!

Fogos de artifícios para todos os lados,
Fogos amarelos, azuis, vermelhos e dourados.
Nessas horas, em meio a esse rol,
É que lembro o significado do lugar onde moro:
Heliópolis, o bairro do sol!
É tão sensacional!
O lugar onde moro
Está no hino nacional!

Terra de gente mineira

Aluno: Yan Douglas Silva

Uberaba, terra de gente mineira
Chamada de Terra do Zebu
Cidade de gente guerreira
E também hospitaleira

“Arraiá” da Farinha Podre
Como ficou conhecida
Terra de um povo humilde
E também de um povo unido

Terra marcante pelo seu gado
Terra da exposição
Terra do doce de leite
E também do mercadão

Cidade em desenvolvimento
Terra de muita alegria
Lugar de muita fé e bênção
Dada por Nossa Senhora da Abadia!!!

Terra adotada por Chico Xavier
Que fez de nossa cidade sua moradia
Nos ensinando a amar ao próximo
Com muita paz e harmonia



Sabará sempre tem

Aluno: Pedro Augusto Gonçalves da Silva

Aqui em Sabará
Todo mundo  de alguém
Se você procurar um conhecido
sempre tem.

O filho da Maria
 pai do João
Que é filho da Cida
Que já... já... tem outro irmão.

O José, marido da Fernanda
Que é muito amigo da Ana
O Jorge, marido da Letícia
Prima da Patrícia
Que faz no fogão delícias!

O Teixeira  vizinho do Pereira
Os dois têm uma loja de madeira
Que é vizinho do jornaleiro
Que é vizinho do barbeiro
Que são amigos e irmãos por inteiro.

Aqui ninguém fica são
Tem sempre
Um irmão, um primo, um conhecido
Aqui em Sabará
Todo mundo conhece alguém
Se você procurar
Tem, tem, tem...



Memórias literárias

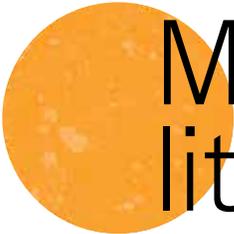
As atividades para a construção dos textos de memórias literárias formam vínculos fortes e humanizados. É que para escrever esses textos os alunos estabelecem contato com uma pessoa mais velha de sua comunidade e ouvem as histórias, impressões e experiências de vida que ela tem para contar. A narrativa traz uma visão de mundo particular, em geral distante da realidade dos alunos, que são convidados a recriar o que ouviram, escrevendo um texto.

O lugar onde vivem – narrador e ouvinte – é objeto para a reflexão dos dois: daquele que lembra e daquele que pergunta para depois reconstituir o que é lembrado. Trata-se de uma ação que estabelece compromisso: “Eu conto a minha história; você a salva do esquecimento”.

Esse compartilhar de experiências, num encontro de gerações, está presente nos textos a seguir.

Um encontro permeado de memória e de espaço de vivência comum que reforça identidades.

Agora, você, leitor, poderá saborear as histórias escritas por alunos que foram conduzidos por professores numa viagem fantástica!



Memórias literárias

- 64 Valor de infância
Elissama Miller da Silva Mota
- 66 O amanhecer e o anoitecer
de uma vida
Júnior da Silva Dias
- 68 Carreiro de memórias
Beatriz Aparecida Melo Garcia
- 70 O filme da minha vida
Bianca Pratti Bartoletti
- 72 Minha vida no Rio da Onça
Júlia Eduarda Feldhaus
- 74 No papel branco o recheio de
doce lembranças
Ana Paula Alves Andrade
- 76 A saga de uma guerreira
Yasmin Smith Tesser
- 78 Concertina, canzonettas e lembranças
Pâmela Aquilante Lopes
- 80 O tempo, o chiado e as flechas
Jhonatan Oliveira Kempim
- 82 Seringueira, passarinho: rodopios
das memórias trazidas pelo vento
Mateus de Souza Pinheiro
- 84 Lembranças que o tempo não apaga
Ana Leticia de Sousa Fialho
- 86 Caldeirão de histórias
Yonara Kaise da Silva Oliveira
- 88 Das calçadas em giz às telas em Paris
Luiza de Marilac Silva Leão
- 90 A triste mudança
Ana Carolina Faria Pedreira de Cerqueira
- 92 Marcas pau-ferrenses
Eridiany Aparecida Gonçalves Freire
- 94 A sede que água não mata
Bruno Marques da Silva
- 96 Simplesmente mudando
Nádyá Pereira da Silva
- 98 Na "boquinha" da noite
Jaqueline Gomes Pinheiro
- 100 Uma máquina de costura velhaça
e muitas histórias
Élida Azevedo de Oliveira

- 102 Cores, aromas e sabores
de infância
Nathalya Cristina Trevisanutto
- 104 Pela memória refeito a história
Samilly Tereza Lucas Gaigher
- 106 Saudade da simplicidade
Jadson Barbosa Alves
- 108 Rio Grande
Natália Silva de Jesus
- 110 Uma lembrança
Júlia da Silva Lima
- 112 Lembranças e cheiros,
máquinas do tempo
Helen Cajueiro Fernandes
- 114 Entre flores e borboletas,
um sonho realizado
Daiana Garske
- 116 Taboquinha: moradia da felicidade
Aline Soares Vieira
- 118 O mundo encantado do engenho
Isabela Kethyes Bezerra Bessa
- 120 Nas aventuras de menino,
descobri a beleza da vida
Caroline de Sene de Vargas
- 122 Cupins só devoram molduras
Milene do Rosário
- 124 Cheiro de lima
Thabata Janila Fidellis de Moraes
- 125 As verdes bailarinas
Marcella Correa de Almeida Cooper
- 126 Lembranças de um pioneiro
Emerson dos Santos Rodrigues
- 128 Na Rua Portugal
Débora da Silva Gomes
- 130 A roseira mágica
Nádia Siqueira
- 132 Um mar de saudades
Rebecca Thais de Oliveira Silva
- 134 Lembranças de outrora
Beatriz Santos
- 136 Memórias de um velho sonhador
Wernick Hakkimen dos Santos

Valor de infância

Aluna: Elissama Miller da Silva Mota



Sentada na varanda da minha casa, observo a fumaça que sai do calorão do asfalto. É o tempo da seca! E meus olhos experientes veem uma paisagem bem diferente daquela do meu tempo de infância. Faz tanto tempo! Mas a saudade insiste em bater e trazer recordações.

Nasci numa fazenda do município de Catalão, tinha uma vida simples e tranquila. Meu pai cuidava da roça, do gado, e mamãe, da casa, da comida e da educação dos filhos. Meus irmãos e eu tivemos uma infância ingênua, sem riquezas ou luxo, mas havia uma alegria de viver muito grande, principalmente na hora da diversão. À noite, subindo em pedaços de galhos cortados em forma de forquilha, brincávamos de perna de pau e assim éramos palhaços no nosso circo imaginário; o aplauso era o zunzum de grilos e cigarras e o céu, a lona preta cheia de furinhos iluminados.

A casa, de estilo bem antigo, ficava à sombra de *flamboyants* e tinha um pomar que adoçava minha infância: mangas, carambolas, laranjas, jabuticabas pretinhas! Ali, a sinfonia dos passarinhos alegrava nosso dia. E bastava andar um pouco mais pelos arredores da fazenda para encontrar as mais coloridas e doces frutas do Cerrado. Eu me lambuzava com as mangabas, muricis, gabiobas... uma delícia! Naquela época, a infância tinha muito mais sabor!

Mas o que eu mais gostava de fazer era tomar banho no riacho que ficava nos fundos da minha casa. A água era sempre limpa e fresquinha e lá meu irmão tentava me ensinar a nadar. Ele dizia que bastava engolir um lambari vivo que eu iria aprender rapidinho, mas eu nunca tive essa coragem. O riacho era passagem para outras fazendas e para a escola e, ao fazer a travessia, precisávamos nos equilibrar na pinguela – tronco que servia de ponte. Quando alguém caía, *tchibum...* aproveitava para se refrescar nas águas cristalinas.

Íamos a pé para a escola, junto com os filhos dos vizinhos, e o caminho era o nosso parque de diversão, principalmente quando chovia, pois, descalços, brincávamos de chutar a água empoçada uns nos outros, e todos virávamos piratas nas canoinhas de papel que deixávamos a enxurrada levar.

Certa noite, estávamos dormindo e o galo já começava os avisos do dia, quando, de repente, ouvimos foguetes e cantoria: era uma “treição”. Isso acontecia toda vez que os vizinhos e amigos se juntavam e, de surpresa, chegavam à casa de alguém para ajudar a fazer alguma tarefa mais difícil. No nosso caso, era a reconstrução do rego d’água. Enquanto os homens ficavam naquela

labuta, as mulheres preparavam as comidas. O cheiro do pequi era o sinal de almoço na mesa, que tinha também frango, angu, quiabo frito, arroz e tutu de feijão. No fim da tarde, o som da sanfona chamava para encerrar o serviço e o forró levantava a poeira na pista de chão batido.

As festas de roça alegravam a vida das pessoas. Eram feitas em ranchões, cobertos com folhas de coqueiro e iluminadas por lamparinas. Minha mãe preparava e doava pratos deliciosos – as prendas – que eram disputados na hora do leilão. Vestidos com roupas de chita, íamos com a intenção de dançar a noite inteira, mas, quando acabava o querosene das lamparinas, a escuridão colocava fim à festa daquela noite. E era só esperar pela próxima...

A vida simples na roça me ensinou a dar valor a essas reuniões de amigos e de familiares, a respeitar os mais velhos, a pedir a bênção aos pais até na hora de dormir, a dar a palavra em nome da honra, e me ensinou também que a história da nossa vida se mistura à história do nosso lugar. Hoje, muitos desses valores já não existem. E os lugares também não existem.

Depois de muitos anos, voltei à fazenda onde nasci. Esperava encontrar, ao menos, as paredes da velha casa, alguma árvore do meu pomar ou então saborear as doçuras do Cerrado, tudo numa tentativa de encontrar ali um restinho da minha antiga felicidade. Mas, em nome do progresso, os moradores atuais colocaram tudo abaixo para plantar soja. Não restou nenhuma árvore e o riacho que banhou minha infância estava morrendo, quase seco. O meu lugar se foi e agora só existe em minha memória.

Se tenho um desejo?

Voltar aos tempos de criança e viver tudo de novo!

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Sebastiana Aparecida da Rocha.)

O amanhecer e o anoitecer de uma vida

Aluno: Júnior da Silva Dias

Nasci e cresci na Fazenda Mangai – um lugar lindo e verdadeiro, onde o campo era coberto de árvores enfeitadas com belas flores coloridas. Foi nesse paraíso que vivi a minha infância e parte da minha adolescência, antes de vir para a zona urbana, em Amambai.

Nesse maravilhoso lugar, toda manhã assistia de camarote ao nascer do sol, e às vezes acordava antes de o galo cantar no poleiro. Trabalhei muito desde pequena, mas me divertia ouvindo o canto dos pássaros através de seus pequenos bicos. Gostava de ver os tucanos, os periquitos, os pardais, até as corujas com seus hábitos noturnos. Apesar do colorido e da beleza da natureza, minha vida começou muito nublada, sem cores e sem brincadeiras.

Naquela época, nós, mulheres, não éramos muito vaidosas, não tínhamos tantos cuidados com a beleza física como as mulheres de hoje. Também não tínhamos os cosméticos à mão e ainda precisávamos ficar atentas à fumaça das lamparinas, pois elas nos tingiam de preto. Durante os bailes, de vez em quando íamos lavar o rosto coberto de carvão e os pés tomados de poeira do chão feito de cupim branco, batido, dos salões improvisados. Atualmente as pessoas me conhecem como dona Amélia, a mulher dos cabelos vermelhos, como a lava de um vulcão. É isso mesmo! Chega de cores pálidas e tristes! Afinal, tenho de aproveitar o momento, demonstrar meus sentimentos por tanto tempo contidos naquele mundo masculino que só valorizava a opinião e os sentimentos dos homens.

Minha vida foi marcada por uma máscara que nos escondia a nós, mulheres, das decisões mais importantes, que era a escolha do grande amor de nossa vida – eu ainda levei sorte, pois meu pai costumava ouvir os meus apelos, era a que estava sempre próxima, servindo o chimarrão – e o voto nas eleições. Nós só sabíamos do resultado da escolha masculina.

O casamento era um acontecimento para nossas famílias. Os parentes vinham de longe para participarem da festa, chegavam atirando para cima como uma forma de demonstrar sua alegria. Era uma explosão de emoções! Lembro-me de um casamento que foi carimbado com alegrias e tristezas, porque uma moça, chamada Cotinha, foi inventar de aprender a atirar durante a festa do casamento de Benzoca e de seu ex-namorado (da Cotinha), mas o tiro saiu na direção errada e acertou o noivo, que bateu as botas. Foi uma tristeza só!

Nos velórios, antigamente, era comum colocar um pano preto na porta como sinal de que a família estava de luto. As mulheres costuravam, durante a noite inteira, roupas pretas para vestir os parentes enlutados, enquanto os homens, com suas próprias mãos, faziam o caixão do defunto.

Também, naquele período, não havia escola pelas redondezas. Fiquei tempos sem estudar, mas, depois que arranjei um par de calças, vim morar na cidade e comecei a estudar. Já tinha 22 anos, mas parei na terceira série, pois precisava cuidar da casa e dos filhos.

Quando vim morar na cidade, só havia algumas residências e alguns armazéns.

Uma das lembranças do meu passado que guardo no coração é a dança, pois, quando danço, sinto-me como uma folha solta, caindo lentamente, levada pelo vento, ao ritmo da música, para lá e para cá, leve, sem preocupação com os problemas que fazem parte do cotidiano.

Hoje, os aparelhos modernos como a televisão, o celular e o computador tornam nossa vida como um conto de fadas. Naquela época esse conforto estava longe de nossos sonhos. Nós tomávamos banho em casinhas de madeira. Para vestir uma roupa passada, tínhamos que passar no ferro a brasa, que era tirada do fogão a lenha, onde nós preparávamos nossas refeições. Aliás, o arroz era socado em pilão e a mandioca, arrancada ainda de madrugada, para fazer polvilho.

A minha preciosa vida era difícil, porém ficou mais fácil, mais alegre e sorridente. Mas, o fim dela ainda não sei, apesar de que já se faz noite em meu viver. O que sei é que as lembranças do meu passado nunca vão morrer e, se morrerem, renascerão como a fênix, nas páginas abertas de um livro de memórias.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Amélia Guazina.)



Carreiro de memórias

Aluna: Beatriz Aparecida Melo Garcia

O tempo passou sem que eu percebesse. Lá se foram 81 anos, todos vividos neste casarão centenário, cheio de histórias, fincado nas terras de Minas Gerais, na pequena comunidade dos Antunes, zona rural de Santa Bárbara do Tugúrio.

Ainda há pouco, sentado na varanda, com o pito de palha no canto da boca, matutando, avistei meu carro de boi, carcomido pelo tempo, abandonado debaixo da gameleira. Aquela imagem me fez voltar à infância e carrear antigas lembranças. É época em que a cana-de-açúcar, o alambique, a cachaça e a bagaceira movimentavam esse lugar. Tudo orquestrado pelo canto do carro de boi. Meu avô, tenente Antunes, forte como aroeira e doce como jabuticaba, estava no comando.

Eu tinha 7 anos quando ele me ordenou que o aguardasse no escritório. Temi que meu avô houvesse descoberto que eu armara um alçapão para pegar canarinho. Ele dizia: “Quem prende passarinho não entende nada de beleza, tem aleijão na alma”. Com minhas asas encolhidinhas, rumei para o escritório. Não tardou, ele chegou e falou de supetão: “A partir de amanhã você será o carreiro da nossa comunidade, condutor dos bois que transportam cana para o alambique da fazenda”.

Naquela época, carreiro era a profissão mais importante do lugar. Eu não tinha noção disso, era apenas um menino. Sabia só do alívio que senti por não ser pego em minha travessura.

Passei a sair de madrugada. Levava no embornal (bolsa para transportar alimentos) a marmita, a rapadura e o coité (moringa feita de cabaça) com água. Comigo iam dois homens bons: Doraci e Benondio. Quanto mais pesada era a carga, mais o carro cantarolava. Os bois obedeciam ao meu comando. Não era preciso usar ferrão.

À tardezinha, voltávamos para casa. De longe eu sentia o olhar orgulhoso de meus pais e de meu avô me abençoando. Minha mãe aquecia uma caçarola com água e colocava na bacia para eu me banhar. Depois nos servia o jantar, preparado em panelas de ferro, no velho e bom fogão a lenha. Daí a pouco, todo o pessoal do lugar se reunia no casarão para estudar. Meu avô contratara um professor e fizera do maior salão desta casa a primeira sala de aula de nossa comunidade. Todos, sem distinção, foram convidados a estudar aqui.

O domingo era dia santo, de reza e descanso. Nós, além de rezar, jogávamos bola. Tínhamos dois times: Arranca Toco e Pê Rachado. Soltávamos pipa, tomávamos banho no ribeirão e ouvíamos as histórias de meu avô.

O mais curioso é que hoje, com toda a tecnologia e brinquedos eletrônicos, as crianças ainda insistem em brincar assim. Sô mudaram os figurantes. Os meninos são outros. O contador de histórias também. Sou uma criança de ontem que sopra o passado nos ouvidos das crianças de hoje e que sente por não poder contar ao avô, menino de anteontem, uma história que se inicia agora.

Pois não me esqueço do domingo em que o acompanhei até o porão. Ele me contou que na época de seu pai, meu bisavô Joaquim Antunes, ali era uma senzala e que foram os escravos, sem receber um vintém, que ergueram a casa-grande. Trouxeram, de longe e nos braços, pedras e madeiras enormes. Muitos morreram de exaustão. Falou-me da vergonha que sentia e da nossa dívida para com o povo negro. Aquilo caiu em meu peito como uma oração de domingo, e o respeito aos afrodescendentes se enraizou em mim.

É por isso que eu queria comungar com ele uma história que começa agora. Sei que sua alma, sem aleijão, iria sorrir ao ouvir que hoje os negros têm lugar reservado em universidades e que nas escolas, inclusive nas do nosso município, as crianças estudam a cultura africana. Será que começamos a saldar nossa dívida? Espero que sim.

E, enquanto a vida ruma para o amanhã, da minha janela vejo o carro de boi cabisbaixo. Cabisbaixo também estou. Caímos em desuso. Já não se pode ver o carro de boi passar cantando, conduzido pelo menino que se divertia em carrear. Nossa poesia se perdeu no tempo. Resta a ele trazer-me as recordações daquela época. Resta a mim carrear-las.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Vicente Antunes Garcia.)



O filme da minha vida

Aluna: Bianca Pratti Bartoletti

Em um domingo de sol, com toda a minha família reunida na varanda, ouvíamos ao fundo o som da TV. Quando tocou uma música conhecida, imediatamente meu passado veio à minha mente como se fosse um filme e comecei a contar sobre o Pati, um lugar rural em Sertãozinho em que vivi minha infância.

Recordo-me com tristeza dos velórios nas casas, dos telefones a manivela, dos vizinhos, dos carnavais, época ótima quando pegávamos máscaras coloridas e saíamos na maior festa! E as brincadeiras de roda-rodinha, lenço-atrás, pega-pega... Sentávamos embaixo das árvores e nos velhos rádios ouvíamos as novelas e os sucessos da época... É como se eu revivesse a cena novamente... E como usávamos a imaginação!

Percebi que todos escutavam a minha história, a emoção brotava em seus olhos. Então continuei...

70

Comecei a trabalhar com meus pais na roça quando completei meus 7 anos, estudei até a quarta série, e a escola não era tão fácil assim como hoje. Brincava à noite no clarão do luar, adorava olhar o céu e contar estrelas. Ah! Não posso me esquecer dos meus domingos maravilhosos quando o sol colorido pintava o terreiro do sítio e íamos todos brincar às margens de um riuzinho de águas brilhantes que refletiam nossos rostos. Só se ouvia: “Joga água pra cima...” “A minha pedra chegou primeiro...” Eram brincadeiras inocentes.

Flertar? Só escondido mesmo. Meus pais eram muito rígidos. Quando comecei a namorar eles não aceitavam muito, não; minha mãe subia na cadeira de madeira para ver a sala onde ficávamos, e, para a nossa infelicidade, a parede era um pouco mais que a metade.

As melhores lembranças que tenho do Pati eram os bailes. Nessa época já era mocinha e me recordo perfeitamente dos vestidos godês abaixo do joelho, as cadeiras esperavam impacientes para serem desocupadas, aguardávamos um pedido, ansiosas, e não gostávamos de ganhar tábua, com todo o respeito, é claro! As barracas eram cobertas de lona, nada muito chique como hoje. Dançávamos, conversávamos. Rastros simples, mas marcantes!

Uma lágrima escorreu e molhou minha mão, então despertei dos meus devaneios. Todos me olhavam, e na realidade tudo aquilo não passava de lembranças que foram ficando para trás e deixadas no passado.

Cheguei até a querer voltar no tempo, mas, quando vi os olhos dos meus netos brilhando de entusiasmo ao me ouvirem contando a minha história, levantei-me e fui andando em passos lentos e percebi que meus pensamentos passeavam pelo tempo.

Tudo valeu a pena. Tenho três filhos e dois netos maravilhosos que fazem meus sonhos virarem realidade.

Um dia o filme da minha vida vai chegar ao fim e vou querer que todos se lembrem de mim como uma moradora de Sertãozinho que viveu momentos inesquecíveis em um lugar onde até hoje conserva a simplicidade, da pequena capela e de todo o cenário do lugar onde vivi e em que fui muito feliz...

Agora vou terminar de arrumar os “trem do almoço”... e vou continuar namorando meus pensamentos.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Olga Tonani Bartoletti.)



Minha vida no Rio da Onça

Aluna: Júlia Eduarda Feldhaus



O ano era 1933 quando eu, Francisco Catarina de Oliveira, nasci neste bairro chamado Rio da Onça, onde vivo até hoje, comunidade simples e humilde desta linda cidade, Garuva, conhecida como o Paraíso das Águas.

Dizem os mais velhos que nosso bairro tem este nome devido ao grande número de onças que existiam naquela época e que, infelizmente, os caçadores vinham para cá matá-las. Hoje, onças não temos mais por aqui, só nos restam os “causos” contados pelos mais velhos.

A casa onde nasci e cresci era coberta de palha, de chão batido, e as paredes, de madeira e bambu. Naquele tempo as casas eram assim: algumas de barro, outras de pau a pique, e não possuíamos banheiros, mas sim “casinhas”. As estradas eram de chão e todas cheias de buracos, por onde passavam as carroças, os carros de boi, as bicicletas e os cavalos... Uma tranquilidade! Não era como hoje, pois tudo mudou. Dizem que foi para melhor, mas tenho saudades de antigamente.

Naquela época não tinha energia elétrica. Aliás, à nossa comunidade ela chegou quando eu já tinha os meus 40 anos. Foi inesquecível! Lembro-me muito bem de quando colocaram os primeiros postes.

Foi a maior alegria! Hoje, se conto isso para os jovens, eles não acreditam. Ah, quantas recordações tenho dos causos e histórias inventadas e contadas pelos mais velhos! Tudo isso ao pé das lamparinas de querosene ou fogueiras que fazíamos para espantar os mosquitos e pernilongos.

Em minhas lembranças guardo também o tempo de escola. Ah, esse tempo era uma beleza! Eu frequentei a escola até o quarto ano e não posso esquecer as professoras que passaram em minha vida. Eu e meus irmãos tivemos que parar de estudar para ajudar meus pais na roça, pois vivíamos do que plantávamos e colhíamos. Mamãe cuidava dos filhos, ajudava meu pai na lavoura e ainda preparava aquela comidinha tão deliciosa, feita no fogão a lenha. Era tudo muito simples, mas feito com amor. Aquilo de que eu mais gostava era ver minha mãe preparando o arroz que ela mesma socava no pilão e o feijão que era plantado e colhido por nós.

Também me recordo das brincadeiras de quando éramos crianças. Era uma vida difícil, mas fomos muito felizes; afinal, era uma delícia brincar de pega-pega, peca, jogar futebol, tomar banho no rio e, principalmente, observar a natureza para contar as estrelas pela janela que ficava aberta até altas horas.

Outra passagem marcante em minha infância e juventude foram as festas da comunidade e da cidade, como a Festa da Banana, que hoje não existe mais; já a festa de São João Batista é comemorada todos os anos, pois é o nosso padroeiro. Temos também a Festa do Colono, em homenagem aos nossos agricultores. Lembro-me também dos grandes bailes que frequentava, das festas de casamentos e das festas juninas, das quais, aliás, uma delas foi inesquecível, pois conheci minha esposa, Erondina, que me deu, sete filhos, netos e bisnetos.

É isso aí! Os anos passam, hoje muita coisa mudou: casas de madeira mais aperfeiçoadas, casas de alvenaria, algumas ruas esburacadas, mas a maioria asfaltada. Nossa cidade é pequena e temos ainda muitos costumes e coisas de antigamente. Espero que o progresso e suas benfeitorias não destruam os nossos sonhos, pois acredito que tudo pode transformar e mudar. Só o que não pode mudar é o amor! Esse deve continuar...

(Texto baseado na entrevistada feita com o senhor Francisco Catarina de Oliveira.)

No papel branco o recheio de doces lembranças

Aluna: Ana Paula Alves Andrade

Naqueles tempos a vida aqui era bem diferente. Cheguei por volta de 1955, tinha 8 anos. Vi um lugar pequeno e com poucos habitantes. Cidade pacata, com canteiros no centro da rua, árvores e flores plantadas, poucas folhas no chão, já que os moradores preferiam deixar bem limpo, tiravam todas as pedras, aguavam, e ficava o chão bem batido, em pequenos tamboretos sentavam para ficar embaixo das árvores tricotando sobre a vida. Enquanto a conversa fluía subia um cheiro de terra molhada. Todos se conheciam e viviam em harmonia. Grandes tempos que não voltam mais. Diferente de hoje, quando as ruas são todas calçadas, os canteiros viraram praças bem parecidas com as das capitais. O número de pessoas que saem da zona rural para a cidade vem aumentando cada vez mais. O volume de carros cresceu tanto que foram espalhados semáforos e guardas de trânsito por todos os cantos da cidade.

Recordo ainda quando viemos para cá. Minha família, acostumada com o trabalho na roça, comprou uma pequena propriedade na zona rural. Doce lar! Quantos pés de baraúnas e fruteiras, açude perto de casa e um roçado enorme pronto para plantar e colher. Vizinhos? Havia alguns, uns bem próximos, outros mais distantes, mas pouco importava, o que valia mesmo era a tranquilidade. A união era o nosso combustível principal. Tudo o que lucrávamos era para o sustento da família e até ajudar as pessoas vizinhas que não tinham muitas condições.

De manhã bem cedo o cheirinho de café com bolinho de milho acordava a todos. Os que trabalhavam no pesado comiam farofa de ovo ou leite com cuscuz. Minha mãe dizia que era mais forte. Logo em seguida saía eu, meu pai e meus irmãos. Íamos trabalhar no roçado, limpando o mato, apanhando algodão e colhendo frutas. Enquanto isso minha mãe ficava fazendo almoço no fogão a lenha, uma comidinha bem caseira. Na roça, o sol forte no meio do céu avisava que chegara a hora do almoço. Em volta da mesa, a família reunida saboreava os colhidos durante a semana.

Finalmente chegava a grande hora, que esperava com muita ansiedade. Tinha sede de estudar e para isso meu pai, com muito orgulho, pagava a uma vizinha para dar aulas para mim e meus irmãos, já que a escola daquela época era para poucos. Assim consegui aprender a ler e a escrever. Os sonhos foram crescendo. Não queria aqueles conhecimentos só para mim e resolvi, com dezessete anos, montar uma sala de aula em minha casa para ensinar as crianças da comunidade.

Com o tempo meu pai construiu uma sala de taipa, os pais compravam as cartilhas e se passava o ano inteiro estudando com ela. Merenda? Não tinha. Alguns alunos traziam de casa bolo de caco ou tapioca e dividiam com aqueles que não traziam. Quando o sol estava baixo era hora de voltar, para chegar em casa e jantar ainda com a luz do sol.

Tempos difíceis! Energia não tinha chegado ainda à comunidade. Então, para clarear o escuro da noite, além da lua, contávamos com o candeeiro (objeto feito de lata com um pavio de algodão onde se ateia o fogo). Grandes recordações que clareiam minha memória, pois muitas noites ficava até altas horas estudando e no outro dia acordava com bolinhas pretas enganchadas no cabelo, que o fogo do pavio soltava enquanto estudava para dar aulas aos alunos.

Festas? As comemorações eram feitas em casa, junto com a vizinhança. Matava-se um boi e comemorávamos. Faziam comida de milho na época da colheita e pra alegrar tinha forró pé de serra. Para chegar à cidade usavam-se animais ou carros de boi; por ser um pouco distante, sô íamos quando era para comprar ou vender grãos e rapadura. Sempre que eu ia, aperreava meus pais para comprar retalhos de tecido para eu costurar as minhas roupas e as dos meus irmãos – é outra paixão que tenho.

O tempo passou depressa e, hoje, aposentada da profissão de professora, vivo acompanhada das minhas doces lembranças e da profissão de costureira que tanto me rende prazer.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Alexandrina Cassiano Pereira.)

A saga de uma guerreira

Aluna: Yasmin Smith Tesser

Morava na cidade de Lauro Müller, Santa Catarina, onde nasci e passei minha infância e adolescência. Sei que algumas decisões mudam o nosso destino. Recordo com muita clareza o dia em que conheci meu namorado. Ele veio da cidade de Urussanga para trabalhar na mineração de carvão e parava numa pensão perto de minha casa. Foi uma paixão arrebatadora!

Algum tempo depois nos casamos. Como os pais dele já haviam mudado para a cidade de Arroio Trinta, na comunidade de linha Mendes, decidimos que ali seria um bom lugar para viver. Deixei para trás meus pais, irmãos e amigos e, por que não dizer, também deixei os meus medos.

Subimos a serra, eu e o meu marido. A viagem durou muitos dias. Fizemos alguns trechos a pé, outros a cavalo. A minha emoção foi quando embarquei pela primeira vez no trem. O deslizar da locomotiva sobre os trilhos, a fumaça branquinha feito bolas de algodão subindo no meio das árvores, o som do apito *piui... piui...* Nossa! O meu coração disparou, minhas mãos gelaram... Mal sabia eu que aquela seria a primeira de muitas aventuras e surpresas que o destino havia reservado para mim.

Chegamos à linha Mendes. Os primeiros meses não foram fáceis. Para construirmos a nossa casa tivemos que derrubar pinheiros à base de machado. Aquelas árvores enormes, gigantescas, verdadeiras rainhas da mata, quando iam caindo, levavam tudo o que tinha pela frente, provocando um estrondo ensurdecedor. Assim foi feita nossa casa de pinheiro lascado. Tudo era muito simples. Não havia energia elétrica, nem fogão a gás. As refeições eram preparadas em uma panela de ferro, suspensa por um tripé. O fogo era feito em um buraco no chão.

Certa vez fui atacada por uma lontra enquanto lavava roupa no rio. Para me defender, dei uma pedrada em sua cabeça. Assim ela se tornou um lindo arreio para enfeitar o meu cavalo e um chicote trançado muito forte. Não havia vizinhos por perto. Tudo era muito longe. Um dia estranhei o choro de uma criança em uma manhã de muita chuva. O meu corpo estremeceu. Voltei a cabeça para todos os lados, procurando, e finalmente avistei a cena. Era uma cabocla que se recolheu junto à ceva dos porcos, e ali mesmo deu à luz, durante a noite. Como eles eram muito ariscos, não consegui chegar perto nem compreendia o que falavam. Então fui para a roça e, quando voltei, ela não estava mais lá.

Anos depois fomos para Macieira. Lá montamos uma pequena venda. Nessa pequena vila, rodeada de montanhas e vales, me tornei uma espécie de faz-tudo. Quando morria alguém, lá estava eu, o meu cavalo, e o inseparável facão, indo por estreitos carreiros e percorrendo vários quilômetros no meio do mato, adentrando na madrugada, para preparar os mortos para o funeral. O mais incrível é que o mesmo caminho eu também percorria para trazer a vida. Que alegria a cada criança nascida que eu ajudei a vir ao mundo!

Sempre adorei organizar festas de casamento, preparando bolos, bolachas, cucas. A bebida servida era o vinho – o delicioso nêctar dos deuses –, conservado em barril de madeira. Os convidados iam a pé e a cavalo. A cerimônia era realizada em pequenas capelas de madeira. As festas duravam três dias.

Tempos bons aqueles! Apesar das dificuldades, não me arrependo das escolhas que fiz. Lembro-me sempre com muita saudade dessa época da minha vida. Ainda espero ansiosa pela fonte da juventude ou algum elixir que me deixe mais moça. Hoje, com quase um século de vida e apesar de nunca ter entrado numa escola – não sei ler nem escrever; nunca assinei meu nome –, posso dizer que sou muito feliz. Os tempos mudaram, a simplicidade deu lugar à modernidade; a tecnologia facilita tudo e dispensa a coragem.

Acredito que todas as mulheres têm uma guerreira dentro de si. Ao deixar minha família para trás, ao sentir emoções nunca antes sentidas, ao enfrentar o desconhecido com a coragem que levo dentro do peito, ao sentir pulsar a força criadora do amor, posso dizer que sou como Anita Garibaldi, uma heroína que transformou e se transformou nos lugares onde viveu.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Alta Maria Moraes Constantine.)



Concertina, *canzonettas* e lembranças

Aluna: Pâmela Aquilante Lopes

Sentado na soleira da porta da sala que dava para a varanda da casa-grande, José Augusto Barbosa Cava, ou Cavinha, como é mais conhecido, contou-me a história do lugar onde vivo, enquanto cortava com o canivete alguns fiapos de corda que se desmanchavam da sola da alpargata, já muito usada.

“Era aqui, nessa venda e em seu entorno, que passávamos os domingos. Venda do Bela Vista, à direita era o bairro do Barreiro e à esquerda o do Pocinho. Para chegar até ela o caminho era longo, subíamos estrada toda vida, os barrancos eram altos, formados pelas rodas das charretes, das carroças, e pelo pisoteio dos animais, mas era entre brincadeiras, tombos, pés atolados na lama, risadas e flertes que o fazíamos. E quando chegávamos, ah...

Festas, conações de ‘causos’ e história de antigos moradores não faltavam. O cenário composto por varais de arames que entrelaçavam rêslias de cebola e alho, peças das inigualáveis mortadelas, rolos de fumos cobertos com sacos de estopa, corote com aguardente, vidros de caramelos coloridos... Uma mistura de cheiros e sabores inesquecíveis.”

No apendice da venda ficava um italiano solitário tocando sua concertina, cantando uma *canzonetta*, disfarçando entre goles de vinho as lágrimas e as lembranças desse lugar.

“Era aqui que tudo acontecia.”

Assim, com o olhar faceiro, Cavinha continuou sua história:

“Ali, logo em frente à venda, era o campo de futebol. Quantos campeonatos: Pocinho X Barreiro. Domingos movimentados. Ao lado esquerdo da venda era o campo de bocha:

— Dã de ‘fianco’ na bola da ‘frente’ do Balin.

— Nô, é melhor de ‘trivela’ na bola de trás.

Era a discussão da barulhenta italianada, seguida de vaias e risadas.

O baralho também não faltava:

— Truco! Seis, porca miséria.

Ao escurecer, as crianças voltavam para casa caçando vagalumes e cantando para atrair os bichinhos:

‘Paga lem, tentem,
Seu pai ‘tã’ aqui
E sua mãe também.’”

Nesse momento Cavinha silenciou e notei seu olhar perder-se no tempo, caminhou em direção à capela e continuou:

“Aqui está registrado um pouco da história de Bariri que fui montando aos poucos, como um verdadeiro quebra-cabeça. História que nos tempos de outrora ficou registrada nessa capela e por muitos anos se manteve trancafiada e segredada pela sociedade. A história da bexiga preta que dividiu nossa cidade, entre os que a tiveram e os que tiveram a sorte de não tê-la. Nome vulgar dado à varíola, doença que matou quase um terço da nossa população, nos idos de 1891.

Muitas famílias foram exterminadas, e as que sobreviveram viviam aterrorizadas. Com a minha, não foi diferente, a tragédia foi inevitável. As mortes começaram... minha bisavô, mulher forte e corajosa, era quem enterrava os corpos aqui onde é a capela, junto com o empregado da fazenda.

Enterrou cinco dos nove filhos e contava que, enquanto socorria um, outro lhe pedia água. Quando se virou para atendê-lo, seu corpo já estava sem vida – fazia-se a próxima vítima.

Nessa época foi criada uma barreira para impedir a entrada e a saída dos moradores do bairro.

Não se sabe se por milagre ou não, apareceu um homem montado a cavalo, disse que ajudaria a cuidar dos doentes e iria salvá-los. Coincidência ou não, depois de sua presença, não houve mais mortes. O homem, como veio, se foi. Ninguém soube quem era, o que fez e por que apareceu. Nem mesmo seu nome foi revelado, mas para nós ficou conhecido como o ‘Salvador’. Salvador da nossa história.”

Seu olhar buscava encontrar em vão o cenário de outrora:

“O barulho dos domingos, das *canzonettas*, do campo de futebol e da bocha há muito não existe mais, deu lugar ao silêncio ocupado pela cana. Ainda restam algumas árvores, entre elas a mangueira e o pé de ipê-amarelo do lado da capela, junto com as minhas lembranças.”

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor José Augusto Barbosa Cava.)

O tempo, o chiado e as flechas

Aluno: Jhonatan Oliveira Kempim

Era no tempo das matas virgens. Os espigões de Espigão d'Oeste eram cobertos de cerejeiras, mognos, cedros, jatobás, ipês e de imensas castanheiras. Os rios e igarapês tinham vida e eram limpos. O sol nascia e se punha na maior paz. Ao dormir, podíamos ouvir o silêncio da noite que só era rompido pelos bramidos de macacos e de onças-pintadas. Morávamos em uma casa de madeira lascada de amburana. Ainda não existiam serrarias. O chão era de barro batido e o telhado, de folhas de buriti. Pelas frestas das paredes o vento nos visitava, deixando nossas noites sempre fresquinhas. Andava pelas matas ouvindo os sonoros cânticos dos pássaros. Olhava para o céu e via a moldura que envolvia a natureza.

Por algum tempo tive a certeza de que aqui era o paraíso. Era um território indígena. Era o paraíso da tribo Suruí.

Daquele tempo, do que minha mente não me escapa, foi a manhã do dia 17 de julho do ano de 1973. Fazia um calor insuportável. O sol ardia vermelho no céu, a fumaça ardia cinzenta em meus olhos e as fuligens desciam como se chovesse... Havia queimadas por todos os lados. Precisávamos de pasto. Queríamos o progresso. Na cozinha somente uma cuia, uma moringa, duas panelas de pedra e uma panela de pressão ornamentavam o ambiente junto do fogão a lenha.

Nessa manhã, meu filho mais velho brincava no terreiro e eu, dentro de casa, preparava o almoço. Meu marido havia saído com outros homens para fazer derrubada. Ouvi o primeiro chiado da panela de pressão que cozinhava o feijão. Observei a sombra da bananeira para marcar o tempo do cozimento... Foi esse o tempo que jamais queria que tivesse existido... Foi esse o tempo que jamais me esqueci...

Pela janela avistei Júlio César apanhando goiabas... A panela ainda chiava... Olhei mais uma vez para o quintal e Júlio César estava sentado a comer as frutas. Tudo era muito calmo... A panela ainda chiava... O tempo. O chiado. A flecha... Fiquei perplexa... A panela chiava... Júlio César não comia mais as goiabas, elas estavam espalhadas ao seu redor... A panela chiava... Fiquei surda e muda... Não ouvi mais chiados, não falei mais nada, não pensei mais em nada, não queria ver mais nada... O tempo parado. Eu surda. E meu grito:

— Nãoooooooooo...

O tempo me mostrou mais uma flecha, como a outra, certa. Ela também veio fazer morada ao lado da anterior, na garganta do meu filho. Minhas trêmulas pernas me levaram ao encontro de algo que parecia mentira. Queria que tivesse sido apenas um sonho. Não foi sonho. Era tão real quanto a fuligem negra que cobria meu corpo; tão real quanto o vermelho do sol e dos meus olhos que agora ardiam não só pela fumaça, mas também pela dor; era tão real quanto o vermelho que passeava para fora do corpo de meu filho.

O chiado trouxe as flechas das mãos de um assustado suruí inocente, que foi combater o estranho e acabou tirando a vida de Júlio César. Foi o chiado, estranho som que não fazia parte daquele paraíso habitado por inocentes índios, araras, macacos e onças-pintadas. O desconhecido assusta. O chiado assustou o índio. A flecha me assustou.

Hoje me assusto ao olhar nossos espigões cobertos por pastos, abrigando uma ou outra castanheira e alguns ipês, sobreviventes árvores que resistiram às ações dos seus desconhecidos brancos. Imponentes árvores que assistem ao progresso das casas sem frestas para dar passagem ao vento, protegidas por grades e cercas elétricas. Imponentes árvores que assistem à falta d'água dos rios e dos igarapês. Imponentes árvores que encantam nossos olhos. Imponentes árvores que se fazem vivas para assistir ao maravilhoso espetáculo desse nosso céu rondoniense. Maravilhoso céu que presenciou o tempo, o chiado e as flechas. Maravilhoso céu que é meu cúmplice... Maravilhoso céu que divide comigo o sumiço da panela de pressão.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Terezinha Von-Rondon Gonçalves.)

Seringueira, passarinho: rodopios das memórias trazidas pelo vento

Aluno: Mateus de Souza Pinheiro

Olhando as folhas da seringueira que caem e são levadas pelo vento, sou transportado para uma viagem pelas memórias da minha juventude. Ah, que saudade! Fecho os olhos e posso vislumbrar a casa humilde de tábuas grossas e assoalho de paxiúba, o piso tão limpo que refletia a minha imagem, o rádio que tocava um som “chiado” e distante, despertando-nos na madrugada iluminada pelo candeeiro. Eu era um menino, mas já tinha responsabilidade de um homem.

Boca do Acre era apenas um vilarejo nesse tempo e as estrelas ainda brilhavam no céu quando tomava meu café preto com beiju seco e partia para o seringal Anajás. Andava floresta adentro para sangrar a seringueira – extrair o látex –; tudo ao meu redor era silêncio e a mata me abraçava com seu cheiro doce e serenado. Depois que acabava minha tarefa, aproveitava o momento e sentava embaixo das árvores. A essa altura os passarinhos já haviam acordado e faziam festa. Eu assobiava e a natureza replicava ao meu ouvido, expressando-se em meio às belezas do meu lugar. Nesse momento me sentia livre e “voava” de volta para casa, rodopiando pela mata fechada.

Do nosso quintal olhava as bananeiras se abanando no calor escaldante do verão e as roças enfileiradas como soldados na margem do rio. O ar trazia o perfume das verduras do canteiro de minha mãe e da goiabeira que estava sempre me convidando para uma visita.

Naquele tempo não havia água encanada, mas as famílias eram grandes, e nós, meninos, pegávamos duas latas e fazíamos um “cambão” – vara que segurava as latas –, descíamos até o rio com intenção de abastecer a casa, mas era nessa hora que nos fartávamos de banhos e brincadeiras nas corredeiras do Purus. Retornávamos com sorriso nos lábios, a barriga reclamando de fome e já sentindo o cheiro delicioso da carne de caça que vinha do fogareiro.

O rio era a nossa única estrada e por ele chegavam as chatinhas – barcos a vapor – que traziam mercadorias de Manaus. Todos corriam para o porto quando elas encostavam carregadas. O engraçado era que nesse tempo as roupas eram feitas quase sempre com tecidos da mesma estampa, pois as embarcações traziam poucas variedades, de modo que nas festas parecíamos fardados, mas ninguém ligava. Eu queria mesmo era me divertir e dançar nos arraiais, enquanto as moças variavam somente no “feito” do vestido e na doçura do sorriso.

Antes de anoitecer fazíamos uma fogueira no quintal, as famílias se reuniam para conversar e contar histórias sobre as pescarias. Todos ficávamos de ouvidos atentos para os “causos” e nem percebíamos o sol indo embora com seus tons alaranjados refletidos no encontro das águas dos rios Acre e Purus. Nisso Boca do Acre não mudou: o sol continua brilhando feito ouro. No entanto, hoje, aos 95 anos, vejo esse momento com mais encanto, pois não tenho mais tanta pressa e o tempo é meu companheiro de observação.

Com o passar dos anos muita coisa mudou, surgiram tantos carros, casas e comércios que às vezes não reconheço minha terra. As mercadorias agora chegam pela estrada e as chatinhas já não existem mais, muito menos o costume de ouvir histórias.

Em alguns momentos acho que estou perdido nesse novo cenário, não sei como tudo se transformou tão rápido. Choro pensando no passado, recordando a alegria das festas, as brincadeiras e os amigos – ser feliz era bem mais simples e natural que hoje.

Agora, olho pela janela e vejo a seringueira solitária. É apenas uma em meio à grande fazenda que se estende diante dos meus olhos. A floresta não está mais ao meu redor para me abraçar, mas enquanto eu viver contarei as lembranças de um tempo em que fui o dono da mata, rodopiei feito pião de menino com o canto dos passarinhos e posso viver tudo novamente, pois as memórias revivem como as folhas das seringueiras – basta que tenha alguém para contar...

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Methódeo Pereira de Souza.)



Lembranças que o tempo não apaga

Aluna: Ana Letícia de Sousa Fialho

Ah, como é bom, hoje, sentar na minha calçada, rodeada de netos, e com alegria e orgulho contar-lhes de um passado, não muito distante, mas que povoa a minha memória com lembranças felizes e preciosas!

Morava num interiorzinho chamado Barrocas, à beira do rio Riachão, nome que deu origem à minha pequena cidade de Monsenhor Hipólito. Esta, na minha época de criança, era muito menor... Com poucas casas, ruas sem calçamentos, duas escolas e alguns comércios, chamados de bodegas, lugar onde comprávamos nossos doces e nossos alimentos básicos.

Era um tempo difícil... Não existia luz elétrica ou água encanada; porém, as luzes da lâmparina e do candeeiro iluminavam perfeitamente as nossas residências e clareavam as poucas ruas, permitindo que nós, crianças sapecas, praticássemos livremente as nossas brincadeiras preferidas: roda, trisca, limeira, pular corda, balançador e de passar o anel. Tempos bons eram aqueles!

Quando íamos buscar água para encher os potes (nossas geladeiras!) nos barreiros e cacimbas dos rios era uma festa! Enquanto enchíamos as cabaças e ancas, aproveitávamos para tomar um banho de cuia... Pelados! Rodeados pelas oiticicas, juazeiros e carnaúbas, plantas nativas que ainda são o orgulho da região.

Em 1962 comecei a estudar. Foi um período de descobertas e de imensa alegria, conquistei os amigos que até hoje fazem parte da minha vida. A alegria de ingressar na escola daquela época é comparada à dos jovens de hoje quando chegam à faculdade. Aqui, só existiam duas escolas: a Isolada e a Reunida, assim denominadas pela forma como os alunos eram organizados. Daí a minha alegria de estudar. Era algo para poucos privilegiados.

Era um tempo de festas! Aos sábados, a nossa diversão era embalada pelo som de sanfonas e, aos domingos, as matinês, festas dançantes que duravam a tarde toda.

Era um tempo de raras paqueras! Emociono-me quando me recordo dos festejos da padroeira da nossa cidade, Santa Ana. A espera por esse mês era fervorosa. Todos sonhavam com a roupa nova! Passávamos o ano inteiro trabalhando em farinhadas e plantações de feijão para ganhar o dinheiro de comprar os tecidos com que os alfaiates fariam nossas lindas e únicas peças do guarda-roupa.

Quando chegava o grande dia o patamar da igreja era a nossa passarela, pois era lá que as moças exibiam os luxos à espera dos seus namoradinhos.

Era um tempo de muitas felicidades! A maioria das pessoas da época, assim como eu, viviam humildemente, comiam do que plantavam e criavam, mas era tão bom! Não existia essa tal de violência, essa tal de tecnologia, essa tal de modernidade. Existia, sim, muita tranquilidade, muita ingenuidade, muita alegria de viver feliz.

Essa é uma parte da trajetória dos meus 54 anos, à qual pretendo acrescentar ainda muitos capítulos, porque o final ainda está por ser escrito.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Josefa Ana de Sousa.)

Caldeirão de histórias

Aluna: Yonara Kaise da Silva Oliveira

Terça-feira chuvosa, noite tenebrosa, ano de 1947, meu pai correndo emocionado em busca de uma parteira – aquela foi a noite em que cheguei ao mundo.

Minha infância, como a de todas as crianças pobres deste imenso e tórrido sertão nordestino, foi muito difícil. Trabalhava na roça com meus irmãos para ajudar meu pai e minha mãe no sustento da família. Meus irmãos e eu éramos incumbidos de “pastorar” as plantações de arroz para afugentar os pássaros. Tínhamos de caminhar até o riacho para pegar a água usada na nossa alimentação e higiene corporal.

Mas, apesar das dificuldades, lembro-me daquela época com muito carinho. As lembranças que mais me emocionam são da natureza e da simplicidade da vida naquele inesquecível pedaço de chão: brincadeiras de casinha de boneca, esconde-esconde, pega-pega, os banhos de açude, a chuva batendo no telhado durante a noite, o barulho dos animais no roçado, o fogão a lenha, o leite fresquinho no curral, os “causos” de assombração contados por meus avós, o latido dos cães à noite afugentando a raposa que vinha devorar as galinhas... Nas noites de lua cheia, lobisomem, caipora, almas do outro mundo vinham povoar meus medos de criança...

Quando entrei na escola era uma aluna exemplar, senão a palmatória na mão iria levar... (risos). Minha melhor amiga era minha professora primária, era a ela que eu confessava meus segredos, meus medos... As festas (batizado, casamento, São João, São Pedro) eram regadas de muita fartura, muito “forrô pé de serra”, tudo muito colorido, muita animação...

Nunca ganhei brinquedos de presente. Minha mãe, sempre que possível, fazia bonecas de sabugo e palha de milho. Nossas roupas eram lavadas no açude próximo à nossa casa. Com uma trouxa de roupas, lá ia eu, cantarolando, cabelos soltos ao vento. Depois de lavar as roupas, tomava banho de açude, sentindo o prazer da água e os peixinhos fazendo cócegas em meu corpo. Uma delícia!

Naquele tempo o jeito de namorar era diferente. Recordo-me de que quando conheci meu marido (único homem da minha vida) só podia namorar sob a vigilância de meus pais; abraços e beijos, nem se cogitavam, pois não podia correr o risco de ficar mal falada nas redondezas.

Eram tempos difíceis. Quando vínhamos à cidade, para a missa aos domingos ou para comprar mantimentos, só tínhamos duas opções de locomoção: a pã ou no lombo de um cavalo. Assim, o trajeto tornava-se lento e enfadonho.

Hoje, sã saudades... Lembranças...

Essas sã algumas reminiscências dos bons tempos que ficaram marcados no mais íntimo do meu ser e que minha memória resgata com tanta vivacidade! Aquele mundo encantado, que existiu concretamente e que ficava aqui em Aurora, interior do Ceará, agora ã abstrato – sã existe em minhas recordações.

(Texto baseado na entrevista feita com dona Terezinha.)



Das calçadas em giz às telas em Paris

Aluna: Luiza de Marilac Silva Leão

Piripiri: esse é o nome da pacata e maravilhosa cidade piauiense onde nasci, lá pelos idos de 1933. Naquele lugar a vida era bastante simples e tranquila. Morávamos numa casinha rústica e geminada, com uma porta e duas janelas frontais, típica moradia nordestina. Por lá passei grande parte da minha infância.

Lembro-me com bastante alegria das minhas fugidas de casa para me banhar nas águas fresquinhas e limpinhas do riacho que corria entre as cascatas que cortam a cidade. Parafrazeando o poeta, posso dizer: “Oh! Saudoso riacho! Riacho querido! Suas águas cristalinas já não existem mais. Como estão poluídas!” Sentimento de perda é o que demonstro ao contemplá-lo na atualidade.

Se bem me lembro, as brincadeiras eram muito divertidas, saltava-me no mundo pulando cordas e amarelinhas. Mas o que me dava mais prazer era pintar as calçadas com pedaços de giz e com pedrinhas de piçarra coloridas que eu achava pelo chão. “Essa menina pinta o vento”, dizia um tio, observando as palmeiras declinadas. Aquilo ali era a minha especialidade e nem me dava conta disso.

Recordo-me da minha escola. Era modesta e a única da região. Adorava as aulas de desenho. A professora sempre mostrava os meus rabiscos para a classe e eu, tímida menina, me escondia envergonhada. Como poderia esquecer o primeiro circo que vi chegar à cidade? Criada numa família rígida, o passeio se tornava impossível. Mas para mim? Que nada! Na hora da sesta, nossa casa era como as casas de uma cidade morta. Tudo era silêncio. Então, aproveitei e peguei aqueles bordados que acabara de fazer, coloquei-os em uma caixinha e fui em direção àquela lona enorme, que me chamava para realizar um sonho. Negociei a caixinha de bordados com a dona do circo e a entrada ficou garantida para presenciar o espetáculo e os animais. Tão importante quanto o circo era cavalgar alegremente pelos quintais, agarrada à crina dos cavalos, longe das reclamações de pais e avós. O que eu queria mesmo era viver a liberdade!

Os dias se foram. Era o ano dos meus 14 anos. Ainda morava com meus avós em Piripiri, mas resolvi passar as férias em Timon com meus pais. Foi um ano de grandes acontecimentos na minha vida de menina-moça. Conheci Teresina, cidade que marcou minha juventude. Nesse tempo, meus interesses começaram a mudar, junto com as mudanças que se processavam em meu

corpo. Comecei a falar de filmes românticos, de namoros, essas coisas. Então, fugi com um rapaz chamado Júlio, que veio a ser meu marido. Com ele tive três filhos maravilhosos. Logo depois, fui trabalhar em Teresina como estilista. E crescendo no mundo da moda sabia que podia ir muito além de tudo aquilo.

No final dos anos 1950, fui morar no Rio de Janeiro, deixando meus filhos no Nordeste. Agora estava sozinha naquela cidade maravilhosa, lutando pela própria sobrevivência. Fiz muito sucesso como costureira, mas ao mesmo tempo estava triste, pois a saudade dos filhos me dilacerava. Para mim, morar no Rio era a esperança de novos tempos. Tempos de luz. Como se todas as tristezas pudessem ser varridas da memória. Triste engano. Fui buscar meus filhos para assim viver melhor.

Paralelamente ao trabalho de estilista, ingressei na Escola Nacional de Belas-Artes a convite de Lydio Bandeira, um grande amigo. Naquele imponente salão de arte, comecei meu sucesso como artista plástica, o que resultou em diversas exposições na Venezuela, Equador, Portugal, e uma delas, extraordinária, no Teatro 4 de Setembro, em 1976, na minha saudosa Teresina. O amor ao trabalho beneficente, marca do meu coração abnegado, levou-me uma tela a Paris.

Os tempos passaram. Conheci muita gente interessante que me ajudou em momentos difíceis, que me inspirou e mostrou caminhos que eram necessários trilhar. Entretanto, as grandes lembranças da infância provam ser muito poderosas.

Hoje, em meu ateliê cercado de plantas e pássaros na cidade cantada pelo poeta, “Teresa eternizada Teresina”, traço pinceladas dramáticas em telas brancas, pois para mim não são mistérios. As crianças das comunidades rurais de minha capital experimentam essa paixão pelas tintas.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Doralice Parentes Andrade.)

A triste mudança

Aluna: Ana Carolina Faria Pedreira de Cerqueira



— Vovô, eu queria ter nascido na mesma época que a senhora! Adoro brincar de boneca e pular corda na rua!

Quando essas doces e sinceras palavras soaram em meus ouvidos, meus olhos brilharam de emoção; percebi um leve arrepio nostálgico percorrendo-me o corpo. As memórias do meu bairro de origem vieram à tona. Recordei-me da minha velha infância, das antigas e insubstituíveis brincadeiras nas ruas de barro, em frente às casas de taipa do bairro Pau da Lima, na cidade de Salvador.

Naquele tempo, os lampiões se apagavam às 8 horas da noite. Antes disso, os adultos conversavam na varanda, enquanto as crianças já estavam dormindo, pois “criança não escuta conversa de gente grande”, como dizia minha mãe.

Pela manhã, após o café, cada um tinha o que fazer. Minha mãe ia à Feira de São Joaquim que, naquela época, era o melhor lugar para se comprar alimentos – camarões fresquinhos, alfaces verdinhas. No Pau da Lima não tinha feira, portanto tínhamos que ir até outro bairro. Hoje podemos comprar perto de casa, e ir a São Joaquim ficou muito mais difícil por causa dos grandes engarrafamentos, coisa que não existia há trinta anos. Meus irmãos e eu íamos à escola, “lugar de respeito e coisa séria”, como dizia meu pai, que vivia de “bicos”, consertando coisas aqui e ali. Ao voltar dos estudos, costumávamos saltar pipa, cantar cantigas de roda, jogar bolinha de gude, brincadeiras das quais, hoje, nem se ouve mais falar. Enquanto brincávamos, as mães conversavam da janela e observavam a melhor fase de nossa vida.

Como vivia em uma comunidade pequena, todos se conheciam e sabiam de tudo o que acontecia ali. Os namoros tinham que ser escondidos, pois se meu pai soubesse de alguma coisa, bravo como sempre foi, era palmada na certa! Uma vez, pedi a música *Beijinho Doce* na rádio do bairro (costume que já não é mais comum) para meu namorado. Sorte a minha de meu pai não ter escutado! Quando a rádio terminou de tocá-la, corri para o ponto de ônibus do fim de linha, único local de encontro da turma naquele tempo (hoje já existem diversas praças no Pau da Lima e as opções de lazer aumentaram) e onde podia falar aos amigos das minhas travessuras. Ao voltar para casa, buscava água na bica para os vizinhos, ganhando dinheiro com isso.

Toda essa rotina só era quebrada nos dias de festa, como a de São João. Em Salvador, antigamente, as famílias reuniam-se nas portas de suas casas. As mulheres preparavam os típicos e saborosos quitutes, enquanto os homens ficavam responsáveis pela música e pela tradição dos fogos e da grandiosa fogueira. A alegria reinava, e o forró só tinha fim ao amanhecer. Hoje em dia, todos vão para cidades do interior ver as apresentações de cantores nacionais famosos que, às vezes, nem forró tocam.

O Carnaval? Ai, o Carnaval... Quando a festa chegava, a alegria se transformava em energia. Durante os cinco dias, reuníamos um grupo de meninas e pegávamos um ônibus até o Campo Grande, centro da folia de Salvador. Saltávamos ali com nossas mortalhas (os atuais abadá's) e nos juntávamos à multidão contagiante. As bandas, os desfiles dos antigos blocos, o som das marchinhas e o ambiente familiar deram lugar aos potentes trios elétricos e aos milhares de turistas que vêm à cidade, atualmente, nessa época do ano.

Vivi muitas histórias no bairro Pau da Lima, periferia de Salvador. Apesar de ser um bairro pobre, sempre tive muito orgulho de morar ali. Passei momentos inesquecíveis não só com os amigos, mas com minha família também. Um deles era quando meu pai chamava os oito filhos para caçar raposa e jiboia – sentia-me num filme de aventura! Às vezes, o pouco dinheiro para a comida se transformava em algo divertido. Hoje, Salvador tem tantos prédios, que fica até difícil imaginar se esses bichos ainda convivem em meio a tanto cimento.

— Puxa, vovô! Como as coisas mudaram! Será que ainda vamos viver isso de novo?

Ao ouvir essa pergunta, senti novamente o arrepio nostálgico, mas também uma repentina tristeza por saber que a Salvador de minha época não iria mais voltar. Que triste! Que triste mudança!

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Walquiria Maria dos Santos.)

Marcas pau-ferrenses

Aluna: Eridiany Aparecida Gonçalves Freire

Bem no interior do Nordeste, das raízes potiguares, encontra-se um lugar extremamente encantador e memorável: Pau dos Ferros, terra seca, que se rende às gotas vindas do céu.

No meu tempo de criança, nos dias de chuva, era só alegria! A magia da água dava-me pressentimento de satisfação e bem-estar. Nessa época, eu apreciava ir com as outras crianças entreter-me no Açude 25 de Março. Ao observar aquelas nascentes, sentia uma vontade imensa de navegar e recrear-me. Ao olhar firmemente aquela deslumbrante cena de águas límpidas e refulgentes tocar meu rosto feito dois oceanos azuis, sensações admiráveis inundavam meu ser. A brincadeira de criança tornava-se, então, um grande espetáculo repleto de graça e encanto, pingos e mais pingos de águas majestosas assumiam minha distração de infância. Hoje em dia, ao deparar-me novamente com aquele cenário, vejo que não há o mesmo fascínio de antes. Agora, aquela linda fonte de águas brilhantes cedeu lugar a um mar de poluição, e a peraltice de menino somente habita em minhas recordações.

Naquele tempo, alguns dos momentos que mais me cativavam era a festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição. Todos aqueles fogos incríveis cheios de cores brilhavam no céu e iluminavam toda a cidade, surgindo assim as procissões: o barulho de nossas vozes cantarolava por onde passávamos, transformando-se em um verdadeiro coral de adoração. A imagem da santa logo se erguia através dos fiéis. Pessoas de toda parte admiravam aquela cena de paz e devoção. Naquele momento era como se houvesse apenas eu, a santa e a esperança de um mundo melhor.

Se bem me lembro, ao acabar a missa da festa, toda a molecada se alvoroçava para ir aos parquinhos. Para nós, crianças que mal víamos algo do tipo, era folia total. Adorávamos ir ao Parque Brasília e nos divertíamos à beça com as “canoas” – uma espécie de balanço que nos levava até o alto e provocava um tremor estranho em meu corpo, uma sensação incomparável. Tudo isso ao som do Rei do Baião – Luiz Gonzaga. Aquelas canções soavam em meus ouvidos como fios intensos bordando a minha imaginação. Todas essas fabulosas melodias saíam de um único objeto: a clássica difusora – uma rádio comum nos parques de diversão da época.

Além desses passatempos, eu ainda adorava as noites no cinema Lourimar – para uns, garantia de boa distração; para mim, algo incrível. Ainda recordo-me da primeira vez que entrei no

cinema: minhas mãos tremiam, minha barriga sentia um remelexo estranho que nem sei explicar... Meu coração batia forte, parecia até que sairia pela boca. Enfim, um misto de sensações! Então, o orador chegava, o filme já estava prestes a começar, as luzes se apagavam e aquela tela preta enorme transformava-se em um verdadeiro espetáculo de emoção e aventura. Aquelas imagens de *Os Trapalhões na Serra Pelada* causavam-me ataque de gargalhadas, que, só de lembrar, sorrisos aparecem em meu rosto. Pena que aqui não há mais essa magia e encanto. Onde se encontrava o cinema resta apenas um ambiente de comercialização, e aquela fantasia de menino agora só existe em minha memória.

Lembro-me de que em momentos especiais como esse tínhamos a tradição de fotografar – coisa rara de acontecer hoje em dia –, que servia de recordação. Pousávamos então para aquelas câmeras enormes. As imagens demoravam meses para chegar. Ao recebê-las, vinham em um objeto com lentes, que tinha o estranho nome de “binôquio”. Guardávamos essas recordações em um simples baú em que mamãe colocava alguns panos velhos que não usávamos. Agora, as câmeras fotográficas são bem diferentes das de antigamente e já não sentimos mais aquele friozinho na barriga só de imaginarmos como estaríamos nos retratos.

Sentado aqui, neste banco da Praça da Matriz, vejo em meu olhar cada mudança que esse lugarzinho sofreu. Hoje, permaneço quieto, apenas recordando todos aqueles momentos inesquecíveis que vivi aqui nesse sertão nordestino, bem na “tromba do elefante” do alto oeste potiguar. Lembranças que estarão eternamente como marcas... Marcas pau-ferrenses!

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Francisco Edson Freire.)

A sede que água não mata

Aluno: Bruno Marques da Silva

Para mim, um dos maiores prazeres da vida é receber água pura na boca seca, degustando algo sem cheiro, sem cor, sem gosto, mas que nos satisfaz tanto. E é na grandeza das águas que a minha história começa.

Quando menino, morava em uma casa que dava fundo para o Rio Itapecerica. A parede do meu quarto nem podia ser rebocada porque a umidade fazia o reboco cair. O rio que existia naquela época era bem diferente deste que vemos agora. Ele era limpo, majestoso. Diria até que ele era feliz. O som de suas águas parecia deliciosas gargalhadas. Hoje ele ainda está lá, no mesmo lugar, mas a sua essência, que me fazia tão feliz, desapareceu. É apenas um amontoado de águas poluídas lutando para continuar vivo.

Morávamos próximo à ponte do bairro Niterói. Ela era mais estreita do que é hoje. Não era possível aos carros irem e virem ao mesmo tempo. Por isso, os carros que seguiam em uma determinada direção eram obrigados a parar para esperar os que seguiam em direção oposta. Porém, isso não era problema, porque não havia muitos automóveis naquela época. Mas é embaixo da ponte, nas águas e na margem do rio, que minhas lembranças mergulham.

Todas as manhãs esperava a brisa do rio vir de mansinho me acordar. Logo dava um pulo da cama, pegava uma banda de pão sovado, com bastante açúcar por cima, e ia correndo ver o rio. Não havia vista melhor do que aquela. Tomava café ali mesmo. Depois, entrava correndo na cozinha, colocava a caneca esmaltada em cima da mesa e ia brincar com meus amigos.

Quase todas as nossas brincadeiras, de alguma forma, estavam relacionadas ao rio. Jogávamos futebol na prainha. Usávamos bola de capota, bola feita de couro e que possuía uma câmara de ar. Ter uma bola dessas era um luxo. E eu era o dono da bola. Mesmo não sabendo jogar direito, era sempre convidado para os jogos. Às vezes, atravessávamos o rio e íamos até uma fazenda que ficava do outro lado para roubar frutas.

Entretanto, a nossa brincadeira preferida era nadar. Isso era a nossa maior diversão. Eu me lembro de que certa vez engoli uma piabinha inteira só porque diziam que isso ajudava a nadar melhor. Deslizávamos feito sabão sobre as enormes pedras que ainda hoje podem ser vistas sob a ponte. Construíamos jangadas de troncos de bananeiras jogados no rio. Pegávamos os grandes

troncos, um a um, os jogávamos na beira no rio e íamos pegar cipô nas árvores mais próximas. Amarrávamos com o cipô tronco a tronco até hastear uma folha de bananeira e velejávamos feito velhos marujos.

Sinto muita saudade daqueles tempos.

Recordo-me das adoráveis tardes de domingo, passadas com minha família e amigos, sempre reunidos na margem do Itapecerica. Acontecia isso porque a cidade antigamente era mais religiosa, todos guardavam os domingos para ir às missas, e depois, celebravam grandes e deliciosos almoços para se divertir.

Passaram-se os anos e seguimos nosso curso. A cidade que um dia foi chamada de “Espírito Santo do Itapecerica” hoje é conhecida como “Capital da Moda”. Eu mudei de vizinhança, casei-me e já sou avô. E o rio? O rio corta a cidade ao meio, passando por vários bairros. De uma maneira silenciosa, ele parece nos dizer que, independentemente do caminho que seguimos, ele estará sempre presente. Afinal, ainda precisamos dele.

Minha vida foi marcada por muitos momentos e meu coração está cheio de recordações das experiências que fizeram de mim o homem que sou. Mas com o rio é diferente. Sempre que me lembro dele meus olhos se banham de emoção e meus pensamentos parecem seguir correnteza abaixo até trazer de volta aquele menino que um dia foi vizinho do rio. Nessa hora, sinto sede daquele tempo...

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Cícero.)



Simplemente mudando

Aluna: Nádyá Pereira da Silva

Tempos difíceis eram aqueles de minha infância: trabalhava-se muito para conseguir o que queríamos e às vezes a falta era grande. Passamos por grandes dificuldades e os ganhos que tínhamos eram poucos, mas isso não impedia a nossa alegria e união.

Desde que nasci, em 1936, até 1945, morei na fazenda do Taquaral, mas depois mudamos para Caraíba, um pequeno povoado do município de Vianópolis, onde moro até hoje. Lugar tranquilo, que antigamente tinha apenas uma igreja, um comércio, a estação de trem e umas poucas casas de adobe. A estrada que cortava esse vilarejo era usada para carros de bois, carroças e cavaleiros quando tocavam suas boiadas.

Vivíamos rodeados de simplicidade, dormíamos em cima de catres (cama rústica muito simples) e não tínhamos rádio, por isso as notícias sobre a guerra só chegavam através de outras pessoas.

96 Tenho muita saudade de meu tempo de menina e das minhas brincadeiras. Adorava brincar de bonecas e casinha com minhas irmãs. Lembro-me de que pegávamos a “casca do umbigo” da bananeira e fazíamos de berço onde embalávamos as bonecas de sabugo e algodão. Naquela época não podíamos sair de casa para brincar; então, as primas e parentes mais próximos eram a nossa diversão.

Naquele tempo era comum plantar e não colher, porque dependia muito do clima, e não existiam agrotóxicos, mas as poucas vezes que colhia tirava o necessário e até sobrava. O excedente meu pai vendia ou trocava para nos dar roupas e calçados, mas quando não produziam bem nós ficávamos descalços e com trapos remendados.

À noite, quando o meu pai chegava do trabalho e o cansaço permitia, nos contava “causos” e histórias fantásticas, das quais, ao me lembrar, sinto muitas saudades, pois, apesar de figura rústica, demonstrava mais carinho que minha mãe.

Quando minha mãe fazia costelinha de porco frita com arroz, eu me encantava, pois era a comida de que eu mais gostava e uma das melhores que se encontrava naquela época.

Tinha que andar muito para chegar no “Grupo” e os castigos eram severos, como ajoelhar em grãos de milho e tampinhas de garrafa, mas o grande medo eram as reguadas. Estudei até o segundo primário, pois as minhas responsabilidades me obrigaram a parar.

Lembro-me de que por volta de 1952 eu vendia laranjas na estação do trem de meu povoado e de que algumas pessoas também vendiam frangos abatidos para a cozinha do restaurante do vagão.

Sinto muitas saudades de quando passavam os carros de bois na rua empoeirada, que agora já asfaltaram, e do cheiro da poeira, que, quando molhada pelas chuvas, perfumava minha infância.

Casei-me com 22 anos, tive doze filhos, mas infelizmente dois morreram. Todos eles nascidos em casa sem acompanhamento médico. Os remédios eram caseiros e não faziam efeito algum.

O mundo hoje visto por meus olhos mudou bastante, o conforto está uma maravilha, mas a convivência entre as pessoas está cada vez pior, o que as tornam mais frias e sem amor.

Caraíba agora é um distrito de mais ou menos 300 habitantes, mas que ainda hoje cultivam simples hábitos daqueles tempos antigos.

O tempo passou, levando com ele muitos de meus sonhos, mesmo assim não deixei de acreditar em um futuro melhor para essa nova geração. Agora, quando ouço o som da buzina do trem de carga, que ainda hoje passa por aqui, volto sempre àqueles velhos tempos.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Geracina Jerônima Pereira.)

Na “boquinha” da noite

Aluna: Jaqueline Gomes Pinheiro

Noite de chuva fininha. Água caindo devagarinho na biqueira. Ventinho frio, sentada na varanda em uma cadeira de balanço, minha avó em sua rede embalada pelo seu passado. Rádio baixinho, ligado na Difusora Acreana, ouvindo *Boa Noite, Acre*. Olhar distante. Seus cabelos brancos, sua pele enrugadinha, marcada pelo sofrimento e alegrias de sua vida.

Naquele tempo, o trabalho era obrigação e o lazer, algo muito raro. Somente porongas iluminavam nossas noites. Tudo tão difícil. Nas festas de São João, fazíamos uma imensa fogueira, assávamos peixe, macaxeira, milho e banana. Brincávamos de madrinha. Madrinha de fogueira era coisa séria, tinha que dar a bênção a vida toda. Enfiava facas na bananeira para saber com quem ia casar e fazia simpatias com brasas. Aquela grande fogueira acendia meus olhos e aquecia meu corpo e nessa roda brincávamos: “Ó Mariazinha, ó Mariazinha, entre nessa roda ou ficarás sozinha”, “Sozinha eu não fico nem hei de ficar...” “Boca de forno, forno, jacarandá... dá...”.

Começávamos a dançar, a pular, a correr. Éramos tão felizes! Aproveitávamos a escuridão da noite para brincar de pique-esconde, bandeirinha, pira, bate, boca de forno.

De manhã íamos para o igarapé. Como era bom aquilo, meu Deus! Tomar banho, pular do balanço (árvore que se inclinava para dentro do igarapé) e molhar para descer no escorrega (deslizador feito no barro molhado da margem do igarapé), feito de barro molhado da margem, pegávamos aqueles peixinhos e íamos subindo na copa das árvores e brincando de fazer eco na mata: “João ão, ão. Ei João, ão, ão...” “O meu foi mais forte”, todos diziam.

A casa de farinha era um dos meios de sustento, com seus roçados repletos de enormes pés de mandioca. Mas aquilo de que eu gostava mesmo era acompanhar meu pai na extração da borracha (látex): com uma pequena bacia, ia juntando todo aquele leite que depois de defumado viraria caucho (peça pronta) de borracha para meu pai vender.

Ali, naquelas margens do rio Juruá, no interior da cidade de Cruzeiro do Sul, no Estado do Acre, um lugar simples, dei meus primeiros passos, falei minhas primeiras palavras, fiz minhas travessuras. Enfim, foi lá onde vivi toda a minha infância.

Nossa vida também girava em torno do rio. Era lá que o meu pai pescava para nos alimentar, e nos tempos de piracema... Nossa! Tanto peixe! Usávamos as margens do rio para plantar feijão, arroz, milho, batata-doce etc.

No verão, quando uma enorme praia aparecia na outra margem, bem em frente à nossa casa, eu ia com meu pai pescar de ricuca (jeito de pescar puxando a rede para a praia), tomava banho, ia para a mata tirar frutas, ajudava minha mãe com as coisas de casa. Criávamos galinha e quando elas estavam grandes, boas para comer, nós íamos atrás de pegar. Elas entravam na mata e íamos atrás, nos enrolávamos nos cipós. Era uma diversão tremenda até conseguirmos pegar a galinha!

Quando comecei a estudar na cidade, íamos a pé andando por um pique (caminho feito no meio da mata). Durante o inverno, era uma hora e meia de viagem. Havia muita lama, igarapês fundos e cheios de bichos, os colegas da escola ficavam encrencando comigo pela minha situação enlameada.

Hoje o seringal virou fazenda. Engraçado essa coisa de lembrar o passado! A mente da gente lembra uns momentos e outros, não. Algumas vezes, fatos alegres ou tristes; outras, somente fatos corriqueiros do dia a dia. É como se a nossa cabeça selecionasse apenas os momentos mais interessantes para guardar.

A chuva não vai passar agora. Chuva assim já vi muitas. Só passa quando o dia vem amanhecendo. Vamos dormir. E fui embalada pelo mundo tão diferente no qual vivera minha avô.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Zuleide Alves de Souza.)

Uma máquina de costura velhaça e muitas histórias

Aluna: Élda Azevedo de Oliveira

Dia desses me chamaram para ir a uma festa muito irada, mas, como sempre, não achei nenhuma roupa legal em meu guarda-roupa. Pensei logo em minha avó Lea. Fui correndo à casa dela e pedi que fizesse um vestido para mim. Ela topou e, quando abriu a máquina de costura, notei que aquilo era velhaço. Perguntei logo se aquele troço funcionava mesmo. Ela não só me respondeu como me contou tantas histórias legais, que não posso deixar de contar para vocês:

“Ainda me lembro muito bem da minha infância, em especial das brincadeiras: pique-pega, perna de pau, pedrinha, amarelinha e muitas outras que me fazem sentir saudades de ser criança.

Nós morávamos num sítio, em Ipitangas. Meu pai cultivava laranja – a famosa laranja da Posse – e minha mãe o ajudava. Naquele tempo as crianças também ajudavam os pais com prazer. As meninas auxiliavam nas tarefas de casa e os meninos iam para a roça. E no final do dia todos ajudavam na plantação, até nós, os pequenos – menos por compromisso e mais por diversão.

Meu bisavô Antônio veio da Itália para cá para cultivar café e constituiu família aqui em Tanguã, quer dizer, ‘várias famílias’, assim mesmo no plural, pois ele ‘casou-se’ com duas brasileiras e deixou um pedaço de terra para cada uma delas e seus filhos quando à Itália regressou. Eu nem mesmo o conheci, porque ele nunca mais voltou ao Brasil.

Diferentemente das crianças de hoje, eu só comecei a estudar com 9 anos, e as coisas não eram como hoje: não havia transporte, eu acordava cedo e andava mais de uma hora a pé para chegar às 7 horas da manhã à escola. Ainda me lembro da terra molhada pelo sereno, do cheiro de mato, do friozinho que fazia e de como era gostoso ir andando e encontrando os amigos ao longo do caminho.

Na escola municipal em que estudava, Viúva Reis, as classes eram multisseriadas, alunos de diferentes idades dividiam o mesmo espaço. Até o quadro era dividido em quatro para os deveres. Como eu já sabia ler, quando comecei a estudar, ajudava a professora Ana durante as aulas e até ganhava dela presentes por isso. Pena que tive que parar de estudar! Sonhava em ser professora, mas fui só até a antiga quarta série. Não pude continuar frequentando as aulas porque meu pai não mais podia me levar, e, embora já estivesse eu crescida, a escola era muito distante de nossa

casa e o caminho, bem deserto, além de não ser costume naquela época as mulheres daqui darem continuidade aos estudos.

Fui fazer, então, o curso de corte e costura – muito recomendado às moças de então – e assim aprendi a costurar. Virei uma costureira profissional. E até hoje, na minha velha máquina, faço roupas para fora. Não me esqueço de que a ganhei do meu pai quando tinha catorze anos. Que beleza! Fazia roupa para toda a família, pois comprar roupas prontas em lojas não era uma coisa tão comum como é hoje.

Lá em casa não tínhamos muitos brinquedos; caros, menos ainda, tanto que ganhei a minha primeira bicicleta já usada e que por infelicidade ainda me foi roubada. Que dia triste aquele!

Mas brincávamos o dia inteiro no sítio, subindo em árvores, tomando banho de rio, se embrenhando pelos matos em busca de aventuras. Ah, que lembranças boas! Passávamos inocentemente as tardes tentando invadir o campo do inimigo numa brincadeira chamada 'bandeirinha', na qual dois galhos de árvores e poucos riscos num pedaço de chão marcavam o território. Era possível ficar feliz!

Comíamos alimentos mais saudáveis do que se come hoje: frutas, verduras, legumes, tudo do sítio, nada desses industrializados que meus netos devoram vendo televisão.

Penso que, mesmo com todas as dificuldades que passei, tive uma infância feliz; não tínhamos muitos recursos financeiros, mas fomos ricos mesmo assim, pois éramos uma família unida e feliz.”

Depois desse papo, o meu vestido ficou pronto e megalindo. Além do vestido novo, ganhei um aprendizado: não é o dinheiro nem os bens materiais que vão nos fazer felizes, se não tivermos uma família unida e que nos ama.

Chegando à festa, naquela noite, todos queriam saber onde eu havia comprado o vestido, ao que respondi:

“Foi minha avô quem fez com aquela máquina velhaça dela!”

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Léa Moura de Azevedo.)



Cores, aromas e sabores de infância

Aluna: Nathalya Cristina Trevisanutto

Os aromas sempre despertam em mim lembranças e saudades. Como é bom voltar à infância e deixar escapar dos guardados de minha memória fragmentos de um tempo tão bom! Fecho meus olhos e parece que vejo o lugar: Sítio São Salvador

Lembro-me das casas enfileiradas, todas pintadas de azul e iluminadas pela luz do sol. Sete casas, sete famílias e muitas crianças para pintar o sete!

O cafezal dominava a paisagem e consumia o trabalho de toda a família, até das crianças. Minha tarefa era limpar os troncos com as mãos e tirar do interior dos pés de café os preciosos grãos que teimavam em ficar escondidos entre galhos e folhagens. A lavoura rendia trabalho para o ano todo: capinar, arruar, derriçar, rastelar, peneirar, ensacar. Ufa...! A melhor parte era quando a colheita estava no terreirão para secar.

O cheiro do café secando ao sol não me sai da memória... Ao final do dia toda a família ia amontoar e cobrir os grãos para protegê-los do sereno da noite. Depois de coberto, o monte de café se tornava nosso brinquedo preferido: um escorregador gigante, nosso parque de diversão!

À noite, depois do banho de bacia e do jantar à luz de lamparina, todos os moradores se juntavam no terreirão para um dedinho de prosa. O que se ouvia era uma sessão de casos e “causos”. As crianças tremiam de medo quando as histórias eram de assombração. No sítio ainda não tinha a luz elétrica para ofuscar o brilho das estrelas e nem da luz cintilante dos vaga-lumes. As crianças amavam capturar aqueles seres enigmáticos. Cantávamos a rima mágica “Vaga-lume tem, tem, seu pai tá aqui, sua mãe também”. Não sei se por crença ou por questão de coincidência os bichinhos sempre eram atraídos para nossas mãos. Pobres insetos! Só eram devolvidos à natureza depois de conferidos e contabilizados. É que apostávamos para ver quem era o maior e melhor caçador de vaga-lumes.

No final da década de 1970, meu padrinho, que era o proprietário do sítio, apareceu com uma novidade que mudaria para sempre a nossa rotina noturna: um televisor preto e branco que funcionava a bateria. Logo fomos enfeitiçados por aquela máquina. O terreirão foi deixado de lado. Os vaga-lumes passaram a voar sossegados. Ninguém queria perder um capítulo da novela

O direito de nascer. A parte engraçada da história é que não assistíamos a nenhum comercial. A televisão era cuidadosamente desligada nos intervalos para economizar a bateria.

Nas noites de São João o cheiro das delícias exalava das janelas de todas as casas. Bolo de milho, biscoito de polvilho, chá, ximango, quentão e muita diversão. Sete casas, sete fogueiras! E no final o santo terço em homenagem ao santo do dia.

As primeiras letras aprendi em uma escolinha rural. Era de madeira, com apenas uma sala dividida para duas turmas. Dois quadros, carteiras duplas. A professora também se dividia em duas, para atender os alunos e preparar nossa merenda no fogão a lenha. Se bem me lembro, pelo menos uma vez por mês lavávamos a escola: água de poço, sabão de soda, vassoura e escovão. O assoalho de tábua bruta ficava branquinho!

Éramos tão felizes, mesmo não tendo todas as facilidades de hoje! Gostávamos da luz da lamparina, do sabor da água do pote, do aroma do ferro a brasa, do macio e delicioso chiado do colchão de palha. Mas tudo o tempo leva...

Quando meu padrinho faleceu, o sítio foi vendido. Tivemos que nos mudar para a cidade. As casas foram sendo demolidas, uma após outra. O café deu lugar à pastagem e hoje o destruído espaço da minha infância não lembra em nada o que já foi um dia. Neste ano, as últimas árvores do nosso pomar foram arrancadas. O sítio foi tomado pelo verde da plantação de cana.

Passsei toda a minha infância naquele sítio maravilhoso localizado aqui mesmo no município de Tamboara. Foi assim minha infância, vivida com simplicidade e amor, com minha família tão querida! Hoje tudo o que era alegria virou saudade, sinto falta das cores, aromas e sabores daquele lugar. Quando revivo esses momentos, meus olhos se enchem de lágrimas.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Vanicléia de Oliveira Souza Rebelo.)

Pela memória refaço a história

Aluna: Samilly Tereza Lucas Gaigher

Que calor! Raios anunciam a chuva que chega nervosa, lambendo a terra, varrendo o chão. O cheiro da poeira molhada goteja na alma e desperta as mais remotas lembranças. Na cozinha, o cheiro do bolinho que grita na gordura aguça o olfato e me leva de volta à infância...

Era noite, hora do terço ao redor da cama. Nossas cabeças se juntavam, os joelhos se dobravam para a reza. Incontáveis eram as contas do rosário que às vezes era reiniciado depois de um cascudo bem dado, caso alguém fizesse pouco-caso de um momento, para meus pais, tão sagrado.

Até os 6 anos morei em Nova Estrela. Por ser tão alto o lugar, assim foi nomeado. Não contávamos com muitos recursos, a energia demorou a chegar, o gerador tinha hora marcada para descansar, às 19 horas, e tudo virava um breu. Então, as lendas contadas na boca da noite vinham nos assombrar: saci-pererê, mula sem cabeça, lobisomem... Quantas noites sem banho e quem ousava ir ao quintal usar a fossa quando a necessidade incomodava? Os mais velhos diziam que nasceriam rabos em quem saísse da linha. Quando aprontava, nem dormia, ficava vigiando, com medo de o tal rabo nascer. A saída era segurar a vontade até o sol chegar, nos abraçando com seus raios luminosos, aquecendo nosso corpo, recarregando as energias e alimentando a criatividade para as brincadeiras.

Vivia cada dia intensamente e corria pelo terreiro da igreja, nosso segundo quintal. Até o dia em que a correria me cegou e bati contra uma cerca de arame farpado que marcou para sempre a memória e também a carne, com um profundo corte na boca.

Em nossa casa ficavam as professoras e com elas aprendia a juntar letras, ideias e sonhos. Meus pais viram a necessidade de nos trazer para mais perto da informação. Viemos morar na sede do município, no Morro da Caixa d'Água, mas que, na época, tamanha era a algazarra da molecada que ali se juntava, era apelidado de "Morro da Alegria".

Ah, ali éramos uma sã emoção! Chuva e sol eram nossos aliados. A poeira, nas descidas com carrinhos de rolimã, embaçava as vistas e ajudava a bloquear o sangue das unhas que se perdiam no percurso. A chuva lustrava o morro descalço que mais liso ficava para escorregarmos sobre folhas de pita... As mães soluçavam as roupas tantas vezes rasgadas que se desfiguravam em fiapos de pano.

Quanta felicidade! Criança inocente, a ponto de cortar os cabelos de minha primeira Susi, que as amigas, com despeito, me enganaram, fazendo-me acreditar que se eu cortasse eles nasceriam mais lindos... Quanto choro, acalentado pela minha primeira bicicleta Monark. Que sensação! Eu voava ao sabor do vento e do tempo que parecia infinito.

Mas a juventude ia chegando e em aura de glória, com sons eletrônicos e os *hi-fis* nas garagens. Lâmpadas se vestiam de papel celofane para dar um toque à nossa discoteca. Alguém sempre ficava de castigo no interruptor, acendendo e apagando o nosso jogo de luzes...

Os carnavais e Festas da Banana eram inesquecíveis. As paqueras aconteciam nessa mesma praça que hoje aí ainda está, todos com hora marcada para em casa chegar. E o medo dos pais nos fazia obedientes.

O difícil foi ignorar que em determinada idade chegavam as preocupações... Por necessidade e falta de opção, professora me tornei e, acredite, foi onde me encontrei. Lá se vão 47 anos de vida, 29 dedicados a essa profissão. Já fui muito feliz, mas vivo uma grande angústia: tentar ser mediadora na formação de opinião. Tento mostrar que o maior tesouro é a informação, pois ninguém nos rouba e nos diferencia dos demais. Não sei quanto tempo viverei para ver quantas sementes ainda germinarão, mas tenho feito a minha parte, e essa consciência acalenta meu coração.

O tempo, hoje, parece que passa mais depressa, me lava o corpo. Mas essas lembranças me removem a alma. O passado me toca como uma saudosa canção que, com alegria, divido com vocês. Se “toda memória tem uma história”, a minha contei com muita satisfação.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Vera Lúcia Bona.)



Saudade da simplicidade

Aluno: Jadson Barbosa Alves

O tempo passou, mas as recordações não saíram de minha memória. Recordações de uma infância simples, mas muito feliz, que passei naquele sítio com minha família, nas redondezas de Nova Andradina, no Mato Grosso do Sul.

Ainda na cama, ouvia o ranger do moinho de café que minha mãe moía todas as manhãs. Logo podia sentir aquele cheirinho delicioso de café feito na hora! Parecia que, trazido por aquele aroma inebriante do bom café, papai chegava da mangueira com o leite fresquinho tirado à mão e com suas galochas barulhentas, distribuindo um largo sorriso e dando-nos a bênção, sempre com um beijo carinhoso na testa.

Após essa harmonia que existia em casa todas as manhãs, saíamos correndo para o quintal, onde brincávamos com as crianças da vizinhança, com toda a liberdade, respirando o ar puro e fresquinho que vinha da mata ali próxima, ouvindo o canto de variados pássaros, que parecia uma suave sinfonia.

Naquela época só existia o rádio, que mais chiava do que se entendia alguma informação. Não tinha televisão, mas também falta não fazia. Brincávamos de variadas brincadeiras até mamãe gritar avisando que o almoço estava na mesa. Delicioso! Frango caipira com polenta, arroz e feijão que papai plantava e mamãe fazia com chouriço de porco criado no quintal. Todos os nossos alimentos eram tirados da terra que papai cuidava com esmero.

Ao entardecer, papai acendia o lampião, sentava conosco na soleira da porta e nos contava suas histórias da mocidade e por vezes até de assombração. Muitas vezes uma coruja piando no telhado fazia parte daquele cenário.

O tempo passou e deixou em minha lembrança aquela harmonia e a simplicidade em que vivíamos. Os amigos de infância? Estes se foram para as grandes cidades à procura de “uma vida melhor”, para onde eu também fui após ter estudado e me tornado adulta. Constituí uma família e meus filhos só conhecem o que a modernidade e a tecnologia lhes apresentam.

A televisão e o computador tomaram conta das brincadeiras de roda, do conversar, do contar histórias. Quase não existe mais aquela cumplicidade das famílias, que são a base de nossa vida. As crenças se foram com o tempo, e hoje mal se acredita em Deus, aquele para quem mamãe rezava conosco aos pés da cama todas as noites, pedindo nossa proteção.

Após muito tempo realizei o sonho de voltar àquela região para mostrar aos meus filhos o lugar em que passei toda a minha feliz infância.

O sítio que me traz tantas lembranças? Ainda está lá. A rodovia passa bem pertinho da porteira, as matas viraram pasto para o gado ou plantações de cana-de-açúcar, a casa não é mais de madeira, não tem mais a roça de onde meu pai tirava nosso sustento. Os pássaros também estão lá, mas seu canto não tem mais a mesma melodia, pois se confunde com o barulho dos carros.

O progresso chegou à cidade, deixando-a deslumbrante, com vários problemas de uma cidade grande, porém mantém aquele ar de interior, e pude perceber que ainda existe, sim, camaradagem entre as pessoas, existe, sim, cumplicidade naqueles rostos da linda Cidade Sorriso, onde vivem pessoas amigas e companheiras, pessoas estas que não se encontram em qualquer lugar.

(Texto baseado na entrevista feita com Márcia Rosati Barbosa Alves.)

Rio Grande

Aluna: Natália Silva de Jesus

Naquele tempo eu era menina e morava com os meus pais numa cidade do interior. A vida não foi fácil para nós. Olhava nos olhos de minha mãe e via o sofrimento. Recordo-me das noites longas e quentes de verão quando nos aninhávamos em seus braços para ouvir histórias de príncipes e princesas que viviam felizes. Mas que pena! No conto da minha fada, a vida reservara outro final.

Ah, aquele foi um tempo de muito sofrimento, que roubou parte da minha infância. Meu irmão ainda era bebê e eu ajudava minha mãe como podia nos cuidados com ele. Em meio a tudo isso, meu espaço de brincar era sagrado. Naquele tempo minha mãe fez para mim bonecas de pano, costuradas à mão – as sobras de pano velho construía minhas grandes companheiras. Fomos embora para a cidade. Que alegria meu coração pôde experimentar ao ver a nova casa com luz a motor e talvez escola pertinho para estudar. Tempos mais tarde a vida roubou de mim a companhia de minha mãe e de meu irmão. Minha mãezinha veio a falecer – acredito que foi de tristeza pelo abandono e pela vida sofrida. Meu irmão sumiu no mundo, nunca mais o vi.

Algum tempo depois na cidade grande, conheci um rapaz da linha férrea e não deu outra: “peguei barriga”. A gravidez foi acompanhada pelas panelas sujas de carvão que lavava nas casas de pessoas afortunadas. Os anos seguiram e fomos para uma cidadezinha de nome Itaetê. Meus olhos nem puderam acreditar no cenário feito pela natureza: um rio de águas cristalinas que me enfeitiçava por tanta beleza. Diziam que quando ele roncava uma pessoa morreria afogada. Mas que nada! O que me atraía eram as fateiras dona Dunga, dona Tetê e dona Baia, que nos recebiam com o cheiro do fato aferventando, a tripa assando na brasa, aguçando ainda mais a nossa fome.

O Rio Grande também nos oferecia o fascínio das histórias que as senhoras nos contavam da mãe d’água e do negrinho que costumavam aparecer na época das cheias para assustar e instigar a imaginação da cidadezinha. Dona Roxa vez ou outra lutava com o negrinho, que lhe derrubava a lata e a fazia correr.

O Paraguaçu acabou sendo para mim o meu recanto de paz e alegria. Nessa época a poluição não existia. Enquanto cuidava dos meus afazeres, aproveitava cada minuto para apreciar e conhecer aquele reino encantado da mãe natureza. Ali pude ver meu filho brincar com outras crianças e pela primeira vez voltei aos dias da minha infância, quando brincava sozinha. Meus olhos lavavam

de lágrimas. E cada instante era um deleite. Lembro-me ainda das vezes em que pude merendar as frutas que o Paraguaçu podia oferecer: jatobã, ingã, pajaú. As crianças apostavam corrida na correnteza da ilha e competiam para ver quem pulava mais alto do pau do urubu. A pedra do banheirinho era um troféu para quem nela conseguisse se equilibrar. “Galinha gorda, gorda. Assada ou cozida, quer vê-la onde...” era a cantiga de roda que embalava o banho de rio. Tudo isso até as 6 da tarde, quando os homens chegavam para tomar banho, pelados, e tínhamos que nos retirar.

Recordo-me das enchentes de novembro. Os sapos a cantar na lagoa de seu Domingos anunciavam que o campo ia encher. “Vamos pular da trave, driblar as cobras, os toros...” e a barrigudinha descia rio abaixo fazendo flutuar nossa imaginação. O banho de boia, então, agora ganhava força total. “Me dá uma voltinha! Tu não sabe boiar e...” As águas baixavam, era hora de pescar piaba: de anzol, de mosqueteiro, garrafa de farinha. O tucunarê, só seu Come Longe sabia.

Hoje, sujo, maltratado, totalmente poluído, meu coração se contrai de dor. O progresso sugou tudo: árvores, pedras, água... Vejo só destruição. Nem os acaris podem se esconder. E adiante o rio triste, pedras levadas para as grandes construções, e as águas concorrem com os dejetos lançados todos os dias pelos esgotos. A areia levada pelas construções, e a mata, barranco engolindo nossa esperança de reconstrução.

O Paraguaçu foi meu encanto por esta cidade, mas dizem que quem dele bebe água se encanta e não vai embora. E eu, até hoje, estou aqui para dizer que é verdade.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Zulmira Maria de Jesus.)



Uma lembrança

Aluna: Júlia da Silva Lima

Chamo-me Francisca. Vou contar agora para vocês a história desse pequeno lugar, Monte Alto, que conheci num momento difícil da minha vida, quando precisei deixar minha terra natal e buscar outro lugar, com mais oportunidade.

Naquele tempo estranhei muito. É tão perto da capital do Brasil, mas, ao mesmo tempo, parece congelada no passado. Tudo é tão pequeno: poucas ruas, poucos moradores. Quando cheguei, nem essa escola ainda existia. Água encanada então, vixe Maria!

Mas era tudo muito divertido, muito bonito. A gente ainda era menina, não tinha muita consciência dos problemas e das dificuldades da vida. Todo fim de semana a população ia para a cachoeira lavar roupa. Mas não era só trabalho. Lá era como se fosse esses lugares em que os jovens se reúnem hoje pra se divertir. Nós todos íamos, cada qual com uma enorme mala de roupa suja na cabeça. Todo mundo ajudava todo mundo: homem, mulher, menino, moça. Não tinha maldade. Era tudo pra terminar bem depressa e depois cair na água, até escurecer.

Eram dias incríveis. Quem olhasse de longe talvez pensasse: “Coitados daqueles adolescentes, trabalhando tanto!”, mas aquilo nunca foi trabalho. Pelo menos, pra nós. A vida tinha outro ritmo, outra cor.

Todo mundo se conhecia, as pessoas se visitavam, se ajudavam.

Lembro-me de uma amiga da minha mãe que caiu de cama, doença séria. Todas as vizinhas iam à casa dela diariamente. Cozinhavam, davam banho nas crianças, arrumavam a casa. E ninguém nunca pedia nenhum centavo como pagamento. Elas faziam aqueles trabalhos todos em nome da amizade. Aquilo, sim, era solidariedade.

Minha mãe assava bolos à tarde. Como me lembro do cheiro daqueles bolos! Era tradição. Aqueles cheiros e aqueles sabores invadindo as tardes quentes e preguiçosas, fazendo nossa alegria. Logo vinha o prato com alguns pedaços e a ordem de levá-lo a alguma amiga. Aquele prato, já era sabido, sempre voltava com alguma guloseima. Toda pessoa que recebesse uma cortesia daquelas tinha que devolver com outra. Isso não estava escrito em lugar nenhum, só na nossa consciência.

Como eu gostaria que vocês, meus filhos, pudessem ter vivido naquele tempo, quando os trabalhos domésticos eram uma diversão, quando os vizinhos se preocupavam uns com os outros e as tardes cheiravam a bolo de trigo.

Mas aqui ainda é um lugar encantador. A violência ainda não se instalou e à noite ainda vemos as estrelas no céu. Adoro sentir o vento no rosto, o cheiro de terra molhada quando caem as primeiras chuvas. Adoro achar cajuzinho, gabirola e sangue-de-cristo no Cerrado.

Monte Alto me abriu os braços quando cá cheguei e quero em seus braços descansar quando minha hora de partir chegar.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Francisca Moreira da Silva.)

Lembranças e cheiros, máquinas do tempo

Helen Cajueiro Fernandes

Sentada na varanda, vendo o céu estrelado, recordo-me da minha humilde infância. Como seria bom se as lembranças pudessem trazer o sabor das coisas! Devolvessem os melhores dias vividos até hoje! Permitssem sentir o perfume das flores dos jardins do meu tempo de menina!

Ah, o perfume tem o poder de nos levar a lugares tão distantes!... Reaviva nossa memória como se fosse uma poção mágica. Lembranças e cheiros, máquinas do tempo. Agora, sentindo o cheirinho gostoso da pipoca sendo estourada lá dentro de casa, lembro-me dos domingos na Praça da Bandeira em minha querida Itatiba. Aqui, como na maioria das cidades do mundo, o centro é marcado por uma igreja. Naquele tempo era a Igreja de Nossa Senhora do Belém. Não, o nome não mudou! Só mudou o título, agora é basílica.

Aos domingos, após a missa das nove, dedicada especialmente às crianças, íamos em fila dupla até um casarão ali próximo assistir a aulas de catecismo. Já havíamos feito a primeira comunhão, mas adorávamos a ideia de aprender mais sobre Jesus. Às tardes, vez ou outra, assistíamos a filmes e desenhos no salão paroquial. Tudo organizado por um padre revolucionário que sabia nos conquistar.

A praça foi um dos principais cenários de minha infância. Lá vivi muitas aventuras. Ainda posso recordar-me das idas e vindas do carrinho de pipoca do seu João, um velhinho muito simpático. Vivia sorrindo. Tinha sobre a cabeça um pequeno chapéu; sabe, desses que parecem bonê? Pois é, ele arrumava com muito cuidado aquele chapéu de forma que ficava sempre com a aba virada para o lado. Todos os finais de semana era a mesma coisa. A praça e seu João Pipoqueiro com o chapéu de lado.

Sei que em toda praça tem um pipoqueiro, mas igual ao seu João só mesmo aqui em minha cidade! Ele conseguia deixar a pipoca ainda mais deliciosa. Pegava um pouco do amendoim que vendia e salpicava os saquinhos de pipoca, dando a ela um sabor muito especial. Você pode imaginar aquele barulhinho da pipoca explodindo na boca e em seguida o sabor contrastante e marcante do amendoim torrado?! Acho que em nenhum lugar do mundo é possível encontrar

iguaria como essa. Cheiro e sabor de infância que não voltam mais. Ah, ele vendia também uma geleia caseira de sabor inigualável. Rosa ou amarela. Preferia sempre a amarela, pois era mais azedinha. Tão saborosa que só de pensar minha boca fica cheia de água.

No Largo da Matriz, como era chamada a praça, havia uma imensa figueira. Foi debaixo dessa majestosa árvore que vivi as melhores viagens ao mundo do “faz de conta”. Brincava de índio, fazendo cocar com as folhas caídas. Prendia cada uma delas com palitos de fósforo que encontrava no chão. Fazia, caprichosamente, os adornos de cabeça. Eles deviam ser perfeitos. Brinquei de passa anel, telefone sem fio, e ouvi muitas histórias maravilhosas inventadas e contadas por minhas amigas.

O tempo passou. Eu cresci, mas a praça continuou sendo o lugar preferido de meus passeios. Na época, os jovens se encontravam nesse espaço mágico e cheio de histórias. A Praça da Bandeira era o ponto de encontro para os rapazes e moças que queriam paquerar. Mas não era como hoje em dia, que todos ficam juntos. Os moços ficavam em grupo de um lado e as meninas, de outro. Como se fosse um balê cuidadosamente ensaiado, cada grupo andava em círculo em sentido contrário ao outro. Quando se encontravam aproveitavam para trocar olhares. Se algum rapaz ficasse interessado por uma moça, se aproximava dela e perguntava: “Posso falar com você?”. Então, se ela aceitasse, os dois conversavam sentados, ali mesmo nos bancos da praça, sob o olhar curioso e atento de todos.

Que saudades tenho daquele tempo! A igreja, a praça, as brincadeiras inocentes... O jardim em volta da praça continua lá, mas o jardineiro que o cultivou, seu Pelegrino, já foi cuidar de jardins lá no céu. A figueira já não existe mais e as paqueras são bem diferentes das de antigamente, mas a praça ainda é o ponto de encontro e de muitos acontecimentos importantes de minha cidade.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Creusa Segatto Cordery.)



Entre flores e borboletas, um sonho realizado

Aluna: Daiana Garske

Como uma borboleta voando entre brisas no céu e gotas refrescantes, lá estava eu, com um sorriso tão sincero e um olhar tão profundo em um rostinho inocente, correndo para tirar leite da vaca e ajudar o pai a tratar o gado.

Lembro-me de que ouvi uma voz doce que quebrou aquele silêncio: “Bernadete, Bernadete, venha cá ajudar sua irmã a fazer a lida”.

Era a minha amada mãezinha me chamando.

Tudo era sempre igual. Depois das tarefas cumpridas, lá estava eu correndo atrás das borboletas. Sim, das borboletas, no infindável jardim florido que embelezava a entrada da minha pequena casa de madeira, enfeitada com margaridas que pareciam sorrir à luz da lua.

Eu era considerada uma criança diferente, pois, enquanto minhas irmãs estavam brincando de bonecas, eu estava no jardim contemplando as borboletas. Falava com elas como se pudessem me ouvir, corria de flor em flor para seguir seu voo na fantástica polinização das flores. Esse ritual só era quebrado quando meu pai dava um dinheirinho para irmos, eu e minhas irmãs, a uma pequena vendinha, perto de casa, para comprar balas e tomar uma gasosa – refrigerante daquela época.

Fui crescendo e a cada novo amanhecer percebia o quanto eu amava tudo aquilo, o quão maravilhoso era viver em meio à natureza.

Toda manhã, bem cedinho, acordava com o aroma delicioso do café feito no fogão a lenha e com o cheiro irresistível do pão que saía do forno em brasa; trocava de roupa e ia feliz da vida para a minha escola, que ficava bem pertinho de casa.

Eu era uma líder no colégio, dessas que decidiam tudo: o que fazer, aonde ir e do que brincar, e, como morávamos no interior, tudo o que fazíamos era desbravar os campos abertos entre as poucas casas que existiam em Linha Santa Cruz, naquela época.

Lembro-me, como se fosse hoje, da imagem de um pequeno grupo de jovens sonhadores que transformavam árvores, pedras e um pequeno riacho em um universo mágico, cuja passagem era a boa e fértil imaginação. Os criadores desse lugar, tão puro e maravilhoso, foram apenas eu e meus amigos.

Quando comecei o ginásio, tinha que esperar o ônibus a quilômetros de distância, onde, atualmente, se encontra o trevo do Fritz e Frida. A caminhada era longa e difícil, vivia a tropeçar nas pedras que encontrava no caminho, mas nenhum desses obstáculos era comparado ao tamanho dos meus sonhos. Eu sempre imaginava que essa era a caminhada da vida, as pedras eram conhecimentos que a cada tropeço eu obtia e a porta do ônibus, a passagem que se abria para o meu futuro.

A minha adolescência passou como um piscar de olhos e, nessa nova fase da vida, ouvia muito meu pai dizendo: “Filha, estuda para ser uma professora”, pois, naquela época, era considerada uma profissão de grande valor. Com todo esse incentivo, passei, então, a sentir uma vontade imensa de seguir essa profissão.

Com o passar dos anos, nessa jornada pela vida, me formei professora de ciências e matemática e, se bem me lembro, também nessa época, conheci um belo rapaz. Éramos apenas dois jovens apaixonados seguindo o romance de Romeu e Julieta como modelo de nossa eterna vida amorosa.

O tempo passou, eu já não era mais aquela garotinha serelepe que corria atrás das borboletas, mas um significativo tanto dessa minha admiração pelo belo e natural continuava a fazer parte de mim.

Em 1988 casei com o meu “Romeu”, o Daniel, aquele rapaz que fazia parte de meus sonhos de menina, e passei, também nessa época, a lecionar na mesma escola que havia estudado no primário.

Hoje, com 55 anos muito bem vividos, entre muitas metamorfoses, continuo ensinando para meus alunos as várias lições que aprendi com a vida e, talvez, por acaso do destino, passei a reviver os meus sonhos de menina. Tive, entre flores e borboletas, um sonho realizado! Acabo de adquirir meu próprio jardim florido... Uma floricultura! Sinto-me feliz e realizada e minha única certeza é que continuarei plantando flores pelo caminho, para que não me falem as borboletas, pois foram elas, na minha inocência de criança, que me inspiraram e me fizeram ser diferente, mas especial.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Bernadete Muller de Bairros.)

Professora: Patrícia Ramos Figueiró

Escola: E. E. F. Professor Affonso Pedro Rabuske – Santa Cruz do Sul (RS)

Taboquinha: moradia da felicidade

Aluna: Aline Soares Vieira

Na minha infância era tudo tão bom! Quantas lembranças me invadem nesse momento! Eu acordava bem cedo todos os dias, enquanto meus irmãos ainda dormiam. Adorava escutar o cantar do galo carijó, soando alto no terreiro afora, despertando a vizinhança para recomeçar um novo dia.

Naquela época, estudo era difícil. Nem eu nem meus irmãos estudamos, pois papai e mamãe não tinham condições de nos colocar na escola; além disso, era tudo muito longe. O ofício então era a lida no campo. Íamos para roça com papai aprender a ganhar dinheiro com o próprio suor. Minhas duas irmãs caçulas ficavam em casa, aprendendo a remendar nossas calças velhas e camisões rasgados.

O sol do meio-dia nos acompanhava até a velha casinha de adobo, famintos e cansados. Mamãe sempre já estava com o almoço na mesa numa gamela bem grande. O cheirinho do arroz me tomava, aumentando mais a minha fome. Arroz, feijão e ovos mexidos... Humm!!! Eu não trocava nenhuma outra comida pela comida quentinha do fogão a lenha que mamãe fazia.

Depois do almoço, descansávamos à sombra da velha mangueira. Era um ar tão puro, um vento fresco, que dava vontade de ficar mais um pouquinho ali sentado no toquinho torneado feito de aroeira. Mas havia hora de voltar para a lavoura. Saíamos em fileira, sem se esquecer de levar na algibeira um copinho mochelado de alumínio e uma moringa com água para refrescar a nossa tarde.

Os dias de antigamente pareciam durar mais. Voltávamos antes do pôr do sol e ainda sobrava tempo para brincar. Minhas irmãs brincavam de bonecas feitas com sabugo de milho e nós, meninos, com carrinhos de lata de óleo e rodinhas de tampo de precata velha. Tudo feito por nós. Brincávamos com inocência enquanto víamos papai dobrando o fumo no viradouro e mamãe escolhendo feijão. Mesmo com muito trabalho, era muito bom ser criança naquele tempo...

Quando a noite principiava, a família toda se reunia na varanda em frente de casa, onde eu e meus irmãos ouvíamos histórias e proseávamos “causos” de todos os tipos. A imensidão do olhar da lua nos observava noite adentro...

Coisa boa eram as festas da Igreja. Quando mamãe dizia que não podíamos ir, meus olhos ficavam marejados de tristeza; papai intercedia e ela amolecia. Então não perdíamos a novena e o hastear da bandeira. Roupas de domingo, pés descalços para não sujar o sapato de festa. Caminhávamos léguas para chegar, cantarolando modas sertanejas. Papai ia à frente, tocando a sanfona com um sorriso grande no rosto, animando a moçada. Todas as famílias da comunidade compareciam.

As pessoas daqui de Taboquinha sempre foram simples, humildes, e não são como esses da cidade, de nariz arrebitado e orelha em pé. Nós podíamos contar uns com os outros, sem discórdia. Havia princípios, éramos criados com valores passados de pai para filho.

Hoje sei que aqueles tempos não voltam mais. É só saudade e lembrança... Mas de uma coisa tenho certeza: seja como for, não desanimo com os obstáculos da vida. Sou caipira, sou humilde e tenho orgulho do que sou.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Adão Palino Soares.)



O mundo encantado do engenho

Aluna: Isabela Kethyes Bezerra Bessa

Sentado aqui no alpendre da casa-grande, olhando em volta desse mundo silencioso em que hoje vivo, me lembro de cada momento que passei neste lugar. O rodopiar dos ventos no canavial, o cheiro da cana verde misturado ao ar puro das águas cristalinas do açude, o barulho dos animais, as vozes dos trabalhadores... Tudo isso está guardado na minha memória.

Era época de fartura, o engenho acolhia de braços abertos todos os que ali iam chegando. Meu pai, homem forte, comandava com ousadia e ao mesmo tempo com humildade os trabalhadores que rudemente transformavam com habilidade a cana em rapadura.

Dentro e fora do engenho ouvia-se o *lepe-lepe* das palhetas, mexendo o tacho fervente de mel. A moenda subia e descia com um ranger musical, esmagando a cana e soltando uma garapa esverdeada. Jumentos iam e vinham, trazendo nos lombos cangalhas cheias de cana, cujas folhas se arrastavam pelo chão e pareciam cantar uma canção, alegrando nossos ouvidos.

O cheiro vindo da gamela da rapadura, ora com mistura de cravo e erva-doce, ora de coco, fazia com que aguçasse o paladar de quem passava. As mulheres esparramavam o mel na pedra para começar o puxa-puxa do alfenim, seus corpos moviam-se sem parar, pareciam bailarinas ou... borboletas.

O almoço dos trabalhadores era feito na casa-grande e logo de manhã cedo os jumentos encostavam-se ao engenho, trazendo em caçuás as enormes panelas cheias de comida, geralmente a carne dos porcos que eram criados na fazenda. Enquanto alguns mexiam os tachos, outros sentavam no chão para pegar o de comer.

À tardinha esfriavam os corpos para irem banhar-se no açude. De longe ouviam-se os gritos das maritacas misturados à algazarra dos trabalhadores, que pareciam crianças brincando de pega-pega. Ceavam na casa-grande... E vinham chegando, no corpo traziam o cheiro gostoso do sabonete Alma de Flores, considerado um luxo naquela época, cabelos limpos, cheios de brilhantina, que espelhavam de longe. Depois da ceia, sentavam em redes ou tamboretas, iluminados pelo clarão da lamparina, e contavam histórias reais ou de trancoso. O café era servido, e o canivete, retirado da cintura, para cortar o fumo de rolo com o qual faziam um cigarro grosso, enrolado com palha de milho seco que pegavam na tolda, o isqueiro de metal a querosene

rodava de mão em mão para acender os cigarros. Alguns resolviam ir namorar, mesmo que o pai da moça ficasse no meio dos dois.

Naquele tempo tudo era diferente, as pessoas eram mais amigas umas das outras e viviam mais felizes.

Hoje, o engenho está de pé, bem conservado, as pessoas sempre vêm para tirar retratos e ouvir histórias de como funcionava tudo aquilo, mas nunca vão entender como funcionava o coração, a amizade de cada pessoa que ali vivia, pois essa máquina de tirar retrato jamais vai retratar as lembranças, as saudades e a história real do mundo encantado do engenho.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor José Enias Bessa.)

Glossário

Cangalha – armação feita de madeira, colocada em animais, para carregar coisas, objetos.

Caçuás – espécie de bolsa de couro, colocada no jumento, para levar objetos.

Brilhantina – espécie de gel perfumado que os homens usavam nos cabelos nas décadas passadas.

Tolda – terreno adubado para plantar milho.



Nas aventuras de menino, descobri a beleza da vida

Aluna: Caroline de Sene de Vargas

Em julho de 1966, meus pais, meu irmão e minhas três irmãs mudaram-se de Bento Gonçalves para Caxias do Sul. Minha mãe encontrava-se no extremo término da gravidez, e o fruto dessa gestação fui eu, nascido nessa terra de fartura, que já foi Campo dos Bugres e, posteriormente, Pêrola das Colônias.

Cresci no bairro São José. Tenho doces lembranças da época: eucaliptos por toda parte, o mato tomava conta de tudo, poucas casas, não havia prédios. Aconchegante silêncio e calma me fazem lembrar conversas com Deus. Em minha memória, o cheiro de terra molhada nas intensas chuvas de verão.

Que boa e plena era a vida! Com os amigos brincava em terrenos baldios onde hoje é área industrial. Confeccionávamos todos os materiais para brincadeiras: armávamos cabanas, fazíamos arco e flecha e varas de pescar. As brincadeiras de antigamente diferem demasiado das de hoje em dia. Aproveitávamos cada segundo da infância. Todos eram amigos, não havia brigas desmotivadas. Companheirismo acima de raça ou classes sociais.

Até hoje me recordo de uma sacanagem que fazíamos com um vizinho. Ele possuía um grande aquário de meio metro de altura, e este guardava boa quantidade de peixes avermelhados de médio porte. É certo que havia um muro separando-o da minha casa, mas... o que é um muro para uma criança? Quando não era possível ir ao riacho do qual não me recordo o nome, mas jamais me esquecerei dos momentos que lá passei, eu e meus comparsas colocávamos a isca no anzol e passávamos a linha de pesca por cima do muro, pegando assim os peixes do vizinho. O resultado dessa façanha era degustado sem culpa, e preparado por nós mesmos. A suspeita pelo misterioso sumiço dos peixes por muito tempo incidiu sobre os habitantes felinos do bairro e só foi revelada a verdade diante da ameaça de extermínio dos gatos. O vizinho conosco ralhou, mas também riu-se de nossa criatividade.

Lembro-me de que o bairro era simbolicamente dividido entre São José e Garbin; aquele mesmo riacho os separava e uma frágil ponte de cordas os ligava. Havia uma rivalidade histórica entre os meninos dos referidos bairros. A lei era simples, parágrafo único: proibido adentrar em território alheio. Caso a norma fosse descumprida, o invasor seria expulso à base de estilingue, que, na época, chamávamos de funda. Certa vez, eu e meus colegas, que formavam o grupo São José, invadimos o território Garbin. Tínhamos fundas à mão, mas fomos surpreendidos em área isenta de pedras; estávamos armados, entretanto sem munição... Lembrei-me, então, de Piloto, um cão que viera de Farroupilha com meu irmão e desde que chegara tomei-o como meu e treinei-o muito bem com assovios. Um assovio específico para

vir até mim e outro para atacar. Desanimei ao lembrar a distância que me separava do cachorro: cerca de trezentos metros. Não custava tentar; aliás, não tinha outra ideia. Assoviei com muito ar nos pulmões, chamando-o. Para nossa surpresa e sorte, Piloto atendeu ao chamado. Realizei, então, o assovio de ataque, ao qual prontamente atendeu, expulsando os rivais e consagrando-se herói entre a gurizada. Ah, esse cão foi deveras importante em minha infância – por que não dizer em minha vida? Lembro-me bem: porte médio, pelo amarelado e impressionante vitalidade ao correr em meio à capoeira dos campos. Imensurável minha tristeza quando voltei da escola, chamei-o e ele não respondeu aos meus insistentes assovios. Meu irmão contou-me história pouco convincente sobre o desaparecimento de Piloto. Eu, um inocente garoto sem poder de escolha, aceitei.

Anos se passaram e meu pai faleceu, eu tinha 14 anos. Foi um duro golpe, que demorei a superar. Mesmo não havendo muita demonstração de afeto na relação, eu o amava infinita e incondicionalmente. Os casais tinham muitos filhos, e o incessante trabalho pelo pão de cada dia sufocava certos atos. Mas sim! Mesmo oculto, ali estava o amor.

Nesses tempos, fui levado por meu irmão a trabalhar na Pedreira Itabrita. Paredões rochosos ofuscavam a linha do horizonte. Estava a carregar pedras num velho carrinho de mão quando avistei ao longe, sobre uma rocha, um ponto amarelo que se movia. Logo me lembrei de Piloto. Mais do que lembrei, senti. Não podia ser... ou podia? Assoviei. O vulto parou e postou-se, parecendo erguer as orelhas e aguçar a audição. Meu coração acelerou, o sangue ferveu. Assoviei novamente, o mais audível que pude. Em instantes, Piloto chegou, ofegante; o destino o trouxera para mim novamente. Meu irmão vendera Piloto ao dono da pedreira, o cão não mais me pertencia. Perdoar faz parte; esquecer, nem sempre.

Saudade dos velhos tempos! Ainda me deixo levar pelo sussurro da criança que habita em mim, lembrando-me de apreciar a vida, não apressá-la; degustá-la como o mais saboroso biscoito de mel, elegendo cada dia como o mais perfeito. Hoje, homem maduro, possuo dois filhos, sou realizado em meu casamento e como pequeno empresário. Mantenho raízes no bairro em que nasci e fui criado, procurando proporcionar a meus filhos aventuras tão magníficas quanto as que tive. Já não há mais terrenos baldios, eucaliptos ou o célebre riacho. Podem faltar muitas coisas; contudo, não me faltam doces memórias...

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Roberto Carlos de Rossi.)

Professora: Marlise Bettiol Girardi

Escola: E. M. E. F. Padre Antônio Vieira – Caxias do Sul (RS)

Cupins só devoram molduras

Aluna: Milene do Rosário

Mais uma vez estou me lembrando da minha doce infância. Morávamos em Rio Negro, um lugar pequeno do Paraná, cheio de mata onde brincávamos de subir nas árvores para ver quem primeiro alcançava o céu.

Naquela época, vizinhos eram tidos como da família; assim, era comum o pixerum – mutirão no qual vizinhos e amigos se reuniam para fazer a colheita ou um trabalho mais difícil. Para nós, crianças, que corríamos soltos, descalços, tudo era festa, ainda que no final do dia bolhas nascessem na planta dos pés como pequenos balões no céu em dia de procissão.

A comida no pixerum ficava por conta do anfitrião, e que comida! O sabor agridoce fez morada eterna no meu coração. Como todo bom bucovino, a mesa era farta: chucrute – salada de repolho azedo – marejava os olhos dos mais gulosos; *haluschki* – arroz misturado com linguiça e “toicinho”, enroladinho em folhas de repolho; e o que dizer da galinha assada acompanhada de alface temperada com açúcar?

Sobrando um cantinho na boca do estômago, e sempre sobrava, era possível ainda acomodar o pirogue – pastel de requeijão coberto com um molho vermelho, que escorria pelo canto da boca como um riozinho recém-nascido nos dias de aguaceiro...

Maravilhosas também eram as visitas à casa dos avós. Nosso “carro” era uma carroça. Como a mais velha, tinha que abrir a porteira para destrancá-la, mesmo porque não havia controle, bastava tirar a argolinha feita de arame farpado, com muito jeitinho, pois na pressa podia deixar um fiapo de pele ou de tecido pendurado nela.

E lá estava a casa, telhado muito alto de duas águas, janelas no sótão, varanda na frente sustentada por vigas de madeira, onde as mulheres da família trocavam receitas para alimentar o corpo e a alma enquanto os maridos, iam jogar truco.

As crianças tinham total liberdade, comiam frutos direto do pé, pegavam passarinho com arapuca tirando do cativeteiro apenas “o passarinho do natal” – o sabiã. Banhavam-se no rio Passa Três, que murmurava feliz atrás da casa, um amigo leal, sem que isso fosse perigoso (hoje, coitado, corre sozinho, levando poluição, abandono), e dar as caras só à tardinha, quando o cheirinho do café e do cuque de banana fosse mais forte do que a vontade de continuar brincando.

Guardadas estão as lembranças dos arrasta-pés. O paiol da vovó se transformava num grande salão, o cheiro do querosene dos lampiões misturava-se com suor, partilha e família, terra batida sendo socada por pés ligeiros no ritmo compassado da gaita e da rabeca – uma espécie de violino. Ninguém ficava sem par, comadre dançava com comadre, nós arriscávamos um pra lá e outro pra cá, preocupados não por acertar o compasso, mas para escapar do pisão no pé ou da cotovelada na cabeça. Ríamos tanto, que acabávamos tontos num canto.

Os mais novos ficavam dentro de balaios, embaixo das mesas compridas, embalados pelo *fom-fom* da sanfona... Se nos fosse dado ler seus sonhos, tenho certeza de que bailavam com os anjos protegidos por São Miguel Arcanjo.

O sanfoneiro rasgava a sanfona, fazendo-a gemer, encerrando o baile. Na volta para casa íamos nos acomodando com os solavancos da carroça, seguindo a estradinha de chão iluminada pelo brilho das estrelas, que eram tantas, tornando-se impossível aos olhos humanos contá-las; a mim, então, pareciam um colar de brilhantes tentando circundar o pescoço da lua cada vez mais cheia.

Recordo-me de quando íamos todos juntos à missa. Usávamos nosso melhor traje, a “domingueira”. Nem o tempo desbotou nos meus ouvidos, o som do sino badalando fortemente, encerrando a missa das 10 horas.

Agora só eu e minhas outras duas irmãs vamos à missa, ninguém mais se encontra em canto algum. Todo dia contemplo o retrato da família em pose oficial, feito pelas velhas câmeras do Foto Witt, hoje Foto Luz. Na mesma Rua XV de Novembro de antigamente, só que mais moderna e bonita. Preciso ir lá qualquer dia, trocar a moldura, já que os cupins insistem em devorá-la; então, rio, como quando era criança, do pensamento que me vem: ainda bem que com toda essa modernidade não inventaram cupins para devorar as memórias... Que saudades da infância! Queria vivê-la mais uma vez!

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Rosa Tauscheck.)



Cheiro de lima

Aluna: Thabata Janila Fidellis de Moraes

Sentada ao pé da porta de casa, observo a rua de terra vermelha, sinto o vento em meu rosto e o vejo soprando suavemente as folhas dos poucos pés de lima que restaram, a música do sussurrar das folhas ao encostar umas nas outras embalam minhas lembranças.

Minha mente voa e retorna ao passado, recordando valiosíssimas lembranças... Antigamente estes pés de limas juntavam-se a centenas de outros que se estendiam até além do que meus olhos eram capazes de ver.

Em meio a esse mar verde carregado de frutos vivi minha infância. Sou de origem humilde e trabalhadora. Minha família era muito pobre e tradicional, sertaneja, como aquelas retratadas por Almeida Júnior, casa de barro, algumas galinhas no quintal e um violão para espantar a solidão. A solidão sendo quebrada pela proximidade do horário de aula que rasga a madrugada como raios de sol. Ah, a escola, tão valiosa! Tinha sede pelo saber, meu lápis e caderno pequeno de brochura eram meus tesouros. Ah, que saudade da querida professora Rita... Mas eram tempos difíceis e não pude continuar os estudos. Fiz até a quarta série porque meu amado pai ajudou a convencer mamãe que seria muito importante para mim. Ela dizia que escola não era necessária, meu lugar era em casa, cuidando dos irmãos mais novos e de todo o resto.

Lembro-me dela, autoritária, ditando regras, exigindo de mim, com 7 anos, responsabilidade por todos os afazeres domésticos. Meus pais trabalhavam na lavoura, cabia a mim, todas as manhãs, pegar água na mina, cozinhar e lavar para todos. Sempre ouvia que precisava cozinhar bem, para assim poder arrumar um bom marido e constituir família...

Fecho os olhos e o cheiro de terra misturado ao de lima faz meus lábios se esticarem esboçando um doce sorriso. Vêm à memória as corridas pelas plantações de cebola, a brincadeira de esconder atrás dos pés de lima – eu e meus amigos ficávamos fatigados e sedentos. Sentávamos na sua sombra, colhíamos seus frutos suculentos, e seu caldo levemente adocicado a escorrer lentamente pelo queixo da criança era a água abençoada.

Às vezes reclamava da vida. Hoje percebo que as dificuldades e os calos deixados pelo árduo trabalho interiorizaram em mim valores e formaram minha identidade. Tantos anos se passaram e o cheiro da terra, da fruta, o frescor e a jovialidade que tenho guardado dentro da minha alma enfeitam, embelezam, reavivam esse pequeno bairro de Piedade, interior de São Paulo, chamado Limal.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Sílvia Ivone Rodrigues.)

Professora: Luciana Vieira Pinto

Escola: E. E. Professora Theodora de Camargo Ayres – Piedade (SP)

As verdes bailarinas

Aluna: Marcella Correa de Almeida Cooper

Vivi uma infância muito feliz, pois aproveitei em Quissamã, lugar onde vivo até hoje, cada instante como se fosse único. Morava perto dos canaviais e, ao olhá-los, via as canas bailando sob um lençol verde bem esticadinho.

Era dentro dos canaviais que eu, parecendo um mosquitinho de tão pequenina, brincava sentindo o cheiro adocicado de melado. Que sensação maravilhosa! As canas eram tão doces e suculentas que não dava para resistir. Lá eu ficava tão encantada que não via o tempo passar e, logo, anoitecia. Dava para ver o céu bordado de estrelas brilhantes, cintilantes... Nossa! Aquilo era um sonho para mim!

As canas eram as minhas amigas e confidentes, mas elas também desabafavam para mim seus temores das queimadas. Naquele momento, sentia-me muito triste e de coração partido. Eu era apenas uma criança, o que poderia fazer para ajudá-las? Pedia ajuda às nuvens, que mais pareciam algodão-doce de tão fofinhas, na intenção de que elas fizessem chover durante as queimadas e, assim, apagasse o fogaréu. Mas nem sempre elas podiam ajudar. Fazer o quê? A vida aqui era cheia de altos e baixos!

As canas tinham a época da colheita, a qual eu não podia impedir. Apenas olhava os boias-frias incendiarem os canaviais e sentia que parte de mim se definhava em meio à fumaça. As nuvens, que antes eram alegres e límpidas, diante daquele vapor e daquela escuridão, compartilhavam da minha tristeza e amargura.

Então era assim: vivia dias sem a companhia das canas e outros, encantadores com elas, os quais até hoje tenho em minha memória e que tempo nenhum os apagará. Guardo-os como meus tesouros. Valeria a pena reviver toda a infância novamente em minha cidadezinha, pois, quando as canas cresciam depois da colheita, era uma paisagem esplendorosa!

Minhas amigas eram como um bálsamo para a rotina do meu pequeno mundo. Afinal, era com as verdes bailarinas que eu cantava e dançava cantigas de roda. Dava gosto viver nesse meu recanto contemplando as maravilhas que a natureza me proporcionava. Não tem como não ter saudades!

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Márcia Firmino Peroba.)



Lembranças de um pioneiro

Aluno: Emerson dos Santos Rodrigues

Lembranças do passado! Quantas afluídas e quantas levemente escondidas! Hoje, essas ruas anêmicas de poeira conduzem-me ao tempo que só resta no baú da minha memória. Na estação seca, um imenso deserto... era o que parecia essa cidade com as poucas ruas existentes, com o seu chão amarelo, casas rústicas, distantes umas das outras e construídas de madeira bruta e tetos de tabuinhas de castanheiras.

Lembro-me de que na estação verde, porém, isso aqui parecia um pantanal. Os carros do Incra viviam atolados no arruado onde hoje é a Rodoviária dos Colonos. Naquele tempo, um arruado; hoje Avenida Padre Adolpho Rohl. Avenida que guarda muitas histórias que alimentaram o nosso dia a dia num passado nem tão distante.

Quando aqui cheguei, em 1978, eu tinha muita riqueza: uma esposa e oito filhos. Sem rumo e sem dinheiro. Eu me lembro claramente da casinha onde vivíamos como sardinha enlatada. O chão de terra vermelha, as paredes de madeira de terceira, o fogãozinho a lenha num dos cantos da cozinha, com seu cheiro inconfundível, avisava a hora do café.

Todos os dias, assim que o sol escondia os seus raios, um manto negro cobria aquele lugar. As lamparinas e vagalumes eram as únicas luzes que víamos ali. Aliás, as únicas, não; o céu iluminava o vilarejo com seu manto prateado.

Naquele tempo, eu era roceiro. Bem cedinho, antes de o sol acordar, eu e meus filhos mais velhos já estávamos na estrada, com algumas tralhas nas costas, em direção à mata, onde passávamos a semana inteira brocando mato para conseguir, com muita dificuldade, o pão de cada dia, enquanto o restante da família aguardava-nos no vilarejo.

Que saudades! O cheiro do mato, a melodia dos pássaros, as lorotas dos companheiros Baratela, Teixeira e tantos outros amigos que alimentavam as minhas esperanças. Hoje, o destino colocou-me solitário com apenas um filho, pois Deus levou minha esposa e três filhos para morar junto com ele, e meus outros filhos moram distante. Mas eu vivi uma época em que o calor familiar era muito forte. Depois de passar a semana inteira queimando lata, quando voltávamos para casa éramos acolhidos pelo cheirinho de comida caseira que alvoroçava minha vontade de comer. Na segunda-feira, tudo outra vez... O cheiro do café colocava-me de pé, anunciando que mais uma semana árdua ia começar.

Naquele tempo, eu pensava: será que esse vilarejo um dia vai crescer? Hoje vejo o progresso e até sinto calafrio ao escavar na minha memória as dificuldades que aqui enfrentei. Mas, apesar das lutas, não quero esquecer aqueles momentos felizes no “lugarzinho no meio do nada”, onde sonhávamos trabalhar e conquistar uma vida melhor.

Lembro-me ainda de que, quando aqui chegamos, vivemos no escuro por muito tempo, até que um dia uma luz brilhou no fim do túnel: meus filhos garimpavam uma pedra e, com a venda, instalaram energia dos motores da CERON em casa. Foi uma grande festa! Aos poucos começamos a usufruir daquela novidade que tanto almejávamos. Só que a nossa alegria pouco durou: os motores ora funcionavam, ora não. E o escuro não era mais a única coisa que nos afligia, mas também a insegurança ao obter prejuízos com a falta de energia.

Eu me lembro de que o governador do Estado nos surpreendeu ao dizer que ia “montar” uma subestação de energia no vilarejo. Enchemo-nos de esperanças! Atônito, sem acreditar, soube que o prefeito da época não dispunha de um lugar para a subestação. Foram tantos lamentos! Assistimos com o coração partido à transferência da subestação para um município vizinho. Houve muitas revoltas! Só muito mais tarde, vivendo num outro período, finalmente a energia das Hidrelétricas Samuel chegou àquele lugar e a população festejou!

As lembranças são muitas, mas, hoje, algumas estão misteriosamente sufocadas pelo barulho da motosserra derrubando as árvores em nome do progresso... sufocadas pela poluição dos rios, pelas construções das casas, das escolas, dos hospitais, e pelo tapete preto no chão... Parte da minha história se foi juntamente com o impacto socioambiental, mas continua aqui escondidinha no peito, refazendo aqueles momentos mágicos de sensação de carta de alforria ao vir morar aqui, no eixo central de Rondônia, na nossa pequena cidade de Jaru.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Josué Rodrigues Braga.)

Na Rua Portugal

Aluna: Débora da Silva Gomes

Não foi difícil fazer com que meu pai, Manoel Gomes, homem simples e humilde, falasse da sua infância, e que infância!

“Morávamos na Rua Portugal. Família humilde, sem muitas condições. Na frente da casa tinha uns banquinhos feitos de madeira, onde os meninos brincavam e se juntavam para conversar, mas eu não podia ficar lá, pois trabalhava demais. Minha infância não foi fácil, meus únicos brinquedos eram um pião velho e umas bolinhas de gude, que ficavam lá no cantinho da sala, perto da mesinha de madeira. Eu nunca tive o direito de escolher entre trabalhar e ir à escola, pois meu pai me obrigava a trabalhar no roçado. Diferentemente do que acontece hoje, naquele tempo as crianças trabalhavam e só iam à escola quando o pai deixava, a prioridade era o trabalho, pois ajudava no sustento da família. Recordo-me de que uma vez meu pai me disse que, se não trabalhasse, não comia. Quando eu chegava do trabalho, meu único divertimento era o rádio, que ficava ligado até bater o sono. E, quando o sono chegava, não era uma confortável cama que me esperava, mas sim uma rede.

Em nossa humilde casa não tinha cama, sofá... televisão, nem pensar. Apenas uns tamboretos pela sala e o meu rádio, que nem botão para ligar tinha mais. As mulheres da família também trabalhavam, umas na feira e outras no roçado, nos ajudando. As que trabalhavam na feira vendiam roupas e lençóis, e as outras ficavam colhendo os legumes e verduras. No roçado, calejava meus dedos de 4 horas da manhã até 5 da tarde, plantando, colhendo e carregando sacos e mais sacos de feijão e milho pesados. Quando era meio-dia íamos almoçar, comida simples: feijão, farinha e carne-seca assada na brasa, porque não tínhamos fogão a gás, mas era feita com muito carinho pela minha mãe. Guardo até hoje o gosto daquela comida em minha memória. Ninguém faz igual! Depois do almoço, nada de descanso, tínhamos que colocar de molho o milho que trazíamos do roçado e voltar para a roça. No meio da tarde, minha mãe me colocava em cima de um tamborete para que eu ficasse mais alto e assim pudesse alcançar o moinho que era muito pesado e eu mal conseguia segurar. Enquanto eu ajudava minha mãe a fazer o cuscuz, meu pai cuspi no chão para ver se meu irmão chegava da bodega antes de a saliva secar, e se isso não acontecesse... Ah, coitadinho! Eita vida sofrida, meu Deus! Ainda bem que Deus havia colocado um anjo em minha vida, que era minha mãe Marina, para aliviar meu sofrimento.

Lembro-me como se fosse hoje de quando ficava flertando uma menina que morava perto da minha casa. Para mim era Branquinha, nem sabia o nome dela, ou tinha coragem de me aproximar. Certo dia, tomei coragem e fui falar com o pai dela para namorá-la. Até hoje não me esqueço dos olhos azuis arregalados dela, surpresos com a minha coragem, e dizendo com voz forte e severa que poderia ir, mas iria ficar com o candeeiro bem aceso. Se não tinha sorte com meu pai, com o sogro não foi diferente, ele era ignorante e perverso, não tinha o menor carinho pela filha, nem por mim, ficava na janela olhando para nós o tempo todo, quando não ficava no meio dos dois.

Apesar dessa vida tão sofrida, tinha minha querida mãe para me defender do meu terrível pai. Triste para mim foi o dia que ela morreu, corri de um lado para outro sem saber o que fazer. Meu mundo tinha acabado, meu coração transbordava de dor, pois sabia que meus dias seriam ainda piores. Meu pai disfarçava sua tristeza. Passaram-se alguns anos da sua morte e o sofrimento só aumentava, mas pelo menos eu já tinha o amor da minha Branquinha, e apesar de todos os atropelos, racismo e discriminação conseguimos nos casar e conservamos essa sofrida, mas bonita história de amor. Casamos, tivemos filhos e vivemos felizes.

Hoje posso sentar em frente à minha casa, na Rua Portugal. O vento sopra leve em meu rosto, lembro-me da minha infância, e o sofrimento não abandona a minha memória, meus olhos ficam marejados.”

As lágrimas correm de saudade naquele rosto sofrido e marcado pela ação do tempo, e eu não sei quando chorei mais, se ao ouvir a sua história ou se ao escrever o meu texto.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Manoel Gomes.)



A roseira mágica

Aluna: Nádia Siqueira

Morávamos em uma pequena casa de madeira eu, meu marido e meus dois filhos menores. Minha casa era humilde: o chão, feito de assoalho de madeira bruta que meu marido mesmo tinha posto; as janelas, simples e sem vidros.

Havíamos conquistado nosso pedaço de chão através de uma ocupação do MST – Movimento dos Trabalhadores sem Terra –, grupo ao qual pertencíamos. A luta por um “palmo de terra” nos trazia a esperança de viver com mais dignidade através da agricultura, no interior do município de Vargem Bonita, em Santa Catarina.

Tempos difíceis! O trabalho era árduo! As necessidades, muitas! Derrubamos árvores, fizemos roçadas – corte de arbustos a foice e desbaste do terreno –, preparamos o solo para as plantações de milho, feijão, batatinha...

Lembro-me de que em volta da minha casa só se via mato e mais nada. Um mar verde! Não tinha estradas; eletricidade, nem pensar, e muito menos automóveis. Lembro-me também de que, além do trabalho na roça, eu fazia muitas atividades próprias de uma dona de casa que eram comuns naqueles idos: cozinhava, limpava, cuidava da horta e plantava algumas flores.

Ah, plantar flores! Sempre foi minha paixão, até hoje! Mas, naquela época, quase tudo o que plantava morria, pois era um tempo de muito frio, com fortes geadas dias após dias. Que plantas ou flores resistiriam ao branco sem fim?

Era impossível! Mas aconteceu. Um pequeno pé de roseira sobreviveu, não tinha nenhuma flor ainda, mas dava para ver que era um pé de rosas devido aos seus espinhos. A primavera chegou, o pequeno pé de roseira floresceu com lindas e pequenas rosas vermelhas, que enfeitavam todo aquele verde.

Muitas vezes, quando meu marido saía para trabalhar na roça e meus filhos iam para a escola, eu ficava sozinha. Quando isso acontecia, eu olhava pela janela e conversava com aquele pequeno pé de roseira que, em meio a toda a vegetação, era minha única companhia. Não havia respostas para minhas perguntas, ou mesmo para minhas angústias, mas me passava a sensação de que eu não estava sozinha. Ela era minha confidente.

E assim o tempo foi passando. Nosso lugarejo ganhou um nome: “Assentamento 9 de Novembro”. Tivemos algumas conquistas e algumas derrotas. A tudo isso a roseira nos acompanhou como se fosse um membro da família. Outros moradores vieram para cá. A roseira sempre impressionava as pessoas, que constantemente pediam mudas, as quais, não raramente, cedia com dó no coração, torcendo para que não vingassem em outro terreno. Uma espécie de ciúme quase maternal!

Hoje, moro em uma casa de alvenaria, com duas varandas e grandes janelas – agora com vidros! Minha netinha me faz companhia. Tudo isso era um sonho que virou realidade!

Muitas coisas mudaram em minha vida: meu marido morreu, meus filhos cresceram e foram embora. Criaram estradas e a eletricidade chegou até aqui, mas uma coisa não mudou: o pezinho de roseira! Agora já transformada em um enorme pê de rosas! Até hoje floresce, chamando a atenção de quem passa por aqui. Tenho certeza de que o tempo passará, mas o pê de roseiras sempre estará aqui para contar histórias, como uma roseira mágica que nunca tem fim.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Jurema de Lima Siqueira.)



Um mar de saudades

Aluna: Rebecca Thais de Oliveira Silva

Vivi a infância e a adolescência desfrutando das águas claras dos rios Beberibe e Capibaribe, que banham a minha cidade. Morei alguns anos em Beberibe e depois na Cidade Universitária. Naquele tempo, meus irmãos e eu fazíamos barquinhos de papel e soltávamos nas águas. Emocionante mesmo era quando pulávamos no rio e atravessávamos as margens, numa velocidade, como peixes. Bons tempos aqueles! Os rios enchiam a minha vida de alegria. Hoje os pequenos se afastam das águas, impedidos pelos pais, devido a tanta poluição.

Recordo-me muito bem da minha simples casa de taipa e chão de barro, das travessuras nos pés de goiaba e manga enquanto mamãe cozinhava no fogão a lenha um gostoso cuscuz com massa de mandioca.

Andávamos nas ruas sem preocupação e as horas demoravam a passar. Como era gostoso o famoso “japonês” – doce de coco – do Mercado de São José! Mas o melhor de tudo eram o carrossel e a roda-gigante na festa da Campina do Barreto. Em cada ponto da cidade, uma emoção.

Nunca me esqueci dos passeios de lancha, do cais do porto, no Recife Antigo, até o Pina. Circulávamos entre o porto e os arrecifes, tão depressa, que na minha impressão os arrecifes se movimentavam. Eu via peixes pra lá e pra cá, socós, gaivotas, navios enormes descarregando no porto, como se fossem virar sobre nós. Meu coração ainda bate forte ao lembrar esse momento, igual à rapidez daquela lancha guiada por papai, condutor-motorista de lanchas da alfândega. O sol batia em meu rosto e fazia a cidade parecer dourada, meus cabelos esvoaçavam com tanto vento e eu me sentia grande ao avistar as pontes que cortam os rios e embelezam o lugar onde vivo, tornando a minha cidade tão singular.

Não me sai da memória o movimento da Antiga Ponte Giratória. Girava para dar passagem às grandes lanchas, barcos a vela e barcaças que iam ao cais de Santa Rita. Atualmente, ela é fixa, igual às outras. O cais sofreu aterro e agora possui vários terminais de ônibus e áreas para comércio. Da Ponte Buarque de Macedo eu admirava os botos pulando, correndo atrás das sardinhas. O Restaurante Flutuante atraía muitos olhares.

O centro da cidade ficou guardado em minha memória, marca de uma cidade que fez a minha vida feliz. São mesmo um mergulho profundo na alma me faz contar tantas histórias.

Lembro-me também do bonde que passava pela Avenida Caxangá. As viagens de bonde são cenários inesquecíveis. Em pé, eu me encantava com as peladas dos garotos, as fruteiras, as lagoas, o verde das árvores e plantações, animais pastando, pássaros voando, paisagens que já não existem.

Em 1957 andei pela primeira vez no trem Maria-fumaça. Saímos da estação central no Recife para o município de Carpina. Ao ouvir *piuiii-piuiii*, sentei na janela para não perder um só detalhe. Ainda me lembro dos canaviais que balançavam como as ondas do mar. Na estação do metrô, no centro da cidade, está a velha Maria-fumaça que me faz chorar de saudades daqueles tempos que não voltam mais e que transformaram os meus dias num mar de saudades.

O progresso foi chegando, o bonde deu lugar ao ônibus e logo apareceu o elétrico. E por onde ando as lembranças dos rios, da lancha, do bonde e do trem me acompanham. A minha cidade, exaltada por poetas e turistas, é mesmo uma cidade de memórias – muitas memórias.

Um dos momentos felizes da minha vida é transformar memórias em palavras para dizer que tanto no passado como no presente Recife é uma cidade que me encanta com suas pontes, história, belezas e cultura.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Joseil Gonçalves de Freitas.)



Lembranças de outrora

Aluna: Beatriz Santos

Tecendo domingos ao ritmo da sũcia.

Com os olhos fixos nas lembranças do passado, deixo o vento, que vem das colinas, levar meus cabelos finos e grisalhos. Sentada nesta cadeira, fazendo crochê, vou tecendo as recordações até que minha história seja reconstruída nessa memória já cansada. Morava na fazenda, no município de Arraias. Trabalhava nas casas alheias, apinhadas de meninas. A fazenda era grande a perder de vista, com pés de manga enormes que refrescavam as tardes de domingo... Digo domingo, pois os outros dias eram apenas labor e, com a lida, eu não podia desfrutar daquela beleza.

O mês de setembro era a época de que eu mais gostava. A folia e seus integrantes... E as festas repletas de bolos de fubá, petas, broas, tapiocas, beijus, curau... Quando era noitezinha amarrávamos os lençóis uns nos outros, pulávamos a janela e íamos para a festa. Dançávamos sũcia até escorrer biqueiras de suor pelo corpo. Éramos tão envolvidos pelo calor contagiante da dança que nem víamos o tempo passar.

134

De vez em outra vínhamos à cidade de Arraias, que naquele tempo era um pequeno povoado que surgira em meio às grandes colinas na corrida do minério. Gostei tanto dela que resolvi deixar a fazenda. Comecei, então, a trabalhar na casa da dona Chiquita. Aos poucos fui me apegando a esta cidade, principalmente ao carnaval. Colocávamos aquelas roupas feitas de chita, de saco de estopa, que hoje em dia não vemos mais, e íamos para a praça. Naquela época, era marchinha... Dançávamos até o pôr do sol, já que eu tinha que realizar as tarefas domésticas à noite. Divertia-me pouco... Mas, afinal, entendia que a vida não era apenas diversão, e isso é que a deixava mais intensa.

Aos domingos íamos à missa. Foi em uma dessas idas à igreja que conheci aquele que marcaria para sempre a minha vida, o Balbino, moço bonito, carinhoso e formoso. Aos poucos, ele foi se aproximando de mim. Entre encontros e desencontros, começamos a namorar escondido. Encontrávamo-nos na pracinha perto do colégio de freiras – atual Colégio Joana Batista Cordeiro. Com as saídas constantes, minha patroa, a dona Chiquita, acabou descobrindo o namoro. Foi um deus nos acuda. Ela mandou uma carta para minha mãe dizendo que eu deveria me casar com o Balbino. E sucedeu que nos casamos e voltamos para a fazenda.

Ao retornar para a fazenda, percebi que as flores de outrora tinham murchado e que a vida de casada era um mar de espinhos. O Balbino não se mostrava mais romântico e carinhoso como antes. Era grosso e fanfarrão. O tempo passou. Tivemos cinco filhos, que tive de criar e sustentar praticamente sozinha. Para tanto, eu vivia do artesanato, da venda de tapete, quibano, colar de capim-dourado e outros produtos que podiam ser feitos com matéria-prima típica do norte do Tocantins.

Quando as crianças já estavam na fase escolar, o Balbino cismou que tínhamos de mudar para a cidade. Desse modo, retornamos de mala e cuia para cá. Os meninos foram estudar, o meu esposo encontrou um emprego e gastava tudo o que ganhava com cachaça. Mas, com o passar dos anos e com o crescimento dos nossos filhos, o Balbino voltou a ser carinhoso, o que gerou uma relação agradável entre nós.

Ah, que saudades da minha casinha de taipa, do meu velho pilão, daquelas cercas de pedras construídas pelos escravos na época do minério, do meu velho arroz com pequi. Sinto saudades também de quando eu olhava minha filha brincar com as bonecas feitas com gravetos e flor de pequi, meu coração fica apertado, meus olhos choram de saber que tudo se foi com o tempo, assim como a minha juventude, nas belas tardes de domingo.

Hoje, recordando-me da fazenda e olhando para esta cidade, lugares onde construí minha história, posso ver que, assim como este novelo que vou entrelaçando para fazer meu crochê, a minha vida se entrelaçou nesses lugares e eu faço parte deles, assim como eles fazem parte de mim. Somos um só: eu, a fazenda, a cidade... lembranças doces e amargas que temperam a minha vida.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Levina Carvalho de Oliveira.)

Glossário

Súcia – dança típica do norte do Tocantins.

Pequi – fruta típica do Cerrado.

Memórias de um velho sonhador

Aluno: Wernick Hakkimen dos Santos

Hoje, ao andar pela minha terra onde apenas pássaros voavam, também podem se ver aviões a bailar pelo céu, a estrada árida e seca trocada pelo asfalto e as árvores, pelos prédios. E, andando por esses lugares que andei quando criança, sou tocado pelas lembranças e atacado pela saudade desta estrada onde tanto maltratei meus pés e hoje pisam meus netos.

Ao olhar seus sorrisos quando correm a brincar pelo quintal que um dia eu corri, me lembro de uma época em que o tempo não me impedia de correr, brincar ou até mesmo de fingir que problemas não existem. Era só eu correr e fechar bem os olhos que eu nem me dava conta de que estava voando assim como os pássaros de minha terra.

Pegava um graveto e uma tampa de lixo e nem precisava fechar os olhos para ver uma espada e um escudo. Ao amanhecer, os coqueiros eram monstros; ao entardecer, cavaleiros; e novamente ao anoitecer voltavam a ser monstros. Assim era o meu dia.

Todas as vezes que brincava no quintal ouvia a voz inoportuna de minha mãe dizendo: “Menino, larga a vareta e vem comer!” O que era uma perda de tempo, já que eu fui uma criança sonhadora, sabia como a brincadeira era o nosso alimento. Mas mesmo assim eu ia, apesar de o cansaço e o sono já tomarem conta de mim.

Ao entrar em minha casa, feita apenas a metade de tijolos, que naquele tempo era considerada de rico para o padrão das casas da época, as quais eram mais simples, a nossa casa se destacava.

Daquele tempo, era uma das poucas casas pintadas e também muito pequena. Tinha pouca mobília: só cinco cadeiras, uma mesa e um fogão a lenha, e somente dois cômodos: a cozinha e a sala.

Meu pai, com um sorriso no rosto e outro no olhar, me abraçava, me erguia sobre os ombros e me levava até a cozinha. Lá o cheiro era de dar água na boca e lambem os beiços – a sopa de galinha que minha mãe fazia era de levantar defunto. Por causa disso meu pai nunca chegava sozinho do trabalho, sempre acompanhado de dois ou três amigos, que ficavam conversando com ele, enquanto minha mãe colocava a mesa para o jantar e por fim jantávamos todos juntos.

Logo depois os amigos de meu pai iam embora, e de barriga cheia o sono só se fortalecia, meu pai ligava uma vitrola velha que ganhou de seu patrão com apenas um disco sem capa e

começava a ouvir uma música leve e de melodia simples, da qual não lembro o nome, mas sabia que aquela música que meu pai escutava todos os dias me acalmava.

Minha mãe cobria de palha o chão – pois não tínhamos cama – e ia dormir sem medo, sabendo que no pouco espaço do quintal tinha um mundo maior do que aquele em que vivia. E os meus dias continuaram assim até completar onze anos e receber um novo brinquedo, a enxada.

Comecei a brincar de capinar no calor seco do Nordeste, onde a água é quase tão escassa quanto a riqueza. Com o sol escaldante na cabeça e o cansaço extremo, o olhar de orgulho de meu pai me dava forças para continuar. Porém, as formigas, os espinhos, os vidros e as lagartas machucavam meus pés, e a enxada mostrava sua traição ao ferir meus braços e meu corpo, que já não aguentavam mais. E as lágrimas corriam no meu rosto, e era nessas horas que orávamos para que o sol se escondesse e o tempo criasse asas.

O tempo passava vagarosamente, mas finalmente chegava a tão esperada hora de ir embora. Andávamos pela estrada árida de paisagem morta, na qual tínhamos que seguir a pé por quilômetros a fio, porém minhas pernas começavam a fraquejar, pensava em me apoiar no meu pai, mas ele, a essa altura, estava praticamente se arrastando na escuridão da estrada de tanta exaustão por ter trabalhado o dia inteiro debaixo daquele sol escaldante.

Mesmo assim seguíamos ali até chegarmos em casa, onde a cama foi meu maior conforto por vinte anos.

Hoje fico aflito ao ver meus netos com tanto tempo livre desperdiçado em frente ao computador. Ah, quem me dera ter todo esse tempo na minha infância desperdiçada com trabalho. Isso é coisa para gente sem imaginação! E isso é muito triste.

Uma criança sem imaginação nem chega a ser criança – é um oco perdido na imensidão do mundo.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Antonio Fernandes dos Santos.)





Crônica

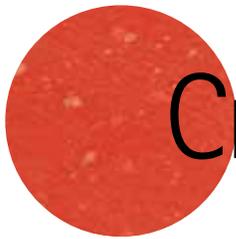
Notícia ou texto literário? Por apresentar múltiplas facetas, mais do que um gênero textual, a crônica traz um olhar particular. Ao recortar cenas do cotidiano, o autor ilumina situações, fatos, dando-lhes destaque, atribuindo-lhes um novo sentido. O que poderia passar despercebido torna-se encantador, envolvente, surpreendente, marcante.

Ao contrário do que parece, a criação de uma crônica não é tarefa simples. Construir um sensível olhar pensante, selecionando e amarrando os detalhes, é o primeiro passo para elaborar um texto interessante que transporta o leitor para a perspectiva do escritor.

Sensações, observações, lembranças e casualidades se misturaram: nossos jovens cronistas identificaram personagens pitorescos, construíram novos sentidos para experiências cotidianas e passaram a valorizar o lugar onde vivem.

Os alunos aceitaram o desafio de trazer fragmentos da realidade e do cotidiano para serem transformados em palavra escrita.

Ao ler essas crônicas, você terá a oportunidade de conhecer um pouco do modo de ser e viver através das lentes de alunos das escolas públicas brasileiras dos quatro cantos do país.



Crônica

- 142 O tradicional sábado
Larissa Rebeca de Araújo Nobre
- 143 Alegria de domingo...
Márcia Rosário Alcântara
- 144 Um sabiá em minha vida
Edervan Cristian Nitz Foeger
- 146 Sob um teto de estrelas
Livia da Silva dos Santos
- 148 Menino ladino
Mara Domingos da Silva
- 149 Mortais
Jean Carlos Cordeiro
- 150 Rua da pista
Maria Klívia Melo
- 152 Cidade qualquer, dia qualquer
Izabela Garcia Roman
- 153 Rua Fantasma
Erick Peter Melo Brooman
- 154 Planaltão forever
Pedro Henrique Siqueira de Sousa
- 156 Do outro lado da rua
Eliken Priscila Ribeiro
- 158 São Paulo: uma cidade agitada
Ketlin Aparecida Santos Santana
- 160 Peladas no parque
Lucas Eduardo Martinelli dos Santos
- 162 Lembrança perpétua
João Victor Oliveira Lima
- 164 Bola Murcha
Fabiana Pinto da Fonte Pinheiro
- 166 Flocos de neve
Isaura Wayhs Ferrari
- 168 Pedacinho de Serra Branca
Gean Fabrício de A. Motta
- 170 Águas que vêm e vão
Ademário Nogueira dos Santos Neto
- 172 Meu mundo encantado
Maria da Conceição de Jesus
- 174 O código
Gabriela Dalbosco

- 175 Os meninos da feira de Picuí
Jéssica Lopes da Silva
- 176 Últimas lágrimas
Vinicius Henrique Silva
- 178 Sessenta minutos
Viviane Marins Guimarães
- 180 Quarta-feira (de Ipanema)
Viviane Reinaldo Martins
- 182 Meninas da chuva
Karoline Lima Peres
- 183 O lugar de cada um
Bruna Pinheiro
- 184 Troca de valores
Luana Aparecida da Silva Almeida
- 186 Pequenas bailarinas
Paulo Ricardo Moraes Almeida
- 188 Pangaré ou Puro-Sangue?
Josimar José Nogueira Júnior
- 190 No casulo de agosto: onde a metamorfose acontece
Aline da Conceição Andrade
- 192 Relógio jumento
Roberta Oliveira Morim
- 194 Um vagalume ao meio-dia
Victória Renata Borges Ordóñez
- 196 Pão de fel
Patrick Pinheiro Alves
- 198 Na sanfona do "busão"
Carolaine Aparecida da Silva
- 200 Minha janela
Maria Izabel Trivilin Pereira
- 202 Um sorvete para você... Um carinho para todos!
Amily Freitas
- 204 O senhor dos covos
Elias dos Santos Marinho
- 206 Sábado à noite é de Heliópolis
Ingrid Spinola dos Santo

O tradicional sábado

Aluna: Larissa Rebeca de Araújo Nobre

São cinco horas da manhã de sábado. Brisa suave, cheiro de natureza e dia de correria. Acordo mais cedo para acompanhar a rotina da minha casa que é semelhante ao vaivém que se instala na minha cidade nesse dia. As ruas principais estão movimentadas, carros lotados vindos dos sítios vizinhos. As pessoas costumam acordar cedo para encontrar frutas e verduras ainda bem frescas na feira livre.

Sempre acompanho minha mãe nas compras da semana. Passamos os olhos por quase todas as bancas enfeitadas com o colorido das frutas e, após precioso tempo escolhendo o menor preço e a melhor mercadoria, enchemos nossas sacolas e ficamos mais pesadas. Sentimos fome e não resistimos a um delicioso copo de salada, vendido ali mesmo, para enganar o estômago.

Com o vaivém entre as bancas, pessoas se esbarram, se tocam involuntariamente. É possível sentir diferentes aromas que se misturam com o passar das horas. Suor, perfume das frutas, fumaça de cigarros se entrelaçam com os variados sons de gargalhadas, sussurros, gritos dos feirantes, anúncios em sons improvisados que se propagam por todo o ambiente.

Nesse dia as lojas fazem a festa, os taxistas e motociclistas descansam menos, os bancos da praça principal são mais visitados e a Igreja Matriz de São Sebastião se alegra com a quantidade de fiéis. Muitas vezes a feira livre de minha cidade também é palco para o reencontro de amigos, familiares, compadres, pessoas que moram em sítios distantes, além de ser um ótimo momento para se fazer novos amigos e conquistar novos amores.

Como tudo que é bom dura pouco, a feira enfim termina. As bancas desaparecem levando toda essa agitação. Ficam as ruas cheias de lixo espalhado por todos os lados. Entram em cena os garis que, em poucas horas, devolvem ao local o seu aspecto natural.

Por ser uma cidade pequena, Florânia torna-se invisível aos olhos de muitos. Porém tenho orgulho e sinto prazer em ver minha cidade cultivar tradições como a feira livre, mostrando que ainda preservamos nossa cultura.

Alegria de domingo...

Aluna: Márcia Rosário Alcântara



Um bairro da periferia do Rio de Janeiro. Pobre? Mas nem tanto. Tranquilo? Às vezes!!!

Numa bela tarde de domingo, o melhor é reunir a família e se divertir como pode.

Tudo começa no sábado agitado, de muito trabalho e expectativa pelo domingo. Vamos assistir a uma bela partida de futebol. Vasco e Flamengo. Final de campeonato. Só se fala nisso. Todos contam suas vantagens. Cada qual sobre o seu time. Diógenes diz:

— Time bom é o Bangu!

90 anos, minha bisa repete:

— É o Bangu! É o Bangu!!!

Josefina diz:

— O meu time é o melhor!

Diógenes pergunta:

— Qual é o seu time, Josefina?

Ela responde:

— O que ganhar.

A campainha toca. Bia grita:

— Chegaram! Chegaram!

Logo de cara, exibem uma TV de led “DUAS MIL POLEGADAS”! Alegria geral. Brincadeiras, churrascada, piadinhas engraçadas...

Vai começar o jogo. Todos apreensivos! Escalação, times em campo, apito inicial e... APAGÃO... Passam segundos, minutos, horas... E nada. A energia não chega.

Hora de acabar o jogo. Muita expectativa e choramingos. Todos calados de olho na TV de led completamente escura. E o resultado?

Minha bisa sai de seu quatinho dos fundos e grita:

— Foi empate!!!

Todos perguntam ao mesmo tempo:

— Como a senhora sabe?

Ela ergue bem alto, o seu velho RADINHO DE PILHA.

Um sabiá em minha vida

Aluno: Edervan Cristian Nitz Foeger

Recreio, vila pequena e pacata em que moro. Ainda pode-se ouvir o suave e ao mesmo tempo agitado cantar de sabiás, canários e juritis.

Todo dia, minha mãe acorda às cinco da matina para trabalhar num hotel no centro da cidade e eu fico na cama mais um pouco, pois não preciso ir tão cedo trabalhar na serraria. Minha mãe sai, meu pai também e eu coloco o celular para despertar lá pelas 6h30, pois às 7 horas tenho de pegar no batente. O celular chama, levanto, tomo café e voo para o trabalho.

Acontece que de uns tempos para cá tenho recebido uma “visitinha” todos os dias, exatamente às 6h30 da manhã.

Um sabiá grande, de peito laranja, senta à janela do meu quarto e bica o vidro com muita insistência até que eu levante e a abra para dar-lhe as boas-vindas ou expulsá-lo. Tento ignorá-lo e dormir mais um tiquinho, mas ele começa a exagerar nas bicadas, que parecem gotas pesadas de chuvas, querendo invadir a casa. Então levanto, abro a janela e ele voa para o sobrado vizinho. Irrito-me bastante, porque próximo à janela sempre está sujo da titica dele.

Já faz uns dois meses que Bicudo me acorda e continuo ficando irritado, pois quero dormir mais um pouquinho e ele não deixa.

Essa semana, tomo uma decisão e resolvo afastar de vez esse pássaro de minha janela. Descubro que sabiás gostam de janela porque veem sua imagem refletida e então bicam o vidro achando que são outros sabiás.

Pois bem. Decido, então, colar um papel por toda a janela e dormir tranquilo. Sonho com o sabiá bicando na janela e quebrando-a toda. Acordo assustado e vejo que não é ele e sim alguém batendo na porta. Corro para abri-la e percebo que é meu pai muito nervoso:

— Que houve, Kiki? Por que não foi trabalhar hoje? — indaga ele com uma cara de quem comeu e não gostou.

- Não sei, acho que perdi a hora! — respondo, na maior tranquilidade.
- A hora não, o dia! São 11 horas, é tempo de almoçar e ir para a escola! — vocifera ele.
- Ok! Ok! Isso não vai acontecer mais, prometo, pai — retruco, meio sério.
- Assim espero — responde ele, indo para a cozinha esquentar o almoço.

Vou para escola, sem entender por que dormi tanto. Passo a tarde toda meio cabisbaixo, quase não converso com ninguém, alguma coisa me incomoda. Chego em casa, arranco o papel da janela, janto e vou dormir. O que faria, se estivesse em meu lugar?

- Bic, bic, bic, bic — Minha janela chorando.

Acordo às 6h30 em ponto, com o meu amigo sabiã pentelhando o meu ouvido, mas pela primeira vez alegrando meu dia.

- O que é a natureza, né? Às vezes precisamos dela e nem nos damos conta disso.

Sob um teto de estrelas

Aluna: Lívia da Silva dos Santos

Era um fim de tarde, desses que fazem o céu assumir seu tom mais alaranjado. Deitada no pequeno sofá – encaixado milimetricamente entre duas das paredes da salinha apertada –, absorta em meus pensamentos, mal pude ouvir o som desesperado lá fora. De repente o bater na porta convida-me a sair. Parado à porta está um homem: alto, magricela, colete laranja – tal como o céu também se vestia –, careca, o bigode escuro escondendo a boca com a qual me intima:

— Senhora, o seu prédio vai desmoronar. Por gentileza, retire-se do edifício imediatamente.

As paredes além do homem mostravam-se fissuradas e desgastadas pelo tempo. Sempre passando por elas, no entanto, nunca havia me dado conta dessa situação. O teto parecia apenas aguardar, cordialmente, a saída de seus protegidos. O chão, tentando resistir, bravamente, à erosão, não obtinha sucesso. Nada se ouvia além do choro, do desespero, da agonia. As cores, em substituição ao laranja, agora se faziam vermelho e azul e dançavam agitadas aos gritos desesperados e inquietos das sirenes sobre os automóveis lá embaixo. Tentei correr, pegar as coisas que me valiam, mas logo fui impedida pela mão do homem que segurava meu braço enquanto dizia:

— Senhora, não há tempo. Pela sua segurança, retire-se do prédio.

Pernas trêmulas, olhos marejados. Desci cada degrau das escadas relutando com a realidade que me fissurava, marcava, como cada uma das paredes. Elas estavam marcadas pelo tempo; eu, pela ausência deste. Câmeras, microfones, repórteres, curiosos. No pátio, colchões, crianças, fogões, geladeiras, animais, cadeiras, mulheres, todos brigavam igualmente por um espaço no caminho de mudanças.

Olhei para a rua que sempre me abrigara nas noites de tédio, quando o sofá era, por qualquer ângulo, desconfortável e as conversas nos tamboretos eram mais instigantes. Ela agora se mostrava acolhedora, como uma mãe, e imensa. Sem Chão, Sem Teto (e, se isso indica alguma ambiguidade ao leitor, está no caminho certo). Os outros edifícios, abandonados ou não, cercavam-me como paredes. Sem laranja. As cores agora assumiam seu tom mais escuro. O azul e o vermelho recusavam-se a sumir.

Sentei-me num meio fio e esperei atenta. Na pequena “pracinha verde”, as senhoras conversavam aflitas sobre a tragédia. A feira da sulanca, emprestada gentilmente pela festiva cidade de Caruaru (e ficam aqui os meus sinceros agradecimentos), que alegrava umas noites intercalares desse pequeno lugar, foi obrigada a dividir a atenção de seus contempladores com o tal edifício, que não saía da boca do povo. Eu, ainda impactada, ouvia ecoar as palavras que jorravam da boca de Mirô, o poeta da Muribeca, que chorava, pedia, implorava pelo simples direito de seus irmãos terem um lar.

E não se ouvia falar em mais nada. Cada morador narrava sua versão do enredo. Quem dera fosse só o meu enredo, ou que se limitasse aos que me acompanharam nele. A história se repetiu, a história se repete em cada edifício do pequeno Conjunto Muribeca, um barrosinho do “Berço da Pátria”, quase invisível diante de um “Leão do Norte”, mas que ainda ostenta em letras garrafais as boas-vindas aos seus visitantes, aos moradores e àqueles que tentam ficar, pois em terra de Muribeca quem tem casa é Rei, mas há sempre um cantinho velho para um desabrigado.



Menino ladino

Aluna: Mara Domingos da Silva

No mês de agosto, a minha cidade recebe a visita de um menino malandro e muito agitado. Logo pela manhã, quando acordo, já ouço o seu assobio melodioso. Tomo o meu café rapidamente e vou para fora. Lá encontro o menino e ele já começa a me provocar, bagunçando os meus cabelos, sacudindo as minhas roupas, quase me carregando para onde ele vai, mas fico firme e sigo em frente. Por um minuto ele some, e logo volta, com mais força, levando consigo os aromas da natureza e das pessoas que encontra.

Vou para a escola e ele me acompanha com muita alegria. Toca o sinal para começar a aula e tenho que deixá-lo lá fora. Mas, quando olho pela janela, vejo o moleque convidando as árvores. Viro-me para prestar atenção no que a professora diz, de repente alguém bate à janela buscando atenção, olho e não vejo nada, então fico atenta, a fim de escutar o seu chamado suave. Uma batida na porta. A professora abre prontamente, ele entra com felicidade e carrega tudo que vê pela frente: papéis, lápis, cortinas... Entretanto, o que ele mais gosta de carregar são os nossos cabelos. Ah! Menino ladino!

À tarde eu vou para a fazenda e o menino vai comigo, cantando de um jeito que só ele sabe: ssssssss. Nas lavouras de trigo até parece um professor que ensina os alunos a dançar balé. É lindo ver a plantação sendo conduzida por ele, em ondas, em voltas e reviravoltas.

Volto para casa e ele me acompanha, invade a minha vida e com insistência me convida para brincar. Às vezes, resolve seguir outras direções e desaparece. Depois de algum tempo retorna, ora discreto, ora atrevido, disposto a não mais nos deixar. À noite, quando me deito e a cidade fica em silêncio ouço o seu canto novamente, parece que está cantarolando uma canção de ninar para eu dormir, fecho os olhos e tenho a impressão de ouvi-lo sussurrar ao meu lado e assim adormeço.

Quando setembro chegar ele irá embora, deixando um rastro de saudade no ar. Assim são os ventos do mês de agosto em São Pedro do Iguçu: um moleque arteiro que vive a aprontar, deixando tudo fora do lugar.

Mortais

Aluno: Jean Carlos Cordeiro

Agora aquele pátio, vazio com serragem num cantinho do Bairro São Luiz, onde vários amigos costumavam brincar já não tem muita graça.

Eu, ali parado, com minha velha bicicleta, quase indo para casa, vejo os meninos brincando na “velha” serragem, uns jogando bola, outros virando mortais. Fiquei prestando atenção nos mortais, impressionado como aquilo era possível. Bah! A cada giro, a cada pirueta, a cada tombo, alguns aplaudiam, alguns riam, outros “nem bola”, mas para mim era tão bonito, que até parecia campeonato de ginastas.

— Ei, agora é minha vez! — gritou Paulo.

— Você já foi, não vale! — disse Carlos.

Pulos, giros, saltos e tombos continuavam.

Reparei em um menino, Rodrigo aquele do calção azul meio surrado, ele era muito bom, rodeava várias vezes em um só pulo, a cada salto dele todos se maravilhavam. Corria, pegava aquele impulso e saltava, parecia flutuar no ar.

Alguns até tentavam imitá-lo, mas era quase impossível.

Isso me vem à cabeça agora, enquanto escuto no rádio uma tragédia, mais uma. Estas tragédias são comuns na minha cidade. A notícia contava que Rodrigo veio a falecer, mais um garoto que morre por uso de drogas, falecimento por overdose. Rodrigo, aquele mesmo garoto, aquele do calção azul meio surrado, que era tão bom nos mortais, piruetas, mas tão ruim com a vida...

Agora aquele pátio, vazio com serragem num cantinho do Bairro São Luiz, onde vários amigos costumavam brincar já não tem mais graça.

Rua da pista

Aluna: Maria Klívia Melo

Moro em uma rua bastante movimentada, popularmente conhecida como Rua da Pista. Sentada na minha calçada vejo o resplendor do verde, antes despercebido, deve ser por causa dos automóveis e das pessoas que circulam por aqui que muito me distraem...

Aqui é um lugar com bastante informação. Morando nesta rua não tem como dizer que não conhece a Luiza de França, é uma escola pública, pequena e onde todo mundo já estudou nela. Outro lugar muito conhecido é o Robby Lanches, um bar muito movimentado, nos finais de semana se torna um lugar muito engraçado, pois as pessoas ficam bêbadas e começam a dançar e fazer palhaçadas. A rua toda cai na gargalhada.

Semana passada aconteceu uma coisa bem interessante no Robby Lanches. Um homem chamado Luís, estava sentado, sozinho, completamente bêbado, já quase de pé, avistou sua mulher, a qual o nome não me recordo, ela parecia muito furiosa, era uma pessoa magra, de pele branca, cabelos loiros e levemente arrepiados, trazia consigo uma mala. Quando se aproximou de seu marido a mulher o batia e o xingava. Os gritos eram altos! Logo, todos da rua estavam ali parados, cada um em sua calçada prestando atenção naquela cena. Percebi que reclamava muito. Resmungava que ele não a amava mais, que devia ter escutado a mãe quando disse que ela ia se arrepender, que ele estava diferente. Sua decisão final era ir embora para sempre. Descobri então o motivo da mala tão grande. Luís escutava de cabeça baixa, tendo a certeza de que estava perdendo o amor de sua vida.

Após finalizar o que tinha para falar, a mulher deu as costas para seu marido e saiu arrastando aquela mala pesada. Então, um pensamento me veio a cabeça, ele iria deixá-la ir embora sem nem pedir que ficasse? Deixar seu amor escorregar por entre suas mãos, sem nem tentar agarrá-lo? De repente, ele me surpreendeu e a toda rua. Em um pulo rápido, Luís se joga no chão, com a mão no coração fingindo um enfarte. Ao escutar os gritos do marido, ela solta a mala e corre em sua direção, já em prantos só de pensar que o perderia.

A rua toda olhava aquela cena, uns indignados, pois ele a estava enganando, e outros, assim como eu, felizes, pois, o casamento deles não acabaria ali. Prevalencia o silêncio... Todos os olhos fixados neles, parecia até final de novela das oito.

O homem se levantou com a ajuda de sua amada e os dois se beijavam e se abraçavam, demonstrando para todos os “telespectadores” que a “novela” deles estava acabando com final feliz. Após isso, saíram de mãos dadas, enquanto as pessoas que os olhavam, agora comentavam sobre o fato ocorrido há pouco tempo.

A Rua da Pista é assim, nunca é monótona, ela sempre dá um jeito de se destacar em meio às outras ruas, seja através daquele casal, seja por si só... Ela sempre dá um jeito!



Cidade qualquer, dia qualquer

Aluna: Izabela Garcia Roman

Cidade pequena, cidade comum, cidade qualquer, como um dia cantou o poeta. Cidade que o mundo desconhece e onde o sol vigoroso, quase todos os dias, aparece inexorável, pondo fim à solidão da noite anterior. Como em um dia qualquer, o galo vem roubar seu descanso, anunciando em alto e bom tom, o recomeço da batalha pelo pão nosso de cada dia.

Como um teleguiado, guia seus passos na direção do grande e mal iluminado barracão. Roboticamente, bate o cartão de ponto. Claustrofóbico, mal ventilado, lá, amontoam-se tecidos, linhas, agulhas, pessoas, cheiros, sonhos, frustrações. Tudo costurado pelo tremendo “tritritri” das máquinas que tremem ao sabor do trabalho das costureiras que, como ela, calam-se diante da conhecida sinfonia.

Grande fonte de renda da região, as fábricas de jeans proliferam-se no entorno da cidade e, parecem ainda, surgirem da noite para o dia.

Toma do tecido áspero. Sem emoção, desliza-o sobre a máquina. Vê suas mãos sobre ele. Por um instante duvida: serão realmente suas? Mãos azuis que confirmam que está lá! Suas preocupações costuram-se ao interminável e monótono ritmo que mora, há três anos em sua cabeça: as contas para pagar... tritritri... as crianças na esco... tritritri... o marido desemprega... tritritri... os... tritritri...

O tempo passa nessa melodia sem fim. Repentinamente, outro som se sobrepõe à entediante orquestra, desfazendo no ar o tecido feito de retalhos de pensamentos. O apito cessa. Levanta-se. Sai. Coberta de céu, alinhava mais um dia.

Rua Fantasma

Aluno: Erick Peter Melo Brooman

A rua onde moro, chamo carinhosamente de “Rua Fantasma”. Acordo todos os dias às cinco da manhã e parto para minha jornada de treino. Sigo pelo caminho vazio e os únicos seres que vejo são cães que me olham fixamente como se estivessem tramando algo. Às vezes, acho que eles vão me atacar. Volto para casa e vejo um casal de velinhos caminhando com um ritmo lento, quase parando. Pergunto-me se vou chegar àquela idade e concluo que não vale a pena chegar a uma etapa tão frágil. Penso se alguém cuidará de mim.

Tantas pessoas quanto de manhã tem à noite. Volto às 22 horas e fico realmente impressionado com o vazio da rua e a falta de vida. Olho em volta e não vejo nada além de uma árvore quase morta pela falta d’água. Diferente da manhã, à noite o que me acompanha pela solitária caminhada são gatos que, diferentemente dos cães, vivem soltos. E isso me dá mais medo do que possa acontecer.

Existem prédios e mais prédios, pessoas e mais pessoas atrás de portas fechadas em si mesmas, vários mundos num mesmo espaço. Tanta gente e nenhum contato com o silêncio do próximo, nenhum diálogo. Questiono-me se possuem alma ou se a sociedade já se encarregou de sugá-las. Rostos vazios e olhos sem brilho, aparência triste e solitária de pessoas que ora me assustam, ora me fazem sentir pena, nos raros momentos em que nos cruzamos. Pessoas com quem eu convivia vêm em minha direção. Passam por mim, mas acho que para elas não existo.

Essa é a Rua Baltazar da Silva Lisboa, em Recife. Mas para mim, sempre será a Rua Fantasma, cheia de corpos vazios, sem alma nem sentimentos.

Planaltão forever

Aluno: Pedro Henrique Siqueira de Sousa

Terra, poeira; pés descalços, com unhas encravadas; meninos suados, sujos, fedidos e apaixonados por futebol. Um ponto de encontro e nossa segunda casa. Assim poderíamos definir o Planaltão. Lugar de felicidade e muitas bolas ao vento, onde altas jogadas, feias ou bonitas, sempre proporcionavam aqueles gols fenomenais. Havia sempre aquele “bonzão” que no final pagava um gol no “Inacreditável Futebol Clube”. Às vezes tinham jogadas a la Ronaldinho, Pelé e até Messi, mas a participação dos “sem querer” não podia faltar, e, como sempre, aparecia um toque especial e particular de cada jogador.

Quando chegavam os moleques fazíamos a contagem, se conseguíssemos seis para cada lado, não importava se eram amigos ou inimigos, os times estavam formados e era só um gritar, num dialeto bem paraense: “Agora ta du vale!” (está valendo), que a paz acabava. Era sebo nas canelas, partíamos pro jogo, ali virava um campo de batalha, cada um com a sua estratégia, porque ser treinador ninguém queria, queríamos mesmo era a magia da pelota; e assim, bola pra cá, bola pra lá, goleiros passando perrengues, zagueiros dando bicão na redondinha e sempre saia um:

— Pega ela. Acredita.

Isso virara um bordão. Podia fazer sol, chuva e até sereno, mas toda vez jogávamos até não ver a bola. Quando a escuridão caía, não importava se tivesse 90 a 0, quem fizesse o último gol era consagrado campeão do dia. Juiz ali não tinha (sorte pra mãe dele), brigas ali tiveram algumas, assim como muitas amizades encontradas e renascidas, mas nada que interferisse nas nossas peladas.

Nosso maior ídolo foi o Toin, revelado pelo Planaltão F. C., que dali foi jogar no Paysandu, lá jogou apenas três jogos e no último entrou para fazer parte da maior vitória daquele time e o infeliz foi o River Plate: aos 43 do segundo tempo o nosso Toin fez o tão sagrado gol, e na comemoração veio o nosso orgulho, tirou a camisa, mesmo consciente do cartão amarelo que levaria, e com outra por baixo mostrou a frase que para os planaltenses era a mais linda de todas.

“Planaltão, eu I Love, Planaltão!”

Com vários erros, mas foi o nosso maior orgulho mesmo!!!

Mas como tudo o que começa acaba. Agora o barulho das máquinas revela que a cidade está crescendo e que o novo proprietário do terreno onde ficava o nosso Planaltão vai realizar o seu sonho de um prédio novo, nem se importando com as tristezas e saudades das crianças, jovens e adultos que faziam daquele lugar um magnífico estádio. Não entrou ali um velho de canivete na mão para cortar a bola e fazê-la sangrar, entraram engenheiros e operadores para cavoucar e enterrar a nossa alegria.

Da quadra da escola, vemos indo embora os nossos risos, silenciando os gritos de euforia e brotando a lágrima da saudade. Queria ter agora a força de um super-herói para poder parar aquelas máquinas cruéis. De pé na arquibancada, com os nossos corações partidos, calados, com o choro enroscado na garganta observamos tudo ir de trave abaixo. Homens trabalhando para construir uma cidade mais moderna, evoluída, fazendo brotar salas que receberão os pés limpos, unhas feitas, sapatos engraxados, de salto, no lugar que até bem pouco tempo recebia os pés de moleques que sonhavam em um dia ser jogador de futebol!

Mas Planaltão é assim, pra sempre!



Do outro lado da rua

Aluna: Elikén Priscila Ribeiro

A Rua Tomaz Gonçalves Padilha é diferente de todas as outras ruas de Caçador. Ela é especial e misteriosa. De um lado casas bonitas, alegres, coloridas enchem nossos olhos de vida. Seus jardins cheios de flores enfeitam a rua com suas cores. A rua asfaltada é o limite que separa a alegria da tristeza, a convicção da incerteza. Do outro lado da rua, sobre o terreno fofo e úmido que tem ali, também existem casas, mas o clima é de saudade e tristeza. Porém ali, também, há beleza, em meio ao silêncio que impera, só se ouve a voz do vento, seja inverno, verão ou primavera. As casas grandes e pequenas são enfeitadas com vasos de flores. E na frente das casas, quase sempre, tem os nomes e as fotos dos moradores. Ali todos são aceitos, dividem o mesmo espaço: ricos, pobres, brancos e negros. Eles não têm preconceitos.

Muitas das vezes que passo pela Rua Tomaz Gonçalves Padilha, eu vejo pessoas entrando e saindo do salão. Elas sempre estão de roupas escuras e as lágrimas vertem do coração. No terreno úmido, do outro lado da rua, fica o salão que é usado pelas pessoas para uma reunião. É a reunião de despedida dos novos moradores. As pessoas que comparecem trazem flores. Os que já moram ali nunca aparecem, mesmo quando a reunião acaba ou quando escurece. E a rua fica iluminada pelos postes de luzes na calçada. Acaba a agitação da rua e não se ouve mais nada. A solidão toma conta da rua e do salão.

No terreno úmido, onde cada vez mais pessoas dividem o mesmo espaço, não tem barulho; todos ficam sem ação; não há guerra; o silêncio impera. Na calada da noite, quando cessa na rua o movimento, lá no terreno úmido só se ouve o som do vento, que espalha as flores pelo chão, dominado pela solidão. Há tantas pessoas no mesmo local, no entanto é um lugar só e triste. São assim, os que vão morar no terreno úmido que ali existe.

Os moradores do outro lado da rua não se importam com classe social. Para eles, ricos, pobres, brancos e negros ocupando o mesmo espaço é natural. Enquanto o restante da cidade está dividido: nos bairros afastados do centro, os pobres – a maioria negros – levam uma miserável vida; os ricos moram próximos ao centro, em luxuosas mansões e apartamentos. A elite fecha os olhos, mergulhada na ganância, enquanto os pobres se agarram às últimas esperanças. Tanta violência que existe na cidade, mas no terreno úmido encontramos paz e tranquilidade. Lá não há mais sofrimento. Lá impera o silêncio! Não falamos, não ouvimos, não há nenhum desentendimento.

Não há machismo; o homem e a mulher estão no mesmo nível. Jovens, crianças, velhos, adultos de todas as idades, sem conflitos, diferenças ou desigualdades.

Na Rua Tomaz Gonçalves Padilha, quando chega a noite e as estrelas estão a brilhar no firmamento, é uma beleza sem par; um espetáculo para quem passa naquele momento. Mas não para quem mora do outro lado da rua, no terreno úmido. Eles não erguem os olhos para contemplar, no firmamento, a lua. Cegos, surdos e mudos eles são, quando não pulsa mais o coração! E então, fica a saudade de alguém muito especial, que foi morar do outro lado da rua, no terreno úmido, que é chamado Cemitério Municipal.

Do outro lado da rua, as pessoas passam. Algumas chegam, olham e não dizem nada. As lágrimas rolam, faltam palavras. A umidade do terreno não é da chuva causada pelo trovão, mas é da saudade imensa deixada no coração. Mesmo quando a chuva vai embora, o brilho molhado do olhar de rubi é visto de longe por quem passa por ali. E tudo fica em silêncio, só se ouve o som do vento espalhando as flores pelo chão, dominado pela solidão.



São Paulo: uma cidade agitada

Aluna: Ketlin Aparecida Santos Santana

Será que todas as grandes cidades brasileiras são tão agitadas quanto São Paulo? Imagino que não, pois independente das circunstâncias, São Paulo, nesse quesito, é singular, talvez imbatível. A cidade deixa sua marca de inquietude tanto nos que aqui nasceram quanto naqueles que adotaram a “terra da garoa” e, a ela, manifestam o mesmo carinho dedicado à terra natal.

Talvez, amigo leitor, seu olhar com relação a São Paulo não seja parecido com o meu, afinal sentimos o lugar em que vivemos de formas distintas. Por isso, quero convidá-lo a mergulhar em minha percepção dessa “selva de pedras”, não com o intuito de convencê-lo, mas para dividir minha maneira de perceber a vida frenética dessa metrópole, vida que fervilha e percorre cada canto dela, de Norte a Sul, de Leste a Oeste.

Eis aqui meu retrato da cidade: edifícios luxuosos com seus arranha-céus contrastam com prédios simples e construções desordenadas de casas sem reboco – riqueza e pobreza caminham lado a lado. Crianças ansiosas rumam em direção à escola, enquanto outras, esperançosas, buscam garantir alguns trocados pedindo esmolas ou fazendo acrobacias no farol. Vistasas madames passeiam com seus perfumados cachorros de raça; executivos bem vestidos surgem apressados, pendurados ao celular; exaustos, pedreiros e garis abrem suas marmitas na calçada durante a pausa para o almoço.

Vias interditadas para o conserto do asfalto que constantemente precisa de reparos, já que a cidade comporta tantos carros e a população cresce a cada dia. Observo uma multidão acotovelando-se nas entradas dos metrô, dos trens, dos ônibus que parecem não caber mais ninguém.

Atravesso o cruzamento da Avenida São João com a Avenida Ipiranga, tão cantada pelo famoso baiano, e não vislumbro a mesma sensação do cantor sobre a célebre esquina, talvez porque meu olhar esteja fatigado de admiração e espanto. No centro velho, berço arquitetônico, com seus teatros, cinemas, *shoppings*, museus, lugares que fizeram e fazem a história, onde passam todos os dias diversos personagens da cena paulistana: pedintes, estudantes, desempregados, migrantes, imigrantes, turistas e tantos outros que compõem esse quadro de diversidade.

Ao meu redor há vários cruzamentos: ruas que se cruzam, pessoas que se cruzam, amores que se cruzam, vidas cruzadas num vaivém incessante de risos, angústias, agonias e sonhos. O som dos carros e das buzinas, que gritam, abafa o suave cantar dos pássaros, estranha trilha sonora de uma megalópole cinzenta que pulsa urbanidade, mas que ainda mantém nas veias um resto qualquer de natureza.

Viajo por estas ruas e avenidas e aos poucos vou me perdendo nessa intensa movimentação. Pessoas, carros, buzinas, pássaros, música alta, perfume, óleo diesel, poluição, uma insana sinfonia. Chego, então, a um veredicto: das cidades brasileiras, São Paulo é a mais agitada. Mesmo sem comungar da mesma opinião, o leitor há de concordar: seja no centro, em bairro nobre ou na periferia, não há como negar, viver em São Paulo é uma experiência extraordinária, inesquecível.

Peladas no parque

Aluno: Lucas Eduardo Martinelli dos Santos

Para mim já virou costume ir ao parque da cidade jogar bola. O lugar está quase sempre cheio de pessoas na pista de caminhada e na academia ao ar livre. As mães impacientes correm atrás das crianças no parquinho. Na pista tem tudo quanto é tipo de pessoa: o gordinho a fim de perder uns quilinhos, a magrinha insatisfeita, os velhinhos com ar jovial, caminhando com o peito estufado, meia até a canela e fone de ouvido. Há também o bombadão querendo pagar de *personal trainer* – sem camisa e com pinta de quem vai correr na maratona.

Vou adentrando ao parque e vejo pessoas conhecidas e desconhecidas. Cumprimento, dou um oi, coisa e tal, tal e coisa. Encontro um amigo de infância. Paramos para conversar e botar o papo em dia, enquanto damos uma voltinha no jardim sensorial. É uma pequena pista de caminhada com diferentes tipos de superfície: madeira, azulejo, areia, pedra e até uma graminha relaxante.

— Ei, mocinhos! O time já está pronto? Vamos jogar ou não? — grita o dono da bola.

Saímos em disparada para o que pode ser o maior clássico das peladas de vila: os com camisa e os sem camisa.

É um momento de descontração único para um menino que nasceu nas quadras de futebol.

A quadra é esburacada, pintura rala e trave enferrujada. Um lugar precário, palco para uma partida amadora de futebol que somente nós conseguimos transformar em um amistoso profissional.

Depois de tanto chutar, correr e protestar, bate o cansaço que é evidente no rosto de cada jogador: pele suada, respiração ofegante e o pé sujo, com a sola mais dura que um casco de tartaruga.

Dou uma pausa e peço para alguém entrar no meu lugar. O jogo continua até que um se empolga e dá um bicão.

A coisa mais chata é quando alguém chuta a bola para fora da quadra. “TUMM!”

— Êêêêê! Parabéns, pê torto! — gritam todos na sincronia de um coral.

— Ô tio, pega aí fazendo favor!

Quando ela para na pista de caminhada é até um alívio, mas quando vai para a rua ou cai na lagoa do parque, é um apuro só. Atacamos pedra, chinelo, vale tudo pra tirá-la da água.

— Pega a taquara! Pega a taquara!

A taquara é um pedaço grande de bambu de aproximadamente 7 metros, a esperança do jovem peladeiro e está agora nas mãos do meliante, do pé descalibrado.

Finalmente recuperamos a esfera toda molhada. Voltamos para a quadra e ficamos jogando até anoitecer.

- Aí, pessoal, está na minha hora! Vazei!!
- Falô, mano, traz a bola de novo amanhã!
- Beleza.

Acabou-se a diversão da molecada. A bola estava ali, indo embora nas mãos de seu dono. Seus gomos pareciam me fitar com um olhar de tristeza e saudade.

Quem disse que felicidade não tem dono?

Lembrança perpétua

Aluno: João Victor Oliveira Lima

Na rua onde moro existe uma velhinha enigmática chamada Perpétua. Ninguém sabe exatamente quantos anos ela tem, mas com esse nome com certeza ela deve ter mais de cem.

O ponto preferido da Perpétua é a única janela de sua casa, de lá ela vê a vida passar e também o movimento do povo desse lugar.

Muitos têm medo da Perpétua, pois alguns afirmam que ela é metida com bruxaria, outros dizem que ela não dorme, está sempre postada em sua janela observando as pessoas que passam. Por isso, todos são temerosos em fazer alguma coisa na rua, com certeza não passarão imunes aos comentários da velha Perpétua.

Se um vizinho chega da rua muito tarde, Perpétua grita logo de sua janela: “Eh compadre, preste atenção, depois não reclama do Ricardão!”. Se uma criança jogar bola em frente a sua janela, ela faz um alvoroço, chama os pais do moleque e fala que a bola bateu em seu rosto. Enquanto não vê o moleque ganhar uma coça não se contenta.

O povo da prefeitura não sabe o que fazer, porque nossa rua não tem calçamento e quando chega o verão, é uma poeira só. Sabe que presepada a Perpétua aprontou? Deitou-se no meio da via dizendo que enquanto não molhassem a rua dali não sairia.

Outro dia, Perpétua bebeu umas pingas, ligou o rádio, pegou sua bengala e foi para o meio da rua, dançou carimbô, melody e forró deixando todos abismados, depois quis subir no poste, os moradores tiveram que chamar a polícia. Quando ela viu o camburão chegar, fingiu logo um chique, tiveram que levá-la às pressas ao hospital, mas quando chegaram lá, descobriram que ela estava normal.

Creio que apesar de tudo, nossa rua não seria a mesma sem a presença marcante dessa moradora sublime, ela nos presenteia diariamente com alguma novidade. Porém, tenho percebido que ultimamente sua janela está sempre fechada, o que terá acontecido?

Perguntei para alguns vizinhos, mas eles nem se importaram, parece que gostaram do sumiço da velha, como se de um estorvo tivessem se livrado. Saí perguntando de porta em porta até descobrir que já havia duas semanas que Perpétua tinha se mudado para Belém, um filho levou-a depois que soube que ela andava doente de verdade. Alguns dizem que na hora da partida ela simulou de novo um chique, mas como seu filho conhecia bem esse truque, aplicou-lhe uma alta dosagem de remédios e ela teve que viajar inconsciente.

Fico pensando no escândalo que ela fez ao acordar em outro lugar e nas birras que está fazendo para voltar para cá, pois uma coisa é certa, ela ama Pacajá. Coitado de seu filho, muito arrependido deve estar.

Ainda hoje sua casa continua desocupada, a janela permanece fechada, mas sua presença persiste ali, lembrando a todos os moradores que ela é imortal e a qualquer momento surgirá na janela e dará sua risada descomunal.



Bola Murcha

Aluna: Fabiana Pinto da Fonte Pinheiro

Que maravilha! O dia mais esperado do ano enfim chegou “o dia de interclasse”, para alegria de todos, ou melhor, de quase todos. Vocês não sabem o quanto esse dia é almejado pelos alunos da minha escola e o mais interessante é a sensação que ele nos traz.

Quando entramos pelo portão da escola, é como se estivéssemos entrando em um campo de batalha, onde acontecerão lutas, guerras, perdas e vitórias, onde nossas armas são redondas, roliças, de todas as cores e tamanhos. Bolas que nos fascinam, alucinam, inebriam, e atraem olhares a todo o momento.

Ao som do apito, a euforia começa. As pernas correm, os olhos saltam e com olhar de águia analisamos o adversário. E, para a nossa turma, este é o jogo que realmente nos interessa: a queimada. Agora, a nossa tão esperada vitória era quase certa, pois o melhor jogador da escola estava em nosso time. O primeiro tempo termina. Estamos exaustos, mas confiantes.

Novamente, soa o apito e dessa vez a nosso favor, pois somos maioria em campo. A bola começa a pular, quicar, sambar e sapatear de mão em mão. Naquele instante nossa felicidade era visível, estampada e comemorada a cada jogador queimado. Só não esperávamos que enquanto no campo a bola rolava, na sala, alguém um celular roubava. No mesmo instante a notícia do roubo se alastrou como fogo em campo seco, e logo chegou aos nossos ouvidos, transformando em cinzas o nosso sonho.

O juiz finaliza a partida, mesmo ainda estando no início dela e todos da minha sala são convocados para uma reunião a fim de apurar os fatos do roubo. Então, começa o vucu-vucu, um imenso bafafá. A diretora corre para um lado, a coordenadora para o outro, e a professora nos levava para a sala como se estivesse nos levando para um abismo, arrastando-nos como se fôssemos presidiários acorrentados. Eu nunca tinha visto tanta tristeza e decepção nos olhares dos meus colegas. Até a professora, que era sempre tão animada, parecia ter levado um choque ao nos ver naquela situação.



Mas o fim da picada foi quando chegamos à sala de aula e nos deparamos com a polícia. Isso mesmo, a polícia! Vocês podem até se perguntar se estávamos em uma escola ou em um centro para menores infratores. Pois é, isso já se passou milhares de vezes pela minha cabeça, mas é melhor nem entrarmos nos detalhes. O fato é que mesmo com diretora, coordenadora, professora e até a polícia, não descobrimos o autor do tal roubo.

E então, tudo o que restava era comunicar à família da vítima e dar a péssima notícia de que o celular que o aluno havia ganhado no final de semana tinha sido roubado. E assim ocorreu, a diretora ligou toda cautelosa, tentando encontrar a melhor maneira de explicar a situação para a mãe, quando é espantosamente surpreendida pela revelação que a mãe do aluno faz:

— Celular?! Mas que celular? O aparelho dele está em casa. Ele está proibido de levá-lo, já que a escola não permite o uso dele.

Na sala de aula, a notícia caiu como uma bomba num campo minado. Além da raiva por estarmos ali enquanto a bola rolava lá fora, ficamos completamente indignados com aquele “bola murcha”, pois por culpa dele, mais uma vez acabamos sendo “os bolas murchas da queimada”.



Flocos de neve

Aluna: Isaura Wayhs Ferrari

Sempre pela manhã, as crianças iam à escola calçando seus chinelos de dedo, e, como se fosse brincadeira, pisavam e quebravam a geada que se formava durante a fria noite de junho.

Quando chegavam à escola, colocavam suas finas pantufas que aqueciam seus pequenos pés.

O dia passava rápido em meio a tantas brincadeiras entre amigos, e quando em casa já estavam, compartilhavam um café com a família e trocavam conversas. Todas as noites iam dormir muito cansados, mas acordavam dispostos.

Numa certa manhã, tudo foi diferente. Os dois irmãos acordaram com o chamado ansioso da mãe, que depressa lhes tirou da cama quente, para mostrar o que vira ao levantar cedo, ainda quando o sol se erguia no céu.

Foram até a janela do quarto, e através dela viram pequenos flocos de gelo cair sobre o singelo pé de caqui que ficava logo à frente.

Sim, era a neve que eles viam surgir do céu, algo que nunca tinham visto antes. Os dedos dos pés esticados proporcionavam uma melhor visão daquela cena tão linda para eles. Com os narizes gelados escorados na borda da janela, acompanhavam cada movimento.

A menina, num gesto de extrema delicadeza, estendeu o braço para fora, e esperou calmamente que um floco de neve lhe tocasse a mão, mas logo a neve desapareceu como num passe de mágica.

De pouco em pouco se olhavam e trocavam um sorriso leviano. Dois pares de olhos que brilhavam em uma magia imensa, e muito contagiante.

Estavam calados, mas sabiam exatamente o que o outro queria dizer.

Tudo era novo e surpreendente naquele momento, e, embora fria, a neve aquecia os corações daquelas crianças e também da mãe que lhes aconchegava nos braços.

A imagem que viam do jardim de casa ficava mais pintada de branco a cada segundo que se passava, parecia um desenho sendo rabiscado.

Os poucos minutos em que a neve caiu foi o suficiente para ficar eternizada em suas memórias.

Foi um momento único para aquelas crianças, pois a neve nunca mais lhes deu o ar de sua graça.

São nesses momentos que vimos o quanto podemos ser felizes com coisas simples, porém marcantes.

Tudo você pode reinventar, é só fechar os olhos e estender a mão, assim como a menina fez naquela manhã de neve.

Pedacinho de Serra Branca

Aluno: Gean Fabrício de A. Motta

Era sábado à tarde, começo de verão. Fui comprar certos ingredientes para o jantar em família que há semanas estava sendo planejado. Entrei no mercado aonde sempre vou e notei que tinha pouca gente, talvez por causa do calor. Apressei-me para atravessar o corredor dos brinquedos em direção ao fundo do supermercado, onde se encontravam os laticínios. No meio do caminho me deparei com um casal cochichando e apontando para os brinquedos enquanto um menino segurava e balançava as caixas. O casal tinha por volta de 30 anos: O homem de aparência cansada, a mulher com cabelo desalinhado e expressão corporal contida.

Ambos usavam roupas velhas. O homem tinha furos na calça, manchas na camisa e um prego no chinelo do pé esquerdo (consegui ver isso porque ele tropeçou, soltando o prego). O garoto tinha por volta de 8 anos. Seus olhos brilhavam a cada brinquedo segurado.

Nesse momento parei. Não conseguia me concentrar em mais nada, a não ser naquela cena: o menino encontrou uma bola profissional e mostrou ao pai que estava cabisbaixo.

Após um gesto da mãe, o pai tira a bola da mão do filho e o empurra delicadamente para o outro lado do corredor, enquanto a mãe oculta algo com um abraço. Nesse momento, voltei ao meu estado de consciência e novamente me direcionei ao fim do corredor. Saí jogando no carrinho os itens que precisava e fui para o caixa. Na fila estava outro casal com seu filho adolescente, vestido com roupas de marca. O garoto, apoiado no carrinho cheio de produtos, olhava para uma estante onde havia bombons. Sem hesitar deixou o carrinho e foi buscar uma caixa de chocolates. O pai já ia colocando os itens no balcão, enquanto o caixa e seu hábil assistente embalavam tudo. A balconista disse o preço, propositalmente em tom alto, para que os presentes ouvissem as centenas que acabavam de ser gastas.

O pai mexeu no bolso traseiro da calça, tirando uma elegante carteira de couro. Desta, sacou um cartão de crédito em cor dourada, ofuscando de inveja os olhos dos presentes. A balconista disse que não aceitavam cartão no mercado, ao que o homem tirou notas do bolso e pagou, sob o olhar abismado do assistente.

Saíram e agora era minha vez de passar pelo caixa, ao que senti um leve toque no ombro e uma voz suave dizer: “Com licença, posso ir primeiro?”. Ao olhar para trás, vejo o homem e o menino que estavam no corredor dos brinquedos. O homem trazia um pacote de arroz, outro de

feijão. Eu deixei que eles passassem. Sob o olhar preconceituoso da atendente, o homem tirou uma nota de cinco, e enquanto esperava o troco, sorriu para o filho. O caixa pegou um punhadinho de moedas de baixo valor e jogou no balcão. Acenou, me chamando adiante.

Paguei, peguei o troco e ao sair, vejo o pai, a mãe e o menino, família que havia visto no corredor de brinquedos. A mãe vinha atrás se esgueirando, deu um passo a frente e gritou: “Surpresa!”, revelando um papel de presente em formato esférico, que eu já pressentia o que era. O filho abriu com pressa a embalagem, que guardava uma bola de plástico, tão frágil quanto a criança.

Ele começou a chorar de alegria e abraçava a mãe e o pai que disseram: “Feliz aniversário!”. Eu pensei no contraste entre as cenas que assisti naquele dia. Eu pensei o quanto os pais tiveram que trabalhar para comprar aquela bola e em como mesmo sendo famílias completamente diferentes, são um pedaço de Serra Branca, que não existiria sem elas.

Águas que vêm e vão

Aluno: Ademário Nogueira dos Santos Neto

Quando os primeiros raios de sol pintam o céu, o galo entoa seu canto matinal e, com o som, a cidade inteira desperta. Morar no interior é assim, conviver com a natureza é rotina, e viver influenciado por ela é um bem necessário. O enlace mais forte é com o Juruá, rio de águas turvas e curvas sinuosas, que escreve boa parte das histórias daqui.

Na tarde ensolarada, sentei-me em um dos velhos bancos esquecidos na orla da cidade. Falo esquecidos, pois somente os solitários se lembram que eles estão ali. Mas na verdade, o que se perderam ligeiramente foram os meus pensamentos, quando se voltaram para aquelas águas em constante movimento e ascensão.

Quando o inverno chega, a cidade entra em alerta, o rio transborda, e rapidamente a cidade se transforma na “Veneza Amazônica”. É a fúria da mãe natureza que anualmente insiste em afligir a vida dos moradores ribeirinhos.

Do banco da praça, minha visão alcançava a margem oposta do rio. Avistava as casinhas de madeira quase submersas, e a água ditando o ritmo da pequena comunidade. Fiquei muito preocupado com a população e rapidamente, palavras de inquietação saíram da minha boca:

— Se eles sabem que isto vai acontecer, por que insistem em ficar lá? Não seria mais fácil vir para áreas elevadas na zona urbana?

Repentinamente, uma mulher que estava ao meu lado no banco e eu não tinha notado sua presença, respondeu-me:

— Os moradores já estão acostumados com a enchente. É como se ela fizesse parte de seu mundo, é um caso amoroso. As muitas águas não podem apagar o amor, nem os rios afogá-lo.

Estava na cara que aquela era uma ribeirinha, provavelmente estava na cidade procurando mantimentos. Mas, na verdade, não entendi sua resposta. Porém, algo em suas palavras me confortou, não sei se foi a certeza de que, apesar de todo sofrimento, aquela é a sina dos ribeirinhos, ou foi o alívio de lembrar que eu moro em uma área que não alaga.

Soltando um sorriso amarelo e voltando a atenção para o outro lado da rua, a mulher levantou-se e foi ao encontro de algumas pessoas que lá estavam. E novamente me vi sozinho na praça...



Não é nada fácil ver as coisas acontecerem e não se poder fazer nada. Quando despertei de minhas reflexões o crepúsculo já se fazia presente no céu. Com o cair da noite a orla se metamorfoseia, o brilho da lua se mistura com as luzes das casas e o reflexo intenso aguça os olhares que para ali se voltam.

É a hora de me despedir daquelas águas barrentas. Levanto do banco solitário, e saio caminhando vagamente. Espio o rio pela última vez, e volto para casa meditando sobre aquelas pessoas. Fico imaginando: “Do que eles estão precisando nesse momento?”. Pode ser somente uma palavra de conforto, ou talvez, de carinho. E assim o dia se vai, e as luzes das casas só apagam depois de toda a cidade, tão pacata, ter adormecido. Quando me dei conta já estava deitado em minha cama, fui deixando-me levar pelo sono, fechei os olhos e lembrei daquela brisa fresca que o rio proporciona. E os meus pensamentos navegaram... Aonde eles vão desaguar? Nas águas que vêm e vão do ousado Juruá.

Meu mundo encantado

Aluna: Maria da Conceição de Jesus

O lugar onde eu vivo era muito engraçado, no começo só tinha mato, mas o que mais me encantava era o braço do rio com suas águas refrescantes. Eu tomava banho enquanto ao meu redor os pássaros cantavam, era a coisa mais linda do mundo. Eu e minhas amigas sempre íamos à lagoa da pedra onde a água era verde, linda e com pedra de diversos tamanhos, formas e cores.

O lugar onde vivo não tem outro igual, aqui vivo com minha família que é tudo pra mim, meu pai me ensina a lidar com a agricultura. Como somos todos trabalhadores, penso logo que eles escolheram o nome certo para este lugar “Batalha”. A minha história está aqui em Batalha e eu nunca a esquecerei porque amo esse lugar em que vivo.

Contudo, como nem tudo na vida são flores, esse meu mundo encantado está se acabando e o motivo disso é a falta de água. A seca no nosso assentamento é um dos piores problemas. Além de não chover, não temos água encanada, então, nossa solução é pegar água no rio que fica bem distante usando carroças puxadas por burros ou jegues.

O percurso de casa até a escola era impressionante, antes eu via uma linda paisagem, os matos eram sempre verdes e uma brisa bem fresquinha entrava pela janela do ônibus, por ela eu ficava olhando tudo aquilo, mas hoje já não tem toda aquela beleza. Tudo mudou, os pássaros estão sumindo e o desmatamento está levando todas aquelas árvores lindas, que só nos faziam o bem com suas sombras.

Com a falta das lágrimas de alegria de Deus, as árvores não crescem como antes, porque agora Deus derrama lágrimas de tristeza, porque tudo que ele criou está sendo destruído a cada dia que passa.

Este meu mundo encantado em que vivo não é só meu, mas de todos aqueles que vivem aqui, e , por isso, temos de cuidar dele. Quando aqui chegamos, lutamos tanto para conseguir nosso pedacinho de chão, agora que realizamos esse desejo temos de cuidar do que é nosso. Até porque o sofrimento foi muito grande, como Batalha era controlada por fazendeiros, nossas famílias lutaram contra eles, que não nos deixavam entrar nas fazendas, havia até pistoleiros nas estradas.

Quantas dificuldades passamos, para fazer comida era necessário pegar galhos de algodão de seda, quanto sacrifício para viver, ainda assim não desistimos, viemos morar neste lugar, limpamos a fazenda e fizemos os nossos barracos, onde moramos até pouco tempo, porque atualmente moramos em casas de bloco.

Com a ajuda de Deus demos passos para frente, nossa condição de vida atual não é tão ruim, mesmo com todas as dificuldades que enfrentamos me considero viver em bênção, minha casa é meu palácio e o meu assentamento é um conto de fadas. Minha felicidade é enorme por viver com todos aqueles que eu amo e por eles fazerem parte desse meu eterno mundo encantado.



O código

Aluna: Gabriela Dalbosco

Toça o sino. O dia que estava aparentemente normal, muda drasticamente. No colégio a agitação cessa, a sala de aula se resume em baixos sussurros e os corredores se preenchem de silêncio. A pressa estampada no rosto das pessoas se dissolve e dá lugar à preocupação. Ou será à curiosidade?

Naquela pequena cidade do interior acontecia assim, uma badalada a cada cinco segundos notificava o que ninguém gostava de ouvir. Porém, o fato de ser um barulho indesejável não impedia que, de quando em quando, o sino tocasse; e a forma com que as pessoas reagiam diante do fato era sempre a mesma.

Aquele era o barulho que os fazia instantaneamente desviar suas atenções e pensamentos para as pessoas de maior valor em suas vidas. Era o “choque de realidade” que recebiam. Era o lembrete de que o tempo é curto e passa depressa; a notificação de que a ordem natural das coisas nunca se altera.

Mas, nem sempre o badalar do sino espalhava tristeza. Às quintas-feiras, aos sábados e domingos ele funcionava como uma espécie de relógio, avisando às viúvas que era chegada a hora de se arrumar para visitar seu santo conselheiro; confirmando à vovó que o vovô estava certo quando a mandou se apressar com o banho para conseguir um lugar privilegiado entre os bancos; lembrando aos preguiçosos e festeiros que daquela hora em diante o barulho era visto como um sinal de desrespeito. Este badalar constante passava uma sensação rotineira e não causava impacto nas pessoas.

O outro badalar não. Ele era temido até pela criança rebelde da sala de aula, pois seu avô encontrava-se no hospital. Era temido pela bibliotecária cujo marido fazia bico em uma serraria; e também pela moça que após uma discussão, não teve notícias de seu namorado. Era temido por estampar uma verdade: Ainda não foi encontrada uma solução para reverter o ciclo da vida. E infelizmente, querendo ou não, todos temem a verdade.



Os meninos da feira de Picuí

Aluna: Jéssica Lopes da Silva

Toda sexta-feira à noite na cidade de Picuí, a “Rua da Feira”, como todos denominam a Rua Manoel Gregório, fica tumultuada com a chegada dos feirantes que se preparam para a feira do dia seguinte.

Na madrugada de sábado os meninos do frete descem pelas ruas com suas carroças, e apesar do sono e do frio estão sempre felizes, conversando e em altas gargalhadas vão quebrando o silêncio da madrugada.

Eles vêm de todos os bairros, e é no clima de calor humano que alguns descem a ladeira do Limeira, outros vêm do Cenecista, do São José, e até mesmo os que moram no Centro e no Pedro Salustino próximo à feira.

E ao chegarem os grupos de meninos se dividem, pois cada um já tem os seus fregueses, e lá vão, em busca de seus fretes, rua acima e rua abaixo...

Aos primeiros raios do sol, a tranquilidade da feira vai sendo gradativamente substituída pelo tumulto dos feirantes na disputa pelos fregueses, que aos poucos enchem a feira, pechinçam, conversam, compram as verduras e as frutas da semana, e, ao lado, os meninos com suas carroças... “Quer frete?”

E assim os meninos vão passando a manhã, pra lá e para cá, ganhando algum dinheiro, que mais tarde chega o momento tão esperado... Quando o movimento diminui, os meninos vão mais uma vez se reunirem para lanchar, racham o refrigerante, comem salgados, bolo... Põem o papo em dia, fazem algazaras. É tanta alegria que contagia!

Para os meninos do frete é mais que um lugar de trabalho, é nesse dia que levam alguma fruta e verdura pra casa, é onde eles aprendem a ter responsabilidade, compromisso, e muitos fazem porque gostam; outros, pela necessidade; outros, pela independência de ter seu próprio dinheiro. Os meninos da feira partem em busca de oportunidades...

“Quer frete?”

Últimas lágrimas

Aluno: Vinícius Henrique Silva

Numa manhã de sol radiante, reluzente como ouro, caminho entre os rochedos do Açude do Bonito. Coloco em ênfase minha surpresa ao encontrar-me diante de uma nova imagem, distinta da que eu contemplava até pouco tempo. Antes, as cores e os sons misturavam-se homogeneamente na paisagem, incrivelmente fascinante, como em uma tela pintada pelas mãos de Deus. Pássaros batiam suas asas acima do verde das altas serras. As águas doces de nosso abastecedor abrangiam uma imensa variedade de vida aquática e refletiam o azul celestial.

Hoje, a vida do “Bonito” está sendo comprometida, ameaçando deixar como herança uma profunda cratera. Os ares não são os mesmos. O ambiente nativo perdeu o contraste, transformando-se em um cenário desbotado. Os sons naturais deram espaço para o ruído dos motores. Operários trabalham com enormes encanações, instalando-as nas suas águas cristalinas, tentando sugar-lhe até a última gota.

Agora, vastas plantações de mandioca vêm avançando sem limites, dominando o espaço como uma verdadeira praga, consumindo água para a irrigação incontrollável. Clandestinamente, e sem o mínimo respeito, ousam sustentá-la à custa de um reservatório público, prejudicando quem, realmente, necessita dele para viver.

Há pessoas incapazes de enxergar a própria realidade, agindo de forma inconsequente a respeito do açude. Sem ele não seríamos nada. Sem ele tudo para. O Bonito está sobrecarregado, como no dever de um pai de sustentar a família. Sozinho, ele concede para toda a população, independente de cor, raça, situação financeira, o líquido de valor inestimável.

Como seria a súplica de um açude por sua vida? Clamando pela consciência, pelo pagamento de promessas, por sua recuperação... pela chuva? Essa cairia no momento como a salvação, reabastecendo nosso açude, enchendo-o de novas esperanças, expectativas, reavivando-o. Reascender-se-iam as chamas da felicidade e afastaria a cidade do espectro da falta de água.

Volto-me à reflexão anterior e percebo que a cooperação de todos é indispensável. O estado em que se encontra o açude foi, em grande parte, escolha dos habitantes desse lugar, considerado pequeno para muitos, porém grandioso para mim que, apesar de jovem, já sinto na pele o descaso por parte daqueles que por aqui passaram. Esqueceram-se de tê-lo como um amigo e, inconscientemente, passaram a vê-lo como um objeto de pouco valor.



Olho para a pouca água que ainda lhe resta e vejo o meu reflexo, levando-me a crer que faço parte desse local, juntamente com milhares de pessoas. Minha existência depende da sua sobrevivência.

Recolho-me à sombra rara de uma árvore, verde pelo frescor que ainda recebe desse “gigante”. O vento sopra, suavemente, sobre minha face. Comovido, sinto ver o açude derramar suas últimas lágrimas sofridas.



Sessenta minutos

Aluna: Viviane Marins Guimarães

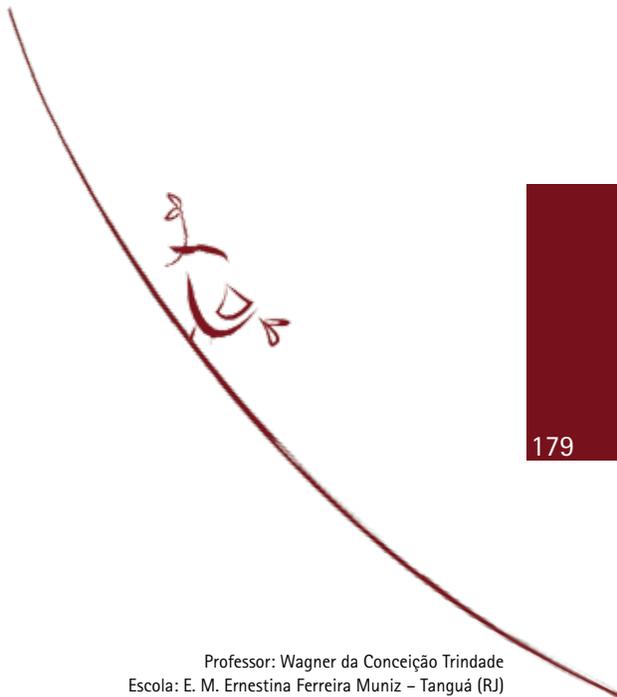
O despertador do celular toca. Soneca. Soneca. Mais cinco minutos. Não dá mais, tenho de levantar. São 5h45 e eu ainda estou com muito sono. Paciência, se não levantar agora, *bye-bye* escola. O ônibus passa às 6h10 e se eu não chegar a tempo, só daqui à uma hora. Coisas de quem vive na Posse, um paraíso escondido sob nuvens de poeira da estrada de chão.

É impressionante como o tempo voa quando a gente está atrasada. Tudo feito: uniforme, livros, mochila, café... O horário está apertado, mas estou pronta para sair. Passos rápidos até o ponto; cheguei. Mas algo está errado, muito silêncio e muita poeira. A matemática não falha: silêncio + vazio + poeira = o amarelinho passou. Sabia que isso ia acontecer, culpa daquela soneca a mais. Não tem muita escolha, uma hora de espera. Se ao menos desse para voltar para a cama... Melhor não arriscar.

Em sessenta minutos é possível se pensar em muita coisa, principalmente quando se está sozinha em um lugar quase desértico. Ainda sob o efeito da irritação pelo atraso, que a diretora não me deixará esquecer, penso nas contradições do lugar onde vivo: sou do Rio de Janeiro (tudo bem que Tanguá fica um pouquinho distante e a Posse faz parecer um outro continente) e quanta coisa vai acontecer por aqui! As Olimpíadas e a Copa do Mundo prometem trazer muitas novidades, o Brasil ficará mais moderno do que nunca. Prédios, estádios, metrô... e eu, parada em um ponto de ônibus, engolindo poeira do estradão. Se eu contar isso no Facebook para qualquer pessoa de outro lugar do mundo, acho que vão dizer que é piada.

Pensei, cantei, falei sozinha, tirei cutícula e ainda são 6h54. É impressionante como o tempo engatinha quando a gente está esperando o amarelinho. Os dezesseis minutos restantes até a chegada do ônibus foram de completo vazio, não dá para contar. Dezesseis não, dezenove. O ônibus atrasou três minutos, só porque eu não precisava, sempre assim.

Chegando à escola, nenhuma novidade. Sermão da diretora, desculpa ao professor, implicância dos colegas da turma. Pareceu uma eternidade, mas comecei meu dia de aula, enfim. No quadro, o professor de geografia explica sobre globalização, sobre como a noção de tempo mudou com o passar dos anos. Nos dias de hoje, em uma hora, muita coisa acontece e muita coisa muda no mundo. Mas no mundo de quem? Se eu contar isso no Facebook para qualquer pessoa, acho que vão dizer que é piada.



Quarta-feira (de Ipanema)

Aluna: Viviane Reinaldo Martins

Quarta-feira... Era pouco mais de 12 horas quando cheguei em casa. Que sorte, o almoço estava pronto! Tive de comer apressadamente, pois a tarde ainda seria longa e trabalhosa na cidade.

Meus pais e eu corremos contra o tempo: empacotamos mandiocas, enlitramos os leites, apanhamos laranjas... Até que enfim, tudo fica pronto. Os produtos vão sendo ajeitados no carro e...

“É aqui, no bairro Ipanema”. Sou logo acolhida por aqueles aromas inconfundíveis dos pastéis. De longe já se avistam as barracas azuis. Barracas que colorem e animam a praça nesse dia.

“É aqui, nesse número dezesseis”. Bastou uns poucos minutos para inundar de cores, cheiros e sabores aquele balcão enxadrezado da barraca de papai. Logo, a rua também se enfeita toda de anil; cada tenda reservava em si uma imensidão de paladares, inculcados no sabor da alface, bolos, doces, sonhos, queijos, frutas da estação...

Entardecia... Sentada num banquinho qualquer, observo o movimento frenético dessa rua de Ipanema: pessoas transitando para lá e para cá, na lida com seus carrinhos recheados de sacolas. Algumas crianças jogam o futebolzinho corriqueiro na praça, enquanto outras se desmancham em lágrimas, pediam clemência às mães para levá-las aos famosos pula-pulas.

Em meio a esse alarido, três crianças pardas e muito parecidas, ainda pequenas, porém bastante espertas, me chamam a atenção e se tornam o foco dessas minhas divagações.

Na pracinha, enquanto o sol ainda perdura, lá estão elas: no pega-pega, ou ainda trepando em árvores. Não param um único segundo! O mundo parece pequeno para tantas alegrias resvalando Ipanema afora.

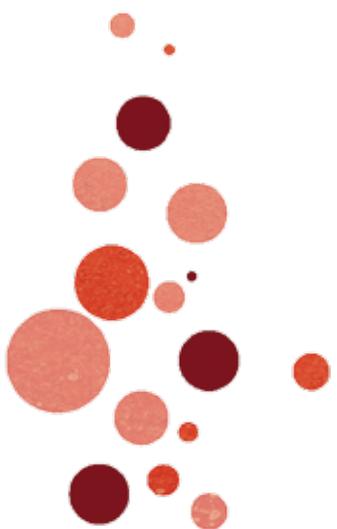
Com o chegar da noite, não vejo mais essas criancinhas na praça... (Sumiram?) Agora são três serezinhas andando vagarosamente pela feira catalana, carregando, em cada mão, um litro verde, azul, roxo... O lúdico, então, cedeu lugar à vida dura e amarga desses meninos.



De barraca em barraca, com a voz meio engrolada: “O senhor quê comprá desinfetante?”.

Mesmo recebendo um não como resposta, sem vender nada, saem satisfeitas. Mas o sorriso âmureo dessas criaturinhas é o que irradia toda a feira de Ipanema, ilumina a rua, o mundo, pensei cá com os meus botões. Além do mais, naquele momento, ao menos naquelas quartas-feiras de Ipanema, esse dócil gesto talvez consiga erradicar toda a pobreza desses pequeninos, maltratados tanto pela insensatez quanto pela miséria dos grandes.

É assim as quartas-feiras na feirinha de Ipanema, com gente simples e batalhadora, cada um empenhado na luta árdua pelo pão nosso de cada dia.



Meninas da chuva

Aluna: Karoline Lima Peres

O barulho me fez acordar mais cedo. O cheiro de terra molhada... É simplesmente o melhor cheiro. Em dias molhados Boa Vista tem seus encantos.

Quando chove é festa da criançada na minha rua. Reina uma alegria sem igual.

O barulho das gotas parecia mais o som de uma música que as envolvia de forma tão contagiante que dava vontade de dançar com elas, de acertar o passo junto com elas que era marcado pelo compasso dos pingos d'água aparados nas mãos tão pequenas, mas tão cheias de vida. Vi nos olhos daquelas meninas, a felicidade com tão pouco, o riso puro e singelo expressava a alegria infantil, preocupação alguma as incomodava, ou as impedia de aproveitar ao máximo um momento tão singular como uma brincadeira com a pura água vinda do céu. Seus tombos faziam surgir uma explosão de gargalhadas confundidas às vezes com o próprio barulho das mais fortes gotas d'água tocando o chão. E estavam protegidas... Protegidas com os olhos atentos de algumas mães, alguns pais que as observavam da janela de suas casas.

Na outra esquina em um cano de onde escorria água de uma calha, elas faziam de conta que era uma grande cascata. Isso me fez pensar que com simplicidade até na pobreza é possível ser muito feliz. E mesmo com a desigualdade social “criança é criança”. Não importa a cor, as vestes, a casa que dá abrigo, ou o lugar onde moram, não importa o bairro, moro em um dos mais pobres da cidade, Conjunto Cidadão é o seu nome. Ironia do destino ou não ele se chama “Cidadão”! E aquelas meninhas faziam valer naquele momento seus direitos de pequenas cidadãs. Direito de ser “FELIZ”!

E você caro leitor, é feliz com o que tem? Com o seu pouco? É feliz com o seu muito? Ou o seu muito é pouco? Ou o seu pouco é muito? É feliz no lugar onde mora? Ou deseja ir embora?

Não sei qual a sua resposta, mas seja qual for lembre-se das meninas do Conjunto Cidadão... AS MENINAS DA CHUVA! Que sabem fazer de um simples momento, de uma simples chuva, de uma simples brincadeira um grande momento único e mágico! As meninas da chuva não se deixam contagiar com as dificuldades que a vida duramente lhes impôs, mas conseguem reabastecer de alegria a cada chuva todas as casas dos moradores da minha rua.

O lugar de cada um

Aluna: Bruna Pinheiro

6h30, acordo assustada com o despertador. Visto o uniforme, tomo café e vou para escola. Sempre ando pelo mesmo caminho, estou tão acostumada que nunca paro para observar o lugar onde vivo. Mas hoje resolvi mudar, ninguém merece fazer a mesma coisa a semana inteira. Andei uns dois metros, parei, pensei: “Hoje vou observar o caminho até a escola, o caminho que percorro de segunda à sexta” e foi isso mesmo que fiz.

Cheguei ao final da rua onde moro e percebi que a maioria dos moradores tem cachorro, julguei interessante como nunca os percebi latindo e hoje tive a impressão que estavam tentando conversar.

Viro à esquerda. Dessa vez comecei a observar o jardim de cada um, ironicamente encontrei apenas duas casas com plantas pelo quintal, já que Joinville é conhecida como “a cidade das flores” onde estão essas flores? Talvez minha avô tenha roubado todas para ela, pois na nossa casa é difícil até de andar sem pisar em alguma florzinha.

Continuo andando, sento em um meio-fio por 5 minutos e analiso o meio de transporte de cada aluno. Chego à conclusão de que na “cidade das bicicletas” bicicleta é coisa rara. Passaram por mim alguns carros e algumas pessoas caminhando, mas onde está a bendita bicicleta? Provavelmente se perdeu no caminho.

Estou quase chegando à escola, minhas ideias estão sumindo e resolvo apelar, vou observar se na “cidade dos príncipes” encontro algum perdido por aí. Quando percebo estou rindo dessa ideia meio louca, afinal, príncipes não existem só em contos de fadas? Acho que eles resolveram virar sapo, e não vou julgá-los por essa atitude, pois temos que nos adaptar ao local em que vivemos, e vamos ser sinceros, aqui quando não está chovendo é dia de festa.

Entre na sala de aula e ali fiquei algumas horas, lendo e escrevendo, mas meus pensamentos ainda percorriam o lugar onde vivo. Fim de aula. Voltando para casa, percebi que mesmo não encontrando príncipes pelo caminho, pessoas andando de bicicleta ou várias casas com flores, minha cidade vai continuar sendo a mesma, vai continuar com seus títulos. Cada um faz o lugar onde vive ser diferente de certa forma, cada um constrói a sua cidade. E a minha cidade? Ah, ela é maravilhosa!

Troca de valores

Aluna: Luana Aparecida da Silva Almeida

Sexta-feira a tardezinha, andando pelas ruas tranquilas de Nobres, deparei-me com uma cena muito impressionante, apresentada por este “mundo” chamado preconceito. O lugar onde vivo é simples, com um povo humilde e acolhedor, porém poucos conseguem ver a pureza que se instala aqui.

Uma senhora negra, sentada no meio-fio entre duas crianças “branquinhas”, com o braço direito passado ao redor do menino menor, enquanto a menina espalhava um sorriso humilde, daqueles que só criança sabe dar: verdadeiro, puro, que se ouve até um gritinho na garganta no final da gargalhada.

Bôbis por toda a cabeça, alguns meio caindo, denunciavam que já estavam ali há dias, presos por um lenço puído, que mais parecia um retalho de uma roupa usada, daquelas que enjoamos e deixamos numa sacola para dar para alguém que “sirva”. Para completar a cena, seu vestido de modelo antigo denunciava a simplicidade e a “pobreza” da mulher.

Fiquei observando: a mulher com sacolas de plástico nas mãos, dentro seus objetos pessoais levanta-se e entra na única sorveteria da cidade, sempre com os braços sobre as crianças. Passaram-se quase meia hora e fiquei curiosa pra ver o que houve com eles. Ao adentrar o recinto percebo que a pobre mulher ainda não fora atendida, o balconista limpava a poeira dos móveis e não a atendeu, ela continuava em pé perto do balcão. No instante que eu estava indignada com a cena chega outra mulher, estaciona o carro na vaga para deficientes, entra de queixo erguido, com cara de nojo, discutindo com o filho, gordo e despenteado, porque ele desceu sem as sandálias. Logo da porta já interpela o atendente que ouviu prontamente e a atendeu. Enquanto isso, erguendo os óculos de sol na altura da testa, olha para a pobre mulher e “rosna”:

— Queira se retirar, não dou esmolas! — a mulher envergonhada, de cabeça baixa responde:

— Desculpe senhora, não viemos pedir nada, só quero comprar sorvetes para meus filhos. E as crianças se achegaram perto da mãe, cada qual com notinhas de dois reais amassadas, suadas, segurando forte nas mãozinhas que de vez em quando eram contempladas. A pobre mulher continuou sem perceber que a outra não lhe dava a menor importância:

— Somos do distrito, vim consultar as crianças no postinho bem aqui perto, viemos no ônibus da escola.

A madame saiu da sorveteria e o atendente mandou a pobre mulher se por dali para fora. Ainda abraçada aos filhos, com olhos cheios de lágrimas voltou ao ponto de ônibus para voltar ao seu lar.

O ônibus amarelo, velho, estaciona, pintura descascada, pneus comidos, só consegui ver a sombra dos três subindo as escadinhas, a fumaça escureceu o ambiente e junto o cheiro de óleo queimado. No entanto, ao passarem perto, observei a mulher com os filhos no colo, ocupavam o mesmo banco, um sorriso estampava os seus rostos, o olhar trazia um alívio que só os puros conseguem transmitir. Como disse o escritor Manuel de Barros em seu texto “O lavador de pedras”: “Os andarilhos, as crianças e os passarinhos têm o dom de ser poesia. Dom de ser poesia é muito bom”. As crianças ainda acenaram com as mãozinhas um adeus, levantei meu braço direito com muita vergonha e remorso, por saber que muitos agem como eu agi, deixam as pessoas serem lesadas de seus direitos e nada fazem. Assim é o lugar onde eu vivo: BRASIL.



Pequenas bailarinas

Aluno: Paulo Ricardo Moraes Almeida

Era uma tarde amarela de sol ardente. Muitos lavradores voltavam da roça, peladeiros iam para o campinho como num dia normal. Foi quando se ouviu uma gritaria muito forte. Nesse momento todos retornam às suas casas, como se fossem se preparar para uma batalha.

De repente, saem todos desesperados na mesma direção. Os gritos ecoavam por todo o povoado. O que seria esse chamado misterioso? Será que era uma briga ou uma discussão? Mas não, leitor. Não era nada de briga, nem de discussão. Era a festa da fartura! Todos os anos de junho a novembro, as tapiacas vêm dar o ar da graça, animando a comunidade.

O estranho chamado dizia:

— As tapiacas vão subindo pessoal!

Esse grito de alegria vindo do Rio Pindaré saía da boca das crianças que jogavam bola na praia de areia, tão branca quanto aqueles famosos peixinhos. Num instante, a margem do rio se transforma: o pescador joga a tarrafa, enquanto o remador domina a canoa. Quando a tarrafa cobre a água, parece um manto abraçando-a e fazendo: tcháããã!

Enquanto isso, a cada tarrafeada que vem cheia de peixe, o povo vibra de alegria. Na margem há aqueles que vão apenas assistir ao espetáculo da piracema.

As exibidas protagonistas capricham ainda mais na apresentação. Elas pulam em grupos como se fossem blocos de carnaval. Vestidas de branco pintam a água de prateado e vão subindo rio acima. O povo na margem vai enchendo seus cofos de peixes, acompanhando o movimento das pequenas bailarinas.

Todos alegres retornam às suas casas. Na mesma hora, o povoado fica com o aroma exalado pelo cheiro dos peixinhos. É fresco, salgado, seco, escaldado, assado, cozido ou frito. Huum... com limão, farinha e pimenta é uma delícia! O cheiro toma conta do lugar, chamando a atenção de todo mundo.

As tapiacas trazem a recordação de quando o rio era farto o ano inteiro e não só na época das piracemas. Mas não é culpa do pobre rio.

Era uma tarde amarela de sol ardente. Muitos lavradores voltavam da roça, peladeiros iam para o campinho como num dia normal. Foi quando se ouviu uma gritaria muito forte. Nesse momento todos retornam às suas casas, como se fossem se preparar para uma batalha.

De repente, saem todos desesperados na mesma direção. Os gritos ecoavam por todo o povoado. O que seria esse chamado misterioso? Será que era uma briga ou uma discussão? Mas não, leitor. Não era nada de briga, nem de discussão. Era a festa da fartura! Todos os anos de junho a novembro, as tapiacas vêm dar o ar da graça, animando a comunidade.

O estranho chamado dizia:

— As tapiacas vão subindo pessoal!

Esse grito de alegria vindo do Rio Pindaré saía da boca das crianças que jogavam bola na praia de areia, tão branca quanto aqueles famosos peixinhos. Num instante, a margem do rio se transforma: o pescador joga a tarrafa, enquanto o remador domina a canoa. Quando a tarrafa cobre a água, parece um manto abraçando-a e fazendo: tcháããã!

Enquanto isso, a cada tarrafeada que vem cheia de peixe, o povo vibra de alegria. Na margem estão aqueles que vão apenas assistir ao espetáculo da piracema.

As exibidas protagonistas capricham ainda mais na apresentação. Elas pulam em grupos como se fossem blocos de carnaval. Vestidas de branco pintam a água de prateado e vão subindo rio acima. O povo na margem vai enchendo seus cofos de peixes, acompanhando o movimento das pequenas bailarinas.

Todos alegres retornam às suas casas. Na mesma hora, o povoado fica com o aroma exalado pelo cheiro dos peixinhos. É fresco, salgado, seco, escaldado, assado, cozido ou frito. Hum... com limão, farinha e pimenta é uma delícia! O cheiro toma conta do lugar, chamando a atenção de todo mundo.

As tapiacas trazem a recordação de quando o rio era farto o ano inteiro e não só na época das piracemas. Mas não é culpa do pobre rio.

Pangaré ou Puro-Sangue?

Aluno: Josimar José Nogueira Júnior

Venho caminhando pela Avenida Jones dos Santos Neves, após uma exaustiva aula de reforço... Chego ao ponto de ônibus que fica em frente ao Mercado Municipal da cidade, onde o fluxo de pessoas é intenso, tanto no mercado quanto no ponto.

Encontro um espacinho para me encostar no muro entre um casal e dois “distintos” senhores, que a todo momento soltavam sonoras gargalhadas e com elas um odor insuportável de cachaça.

Como a risada é contagiante, e conversa de bêbados é sempre engraçada, apurei os ouvidos e comecei a prestar atenção aos dois, e claro, sem que eles percebessem. Estavam comentando sobre as mulheres que saíam do Mercado. Quando passava uma mulher bonita eles a chamavam de “Puro-Sangue”, e ao passar uma mulher mais desajeitada, não tão bonita quanto as outras, eles a chamavam de “Pangaré”.

Passou então uma linda moça, arrumada e elegante, e um dos dois senhores falou logo:

— Olha essa, Zê! É Puro-Sangue, tão bela quanto uma gazela.

— Concordo — disse o outro senhor.

Mas aí passou outra mulher, que já não era tão bela quanto a primeira, mas a meu ver tinha lá a sua beleza. E o outro senhor logo disse:

— Shii... Tonho, essa aí é Pangaré, parece até um bicho de pé, nem parece que é mulher!

— Repara bem, Zê, tenho certeza que ela tem chulé — disparou o amigo, voltando a dar gargalhadas.

E a todo o momento soltavam cada pérola que fiquei imaginando de onde eles desenterravam tanta bobagem... Estava me segurando para não rir. Não queria que percebessem que eu estava prestando atenção na conversa deles... E enquanto o ônibus não chegava, meus olhos acompanhavam os deles que continuavam comentando sobre as beldades que saíam do Mercado. Eram mulheres brancas, negras, pardas, altas, baixas e nenhuma escapava dos comentários sem sentido dos dois compadres.

Até que saiu novamente uma mulher, pequenina, magrelinha e simples. Foi quando um dos senhores falou:

— Meu Deus, Zê! Que horror, essa é um “Pangaré”! Tem as pernas finas, unha encravada, cabelos nas narinas e não faz cafunê!

— Tem razão, essa sô com oração — disse o amigo, mas logo em seguida olhou novamente para a mulher, dessa vez reparando um pouco mais e disse:

— Ih, rapaz, essa aí é a minha mulher.

E caíram na mais alta gargalhada!

Eu então não consegui mais me segurar, juntei-me aos dois e caí na risada. Foi aí que os dois senhores repararam que eu estava aquele tempo todo prestando atenção na conversa deles, e me perguntaram:

— Do que você está rindo, seu moleque?

— Desculpe-me, mas eu não pude deixar de prestar atenção na conversa de vocês que acabaram me dando uma grande ideia para escrever uma crônica.

— Crônica? Sabe que é isso, Tonho?

Como meu ônibus já estava muito perto do ponto e não daria para explicar eu me lembrei da frase de Rubem Braga, e respondi:

— Não se preocupe. Se não é aguda, é crônica.

Os senhores ficaram olhando um para o outro e só deu tempo de escutar um dizer:

— Hum, Tonho, sei não, heim... Esse aí é Pangaré!

— Que nada, Zê. Isso é Puro-Sangue, não é que esse moleque citou meu conterrâneo.

No casulo de agosto: onde a metamorfose acontece

Aluna: Aline da Conceição Andrade

O mês de agosto irradia a cidade cujo nome arranha o céu estrelado. Cruzeiro do Sul, pequena no céu, grande em nossos corações! Nessa época, tudo muda em nossa constelação. Não só por conta das lindas tardes de calor e sol escaldante que se destacam literalmente, sem sombra de dúvidas. Os garotos em férias tomam as ruas como pardais ao ar livre, suas pipas dançam, rebolam, rodopiam, tremem e estremeçam em meio aos passarinhos no azul infinito. É impossível ignorar a agitação que embala nossa cidade durante a maior manifestação de fé do nosso Estado, o Novenário de Nossa Senhora da Glória!

Contemplando o pôr do sol sobre as águas turvas e barrentas do Juruá, vejo um barquinho no cais e lembro-me dos pescadores que estão se preparando para elas. Tarrafas, facas, isopor, protetor solar, repelente, alicates, chumbada, caniço e outras coisas fazem parte do arsenal de pesca, indispensável para quem espera muitíssimos peixes vindo rio acima e tira deles seu ganha pão. Depois de muito lutar com aqueles que vêm contra a corrente, chegam ao porto cansados, mesmo assim parecem felizes. E com um largo sorriso no rosto apresentam seus barcos cheios de vidas aquáticas para que os que já esperam o tão escamado prêmio em terra firme comprem por uma pechincha, e quem sabe até revendam por aí.

Enquanto isso, os barcos no cais espiam a movimentação de camelôs e feirantes que nesse período se torna constante. As ruas do centro da cidade se transformam em um verdadeiro campo de batalha por fregueses. Os vendedores nas barracas tentam chamar a atenção com caixas de som tocando ao máximo, terríveis e agradáveis bregas. Calçados, roupas, relógios, canecas e outras bugigangas atrelam-se sobre lonas em meio à calçada, e dela ecoam gritos dos feirantes que mais parecem ter um microfone no lugar da popular campainha. “Hoje é torra-torra total de estoque! Leva três, paga duas. Mulher bonita não paga, mas também não leva!” Gritam desesperados por clientes sob a efervescência de um sol tipicamente equatorial. E surgem poetas ao acaso: “Vamos lá, vamos comprar, tem calçado pra ele, pra ela, pro pé dele e pro pé dela, pro moço e pra donzela, pro príncipe e pra cinderela!”



À noite, a cidade parece se metamorfosear, é tudo mais tranquilo, lento, calmo, paciente. O barulho de buzinas, caixas de som, feirantes e fregueses é substituído pelo leve sopro da brisa. Na verdade, todos ali são uma “metamorfose ambulante”. Os loucos pela freguesia durante o dia, à noite parecem não se importar com tais apetrechos capitalistas. Os que gritavam, falam aos sussurros, como se sempre fossem assim, respeitosos quanto ao ouvido alheio. E as bregas são substituídas por músicas de fé e esperança.

Mas é ao fim dos nove dias que tudo realmente se transforma. Adoro ver isso. Costumo comparar à piracema, onde todos se misturam, ricos, pobres, negros, brancos, baixos, altos, gordos, magros, feios ou bonitos. Em procissão, em meio à multidão, todos se juntam por um único ideal, mas diferentemente dos peixes, não vão contra a corrente, mas seguindo-a. Cada “metamorfose ambulante” parece ver à sua frente uma razão, algo a seguir, a acreditar, a sonhar com um futuro digno e gratificante, algo que não a faça ter “aquela velha opinião formada sobre tudo”.

Relógio jumento

Aluna: Roberta Oliveira Morim



Por aqui não tem *shopping*, não tem cinema, não tem churrascaria, não tem pizzaria, não tem funerária, não tem feira, não tem zoológico, não tem Pronto-Socorro, não tem espaço cultural, não tem parque, não tem quase nada. Mas aqui tem uma coisa que cidade nenhuma tem. Sabe o que tem aqui? O jumento do tio Joãozinho. O despertar da manhã com o galo, que nada! Aqui o despertador é na “base” do zurrar do jumento.

O Paioso (que foi o nome dado a ele) reside aqui pertinho, numa chácara. Além de despertador, no pensamento do Paioso ele se acha um ótimo cão de guarda. Lá na chácara se ele vê chegar alguém, vai logo dando o alarme, se escuta qualquer barulho, vai logo zurrando. É um tipo de jumento de guarda. Mas o que ele gosta mesmo é de acordar a cidade, o Paioso é como um despertador. Às 6 horas da manhã ele solta a voz literalmente, quando os peões chegam na chácara para tirar o leite das vacas. Lembrando, o Paioso não pode ver nem escutar nada que ele vai zurrando, e nesse horário, na chácara, é muito movimento, aí ele zurra que é uma beleza! Acordando a cidade inteira com o seu som engraçado.

No começo dessas “zurrações” era bem chato. Pois imagine você, sendo acordado todos os dias, bem cedinho, pelo zurrar de um jumento? Pois é, mas eu me acostumei e o povo daqui também. Alguns se acostumaram tanto que parecem “zurradores profissionais”, sabem imitar direitinho o zurrar do jumento. Poderia até ser organizado um concurso por aqui, para ver qual é o melhor imitador do Paioso, certamente teríamos muitos concorrentes e iria ser uma disputa acirradíssima e muito engraçada!



Hã três tipos de jumento: o jumento baiano, o jumento nacional e o jumento pega. O Paioso ã um jumento pega, que tem mais ou menos 1,30 metro de altura, de cor acinzentada, genioso, atrevido, inconveniente e cheio de caras e bocas quando grita. Pense, uma gracinha nã?! Podem existir milhares de outros jumentos iguais a ele na cor, na altura, na raça e até no nome, mas eu tenho a certeza que nenhum tem a função de despertador e jamais algum outro jumento tomarã o lugar do Paioso. Infelizmente, claro que chegarã o dia final, o dia em que o jumentinho terã que partir... E eu jã começo a imaginar que se merecia fazer um grande funeral para ele, como jã ocorreu quando um importante político daqui faleceu. Um caminhã do corpo de bombeiros levaria o seu corpo, logo atrã a fanfarra, e claro uma cavalgada (pois, por aqui, qualquer evento que aconteça tem a fanfarra tocando e uma cavalgada acompanhando) com jumentos, mulas, êguas, cavalos, burros. Ah! Quanta emoção... E todo o povo acompanhando seu funeral. E, por fim, merecia-se também uma estãtua com a imagem dele na entrada da cidade, juntamente com uma placa escrito: “Aqui jaz um relógio jumento...”.

Um vagalume ao meio-dia

Aluna: Victória Renata Borges Ordonez

Acordo às 6 horas como sempre... Cara amassada, preguiça, mau humor, mas me lembrando de cada grito de minha mãe se eu falar a palavra “faltar”, fico arrepiada, e esse mesmo arrepio me desperta e me levanta para mais um dia de aula. Como de rotina, me arrumo, arrumo os materiais e vou para a escola.

Estou na aula de Química e tenho de admitir que é uma das piores matérias para mim, mas sem escolha, estou ouvindo atentamente a explicação. Neste momento entra na sala a respeitável diretora, acompanhada da vice-diretora e nada mais nada menos que a doce Abadia, uma espécie de “faz tudo” no Polivalente. Logo que elas entram na sala, todos gritam, dão risadas e batem palmas enlouquecidamente. A tão conhecida Abadia, como sempre sorridente, está ainda mais radiante, literalmente! Ela está vestida com seu novo uniforme: um colete e um boné verde-limão fluorescente... Algo no mínimo inusitado, o que causa grande alvoroço, curiosidade e dúvidas nos alunos. Logo se formam perguntas na cabeça de todos: “Como? Por quê? Para quê? Até quando? Desde quando? O que é aquilo?”.

Perguntas que a diretora prontamente vai respondendo como se estivesse lendo o pensamento de cada um de nós com uma simples frase: “A partir de hoje a Abadia será nossa ‘Organizadora de Trânsito’, ela estará sempre na saída de vocês, controlando e organizando o trânsito”.

Todos continuaram a bater palmas e assim mostraram que independente da idade, função, sexo e aparência ela é uma senhora que deve ser respeitada dentro e fora da escola não só por sua função, mas também pelo seu caráter.

No final do horário eu estava ansiosa para ver a Abadia exercendo seu novo papel. Na realidade, recusava-me a acreditar que uma pessoa meiga como ela seria capaz de se fazer de dura perante os motoristas, principalmente os homens que normalmente são preconceituosos e machistas. Qual seria a reação deles ao ver uma senhora conduzindo o trânsito diante da escola e dando-lhes ordens, mandando-lhes parar, seguir, não parar na faixa etc. etc.

De longe, do meio do pátio já a avistei, com seu “discretíssimo” uniforme reluzente em pleno sol do meio-dia. Lá estava a Abadia!

Quando fui me aproximando, vi que ela precisava de socorro. Algo estranho estava ocorrendo! Ela parecia apavorada. Ouvi o som estridente de seu apito como se fosse o de uma sirene de ambulância. Ela estava à frente de um carro de olhos arregalados, apitava e batia os braços, tudo ao mesmo tempo! O motorista continuava avançando e ela lá na frente do carro como se fosse capaz de fazê-lo parar com seu frágil corpo.

O motorista pôs a cabeça para fora do carro e disse:

— Saia da rua, sua maluca!

Aí a coisa ficou feia. Quando os alunos ouviram aquilo, partiram para cima do carro, querendo arrancar o motorista e tirar satisfação por tê-la desrespeitado. Foi aquela confusão! O tumulto estava pronto!

Era apito daqui, gritos dali e ela viu que o melhor era falar mesmo:

— O senhor está na faixa de pedestres! Este é o local para os alunos atravessarem! O senhor tem de respeitar! Eu estou aqui para isso!

E a meninada só gritando. E o homem que não era bobo nem nada, viu que estava em desvantagem achou melhor acatar as ordens dela, pediu desculpas meio a contragosto e foi arrancando o carro de fininho.

Foi aquela algazarra. Todo mundo abraçando-a e batendo palmas.

Ela olhou para todos nós com aquele sorriso que lhe é peculiar e disse:

— Ufa! Tô suando e tremendo, olhem só! Achei que o homem ia descer do carro e me bater!

Ainda bem que vocês me defenderam!

— Uai Abadia, aqui ninguém te “zoa”, né!?

Bom, para o primeiro dia até que ela se saiu bem!

E assim na “Terra de Beja” um vagalume brilhou em pleno meio-dia!



Pão de fel

Aluno: Patrick Pinheiro Alves

Sábado, seis e meia da manhã, e ao contrário de qualquer outro adolescente que a esta hora ainda está dormindo, estou acordado. Minha mãe, todos os sábados, me desperta sempre nesse horário para comprar pão, como se não bastasse o simples fato de me acordar cedo durante a semana para ir ao colégio. Tudo isso porque a padaria do Bartô não consegue atender a demanda do nosso bairro, e as sete em ponto o estoque de pão fresquinho está zerado. Êta povinho pra comer pão, viu! Mas também, o estabelecimento dele é o mais perto daqui, outro você só encontra lá no centro. Eis o motivo desse congestionamento – se é que posso chamar assim – de fregueses no comércio dele. Pois é, essa é minha rotina, ou melhor, minha missão aos sábados.

Saio de casa ainda meio grogue, devido ao meu rompimento de sono. No caminho falo com o Seu Chico, meu vizinho, que diferentemente de mim, não acha nadinha ruim estar de pé a uma hora dessas. Será que é porque a mãe dele também fazia a mesma coisa, e daí ele já se acostumou? Deus me defenda de uma coisa dessas acontecer comigo!

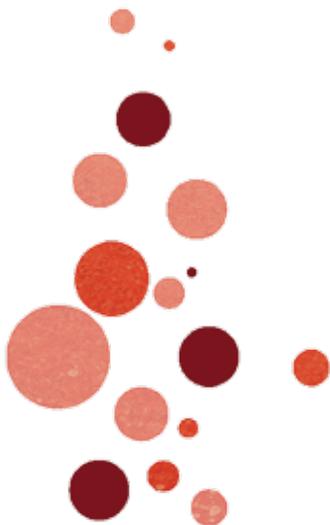
Prã mim, sábado deveria ser dia de descanso, de dormir até tarde sem se preocupar com nada. Já basta meu trauma por pão – só em pensar nessa palavra tenho arrepios –, mas por enquanto, se é que você me entende, o jeito é obedecer. Viro a esquina, e lá está ela: Dona Lúcia, sentada na calçada como sempre, a observar o movimento ou, melhor dizendo, me esperando. Preparo-me para o pior, é que sempre que eu passo por ali, ela sempre fala comigo aos gritos, deve pensar que sou moco. Chamando-me de meu amor e por aí vai, ou seja, me constrangendo na frente de todos que ali transitam. Mas a coitada é gente boa, seu forte é a simpatia. E como era de se esperar, acontece... Respondo-a envergonhado, tentando ao máximo parecer simpático e apressando os passos pra ela não puxar assunto, sigo em frente. Agora é só subir a pequena ladeira e dobrar a outra esquina.



Enfim, chego ao meu destino, suado e totalmente insone, mas percebendo que valeu a pena. Quando por milagre, um cara, que por acaso nunca o vira por aqui, acaba de sair fitando-me e com um sorriso sarcástico deixa a vez todinha para mim. Aproximo-me do balcão de atendimento todo sorridente, e antes que eu pudesse falar alguma coisa, para minha infelicidade, a balconista do Bartô me diz que acabaram todos os pães. Fico em choque, e mecanicamente olho para meu relógio de pulso. Mas ainda são seis e quarenta. Gastei apenas dez minutos até aqui, ainda deveria sobrar alguns.

Como isso pode ter ocorrido? E como se adivinhando meus pensamentos, ela me responde apontando para o cara que acabara de sair:

— Novo morador do bairro, acabou de levar os últimos dez pães. Vai ter que ser mais rápido de hoje em diante.





Na sanfona do "busão"

Aluna: Carolaine Aparecida da Silva

Como de costume, todos os dias às 17h25, lá está ele, no mesmo lugar vestido a caráter, poderia dizer até um pouco gasto e porque não pedindo um banho. Sim, esse é o nosso ônibus estacionado na porta da Escola Presidente Vargas à nossa espera. Ao som da campainha, saímos ligeiro da sala de aula. É um atropelo só nos corredores. A maioria dos alunos corre em direção ao ônibus na tentativa de pegar um lugar nos bancos. Nosso destino é o Terminal Transbordo, lotação máxima, muitos em pé, poucos sentados. O mesmo percurso é realizado todo santo dia, com um detalhe, exclusivamente para os alunos da nossa escola.

Lá dentro é o maior aperto, muitos alunos para pouco espaço, nos sentimos como sardinhas enlatadas. Além do desconforto, existem as panelinhas, são as patricinhas com o seu não me toque não me rele; os "cowboyzinhos" mascando fumo; os "nerds" com fones de ouvidos ou falando de assuntos da escola; os normais que falam com todo mundo e não se importam com nada; o pessoal do fundão, que sempre dá risada de tudo que acontece. Já a galera da janela... Ah! Essa sim! É mais ousada, grita, vaia e mexe com todo mundo que passa pela rua. De todos os alunos, Renata é a mais saliente, não perdoa ninguém.

Sempre que o ônibus para no cruzamento da Marcelino Pires, ela mexe com o senhor que vende goiaba:

— Ou, ou.... tio, quanto tá a goiaba? Dá uma aí...

Todos os dias, é a mesma coisa, Renata mexe com gordinhos, magrinhos demais, velhos, altos, baixos, bonitos, feios, ninguém escapa.

Outro dia, praticando seu repertório de elogios, ela colocou o cabeção para fora da janela e gritou:

— Ooooooh!!! Barbeeeiiiiiraaaaa!!!! (risos)

Na rua havia uma mulher com muita dificuldade para estacionar seu carro. Não contente, Renata continuou berrando:

— Comprou a carteira??? Vai aprender a dirigir... — e a galera agitava.

A lotação seguiu seu percurso, até que o inesperado aconteceu, o ônibus parou! Parou do nada, bem no cruzamento da Marcelino Pires. Achamos estranho, pois não havia nenhum ponto naquele local.

— Ei motorista, abre a porta aí pra mim...

Escutamos aquela voz trêmula, seguidos da imagem de uma senhora acenando. Ela era baixa, gordinha, possuía cabelos grisalhos, utilizava óculos e carregava um guarda-chuva. Parecia meio nervosa, mas seu semblante era de uma pessoa calma e meiga. O motorista, então, abriu a porta e aquela senhora entrou.

Enquanto tentava caminhar por entre os alunos, a senhora se transformou. Toda meiguice e calma que transparecia possuiu foi-se embora. Ela veio como um furacão em nossa direção, apontando o dedo e fazendo caras e bocas. Não entendemos nada. Naquele momento, estávamos encostados nos “ferrinhos” que ficavam na sanfona do “busão”, não tinha para onde correr, nem sequer uma janela.

— Suas pilantras, foram vocês!

Ninguém entendeu nadinha. E a senhora continuou a gritar, apontando o dedo para nossa cara:

— Vocês me pagam, isso não é coisa que se faça. Tô farta da petulância de adolescentes que se acham os poderosos.

Ficamos assustados, sem entender nada. De onde veio essa louca, nos acusando? O que estava ocorrendo?

De repente, aquela senhora virou para a Renata, apontou o dedo e disse:

— Aaaaaaah! Foi você, tenho certeza!

E sem mais nem menos, tascou um tapa em sua cara. Silêncio total no ônibus. Ninguém entendeu nada. Ninguém teve coragem de reagir. Ao mesmo tempo em que foi rápido, parecia uma eternidade. Ao cruzar a avenida, a senhora pediu ao motorista que parasse. Assim que a porta se abriu, ela foi embora.

Todos ficaram confusos, inclusive Renata, sem reação e com os cinco dedos estampados em seu rosto. Ela estava vermelha de vergonha. Havia motivos para tudo aquilo? Ficamos todos revoltados. Chegando ao Terminal fomos tirar satisfação com os responsáveis.

— Onde já se viu, o motorista deixar uma estranha entrar em nosso busão? Não era nem ponto de ônibus, estávamos em um cruzamento. Como pôde deixá-la ir embora sem nem mesmo fazer uma pergunta?

Até hoje não tivemos nenhuma resposta, apenas nos disseram que era impossível identificar aquela senhora. O mistério continua e ainda é motivo de muitas conversas e teorias nas aulas, no busão, nas rodas de amigos e em crônicas nas aulas de Língua Portuguesa.

Minha janela

Aluna: Maria Izabel Trivilin Pereira

É no despertar de cada dia, entre as paredes do meu quarto, que dirijo o olhar para o quadro mais perfeito que o artista já pintou: minha janela!

Dela posso admirar a vastidão do horizonte com seus campos verdejantes, iluminados pelos raios de sol que logo pela manhã surgem para aquecer a terra e meu coração. Outras vezes observo a chuva que de mansinho vai molhando o chão trazendo vida nova a todos os seres.

Entre árvores que freneticamente dançam embaladas pelo vento, que ora triste, ora alegre, nunca param, uma delas me chama a atenção. Isolada e tímida cercada por uma vegetação rasteira, lá está ela: “O Pê de Cedro”, que segundo a lenda, nasceu de um ramo colocado sobre a cova de um pobre homem, já com sua alma vendida ao diabo, enterrado naquele local.

Passando pelo pê de cedro, logo ali, visto num só olhar, pequenas casas com suas chaminês anunciando a refeição a ser servida, redes estendidas nas varandas, a igreja de uma torre só, animais pastando na praça. “Ah Mário Quintana, o que temos em comum?”

Levantada ao lado da igreja, a fogueira admirada por centenas de pessoas de toda a redondeza, em noites de São João. Atração principal da festa, com seus mais de vinte metros de altura, mantém-me ali, com o olhar fixo, espremida entre a multidão, enquanto rapidamente suas enormes labaredas tocam o céu todo enfeitado com sua constelação. São essas coisas simples e ao mesmo tempo mágicas que me fazem cada vez mais, amar o lugar onde vivo; um refúgio onde o progresso ainda não chegou.

Sentindo-me privilegiada em morar nos braços da “mãe natureza”, por não ouvir o som do serrote, não inalar a fumaça que afugenta, que mata, que destrói. Quero continuar acordando todos os dias e olhar pela minha janela com a certeza de que tudo continuará ali, tal qual uma tela, que tem o poder de eternizar cada momento.

E se um dia, por acaso, o destino levar-me para distante daqui, não me desesperarei, pois serei sempre como as andorinhas que habitam os beirais de minha casa.



Um sorvete para você... Um carinho para todos!

Aluna: Amily Freitas

Todos os dias saio ao nascer do sol. Batalhar o sustento da família... A rotina de um sorveteiro, vendendo o sorvete que consola os jovens de coração partido, faz a felicidade das crianças e, de vez em quando, a dos adultos também.

Andando pela Vila Industrial com meu carrinho, cumprimento todo mundo. Sei da história de vida da dona Maria da viela, dos problemas de saúde do seu João do sobrado da esquina e do motivo do fim do namoro entre Pedro e Mariana. Todo mundo gosta de mim, minha popularidade é tão grande que até me ofereceram emprego de entregador de panfletos na época das eleições. Porém, nada me faz largar meu carrinho de sorvete, a não ser se eu acertasse os números da Mega-Sena, é claro.

Cheguei à Praça do Samba, batia uma da tarde no meu relógio de pulso, comprado nos camelôs da Avenida Oratório. Na escola, logo à frente, os alunos entravam com desânimo e, em quinze minutos, não havia mais ninguém ali. Fiquei sozinho, em meio à praça, pensando na vida e secando o suor da testa.

De repente, uma pequena figura vira a esquina, reconheci: era a pequena Cidinha dos apartamentos. Estava de vestidinho cor-de-rosa, dois rabinhos e com moedinhas na mão. Com seu passo apressado veio ao meu encontro entusiasmada, tão empolgada que tropeçou na pequena falha da calçada e suas moedas foram parar no bueiro bem à frente – na sarjeta.

Ela se levantou, limpou os joelhos e se aproximou. Quando estava perto, vi que seus olhos se encheram de água, me olhou envergonhada e disse bem baixinho:

— Seu sorveteiro, me dá um de morango? — estendeu a mão na qual estava apenas uma moedinha, a única que lhe restara.

Lógico que só aquela mísera moeda não comprava um sorvete, mas é claro que eu fazia questão de ver o brilho nos olhos daquela pequena criança que tinha perdido suas moedas.

Tirei o sorvete do carrinho e um sorriso se iluminou em seu rosto. Colocou a moeda em minha mão, agradeceu e se virou para seguir o seu rumo.

Quando estava para virar a esquina, Cidinha se deparou com um garotinho com roupas sujas e rasgadas que olhava seu sorvete com desejo e cobiça.

Ela me procurou com os olhos, olhou para o sorvete e encarou o menino bem à sua frente. Então, andando lentamente, se aproximou dele e, cabisbaixa, entregou o sorvete a ele, o seu único sorvete. Ficou confusa: quando as moedas tinham escapado de suas mãos, perdeu o sorvete... Depois havia o recuperado com seu sorriso e sua meiguice, e outra vez estava sem o sorvete...

O menino pegou o sorvete das mãos de Cidinha, arrancou uma flor nos pés da árvore da praça, e entregou a ela em agradecimento. Ela se virou e correu para casa com a flor na mão sem esconder seu contentamento.

O menino correu até seu irmão que estava em frente à padaria olhando a vitrine dos doces e compartilhou o sorvete com ele.

Em seguida vi a irmãzinha caçula deles vindo com um doce que ela havia ganhado na “padoca”.

Voltei à praça e sentei no banco, esperando meus clientes saírem da escola, enxuguei novamente o suor. Quando, finalmente, as crianças saíram, vendi alguns sorvetes e completei a metade do aluguel do mês.

Levantei, peguei meu carrinho e logo comecei a pensar se dona Rosa da casa amarela já havia voltado do hospital. No caminho, me peguei refletindo sobre tudo o que eu presenciara naquela tarde: na solidariedade dos moradores do meu bairro. Fiquei orgulhoso por morar ali, um lugar simples onde as pessoas são puras de coração. São crianças do centro ou da periferia, como Cidinha, que fazem a diferença em qualquer lugar do mundo.

O senhor dos covos

Aluno: Elias dos Santos Marinho

Não há nada melhor do que fazer o que a gente gosta! Escrever, rimar ou cronicar. Tanto faz! O importante é liberar o olhar encardido para o meu quintal.

O que a mente me traz pro dia de hoje são os covos. Ontem, andando pelas trilhas que nos levam à Fonte da Juventude, sob um sol de rachar os miolos, até de um menino como eu, encontrei o Meu Senhor.

Sentado em um toco de uma jaqueira, o mestre fumava um cigarro apavorante. No meio de talas e cipós, o cheiro do fumo incendiava o pasto. E o velho senhor, lá, ruminando os sonhos de quem acredita ainda na natureza para arrancar alguns trocados.

De côcoras, tasquei um olhar para o poço e refletido nas águas aluviadas do riacho: o Senhor dos Covos. Aquela cena me lembrava a de um guerreiro, o Zumbi dos Palmares, rompendo o limite entre a luta, o golpe, e o destino.

E as lutas daquele senhor negro são muitas: uma delas é ser o construtor de covos. Meu Senhor agarra camarão com eles, depois vende na feira e entrega o dinheiro para sinhã Maria.

Pense em um trabalho miúdo de doer. Depois de cortar a taboca em pequenas talas, o artista usa uma espécie de cipó par enredar cada haste, fazendo uma espécie de cone. E são esses covos que os pescadores daqui usam para pescar camarões. “Às vezes, a lontra nos tira a renda do dia”, reclama Zê Neguinho, olhando pra mim, quase que gemendo.

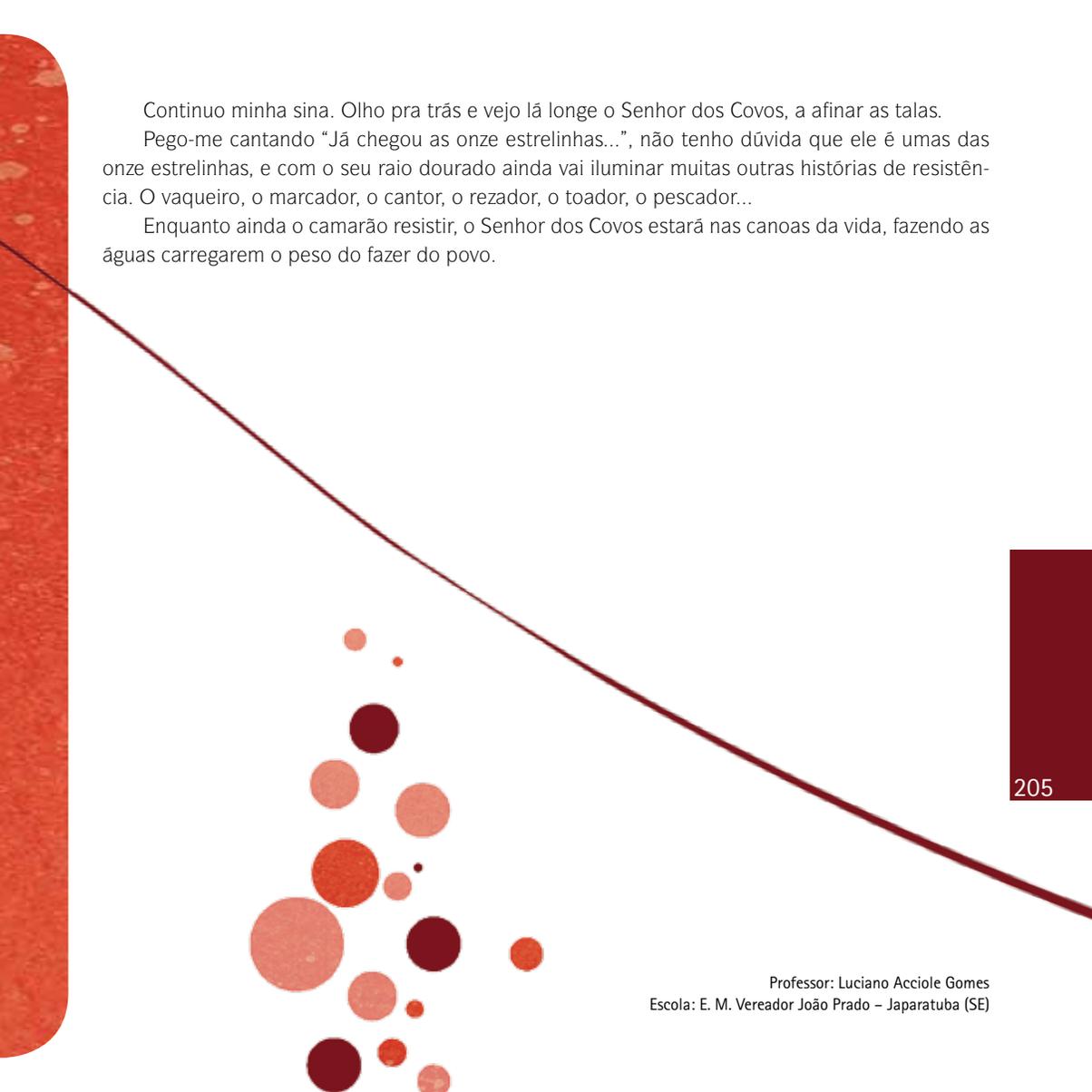
Nesse momento foi a minha barriga que gemeu. Roncou, roncou feio! Encolhi-me.

— Tã com a pança roncando, menino?

— Não, senhor!

— Se quiser chegue pra cá e pegue um pedaço de pé de moleque, pois, camarão, só amanhã!

Não disse mais nada, emudecido fiquei a contemplar aquele homem com as suas peles para sobreviver. A força dele me comove e me leva a ver entre as bananeiras daquela fonte, as fitas coloridas daquele mestre, o Mateus do Reisado. O seu canto agora invade meus pensamentos.



Continuo minha sina. Olho pra trás e vejo lã longe o Senhor dos Covos, a afinar as talas.

Pego-me cantando “Jã chegou as onze estrelinhas...”, não tenho dũvida que ele é umas das onze estrelinhas, e com o seu raio dourado ainda vai iluminar muitas outras histórias de resistência. O vaqueiro, o marcador, o cantor, o rezador, o toador, o pescador...

Enquanto ainda o camarão resistir, o Senhor dos Covos estará nas canoas da vida, fazendo as águas carregarem o peso do fazer do povo.



Sábado à noite é de Heliópolis

Aluna: Ingrid Spinola dos Santos

Moro em Heliópolis, o “bairro do sol”, e me orgulho disso! Ele tem seus defeitos, como qualquer outro, mas tem também grandes qualidades. O “Helipa”, como nós íntimos o chamamos, pode ser um bairro do tráfico, das drogas, das crianças que morrem precocemente, mas também é um bairro de povo feliz, que tem samba no pé, que sonha com a paz e luta por ela, o bairro de crianças que jogam futebol descalças na rua e de pessoas que saem de casa em busca de uma vida melhor. É um Heliópolis de brasileiros que não desistem fácil, filho do Ipiranga, terra mãe dos vencedores.

Mas os pés que sambam e que batalham desfilam pelo bairro ao acaso. Esses dias, em um sábado, fui com meu pai comer no “Mec Favela”, uma lanchonete bastante movimentada do Helipa. Era um lugar pequeno e comum, com as paredes já amareladas pelo tempo, azulejos encardidos e mesinhas de madeira. O lugar estava cheio. Meu pai e eu sentamos em uma mesa de quatro pessoas, a única que sobrava. “Uma coxinha e dois pastéis”. O olhar perdido nos arredores, aguardando o pedido. Em uma mesa um pouco distante da nossa, uma mulher com três crianças bem arrumadas que choravam pelo sorvete caído no chão. Ao lado, dois homens, com roupas de mecânico e rostos cansados, dividiam uma cerveja, e duas mulheres com vestidos supercolados, “Pink” idênticos, comiam devagar. No resto das mesas só tinham pessoas que não chamavam muito a atenção, pessoas normais comendo e conversando. Assim que nosso lanche chegou, entrou na lanchonete uma moça muito bonita, mas o que mais me chamou a atenção é que ela trazia, na mão, um violino. Vendo os únicos lugares vazios (que eram os da nossa mesa), a moça veio diretamente em nossa direção. Em um tom educado, perguntou:

- Será que eu poderia me sentar aqui?
- Fique à vontade! — respondeu meu pai.

Assim, ela se sentou... E comecei a observá-la. Ela era morena, tinha os cabelos lisos e brilhantes em um corte “Chanel”, era alta, esguia, vestia jeans com camiseta branca. Logo depois de um chute vindo do meu pai no estilo “acorda, menina!”, parei de encarar a moça e olhei para o seu violino, que ela tinha colocado delicadamente na cadeira da frente. Ele era lindo, nunca tinha visto um de perto! Ela percebeu meu olhar e perguntou:

- Sabe tocar?
- Eu... Eu não! — disse sem jeito. — Mas você sabe.

Não era uma pergunta, era uma afirmação. Deduzi isso porque ninguém “normal” sai andando

com um violino na mão se não sabe tocar. Ela sorriu gentilmente e fez que sim com a cabeça. Tive de sorrir também. Então ela disse:

— Conhece o Baccarelli?

— Não! — meu pai respondeu se intrometendo.

— Sim! — respondi, confundindo a moça. O Baccarelli tinha se apresentado uma vez na minha escola, um coral de crianças, e foi lindo. Então comecei a lembrar do dia e das músicas alegres que as crianças haviam cantado. E interrompendo os meus pensamentos, a moça disse:

— O Baccarelli é uma instituição que foi criada em 2005. É uma escola de música que foi criada pelo maestro Silvio Baccarelli. A escola tem mais de 1.100 alunos — parou para agradecer seu lanche —, os mais velhos tocam instrumentos e os mais novos treinam músicas no coral.

— Ah, é claro, já ouvi falar! — disse meu pai, surpreendido.

— O Baccarelli não é só uma ONG, é muito mais que isso! É a vitória de muita gente, a prova de que na favela se tem muito mais do que gente drogada. O Baccarelli tira crianças das ruas para mostrar-lhes a beleza da música... E em suas notas, o caminho certo a seguir.

Assim todos nós ficamos em silêncio para a moça comer. Vi que meu pai tinha encerrado o assunto, mas eu sou uma pessoa curiosa e quis saber mais. Então perguntei:

— Já tocou em algum lugar que jamais irá se esquecer? — disse, levando outro chute de reprovação.

— Sim — respondeu a moça, sorrindo. Vi nos seus olhos o orgulho. — Na Sala São Paulo, em um sábado à noite...

— Está brincando! — disse meu pai — Essa é uma das melhores do país! Ainda mais em um sábado! Como foi?

— Sim, é sim. Foi mágico, sonho com ela toda noite — respondeu. — O melhor foi voltar pra casa e ver o sorriso de todos, o rosto cheio de orgulho.

Saímos da realidade, meu pai e eu, pensando em como deve ter sido emocionante, em como pessoas que eram excluídas da sociedade só por viver em uma favela podiam ser aplaudidas pelas mesmas pessoas que diziam que não éramos capazes... Em pé, ainda! E com lágrimas nos olhos!

— Cadê a moça? — perguntou meu pai.

— Não sei, sumiu! Mas o fato é que sábado à noite é de Helipa! É nosso!

E em meio às névoas da minha imaginação, lá se ia a moça com seu violino, em meio às claves de sol, caminhando pelas ruas que vibravam de calor e “glamour” ao sol de Heliópolis...

Professora: Rita de Cássia Bordoni

Escola: E. M. E. F. Péricles Eugênio da Silva Ramos – São Paulo (SP)

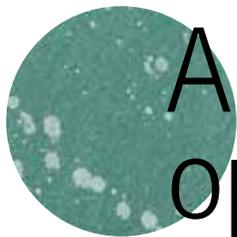


Artigo de opinião

Os professores dos dois últimos anos do Ensino Médio puderam proporcionar aos seus alunos uma oportunidade diferenciada de participação na vida pública ao trabalhar com os artigos de opinião. Muitas foram as competências que os alunos autores desenvolveram com a ajuda de seus professores: observar o lugar onde vivem, identificar uma questão polêmica relevante, sobre a qual não existe consenso, tomar conhecimento do que já foi dito a respeito dela, reconhecer e usar diferentes tipos de argumento.

Perceberam que para convencer o leitor, mais do que empolgação, é preciso buscar os melhores caminhos para negociar com os opositores e escolher as palavras mais adequadas. Dessa forma, construíram a sua posição diante da polêmica, elaborando-a em um texto. O estudo desse gênero textual em sala de aula tornou-se um caminho especial para o ensino de língua portuguesa.

Foram produzidos muitos textos pelos estudantes que participaram da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. Contudo o ciclo da produção escrita só se completa quando a voz do autor é ouvida, encontrando interlocutores. Nas próximas páginas você conhecerá parte dessa produção – a dos finalistas. Ler esses textos permite compor um retrato das questões polêmicas que preocupam os jovens de diversos lugares do Brasil e afetam suas comunidades. São evidentes o entusiasmo e a seriedade com que realizaram esse trabalho, e certamente você será contagiado por eles.



Artigo de opinião

- 212 Revolução verde?
Carlocci d'Avila Menezes
- 214 Presídio Regional: é possível
construir sem destruir?
Andressa Silvério Ávila
- 216 O Haiti é aqui
Paulo Renan de Souza Figueiredo
- 218 "Metrópole do Futuro": estamos
preparados?
Diego Sousa Guimarães
- 220 Noiva do Sol, Amante da Prostituição
Taiana Cardoso Novais
- 222 *Homo ignoramus*
João Marcos Preato Deolindo
- 224 Os piratas do rio Amazonas
Ana Lina Souza de Oliveira
- 226 Quanto você Vale?
Diêgo Carlos Mendes
- 228 Duplicação da Rodovia BR-290:
a alavanca para o desenvolvimento
de Pantano Grande?
Tainá Oliveira dos Santos
- 230 Parelheiros: estrada para
a glória ou ruína?
Thamires Luiza Lemos Pratt da Silva
- 232 Cultivando sonhos verdes
Alex Glier
- 234 O polêmico sonho nordestino
em terra paranaense
Sineudo Pedro dos Santos
- 236 Educandos vs. Reeducandos – Quem sai?
Quem fica?
Eraldo Crispiniano de Góes
- 238 A polêmica construção de casas
na Veneza Amazônica
Thamirys Lima do Amaral Silva
- 240 Copa: a capa do nosso Brasil
André Luciano Lins da Silva
- 242 Às margens de onde vivo
Mateus Costa de Jesus
- 244 Empreendimento bastante questionável
Thainá da Silva Olivério
- 246 Um lugar onde não nasce ninguém
Anna Luisa Cardozo Pereira
- 248 Um turista das arábias
Lucas de Souza Justino

- 250 Vida ou morte de um rio: o futuro em nossas mãos
Samuel Brito Fernandes
- 252 A favor da memória
Patrícia Vieira de Queiroga
- 254 Álcool e direção: um grande problema da "Terra da Cachaça"
Paulo Natanael Sousa Sales
- 256 Quem me dera ser um peixe!
Italo Rodrigues Gomes da Silva
- 258 Motocicletas: meio de transporte ou de perigo
Odila Fernanda Matoso Fleita
- 260 De leste para "lost"
Daniella Rocha Gonçalves
- 262 Barroso está realmente diante do seu Eldorado?
Viviane Maria de Souza Basílio
- 264 "Santa Helena" não faz milagres
Daniele Guerra
- 266 Novo Código Florestal: em busca de um desenvolvimento sustentável
Maria Vitória Fantozzi da Silva
- 268 Queijo caseiro
Samuel dos Santos
- 270 Pesca: sustentabilidade ou diversão?
Rosa Lilia Matucaria Chube
- 272 Descaso a céu aberto
Giulia Cioffi Nascimento
- 274 Prospecção de petróleo e gás no Juruá: por um desenvolvimento sustentável
Alex Uilian Almeida de Alencar
- 276 Minhocultura ou piscicultura, o que é melhor para a minha cidade?
Even Nayre Fonseca Batista
- 278 Tortura não é cultura
Hiago Natan Batista Alves
- 280 Usinas na bacia do Teles Pires: os prós e os contras
Matheus Sergio Lubian
- 282 O conflito entre o temporário e o permanente
Aline Oliveira da Mota
- 284 Hidrelétricas: necessidade ou ganância?
Ricardo Bauer Pilla
- 286 O uso indevido dos recursos hídricos
Francisco Valberdan Pinheiro Montenegro

Revolução verde?

Aluno: Carloci d'Avila Menezes

A partir da década de 1970 intensifica-se a chamada “revolução verde”, programa idealizado para multiplicar a produção agrícola nos países menos desenvolvidos. O modelo incentiva o uso de sementes geneticamente modificadas, insumos, mecanização, produção em massa, irrigação, barateamento dos custos e gerenciamento de produção.

Santa Margarida do Sul, pequena cidade da fronteira oeste do Rio Grande do Sul, mas com uma área rural significativa, não foge a esse modelo. Hoje, ao cultivar grãos como a soja, cevada, canola, trigo e milho, além de uva, cítricos e hortaliças, ostenta uma economia diversificada.

Para manter e ampliar a produção dessas culturas, os produtores se sentem dependentes dos fertilizantes, para “enriquecer” o solo, e dos agrotóxicos, para combater as pragas que atacam as suas lavouras. Com o passar do tempo, os efeitos dos agrotóxicos surgem, como a contaminação humana e do meio ambiente. As pragas tornam-se resistentes e, por isso, eles deixam de ser efetivos, levando à adição de mais aplicações ou o uso de novas moléculas ainda mais potentes. Quanto a isso, há posições antagônicas, que geram discussões.

Os defensores dos agrotóxicos argumentam que não há como garantir a produção e a sua qualidade sem os agrotóxicos e que inexistem a produção de agentes naturais que possa atender, só no Brasil, milhões de hectares de terra. O senhor Rogério Estrazulas, um dos proprietários da Fazenda Santa Eulália, reforça dizendo que são feitas várias pulverizações anuais nas suas lavouras e, se todos os produtores deixassem de fazê-las, a produção entraria em colapso, pois as pragas destruiriam as plantações e, como efeito, haveria a escassez de alimento.

Já os que são contra o uso dos agrotóxicos afirmam que os riscos à saúde são evidentes, como aborto, distúrbios cognitivos, de comportamento, endócrinos, conforme afirma a pesquisadora da Fiocruz, Lia Geraldo. Isso se manifesta de forma crônica pelos alimentos, ou aguda, naqueles que estão expostos ao produto, como ocorreu com o senhor Isaltino Teixeira, 71 anos, que disse, em entrevista, que, quando há pulverização, sofre náuseas, dor de cabeça e alergia. Ademais, argumentam que contaminam o solo, o ar e os cursos d'água, ameaçando a biodiversidade. O engenheiro agrônomo, Paulo Fassina, da Secretaria da Agricultura e Meio Ambiente, alerta-nos que o aquífero fissural do escudo cristalino, que abastece o município, ainda não registra contaminação, mas isso poderá ocorrer, pois o uso dos agrotóxicos é abusivo e não há monitoramento adequado.

Embora reconheça que ainda inexista a produção de agentes tecnologicamente corretos que venham atender a todas as lavouras quanto ao combate às pragas, discordo do uso dos agrotóxicos. Sou partidário da cultura orgânica, porque não provoca malefício ao meio ambiente e ao ser humano. É mais saudável, nutritiva e saborosa que a convencional. Ainda que seu custo seja alto, vale a pena investir mais em qualidade do que na aquisição de um alimento mais barato, mas que ofereça riscos. Também apoio as técnicas que não lesem a natureza, como o chá produzido a partir de plantas bioativas que repelem pragas e atraem predadores naturais, e o falcão, um predador natural de ratos e caturritas que atacam o milho. Essa prática já é vivenciada por duzentos agricultores familiares da Região Sul do Estado. O seu sucesso fez com que a Embrapa, em Pelotas, encampasse a ideia, fazendo experimento com cinco plantas: camomila, chinchilho, arruda, funcho e pata-de-vaca.

Assim, penso que não se resolverá a questão dos agrotóxicos em curto prazo, mas creio que somente com forte investimento em pesquisa, tanto de iniciativa governamental quanto privada, é que se vislumbrará o caminho de uma agricultura sustentável. Temos que tirar lições do ontem e do hoje para alcançarmos um amanhã sem agressões ao planeta. A revolução verde não pode dar margem a interrogações. Há necessidade urgente de promover a mudança de cultura, assim como de priorizar a atenção à responsabilidade social. Os princípios da agroecologia precisam ser resgatados, pois, caso contrário, materializar-se-á o pensamento do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss: “O mundo começou sem o homem e acabará sem ele”.



Presídio Regional: é possível construir sem destruir?

Aluna: Andressa Silvério Ávila

Com pouco mais de sessenta mil habitantes, Carazinho, no norte gaúcho, assim como tantas outras cidades do país, tem um de seus maiores recursos naturais ameaçado por uma obra de grande porte.

Na divisa com o município de Passo Fundo, cidade-polo e responsável pelo projeto, verifica-se a construção do Presídio Regional, que terá capacidade para cerca de 350 apenados, podendo ainda ser ampliado futuramente. A edificação, porém, tornou-se alvo de grande polêmica, em razão dos possíveis prejuízos ambientais que poderá acarretar.

É certo que projetos como esse, segundo defendem alguns, são, sim, de extrema importância para a sociedade, uma vez que se trata de uma questão de segurança. Além disso, os presos ficariam mais bem acomodados, reduzindo a superlotação em outras penitenciárias da região. As condições precárias e desumanas em que vivem muitos deles hoje seriam, ao menos, minimizadas.

Devemos, contudo, levar em consideração que, se, por um lado, existe a necessidade de uma obra dessa natureza, de outro, é preciso lembrar que ela se localiza a cerca de apenas 50 metros do arroio Araçá, principal afluente do rio da Várzea, além de estar próxima ao ponto de captação da companhia de abastecimento de Carazinho, havendo, por isso, risco de contaminação. Essa possibilidade tem preocupado e mobilizado biólogos e ambientalistas carazinhenses, pois não há informações sobre a existência de um plano para tratamento dos efluentes, nem espaço suficiente no terreno para construção de lagoas de decantação, tampouco estudos de impacto ambiental, conforme sustenta a ONG Associação dos Amigos do Rio da Várzea (Ariva).

Na minha opinião, as vozes de alerta não podem ser ignoradas. É incompreensível e até mesmo inadmissível que, em uma época em que se erguem bandeiras pela sustentabilidade e em que se aprova um novo Código Florestal (o qual pretende preservar nossas nascentes e rios), o Estado fique omissos quanto ao local onde estão sendo realizadas as obras. Por isso, é importante o apoio que o Ministério Público tem dado às manifestações (abaixo-assinadas e passeatas) dos carazinhenses, encaminhando o caso para as autoridades competentes.

É possível construir sem destruir, desde que o bom senso prevaleça, adotando-se medidas que possibilitem uma interação entre essa infraestrutura e o meio ambiente, viabilizando, assim, o Presídio Regional. Nesse sentido, seria prudente um reestudo do projeto, com a devida fiscalização dos órgãos ambientais, já que, em se tratando de saúde, meio ambiente e segurança, não é possível dar prioridade a um em detrimento do outro.

A defesa do rio da Várzea, portanto, é imprescindível, e faz-se necessário recuperarmos o que foi danificado ao longo dos anos, ao invés de prejudicarmos ainda mais o que resta desse importante recurso hídrico para a região; afinal, o poeta carazinhense Odilo Gomes já alertava na década de 1980, na letra da música que homenageia o rio da Várzea: “Hoje tu morres à míngua / À vida ninguém te traz / Quem te mata continua / Matando cada vez mais”.



O Haiti é aqui

Aluno: Paulo Renan de Souza Figueiredo

A população acriana vivencia um processo inusitado com a entrada dos haitianos em nosso território pela fronteira Bolpebra – Bolívia, Peru e Brasil. Em Rio Branco, lugar onde vivo, há grande número de haitianos que, com o terremoto de 7,0 graus na escala Richter, ocorrido em 2010, em Porto Príncipe, capital de seu país, resolveram buscar melhores condições de vida no Brasil, país responsável pelas forças de segurança da ONU que intervêm em sua pátria.

Com a atenção do governo acriano à situação calamitosa dos haitianos, a fronteira foi liberada. A entrada e a forma de atendimento aos refugiados geraram divergência de opinião por parte da população: deve o Acre continuar dedicando esforços para acolher os haitianos, sendo ainda um Estado em desenvolvimento?

Determinada parte da população posiciona-se contra, inclusive o secretário adjunto de direitos humanos José Henrique Corinto, argumentando que os haitianos têm como foco o mercado de trabalho no Acre e em outras cidades, como Cuiabá, Manaus e Porto Velho, além de regiões promissoras como o Centro-Sul.

Alguns haitianos vieram pensando em ganhar dinheiro e, em seguida, retornar à sua terra natal. Entretanto, sem documentos para comprovar escolaridade, alguns se depararam com métodos de contratação racista, em que, segundo um representante de uma empresa: “Trabalhador bom é aquele que tem canela fina. Não vamos contratar quem tem panturrilha grossa porque é preguiçoso”. Por atos como esse, atrelados aos baixos salários oferecidos, muitos viram seu sonho cair por terra. É um absurdo! Em pleno século XXI o Brasil ainda tem cidadãos que cultivam práticas racistas do tempo da escravidão.

O Governo Federal forneceu cerca de 2 milhões de reais ao Estado do Acre, a fim de que fossem utilizados para alimentação e moradia do grupo de refugiados. Além dessa quantia, o governo autorizou a emissão de 4 mil vistos de trabalho aos haitianos em solo acriano e aos outros que estariam por vir.

Alguns acrianos acreditam que o dinheiro deveria ter sido aplicado em infraestrutura nos bairros rio-branquenses, em vez de ser destinado a suprir as necessidades dos haitianos. Afinal, ao mesmo tempo em que o Acre recebia de braços abertos os estrangeiros, os moradores da capital acriana passavam por uma grande calamidade: a maior alagação de todos os tempos ocorrida com o transbordamento do rio Acre – 25% de nossa cidade ficou debaixo d'água.

A imigração de haitianos é uma questão que deve ser analisada não apenas pelo prisma local, ela tem projeções internacionais. Até que ponto se recusar a prestar ajuda humanitária não constitui demonstração de xenofobia? Sabemos que a aversão ao “estrangeiro” é uma realidade entre os povos: países ricos fazem da xenofobia um comportamento comum.

Para nós, acrianos, a presença de haitianos em nosso território representa a chance de demonstrar ao restante do Brasil toda a hospitalidade que é marca registrada de nosso povo. Somos o único Estado da federação que lutou para ser brasileiro, escrevendo com o sangue de “seringueiros revolucionários” uma das mais belas páginas da história de nossa nação.

Sou plenamente a favor da entrada de haitianos no Brasil. Defendo veementemente que é função nossa, neste momento de calamidade, prestar ajuda humanitária a quem dela necessita. Para os imigrantes, a possibilidade de um trabalho seria uma forma de garantir a própria sobrevivência e enviar ajuda à família.

Diante da singular situação que se apresenta, penso que acolher os estrangeiros é a atitude mais coerente, porque nós, acrianos, sabemos bem como é nos sentir “estrangeiros em nossa própria nação”. Vez por outra, ao acessar páginas de relacionamento na internet ou viajar para outros lugares do Brasil, ouvimos a célebre pergunta: “O Acre existe?”. Seria essa uma excelente oportunidade de mostrar que “existimos, sim”, e que reconhecemos que, acima de rivalidades motivadas pela não aceitação do “diferente”, estão valores como a solidariedade e a cooperação entre os povos. Assim, veremos um país devastado pelo terremoto se reerguer, gerando um efeito em cadeia. Aceitando-os aqui no Brasil, poderíamos ultrapassar as fronteiras e trocar uma atitude xenofóbica por um ato de solidariedade humana.





“Metrópole do Futuro”: estamos preparados?

Aluno: Diego Sousa Guimarães

Há algum tempo, a revista *Veja* publicou uma matéria sobre a cidade de Mossoró, rotulando-a como “Metrópole do Futuro”, fazendo com que os administradores municipais da cidade enchessem o peito de orgulho, estampando a notícia em *outdoors* e na mídia local. Mas será que Mossoró, a cidade do primeiro voto feminino do Brasil (Celina Guimarães), da resistência (a Lampião) e da abolição da escravidão (antes da Lei Áurea), está se preparando para assumir seu futuro encargo de metrópole? E os cidadãos, estão preparados? Antes de tudo, temos que ponderar fatores decisivos para que possamos afirmar, com clareza, que a cidade está preparada.

Estima-se que a cidade tenha cerca de 259.000 habitantes, segundo dados do IBGE, e uma grande parcela desses habitantes sofre com a falta de recursos na área de infraestrutura. Áreas da economia, saúde, educação, habitação, transporte e segurança vêm apresentando melhorias, mas esses serviços não são bem aceitáveis, pois não permitem o desenvolvimento necessário. Sem dúvida, a cidade precisa trabalhar nesses termos clichês, porém importantes, para poder começar a pensar em dar o próximo passo para o crescimento.

Além disso, temos termos não tão comentados ou discutidos, mas que são imprescindíveis para o desenvolvimento da estrutura da cidade, como, por exemplo, a escassa mão de obra qualificada que tem preocupado várias empresas e centros comerciais.

“Isso mostra que estamos no caminho certo: investindo em educação, infraestrutura, industrialização, saneamento básico; enfim, em todos os setores vitais para o crescimento de Mossoró”, afirmou a atual prefeita, Fafá Rosado, após a veiculação da notícia na revista *Veja*. Mas o que transparece é que a educação é menos priorizada que a estética da cidade. Enquanto o orçamento de “Paisagismo e Arborização” da cidade ultrapassou os R\$ 699.000,00, em meados de junho de 2011, a verba liberada para empregar na “Qualificação para o Trabalho e Emprego” não passou de míseros R\$ 58.813,87, segundo o Portal da Transparência do Município (www.blogcarlossantos.com).

Sem mão de obra qualificada, não poderemos atender às necessidades de um grande centro de transição comercial, pois, ao ligar-se com outras cidades, seja fisicamente ou como fluxo de pessoas e serviços, o comércio em Mossoró aumentará. Para que se tenha o desenvolvimento necessário, é preciso que a população escolha bem os governantes de sua cidade.

Estamos na época das eleições, das promessas e de decisões importantes. Como cidadão, digo com toda a certeza que há falta de interesse de nossos governantes em relação ao crescimento e que estes estão mais preocupados em manter aparências do que fazer acontecer.

A população também tem sua parcela de culpa, pois se acomoda, não vai atrás de seus direitos e se sujeita a trocar seu maior poder na sociedade, o voto, por coisas simples. Eles deveriam lembrar que são quatro anos de “embolsamento” de verba pública, dinheiro que poderia ser empregado principalmente na educação, na qualificação de mão de obra e na área de ciência e tecnologia, que ainda é muito ausente nos institutos de ensino.

Outro ponto importante a ser discutido, além da educação, é a segurança e o transporte público, que em muitos locais da cidade chegam a ter vergonhosa carência de atenção e investimento da administração do município. Em um aglomerado urbano como uma metrópole, em que o trânsito aumenta anualmente em grandes níveis, é essencial a alta circulação de ônibus, a construção de vias para ciclistas e o reparo de estradas danificadas. Afinal, como ocorrerá o escoamento de riquezas? É preciso melhorar. O policiamento está longe de ser pelo menos regular, pois se concentra apenas na parte central da cidade, deixando bairros e assentamentos sem assistência imediata.

Mossoró está, com toda a certeza, crescendo em ritmo acelerado, principalmente na região noroeste, onde a construção de imóveis se desenvolve rapidamente. Com o crescimento imobiliário, há, conseqüentemente, o crescimento da população e da necessidade de uma melhor infraestrutura, e de mais investimento e atenção aos mossoroenses.

Portanto, do meu ponto de vista, Mossoró não está se preparando, nem mostrando preocupação em dar passos largos; na verdade, ela está engatinhando rumo ao futuro. A cidade está crescendo, mas a assistência aos habitantes parece ter parado no tempo. Mossoró será sem dúvida uma metrópole, mas há de se trabalhar e investir muito para que as necessidades que uma metrópole venha a ter sejam atendidas. Dinheiro não falta. O que falta é interesse tanto dos cidadãos, em participar ativamente, quanto dos governantes. Se Mossoró continuar como está, a Metrópole do Futuro se tornará um grande fracasso.

Natal: Noiva do Sol, Amante da Prostituição

Aluna: Taiana Cardoso Novais

É evidente o motivo pelo qual a cidade de Natal é conhecida como Noiva do Sol. Tudo se deve às belas praias aqui existentes, ao céu quase sempre ensolarado, ao clima quente e convidativo. O inimaginável, no entanto, é o que se esconde à noite nessas mesmas praias: o turismo sexual, que dá à cidade a alcunha de Amante da Prostituição.

Nas praias, às sombras dos coqueiros, há mulheres e até garotas – pasmem! – à espera de que os turistas, principalmente os estrangeiros, venham procurá-las. Uma realidade vergonhosa não somente para os habitantes daqui, como eu, mas para todos os brasileiros. Sendo assim, é coerente questionar: “Por que a indústria do turismo sexual tem um crescimento exponencial que desafia toda sorte de organizações, bem como o poder público?”

O “prostiturismo” é, muitas vezes, estimulado pela nata natalense: donos de hotéis, de agências de turismo, de empresas de táxi, todos lucram com a prática, chegando até a anunciá-la mundo afora. Por mais inacreditável que pareça, os cartões-postais da cidade, agora, vão além do Morro do Careca e, à proporção que a publicidade aumenta, crescem também as sórdidas estatísticas. Segundo uma pesquisa do Unicef, a exploração sexual está presente em 930 centros urbanos brasileiros, dos quais 436 são cidades nordestinas, sendo Natal a líder, paraíso do sexo fácil.

É muito comum ouvirmos comentários de que a culpa da prostituição é das próprias mulheres submetidas a essa vida. No entanto, dificilmente é citada a maior causa, provavelmente, de muitas se iniciarem nessa profissão: a sobrevivência. Uma pesquisa realizada pelo setor de ciências humanas da UFRN constatou que as mais movimentadas zonas de prazer, entre as 29 já conhecidas pela polícia civil no município, são a Rua do Salsa e a Avenida Roberto Freire, ambas situadas em um dos bairros mais nobres da cidade, onde boa parte dos turistas/clientes se hospeda.

André Petry, renomado jornalista, em artigo para a revista *Veja*, defende a regulamentação da prestação de serviços sexuais como profissão efetiva, dizendo ser essa a única maneira de retirar as prostitutas da míngua. Em minha opinião, essa não é a solução mais viável, pois não basta dar condições de trabalho a quem usa a prostituição como meio de sobrevivência. O que deveria ser defendido era a abolição desse tipo de serviço, posto que é visto pela maioria como algo degradante e que fere a dignidade de quem o pratica.

Vale ressaltar também que tal prática se associa concomitantemente à violência e ao uso de drogas, o que é confirmado pelos dados da pesquisa da Associação dos e das Profissionais do Sexo e Congêneres do Rio Grande do Norte (Asprorn). Segundo ela, mais da metade das prostitutas utilizam algum tipo de psicoativo, entre os quais estão o álcool, o *crack* e a cocaína. Além disso, essa mesma parcela já sofreu ou infligiu algum tipo de violência. Um dado arbitrário à ética.

Infelizmente, diante dessas circunstâncias está o descaso de parte da sociedade natalense e do poder público para com a problemática. Penso que esse desinteresse se dá devido à relação direta que a cidade de Natal tem com a indústria do turismo sexual. E, em razão de o turismo ser a principal atividade econômica da capital, o raciocínio é simples: garotas de programa atraem visitantes, que, por sua vez, injetam dinheiro na economia.

A prostituição é um problema de ordem social e coletiva e, nesse contexto, é preciso a formação de uma aliança entre os cidadãos potiguares e as instituições públicas responsáveis no intuito de que sejam elaboradas medidas que evitem a entrada de novas mulheres e jovens nesse mercado ilícito, tais como a fundação de mais escolas técnicas, no ímpeto de profissionalizá-las.

Outra medida a ser tomada seria a fiscalização do prostiturismo pela polícia, além da intensificação do cumprimento das leis que combatem a questão. Sendo assim, unidos – Estado e sociedade –, possivelmente poderemos evitar a consolidação do título de Amante da Prostituição e invalidar o dito do grande mestre Câmara Cascudo de que o potiguar só está de acordo se for para ouvir ou narrar anedotas.



Homo ignoramus

Aluno: João Marcos Preto Deolindo

São Mateus é uma cidade-polo do norte do Espírito Santo, erguida há 468 anos como vila, às margens do rio Cricaré. Porta de entrada para negros escravizados até meados do século XIX, foi também o primeiro local do Estado a registrar a ocorrência de petróleo, em 1967, o que proporcionou um crescimento vertical ao município, bem como à produção de resíduos sólidos urbanos.

A cidade tornou-se sede de uma grande petrolífera e de empresas afins, caracterizando-se por uma economia baseada na exploração e produção de petróleo, e uma promessa para a população em idade ativa da própria São Mateus e imediações, fator que aumentou sua população de 41.147 habitantes, em 1970, para 109.028, no ano de 2010, segundo levantamentos do IBGE.

Embora a cidade tenha crescido, o método de descarte do lixo continuou obsoleto, e o saneamento básico, precário. Sabe-se que a alta produção de resíduos e seu depósito em área aberta poluem o solo, os rios e as reservas subterrâneas, principalmente devido ao chorume, líquido escuro e de odor desagradável que resulta da mistura entre água de chuva e resíduos da decomposição do lixo, podendo liberar um gás altamente tóxico, o metano.

No entanto, segundo uma moradora do bairro Liberdade, o lixão ali localizado é fonte de renda e de alimento para cerca de trezentas famílias que se instalaram em suas cercanias, coletando resíduos domésticos, industriais e, inclusive, hospitalares, que podem contaminar os catadores facilmente, visto que esses não dispõem de equipamentos de segurança para realizarem a coleta. A situação se repete nos 102 lixões espalhados por todo o Estado, em 52 municípios, de acordo com o Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema). Esses catadores estão expostos a altos riscos biológicos e físicos e desamparados pelos órgãos de quaisquer ordens no que diz respeito à educação e saúde. Temem pela vida de seus filhos ante a sujeira, falta de água encanada e exposição ao narcotráfico e à prostituição – imperiosos no local.

Visando amenizar os impactos ambientais, o “Espírito Santo sem Lixão”, uma iniciativa do governo do Estado para a abertura de aterros sanitários licenciados, preocupou-se em capacitar a cidade e os mateenses para sediarem o aterro da região norte e especulou a conclusão das obras para outubro de 2010. Dois anos se passaram e as obras não tiveram início. O local para a construção do aterro foi redefinido e o único fruto dessa resolução é a incerteza.



Embora, em princípio, a sociedade e a administração pública entendam que o aterro é a melhor saída para o lixo, os moradores do bairro manifestam o desejo e a necessidade de ficarem, pois ali está sua sobrevivência. Se saírem desse lugar, para onde irão? Eles procuram viver do lixo, formando uma comunidade que divide as tarefas cotidianas e ganha seu sustento. Eles querem a *liberdade* de escolher: ficar, mas vivendo dignamente do lixo. Sou contra a retirada dos moradores e sim a favor da implantação de alternativas que levem essa comunidade a viver adequadamente do lixo.

Um reprojetoamento fabril, a fim de que elaborem produtos mais facilmente reaproveitáveis, mais duradouros e que dispensem embalagens, utilizando menos energia e matéria e produzindo menos resíduos, somado à implementação de políticas de incentivo à reutilização, é um caminho há muito apontado, mas difícil de ser trilhado, quando a compra de produtos feitos com materiais reciclados não é uma prioridade para os governos, empresas e pessoas.

Os benefícios para a população partem da regularização da coleta alcançada com a implantação de usinas de reciclagem e principalmente do cumprimento das leis constitucionais que assegurem a todos o direito à moradia, à saúde e à educação.

Somos a única espécie que, por denominação, é tida como duas vezes sábia (*sapiens sapiens*), mas que ignora os alertas catastróficos da natureza, suas limitações e os demais seres vivos. Ignoramos os caminhos sustentáveis e rumamos para o caos, hipnotizados pela inércia capitalista, assumindo o posto do ser mais indiferente. Um novo passo para a evolução foi instaurado, simultâneo à queda de um muro, dando origem a uma espécie cujos sentidos, por via de proteção, foram abandonados, dando origem ao *Homo ignoramus*.

Os piratas do rio Amazonas

Aluna: Ana Lina Souza de Oliveira

Vivo em um lugar que está localizado no meio do mundo, na maior região do Brasil. Macapá, a única capital do Brasil cortada pela linha do equador, no norte do país. Abençoada por riquezas naturais e únicas, como o maior parque nacional de floresta tropical do mundo As Montanhas do Tumucumaque, o parque ocupa 26,5% da área total do Estado do Amapá e guarda uma grande biodiversidade de espécies raras e ameaçadas de extinção como beija-flores multicoloridos e uma espécie raríssima só vista nesta região do país, o gigante beija-flor-brilho-de-fogo, o maior e mais bonito do Brasil, a suçuarana, a onça-pintada, o macaco parauaçu, o lagarto amapasaurus entre outras espécies.

Macapá é uma cidade privilegiada por ser rodeada pela maior floresta do planeta, a Amazônia, e banhada pelo maior rio do mundo, o Amazonas. Mas o nosso mar doce está sendo ameaçado pelo tráfico de suas águas e espécies aquáticas. O rio que antes era usado somente como rota dos navios para exportação de minérios e produtos da floresta, gerando trabalho e renda, hoje é vítima de piratas.

Cientistas, autoridades brasileiras e amapaenses foram informadas que navios cargueiros que entram no Estado para buscar minérios no Porto de Santana abastecem seus reservatórios com as águas do Amazonas antes de sair do Estado para comercializá-la em seu país de origem, praticando ao mesmo tempo dois crimes: a hidropirataria e a biopirataria, levando com a nossa água diversidades de espécies aquáticas. Essa modalidade de saque dos recursos naturais vem tirando o sossego dos amapaenses. Cálculos preliminares mostram que cada navio tem se abastecido com 250 milhões de litros, ou seja, a ingerência estrangeira nos recursos naturais da nossa Amazônia tem aumentado significativamente nos últimos anos - estão roubando nossa água e biodiversidade bem diante de nossos olhos, ao lado da Fortaleza de São José de Macapá, na orla da cidade, onde podemos ver os grandes navios ancorados.

O engenheiro Paulo Edgard Fiamenghi, que trata as águas do rio Negro, que abastece Manaus por processos convencionais, comentou em uma página na internet que "levar água para se tratar no processo convencional é muito mais barato para os países de fora que o tratamento por osmose reversa".

Em minha opinião, estão economizando, furtando a nossa água para transportá-la para a Europa e Ásia, já que com a dessalinização pelo processo de osmose reversa lhes custaria mais caro.

Com tudo isso, nós nos perguntamos: “Quantos e quantos milhões de litros de água terão que ser roubados do nosso Amazonas para que alguma providência seja tomada? O que as autoridades deste Estado estão esperando para punir e autuar os piratas do rio Amazonas?”

Portanto, a falta de uma denúncia formal à Agência Nacional de Águas (ANA) é o que impede uma mobilização por parte da Marinha do Brasil para dirigir-se até o local com auxílio de outros órgãos, bem como da comunidade, para coibir essa prática e proteger nosso patrimônio garantido por lei no artigo 26, inciso I, da Constituição Federal, assim protegendo o bem de nosso Estado, o rio Amazonas.

É preciso que o povo macapaense cobre mais das autoridades locais, para que eles fiscalizem os crimes praticados contra o rio.

Não consigo nem imaginar que o governo brasileiro esteja permitindo o abastecimento de água doce para outros continentes, puramente para benefício comercial, ou até mesmo pensando em privatizá-la num futuro próximo, enquanto o povo amapaense vê de camarote o rio sendo saqueado e os ribeirinhos perdendo o seu sustento e bem mais precioso, essencial para a vida de todos nós, e nada sendo feito para proteger nossas águas.

Assim, deixo todo o meu repúdio com frases de Elton Glademir e Newton Lima: “Chegamos à última instância do absurdo... Chegamos ao último patamar da ganância e da safadeza humanas, em que assistimos ao crescimento material”. “Água não é mercadoria.”

Hoje não devemos abusar dos recursos naturais que temos, devemos protegê-los, garantindo que gerações futuras e diversas espécies que aqui habitam, tenham a oportunidade de sobreviver naturalmente do rio Amazonas. A água é um bem ambiental de uso comum da humanidade, por isso a preservação dessa reserva garantirá a biodiversidade mundial do lugar onde vivo.



Quanto você Vale?

Aluno: Diêgo Carlos Mendes

Rio Acima é uma das cidades que fazem parte do quadrilátero ferrífero, pois seu solo é rico em metais preciosos, como ouro, minério de ferro, entre outros. Mas, em contrapartida a isso, a cidade também é repleta de áreas verdes, as quais contêm diversas espécies de plantas e de vida animal em extinção, cujos dois exemplos mais conhecidos são: o lobo-guarã e a onça-pintada. Existem tipos vegetativos raros e belos, como a Caatinga e a Mata Atlântica, a qual é encontrada em larga escala em uma região entre divisas de Rio Acima, mais exatamente em cima de uma gigantesca jazida de minério de ferro. Cientes disso, microempresas e multinacionais do ramo da mineração, como a Vale S. A., vêm sondando a região, com o intuito de uma exploração extrativista mineral, em que só se é retirado da natureza e nada lhe é dada em troca.

Após o anúncio de assembleias para decidir o futuro dessa região denominada Gandarela, as opiniões da população de dividiram: a maioria se mostrou a favor das mineradoras, devido à geração de empregos e ao desenvolvimento econômico da região, mas a parte restante, amparada por estudos de especialistas, como Gustavo Gazzinelli (representante do projeto Manuelzão), defende a preservação e a criação do Parque Nacional do Gandarela, cuja criação poderá preservar a fauna, a flora e as belíssimas paisagens que a região abriga, além de aumentar o potencial turístico, gerando empregos, desenvolvimento econômico e até a autossustentabilidade da região. Porém, o desejo da grande maioria tem pesado a favor da mineradora Vale S. A., que já iniciou o processo de sondagem do solo da região.

Para uma exploração “sustentável”, a Vale propôs a criação de um parque em 25% da área total, mas ninguém vai a 25% de uma cachoeira, vê 25% de um pôr do sol, planta 25% de uma árvore. Mas mesmo assim as pessoas foram atingidas por uma cegueira causada pela ganância, que é uma das maiores vilãs do século XXI.



As empresas propuseram para as lideranças políticas, entre outras coisas, apoio à cultura local. Mas de que adianta se igualar a César dando ao povo pão e circo (alimento e entretenimento) e lhes tomar parte de um dos maiores bens ambientais e culturais que possuem? Ao fazer isso, estaríamos nos igualando novamente à Roma Antiga, deixando para as nossas futuras gerações apenas ruínas de um dos lugares mais belos que conheço.

Penso que o único benefício que a mineração trará é o desenvolvimento econômico imediato e limitado, mas os rastros de destruição deixados pela mineração serão muito maiores que a rentabilidade total do negócio para a região. E, contrariando Maquiavel, para mim, os fins não justificam os meios, pois de que adianta a vitória se não tiver história?



Duplicação da Rodovia BR-290: a alavanca para o desenvolvimento de Pantano Grande?

Aluna: Tainá Oliveira dos Santos

Com a aproximação do ano de 2014, quando o Brasil sediará a Copa do Mundo, os olhares se voltam para as estradas e rodovias, que se encontram em estado bastante precário, sendo então acelerados ou propostos projetos para melhorá-las. E o pequeno município gaúcho onde moro, que ironicamente se chama Pantano Grande, uma típica cidade do interior que, por localizar-se às margens da BR-290, é uma entre tantas outras afetadas por essas mudanças.

Em virtude disso, algo está tirando o sono dos pantanenses: a duplicação da BR-290, que faz parte do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), duplicará 116 quilômetros da rodovia. Esse projeto nem mesmo passou da ação preparatória e já causa controvérsias: afinal, a duplicação da BR-290 impulsionará o desenvolvimento do nosso município ou proporcionará um déficit na economia local e problemas à população?

Esse projeto foi apresentado há um ano na Câmara de Vereadores numa audiência pública convocada pela prefeita da cidade e lá estiveram presentes moradores, vereadores e representantes da empresa responsável pela elaboração do projeto. Após isso, uma parte da população se colocou a favor e outra contra a duplicação da BR. Para os representantes da empresa, essa obra facilitará o acesso à capital, beneficiando o município, uma vez que, por ser rico em minérios, Pantano Grande é um dos maiores exportadores de calcário da Região Sul.

Já a maioria dos comerciantes locais, presentes na audiência, mostrou-se contra a realização da obra, alegando que limitará o acesso à cidade e o comércio voltado para viajantes – pousadas, postos de gasolina, lojas e restaurantes na beira da BR –, praticamente extinto.

Penso que a duplicação da BR-290 tem tudo para favorecer o nosso município, desde um trânsito mais rápido e eficiente até a possibilidade de novas rotas comerciais. Além disso, a demanda por hotéis, pousadas e restaurantes crescerá, impulsionando, assim, o desenvolvimento do município.

Para aqueles que são a favor, como o senhor José Carlos Gonçalves, vereador, nosso município não será o único a usufruir dos benefícios trazidos pela duplicação, pois há outros que também serão afetados, direta e indiretamente. Essa obra poderá até mesmo beneficiar nossos vizinhos estrangeiros – argentinos e uruguaios –, já que a BR é também considerada rota do Mercosul. Assim, os engarrafamentos causados pelos *hermanos*, na época de veraneio, serão reduzidos.

Já alguns moradores são contra a duplicação porque acreditam que, devido ao fluxo de trânsito intenso que será recebido e pela falta de uma passarela, a rodovia se tornará mais perigosa para aqueles que precisam atravessá-la para chegar ao centro da cidade. Pois bem, possivelmente a implantação de uma passarela resolva esse impasse!

Mas essa não é apenas uma realidade pantanense. Outras cidades brasileiras passam por situações similares à nossa. Um exemplo é a duplicação da BR-277, em Campo Largo, Estado do Paraná. As vantagens futuras, trazidas para a cidade paranaense, reproduzem as que serão oferecidas a nós: segurança no trânsito, menos engarrafamentos, reduzindo, assim, a emissão de dióxido de carbono. Além disso, temos excelente localização geográfica, que facilitará a logística e, conseqüentemente, alavancará um crescimento industrial, o que, certamente, fomentará a geração de empregos e renda.

Dessa forma, creio que a duplicação da rodovia é indispensável para o crescimento da cidade. No entanto, acredito que não precisamos esperar por obras como essa ou eventos como a Copa do Mundo para investir em nossa cidade. O que fazer? A meu ver, poderíamos explorar nossos recursos naturais. Abrigamos um dos maiores tesouros ecológicos da região, o Rincão Gaia – idealizado por Lutzemberg. Não seria hora de divulgá-lo mais e transformá-lo em um grande ponto turístico? Ou talvez tentar algo novo e investir, graças às nossas pedreiras, em turismo de aventura?

Enfim, essa é a chance de Pantano Grande e a BR-290 crescerem juntos, transformando os benefícios momentâneos trazidos pela Copa do Mundo em permanentes. Afinal, poderíamos nos espelhar na base da teoria da evolução, proposta por Darwin: adaptar-se às mudanças do ambiente para viver em harmonia com ele.



Parelheiros: estrada para a glória ou ruína?

Aluna: Thamires Luiza Lemos Pratt da Silva

No início do ano foi anunciado que o governo do Estado de São Paulo estava estudando a execução de um antigo projeto: a construção de uma rodovia interligando o bairro de Parelheiros, no extremo sul da capital, ao município de Itanhaém, na Baixada Santista.

A obra, proposta há cerca de quinze anos pelo deputado estadual Erasmo Dias (PPR-SP), teria como objetivo criar uma alternativa para o tão saturado sistema Anchieta-Imigrantes, oferecendo um caminho de aproximadamente 15 quilômetros entre a cidade de São Paulo e o litoral do Estado, o que, quando comparado aos atuais 70 quilômetros que os motoristas precisam enfrentar, torna-se um empreendimento bastante atraente.

Por meio dessa nova rodovia, acredito que não só o problema do congestionamento, especialmente em épocas de temporada ou durante os feriados, seria amenizado como também o município de Itanhaém e os demais que o cercam teriam uma ótima oportunidade de desenvolver-se economicamente.

Empresas como a Petrobras defendem que, se realizado, o projeto auxiliaria na exploração das reservas do pré-sal localizadas na região. “Dez novas plataformas da Petrobras estão previstas para serem instaladas no litoral paulista nos próximos cinco anos, ampliando a demanda por meios de transporte rápidos”, divulgou o então secretário de governo de Itanhaém, Silvio Lousada, em matéria exibida no *site* da prefeitura no início de janeiro do corrente ano.

Se não acompanharmos esse crescimento, providenciando uma infraestrutura mínima, a tendência é de que ocorra um verdadeiro caos na região, já que essas plataformas necessitam tanto de mão de obra quanto de materiais, que, por sua vez, requerem rotas estratégicas para chegar ao destino sem nenhum contratempo. Isso sem falar no Porto de Santos, o maior da América Latina, que expande cada vez mais seu número de exportações, fazendo com que muitos caminhões transitem na Baixada.

Algumas organizações, assim como parte da população, criticam a construção, afirmando que ela trará problemas para a região do litoral, como ocupação irregular, desmatamento e falta de segurança, e não se pode esquecer que há reservas indígenas no traçado previsto para a rodovia.

Não estou incentivando, de modo algum, a derrubada de árvores ou a expulsão dos índios de suas terras em prol do famoso progresso. Aliás, defendo fortemente a criação de normas que



garantam a preservação dos recursos naturais durante a construção da rodovia e minimizem os danos causados à população nativa. Entretanto, a situação chegou a um ponto tão crítico que não há mais opção, e, se não fizermos nada, o prejuízo ao meio ambiente (já que, quanto mais tempo os veículos levam para se locomover, mais poluentes emitem) pode ser até pior do que o causado pela obra em si.

Precisamos de uma rota alternativa até a capital. Para ontem. Se no momento atual as estradas já passam por sérios problemas de congestionamento, me espanto apenas ao imaginar o que acontecerá daqui a alguns anos quando o fluxo de automóveis e de outros meios de transporte aumentar consideravelmente.

Não podemos nos esquecer também de que em breve o Brasil sediará dois eventos esportivos de grande porte e de que somente as cidades-sedes não darão conta de hospedar todos os turistas que aqui chegarem, obrigando-os a ir para as áreas periféricas. Além disso, o turismo na região é um excelente atrativo, mas, para ser mais bem explorado, precisa fornecer facilidades de acesso.

Portanto, tenho plena convicção de que uma rodovia ligando Itanhaém a Parelheiros deve, sim, ser construída. Claro que todos os aspectos precisam ser considerados, e, como em todo empreendimento de grande porte, cada detalhe precisa ser analisado, e cada risco, rigorosamente previsto. Porém, se bem planejada e coordenada, a criação desse vínculo com a capital trará ótimos benefícios à região e à população que nela reside, gerando oportunidades de formação, emprego, melhorando a economia local e garantindo mais possibilidades de cultura e lazer.

Cultivando sonhos verdes

Aluno: Alex Glier

Terceiro distrito de Santa Cruz do Sul, cidade-sede da Oktoberfest – maior festa germânica do Rio Grande do Sul e a terceira maior do mundo –, Monte Alverne é a vila em que moro. A economia do município é movimentada, principalmente a partir do meio rural, sobretudo pelo cultivo do tabaco, mas também pela diversidade através da agricultura familiar.

Com pouco menos de 120 mil habitantes, Santa Cruz do Sul sofre com um problema social muito comum em cidades do interior: o êxodo rural. Devido a melhores condições de vida na cidade, muitas pessoas migram do campo para os centros urbanos. Os jovens sentem-se excluídos, pois o acesso a tecnologias, como o celular e a internet, é restrito.

Sou um jovem do meio rural e sonho com uma vida promissora. Porém, no campo, o salário depende, principalmente, do tempo, ou seja, em anos de estiagem não se colhem boas safras. Os colonos não têm carteira assinada, seguro-desemprego, décimo terceiro salário e renda fixa por mês. Outros fatores também me preocupam, entre eles a desvalorização dos produtos agrícolas e a aposentadoria de um salário mínimo, assim como o serviço pesado na lida da terra enfrentado pelos agricultores até em condições climáticas adversas, fatores esses que desmotivam a permanência no campo.

Segundo a reportagem do jornal *Diário Regional* do dia 21 de agosto de 2012, página 4, nos dias 21, 22 e 23 de agosto, em Porto Alegre, realizou-se o Fórum Estadual de Juventude Rural e Políticas Públicas. No fórum, foram apresentados dados que mostram que mais de 31% das propriedades agrícolas familiares do Rio Grande do Sul não têm jovens para garantir a sucessão. Contudo, penso que eventos desse porte são apenas o começo de uma longa caminhada para manter o jovem no campo. A economia de Santa Cruz necessita da indústria fumageira, por isso não podemos deixar que esse setor se desestruture por falta da continuidade na produção agrícola.

Conforme a Secretaria Estadual de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo, nos últimos dez anos 276 mil agricultores deixaram o campo no Rio Grande do Sul e, atualmente, 45 mil famílias não contam mais com herdeiros na lavoura, em sua maioria jovens. A nova geração busca na cidade oportunidades que não teriam se continuassem no interior, entre elas a demanda de mão de obra no mercado de trabalho, a especialização em uma área profissional, além da facilidade de acesso a serviços públicos e privados.

Algumas iniciativas de entidades para diminuir o êxodo rural já se verificam. A Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (Efasc) tem seu método de ensino voltado aos filhos de agricultores. No educandário em regime de internato, os alunos conciliam estudos sobre técnicas agrícolas com disciplinas curriculares do Ensino Médio. Na minha opinião, essa aproximação da escola com a realidade vivida pelos filhos de produtores rurais desperta o gosto pela profissão.

Já a Escola Cardeal Leme, no interior de Santa Cruz, também modificou seu currículo. Desde 2008, os alunos vivenciam na escola a sua realidade familiar por meio de oficinas e de um cronograma de aulas voltado às práticas agrícolas. O modelo de ensino recebeu o prêmio Qualiescola, que concretizou o Projeto de Educação Diferenciada para o Meio Rural, ampliado em 2009. A Lei nº 9.394, de dezembro de 1996, e a Resolução CNE/CEB nº 1, de abril de 2002, preveem a implantação de uma educação que possibilita à escola desenvolver projetos com propostas pedagógicas diferenciadas para uma educação própria para a realidade local e regional.

Tais iniciativas qualificam a produção das famílias no campo. Além disso, motivam os adolescentes a continuar com a profissão dos pais, garantindo a produção do setor primário, primordial para fornecer matérias-primas aos demais. Acredito que as autoridades políticas devem aplicar recursos nas escolas.

A semente plantada pelas inquietações juvenis faz com que o trabalho no campo fixe raízes através do berço familiar, cultivando as práticas existentes e a possibilidade de novos caminhos para a agricultura. Dessa forma, alimenta os sonhos verdes: preservando o colorido das lavouras e o equilíbrio entre a modernidade da zona urbana e a matéria-prima florescida da zona rural.



O polêmico sonho nordestino em terra paranaense

Aluno: Sineudo Pedro dos Santos

O lugar onde vivo é uma pequena cidade do interior do Paraná com uma população de apenas 4.664 habitantes. Tamboara é uma cidade construída por mãos de muitos migrantes vindos de vários lugares do Brasil, principalmente de Estados do Nordeste. De acordo com um recente levantamento divulgado pelo IBGE, o Paraná está entre um dos três Estados que mais perderam migrantes nos últimos anos. Mas é justamente o contrário disso o que se verifica em Tamboara. Nos últimos cinco anos, o município tem recebido um número expressivo de nordestinos vindos dos Estados da Bahia, Piauí e Ceará para o corte de cana.

Essa migração que ocorre aqui é a chamada “migração temporária”, pois os trabalhadores vêm para cá no pico da colheita da cana e depois voltam para seus Estados de origem. Esse fato vem gerando polêmica entre a população tamboarense. Há aqueles que veem os novos moradores como intrusos. Argumentam que as empresas da região estão preferindo a mão de obra nordestina, tirando, assim, as vagas daqueles “legítimos moradores” que trabalham no corte de cana. Porém, essa opinião não é unânime entre os cidadãos desse lugar. Muitos tamboarenses acreditam que o aumento da população, mesmo que de forma temporária, representa desenvolvimento econômico para o município, já que esses trabalhadores da cana consomem boa parte do dinheiro que ganham no comércio local. Esse aumento de vendas do comércio é facilmente observado nos mercados, lojas, bares e lanchonetes, em dias de pagamento das usinas. Os comerciantes locais afirmam que o movimento de venda tem crescido em torno de 20% de 2007 para cá.

Sou nordestino e sinto na pele essa polêmica. Faz dois anos que estou em Tamboara e já me considero parte dela. Particularmente, penso que essa migração é benéfica tanto para os tamboarenses quanto para nós, nordestinos. Não fossem as dificuldades de sobreviver em uma terra tão castigada pela seca, não deixaríamos para trás quem tanto amamos para trabalhar em terras tão distantes.

Há ainda outra preocupação da população com relação ao aumento de gastos nas áreas de educação e saúde por causa da migração. O vereador, e também funcionário da saúde, Ariovaldo Vieira Martinez avalia que o aumento da procura por consultas tem crescido em torno de 17% a 20%. Explica, ainda, que esses novos moradores não aparecem nos dados do censo e por isso não são contabilizados no repasse da verba que o município recebe para área da saúde.

Sei que isso é uma realidade. Os trabalhadores nordestinos adoecem mais estando aqui por causa do ritmo intenso de trabalho e do clima mais frio que em seus Estados de origem; assim, precisam recorrer à saúde pública. Porém, cabe aqui uma pergunta: o atendimento do SUS não é assegurado em todo o território nacional? Defendo a ideia de que, como brasileiros, temos direito a esse atendimento onde quer que estejamos.

Não sou especialista no assunto, mas penso que a solução para isso está nas mãos do governo federal, que deveria prever que, mesmo em menor número, as migrações internas no Brasil ainda continuam existindo. Portanto, os municípios brasileiros que, assim como Tamboara, estão recebendo migrantes temporários deveriam receber verbas condizentes com suas atuais necessidades. Assim, esses trabalhadores deixariam de causar problemas para a administração pública local.

Reafirmo que os nordestinos são um povo sofredor. Muitas vezes, recebem uma diária de apenas 12 reais, enquanto, aqui, a diária é de 50. Não deixamos nossa terra porque queremos, mas por necessidade. Moramos em um país democrático. A Constituição nos permite o direito de ir, vir e morar onde são ofertadas melhores condições de trabalho para uma vida mais digna.

Cheguei a essa cidade na condição de migrante temporário. Deixei meus estudos, meus pais, minha história e minhas tradições em busca de um salário mais digno. No entanto, me encantei por esse meu novo lugar. Hoje tenho um coração dividido entre a cidade de Jardim, no Ceará, e Tamboara, no Paraná. Posso afirmar com orgulho que sou cidadão tamboarense. Com a força do meu trabalho, quero progredir na vida e fazer progredir também essa terra que tanto amo.

Educandos vs. Reeducandos – Quem sai? Quem fica?

Aluno: Eraldo Crispiniano de Góes

Arapiraca, conhecida como “Capital Brasileira do Fumo”, foi recentemente apontada pela revista *Exame* como uma das sete cidades do interior do país com maior potencial de compra pela população. Isso se deve ao aumento do número de empresas no município – o que gerou várias vagas de emprego para os munícipes –, além do advento dos programas sociais do governo federal, que aumentaram também o poder de compra das classes sociais mais baixas.

Para complementar o desenvolvimento do “Crescente Fértil do Agreste” foi implantado na cidade, há alguns anos, um *campus* da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Porém, sua localização desprivilegiada – ao lado de uma unidade prisional – vem causando polêmica entre integrantes da universidade, autoridades e a própria população local, pois, por conta de várias invasões ao *campus* por presidiários em fuga, abriu-se uma discussão sobre qual instituição deve ser transferida para outro local: a penitenciária ou a universidade.

Em abril deste ano, após ocorrerem inúmeras invasões e trocas de tiro entre fugitivos e policiais dentro da unidade de ensino (uma delas provocando o cancelamento de um concurso público federal), professores, alunos e funcionários da Ufal resolveram paralisar as atividades até que se encontre uma solução para o problema. A paralisação perdura por quase cinco meses e prejudica não só os universitários, mas também aqueles que, como eu, almejam ingressar, no próximo ano, em um dos cursos oferecidos pela universidade.

Estudantes, docentes e parte da comunidade arapiraquense veem na desativação da penitenciária a melhor solução para a crise e para isso realizam constantes protestos e manifestações públicas, cobrando das autoridades competentes a urgente transferência dos reeducandos para garantir, assim, a segurança do *campus*.

Todavia, o defensor público André Chalub afirma que “não faz sentido fechar um presídio num Estado que apresenta déficit de vagas para detentos”, pois, apesar de a prefeitura de Craíbas, cidade situada a 23 quilômetros de Arapiraca, oferecer um terreno para a construção de uma nova penitenciária, não há previsão para início nem término das obras. O defensor reforça ainda que a transferência dos presos de Arapiraca para Maceió seria inviável, alegando que seus familiares não teriam condições financeiras para visitá-los.



Entretanto, do meu ponto de vista, a visita aos reeducandos não é o mais importante diante dessa questão tão eminente, tendo em vista que a estada deles em presídios da capital seria temporária. Além disso, tal inviabilidade pode ser solucionada sem grandes dificuldades. Uma das saídas seria a disponibilização de transporte gratuito e periódico aos visitantes.

É claro que a ressocialização dos até então criminosos é importante tanto para eles e seus familiares quanto para a sociedade. Contudo, penso que a educação de jovens que estão tendo sua chance de crescer na vida é, sem dúvida, mais importante que o contato dos familiares com aqueles que não aproveitaram as oportunidades que tiveram e/ou que cometeram crimes bárbaros contra a população.

Além disso, infelizmente, o Estado de Alagoas convive com baixos índices educacionais e altos índices de violência, e é só através do investimento na educação que reverteremos esse quadro e garantiremos o desenvolvimento e a segurança de toda a sociedade.

Acredito também que, como a urbanização acelerada da nossa cidade está “engolindo” o presídio, a manutenção deste não tem cabimento, pois, por comprometer a segurança – o que se evidencia pela frequência e facilidade com que ocorrem as fugas e as invasões a prédios públicos – e desvalorizar as propriedades em seu entorno, acaba prejudicando o desenvolvimento do município.

Finalmente, espero ansioso que as autoridades competentes sanem rápida e eficientemente essa questão, dando prioridade à universidade, ou seja, à educação, que é a arma mais eficaz a ser usada no combate ao crime e que pode ser vista como esperança de futuro próspero para qualquer pessoa ou localidade.

A polêmica construção de casas na Veneza Amazônica

Aluna: Thamirys Lima do Amaral Silva

Viver em meio à densa floresta amazônica, rodeados pela exuberância da natureza e abundância de água, nem sempre significa estar em harmonia com o meio ambiente. Assim como muitas cidades brasileiras, Eirunepé, situada no interior do Amazonas, vivencia há anos o drama das enchentes, a cada seis meses, quando o rio Juruá eleva seu nível e invade as várzeas no entorno da cidade. Mas o que vem dividindo opiniões entre grande parte da população eirunepense é a construção, cada vez mais crescente, de casas nessas áreas.

A maior parte dos moradores desses locais é oriunda da zona rural e veio para a cidade em busca de melhores condições de vida e educação para seus filhos. Enquanto alguns se apossaram de pequenos pedaços de terra para construir suas casas, outros compraram pequenas habitações a preços irrisórios nessas áreas que alagam no período das cheias, formando o que alguns descrevem como “Veneza Amazônica”, e, no período das secas, permanecem encharcadas. Esses moradores trafegam por meio de estreitas pontes de madeira, vivem sem nenhum saneamento básico, sujeitos a várias doenças e até correndo risco de morte. Porém, mesmo diante de tantos perigos, há uma grande resistência por parte dessas pessoas a sair de lá.

O Plano Diretor de Desenvolvimento e Expansão Urbana do município aprovado em 2008, em seu artigo 16, inciso V, estabelece a ampliação e a oferta de habitação social para a população de baixa renda e, segundo o vereador José da Cruz Delmiro, já foi feita há algum tempo a construção de casas populares em áreas que não alagam, na tentativa de retirar esses moradores de lá. No entanto, eles se opuseram a sair, alegando que a proximidade com o rio facilita o transporte do seu material de pesca e das canoas, visto que muitos deles são pescadores ou produtores rurais.

Para grande parte da população eirunepense, a construção de casas na periferia da cidade, em áreas de igapós, vem provocando o crescimento desordenado do município, aumentando consideravelmente os riscos de contaminação por graves doenças, como é o caso da hepatite A, pois, neste ano, houve um surto da doença na cidade e, segundo a Secretaria de Saúde, 90% dos casos ocorreram em moradores dessas áreas, além dos inúmeros casos de malária.



Por outro lado, muitos que lá residem são favoráveis a essas moradias, pois acreditam que a fartura de peixes na época das cheias é muito profícua, e também gostam de morar lá por ser um lugar calmo e, segundo eles, agradável de viver. Os que moram na Ponta do Vento - área alagadiça do centro da cidade – argumentam que a proximidade com o centro é extremamente vantajosa para a realização das atividades diárias. A meu ver, quem já se instalou nesses locais sem dúvida tem o direito de receber melhores condições de moradia, destacando como ferramenta a realização de um trabalho socioeducativo associado à fiscalização para impedir que novas casas sejam construídas nesses lugares, pois, apesar das aparentes vantagens, as perdas são bem maiores.

Portanto, se por conta das ações supracitadas alguns desses moradores tomarem consciência de que sair de lá é a maior alternativa, a prefeitura deve dar total assistência a essas pessoas. Até porque há diversos programas federais que destinam orçamentos para habitação de interesse social, saúde, educação, entre outros, à espera de que municípios como o nosso elaborem seus projetos e se credenciem para acesso aos recursos. É certo que todas as sugestões apresentadas não resolverão completamente o problema; todavia, se postas em prática, será um ponto de partida que o amenizará muito, para que assim a cidade possa crescer de forma mais saudável, respeitando o meio ambiente, e a população tenha melhor qualidade de vida.



Copa: a capa do nosso Brasil

Aluno: André Luciano Lins da Silva

A Copa do Mundo de Futebol atrai os olhares do povo para o país que a sedia. O Brasil é a bola da vez, especialmente os Estados-sedes, como o meu Pernambuco, que tem uma longa jornada até que tudo esteja pronto. A estimativa dos gastos chega à casa dos bilhões de reais, que estão sendo usados na construção do estádio e em toda a infraestrutura que o envolve. Mas por que um Estado e um país como o nosso, que têm tantos problemas estruturais e cuja desigualdade social está longe de se dissipar, estão dando mais valor a megaeventos, como a Copa do Mundo de Futebol em 2014, em vez de se preocupar com setores como educação, saúde, moradia e segurança?

Em Pernambuco, está sendo construído um novo estádio na cidade de São Lourenço da Mata, na Região Metropolitana de Recife, com capacidade para 46 mil pessoas. O custo estimado, segundo o *site* Copa Transparente, é de 532,6 milhões de reais. Além dele, o governo vai investir mais de 1,5 bilhão de reais em obras para melhorar a acessibilidade e a mobilidade, como a duplicação da BR-408, o Terminal Integrado de Passageiros de Cosme Damião, os corredores Norte-Sul e Leste-Oeste. Os favoráveis à realização desse megaevento, como o governo e os empresários, dizem que nós nos beneficiaremos da melhoria e da viabilidade do transporte público. Em parte isso é verdade.

Porém, quanto custou, ou custará, às famílias que vivem perto desses locais, cedendo suas habitações? A remoção afeta não só o espaço físico, como também o lado emotivo dos moradores que foram obrigados a sair de suas residências. Além disso, eles estão sendo deslocados para bairros mais afastados do centro, o que demonstra certa “limpeza” da área: os pobres são retirados a fim de que os ricos ocupem a região hoje mais valorizada.

O esporte é uma verdadeira arte e também o sonho de vários jovens que almejam uma vida melhor para si e seus entes, mas quantos conseguem progredir como atletas? Há vários caminhos



para vencer, e todos eles, inclusive o futebol, dependem da educação. Entretanto, são comuns as notícias sobre a precariedade das escolas do governo e sobre professores tratados como coadjuvantes, recebendo pouco e trabalhando muito. Atualmente, o piso salarial do docente dessas escolas em Pernambuco é de apenas R\$1.451,00. Então pensamos: por que o Brasil não investe em qualificação, melhoria e desenvolvimento da educação? Seria um dinheiro bem investido, com retorno garantido, mas optamos por trazer um evento no qual gastaremos uma quantia exorbitante.

O ex-jogador e deputado federal Romário diz-se contrário à forma como a Copa de 2014 vem sendo implantada, afirmando que os gastos serão bastante elevados e a corrupção – a nossa famosa corrupção –, tomará conta de todas as obras. Em entrevista à revista *Caros Amigos*, edição nº 182/2012, o “baixinho” comenta que “80% das obras da Copa vão ser deixadas para obras emergenciais, ou seja, aquelas que chegam num período de um ano e meio antes da Copa e as licitações não são mais necessárias”. Como o próprio Romário relata, isso abrirá uma brecha enorme para a corrupção, fazendo com que o prejuízo seja elevado. Esse fato ainda não ocorreu, mas, conhecendo a trajetória política nacional, sabemos que provavelmente acontecerá, só não há como prever a intensidade da “roubalheira”.

Outro problema em Pernambuco é que o contraste entre riqueza e pobreza é tremendo. O Aeroporto dos Guararapes será reformado e receberá visitantes do mundo inteiro, mas, se olharmos à sua volta, veremos o bairro do Jordão, uma comunidade pobre, esquecida das autoridades. Famílias carentes dificilmente poderão assistir aos jogos no estádio. Estima-se que os ingressos custarão entre R\$150,00 e R\$1.500,00. A população de menos condição pagará o preço de um evento que não será direcionado a ela, e sim aos que têm mais poder econômico.

Injustiças como essa evidenciam cada vez mais a diferença entre o rico e o pobre. Não é “acabando” com o pobre que isso mudará. É acabando com a pobreza. A Copa não é o problema do Brasil, é o inverso. Se não temos condições de manter os serviços básicos, então o Brasil é o problema da Copa.

Às margens de onde vivo

Aluno: Mateus Costa de Jesus

Moro no interior de São Paulo, em uma cidade chamada Tietê, também conhecida como “Cidade Jardim”. Esse nome é em homenagem à Praça Dr. Elias Garcia, a mais bonita do Estado de São Paulo. O município conta com vários pontos turísticos e com a tradicional Festa do Divino Espírito Santo. O cenário que marca essa festividade começa no rio Tietê e termina em suas margens.

Mas, como toda cidade, Tietê tem problemas, entre eles a poluição do rio Tietê é o que se destaca. O fluxo de água passa no meio do município, e a água com coloração de ferrugem e odor forte denigrem a imagem da cidade. Essa situação me leva a confrontar ideias, como uma antítese: a cidade tem vida, repleta de encantos e beleza, e ao mesmo tempo serve de passagem para um rio morto.

Entretanto, nem sempre foi assim, pois o rio antigamente era rico em fauna e flora, contribuiu muito para a pesca e para o desenvolvimento de Tietê e do país.

O rio Tietê nasce límpido na serra do Mar, em Salesópolis, e conta com cerca de 1.150 quilômetros de extensão, em seu percurso recebe todo tipo de lixo e esgoto sem tratamento, o que o torna poluído.

Desde o século XIX o rio deixou de ter vitalidade, inclusive serviu de tema para o poema “Meditação sobre Tietê”, de Mário de Andrade.

O rio Tietê é um problema de muitas cidades paulistas; infelizmente o esgoto sem tratamento é despejado na maioria das cidades por onde passa. O odor exalado pelo rio em período de chuva agride ainda mais os moradores tietenses que vivem próximos a ele.

Especialistas já tentaram várias soluções para resolver a poluição, porém todas frustradas. O que foi sinônimo de desenvolvimento hoje é visto como um problema sem solução.

Há um projeto de construção de barragem em vários pontos, que também abrange Tietê, mas não está sendo bem visto por ambientalistas, os quais afirmam que os reservatórios interferem na característica geológica natural, porque as corredeiras e os poluentes lançados ficam retidos nos lagos.



Por outro lado, o diretor do Departamento Hidroviário do Estado de São Paulo, Casemiro Tércio Carvalho, aponta que os impactos serão insignificantes e que a construção da barragem contribuirá para a retenção e a retirada do lixo lançado no rio.

Apesar de mais uma tentativa de resolver os problemas do rio Tietê, infelizmente concordo com os ambientalistas, uma vez que o projeto não estabelece critérios para evitar danos futuros ao meio ambiente.

Além disso, o projeto afetará uma pequena comunidade de Tietê, que contou há pouco tempo com postes de iluminação; contudo, se levarem adiante esse planejamento a vila será inundada. Isso demonstra a falta de compromisso com os cidadãos tieteenses, uma vez que receberam melhorias e logo terão que deixar o local.

Outra questão preocupante é a falta de conscientização da população tieteense. No entorno do rio não se veem placas e lixeiras suficientes para depósito de lixo. Por falta de uma campanha comunitária, os moradores do município de Tietê não contribuem para tornar o rio menos poluído; assim, descartam o lixo, tanto orgânico como reciclável, no leito do rio. O Centro Cultural e Ecológico Cornélio Pires é o único local que segue padrões para a conscientização da população que ali transita.

Enfim, como cidadão tieteense, defendo a ideia da preservação e da resolução dos problemas, principalmente porque o rio um dia já foi um dos recursos fundamentais para a constituição de Tietê, mas isso não significa aplaudir projetos obscuros sem antes analisá-los e ponderar sobre as consequências. A conscientização da população em prol da despoluição do rio, através de pequenos gestos, ajudaria para não se chegar a um estado mais crítico.

O que não podemos é ficar estáticos diante de um problema que se arrasta feito um rio como se a poluição não nos afetasse.

Não sou tão otimista em pensar que a solução é imediata, mas com certeza a longo prazo o rio voltará a ter vida e consequentemente melhorará a qualidade de vida dos tieteenses e teremos orgulho de apresentar a Cidade Jardim aos turistas, como também a grande Festa do Divino Espírito Santo terá um cenário digno de uma celebração cristã.

Empreendimento bastante questionável

Aluna: Thainá da Silva Olivério

O aterro sanitário, local que é preparado para ser depositado o lixo de um determinado bairro, município ou Estado, deve ser examinado com bastante cautela para evitar alguns problemas ambientais. Mas será que esses aterros são colocados em locais apropriados, sem riscos ao meio ambiente e à população? Será que os poderosos que aprovam tais projetos pensam nisso?

Aterro sanitário: quais os benefícios e os malefícios? O que acontece com o local em que é instalado o aterro, anos após ser desativado? Quais os danos ambientais ao local? E os prejuízos para a sociedade? São essas e outras perguntas que não são respondidas pelos políticos e governantes na hora de assinarem os documentos para fazer algo que no presente pode não fazer diferença, mas no futuro pode acarretar problemas irreversíveis. Quando o assunto é meio ambiente, sempre fica para amanhã. Só que o amanhã vai chegar e pode ser tarde demais.

Em Seropédica, foi criado o aterro sanitário, que substituirá o aterro de Gramacho, que ficava na cidade de Duque de Caxias. Além das péssimas condições de funcionamento, as atividades nesse aterro foram encerradas após ultrapassar sua capacidade, pois ele deveria ter sido fechado há mais de dez anos. Gramacho teve como consequência 45 metros de lixo a céu aberto e mais de 15 metros que se afogaram no mangue, sem que o solo fosse protegido.

Segundo pesquisadores, como Hélio Fernandes Machado Junior, diretor do Instituto de Tecnologia da UFRRJ e membro do Comitê Guandu, para que o solo do aterro de Seropédica ficasse realmente pronto para o uso foi preciso aterrar um imenso aquífero subterrâneo: o aquífero de Piranema, que ajuda no abastecimento do município do Rio de Janeiro, da própria cidade de Seropédica e de Itaguaí, e corre o risco de ser contaminado.

Já para a superintendente do projeto, Adriana Felipetto, representante da Ciclus, empresa que administra o aterro, o solo de Seropédica está bem protegido para que não haja qualquer vazamento de chorume. Caso isso aconteça, será detectado e localizado pelo sistema informatizado já instalado.



Suponhamos que haja contato do chorume com o solo ou o aquífero. O que será feito? A escassez de água doce aumenta gradativamente no planeta e mais uma fonte corre o risco de ser poluída. Será que os que assinaram esse projeto não sabiam disso? Infelizmente, a política econômica fecha os olhos para as soluções que reduzem os riscos de destruição do meio ambiente, soluções essas que poderiam ocorrer de forma mais racional e lícita.

Para se abrir um aterro sanitário, deve-se estudar o local, questionar os pontos positivos e negativos, problemas ambientais que poderão surgir naquele espaço no decorrer do tempo, após sua criação e desativação. Por isso é fundamental pensar em formas mais sustentáveis para resolver esse problema, como usar esse lixo para produzir energia elétrica através da biomassa, queimando o metano emanado pela decomposição do lixo.

Enquanto a sociedade optar por soluções imediatistas para questões tão importantes, como o descarte do lixo, o meio ambiente continuará sendo agredido e o futuro da humanidade permanecerá em risco.

Um lugar onde não nasce ninguém

Aluna: Anna Luisa Cardozo Pereira

Vivo em um lugar que insiste em preservar hábitos muito incomuns nos dias atuais, como dar bom-dia, dizer obrigado, conhecer os vizinhos pelo nome, comprar na ficha sem consulta ao SPC, usando apenas a palavra como garantia. Aqui não são necessários semáforos e radares; só há um elevador, o do hospital. Ou seja, a velha e conhecida paz do interior, se não fôssemos afetados por alguns problemas de grandes centros urbanos, como o descaso em relação à saúde da população. E esse descaso começa desde o nascimento dos futuros residentes de Engenheiro Paulo de Frontin, futuros residentes, já que não podem ser chamados de frontinenses, pois não são filhos de sua terra.

Por que as autoridades eleitas por nós se acomodaram tanto diante de questões tão sérias como a falta de um hospital municipal? Aqui, o único hospital é privado e não tem recursos de pronto-socorro. Lá as pessoas doentes não conseguem atendimento médico de urgência e qualidade. Lá simplesmente não nascem pessoas. Para dar à luz seus filhos, as mulheres daqui precisam procurar atendimento nos municípios vizinhos. E nada de se dar ao luxo de parto normal, já que deve ser tudo agendado com antecedência, para evitar que o bebê corra o risco de nascer numa das serras que nos cercam. E o indivíduo que fratura um braço ou uma perna? Não há ortopedista, raios X, nem tampouco técnico em imobilizações ortopédicas. A pessoa tem que suportar a dor até chegar à cidade vizinha, correndo o risco de não ser atendida, por não morar lá.

O nosso hospital oferece determinados atendimentos à população; porém, a prestação de serviços geralmente é realizada por médicos não especializados, a disponibilidade de medicamentos é escassa e o serviço prestado pelo hospital nem sempre é suficiente para suprir as necessidades do paciente; logo, partos são transferidos para os municípios vizinhos, e ocorre que, com a demora do atendimento, a gestante e o bebê, ou ambos, são prejudicados, e em alguns casos o direito deles à vida infelizmente é vetado, fazendo com que suma por alguns meses a cegueira de parte da população, que fica inconformada.

A Constituição Federal de 1988 diz em seu parágrafo 196 que “a saúde é direito de todos e dever do Estado”, só que essa realidade está longe de ser a do nosso município, onde os moradores que têm acesso a um sistema de saúde de qualidade são os que dispõem de condições financeiras para arcar com um plano de saúde.

Sem dúvida, essa situação só ocorre por falta de iniciativa dos governantes, que há décadas negligenciam o problema, usando sempre a desculpa de que não podem fazer investimentos de infraestrutura em um hospital privado e que a construção de um hospital público estaria fora das condições financeiras da prefeitura. Por outro lado, a direção do hospital alega que já vive naufragada em dívidas e convive com a possibilidade permanente de fechamento. É indiscutível que, enquanto permanece a polêmica em torno daquilo que poderia ser feito, não se faz rigorosamente nada e a população paga a conta da forma mais cara: com a própria saúde. Como no dito popular, “na briga do mar com o rochedo, quem leva a pior é o marisco”.

Soma-se a isso a displicência de grande parte da população, inclusive daqueles que mais precisam do atendimento gratuito, que, geralmente, só reivindicam os seus direitos e as promessas feitas por seus representantes políticos quando realmente precisam do sistema público de saúde. Esses ainda reivindicam, pois muitos dos moradores acham a situação aceitável e não exigem melhoras.

Tal realidade pode ser considerada por muitos dos residentes de Engenheiro Paulo de Frontin como banal. Não se trata de uma grande seca, de uma cheia devastadora ou de uma epidemia avassaladora, mas, a meu ver, a anulação de um direito é uma calamidade social.

Enfim, não nos contentamos em ter somente o registro de nascimento em Engenheiro Paulo de Frontin, queremos ter efetivamente o direito de aqui nascer e viver com dignidade. Não é válido vivermos em um lugar “ambientalmente correto”, se não há população sadia para desfrutar de suas belezas.





Um turista das arábias

Aluno: Lucas de Souza Justino

Que o consumo de drogas por jovens e adolescentes não é mais novidade no Brasil a maioria de nós já sabe. Minha terra natal, Santa Fé do Sul, não se destaca por ser exceção. Localizada no noroeste paulista, a cidade, com o título de “Estância Turística” recebe visitação devido à sua bela orla; contudo, o município tem um novo-velho turista que traz, em sua bagagem, perigos desconhecidos: o narguilé.

O estranho objeto do século XVII chegou ao Brasil junto com as primeiras famílias árabes e se difundiu pelo país nos últimos anos, tornando-se indispensável em festas e encontros de muitos jovens. Apesar da descendência oriental, o narguilé não deixa de ser algo bem conhecido da cultura brasileira: o tabagismo.

O apelidado “cachimbo d’água” consiste em um vaso, no qual são depositados carvão em brasa e água, para que se realize a combustão do fumo aromatizado, originando uma fumaça que chega ao pulmão do usuário por meio de uma mangueira. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), uma rodada de narguilé pode equivaler ao consumo de aproximadamente cem cigarros, o que aumenta dramaticamente a probabilidade do desenvolvimento de câncer proveniente do tabaco, além de também termos de considerar que seu uso coletivo favorece a transmissão de vírus e bactérias.

Entretanto, essa forma – para alguns, sofisticada – de inalar uma velha droga traz consigo artifícios que talvez sejam tão eficazes em assegurar seu uso quanto o vício. A integração social originada pelo narguilé é capaz de tornar a prática cada vez mais popular. É fácil identificar em praças ou esquinas da cidade rodas de jovens que se reúnem em torno dele, conferindo a eles uma sensação de acolhimento no grupo. Os aromas também funcionam como um mecanismo convidativo. As essências, a maioria de frutas, mascaram o forte odor do fumo, e aquilo que apresentava um cheiro desagradável assume o doce aroma de morango. Mesmo com a proibição da Anvisa, o tabaco aromatizado, que deverá deixar de ser comercializado a partir de março de 2014, já tem substitutos que podem realizar as mesmas funções, como o uísque e outras bebidas que são colocadas no lugar da água.

Em *Alice no País das Maravilhas*, célebre obra de Lewis Carroll, a lagarta Absolem fuma o narguilê letargicamente enquanto questiona Alice: “Quem és tu?”. Os vagarosos movimentos e a feição indiferente da personagem remetem à sensação de relaxamento, a mesma descrita pelos usuários do cachimbo d’água. É bem verdade que a nicotina presente na composição do fumo induz o cérebro ao prazer e reduz o estresse, mas também ocasiona a dependência. E, com todo o respeito, a crença de que a água do recipiente filtra as toxinas liberadas pela fumaça é tão real quanto o país inventado por Carroll.

A meu ver, o turista das arábias é apenas mais um integrante das chamadas “drogas lícitas”, de consumo comum por grande parte dos adolescentes santa-fê-sulenses. Por conta disso, devemos explorar novas estratégias para transformar a realidade que enfrentamos hoje.

Tenho convicção de que o combate ao narguilê carece de medidas eficientes que o impeçam de se tornar intrínseco à cultura dos jovens e algo tradicional, não só em minha cidade como no país inteiro. A construção da identidade moral e ética do adolescente cumpre um papel importante para definir aspectos de seu comportamento quando inserido em ambientes que apresentam usuários ou consumo do cigarro oriental. A influência do grupo em suas decisões só ocorrerá quando o jovem não apresentar capacidade de julgamento, instituída por valores primários estabelecidos pela família e pela escola, que devem trabalhar em conjunto durante a formação desses cidadãos.

Seria maravilhoso se pudéssemos aplicar fórmulas matemáticas a problemas da sociedade para obtermos resultados exatos. Contudo, quando nos referimos a pessoas, devemos considerar as particularidades de cada uma. Teorizar soluções que resolvam questões como o uso do narguilê torna-se tão difícil quanto executá-las, mas fechar os olhos para essa realidade e abraçar a negligência enquanto jovens deixam suas vidas escaparem em meio à fumaça definitivamente não é uma opção aceitável. Ao menos, para mim. E para você?

Vida ou morte de um rio: o futuro em nossas mãos

Aluno: Samuel Brito Fernandes

Com uma população alegre e hospitaleira, Malhada de Pedras, pequena cidade do sertão da Bahia, é banhada pelo rio do Antônio, um grande patrimônio de nosso município. Mas atualmente vivencia sofredamente a morte do rio.

Nascendo da confluência de pequenos riachos no município de Licínio de Almeida, o rio do Antônio corta várias cidades e deságua no rio Brumado e este no rio de Contas, um rio perene. Com a escassez das chuvas na região e as ações do homem prejudiciais ao meio ambiente, o nosso rio secou e está agonizando. Para abastecer a população, a Empresa Baiana de Água e Saneamento (Embasa) contratou carros-pipa para trazer água de outro município.

O consumo exagerado de água pela população e o descaso com a situação do rio foram, portanto, as principais causas do problema pelo qual estamos passando. Quando havia pouca água na barragem, houve ainda a retirada da água por empresários para irrigação de plantações, uma atitude de desrespeito e desconsideração para com os demais habitantes, que gradativamente foram ficando sem água. A Lei Federal nº 9.433 reza em seu artigo 1º, inciso III, que, “em situação de escassez de água, a prioridade deve ser o consumo humano e a dessedentação de animais”. Houve, portanto, descumprimento à lei.

Mesmo com um rio no município, há uma proposta de trazer água de uma cidade vizinha para o nosso abastecimento, por meio de uma adutora. Mas será que devemos deixar o nosso rio morrer? A concretização dessa proposta garantirá acesso à água de boa qualidade; porém, as autoridades responsáveis poderão se acomodar e não cuidar do rio para que ele não morra.

Boa parte da população quer apenas ter água potável, fato perfeitamente compreensível, pois há muito tempo a água distribuída não é adequada para o consumo humano. Já outra parte, além de desejar acesso à água, discorda da possibilidade de abandonar o rio, pois relembra, saudosa, do tempo em que pescava e se banhava nas suas águas. Um estudante de nosso município, do curso técnico em agropecuária, fez uma pesquisa mais aprofundada sobre o rio e, para ele, “revitalizar o rio do Antônio deve ser uma ação de todas as cidades pelas quais ele perpassa, operando juntas, começando desde a nascente”. Dados de sua pesquisa mostram que em pontos

específicos do rio a areia está com profundidade de até 2 metros. O desmatamento ocasiona o assoreamento e a redução do volume de água. Esses fatos deixam em evidência que o rio deve ser urgentemente revitalizado.

Publicado pela ONU, o documento intitulado “Declaração Universal dos Direitos da Água” diz no artigo 4º que “o equilíbrio e o futuro do nosso planeta dependem da preservação da água e de seus ciclos. Esses devem permanecer intactos e funcionando normalmente para garantir a continuidade da vida sobre a Terra”. De fato, a água é o bem mais precioso que se pode ter. Daí a importância e a necessidade de se limpar e proteger o rio ou qualquer outra fonte desse bem precioso.

A Embasa local alega que não é responsável por toda a área do rio, apenas se responsabiliza pela área da barragem de nossa cidade, e declarou que não irá investir nada ali. Ela quer canalizar água de outro município próximo para Malhada de Pedras, porque, segundo empresa, o rio não tem jeito. Porém, como dizer que um rio não tem jeito? Um grande exemplo de revitalização foi o rio Tâmis, na Inglaterra, considerado o mais sujo da Europa no século XIX e que foi revitalizado e hoje é ponto turístico de Londres. Outro é o rio Beberibe, em Pernambuco, que começou o processo de revitalização neste ano de 2012. Penso que não podemos aceitar a situação decadente em que se encontra nosso rio.

Do meu ponto de vista, deve-se, prioritariamente, recuperar o rio e suas matas ciliares, bem como construir uma barragem maior e não se admitir mais a destruição dele e a poluição de suas águas. Essas são algumas alternativas para a solução do nosso problema. Assim, o rio continuaria a viver e nossa cidade seria menos dependente. Já a população, também deveria exercer seu papel e fazer um consumo mais consciente, para que não falte água para as gerações futuras. O futuro de nossos rios e de nosso planeta depende da ação de cada pessoa.



A favor da memória

Aluna: Patrícia Vieira de Queiroga

Recentemente uma questão polêmica surgiu em minha cidade, Pombal, Paraíba: a chaminé da fábrica da Brasil Oiticica deve ou não ser derrubada? A questão divide opiniões. Após quase três décadas de aparente esquecimento e indiferença por parte da sociedade, a compra do terreno da extinta Brasil Oiticica e a destruição das instalações da indústria, que não atingiu a chaminé por intervenção de alguns cidadãos, acenderam um debate entre os pombalenses em torno do que realmente é importante para o desenvolvimento e para a história da nossa comunidade.

Instalada na década de 1930 em Pombal, a filial da Brasil Oiticica exportou óleo de oiticica para ser utilizado na produção de armamento na II Guerra Mundial. Inovadora na sua época, a empresa fundou, além de uma escola para os filhos dos operários, um time de futebol e proporcionava nos fins de semanas saraus e bailes para a comunidade. Um grande marco na memória coletiva é a sua sirene, que, em determinados horários, sinalizava a entrada e a saída dos trabalhadores e que funcionava como referência de horário para toda a população, sendo comparada ao relógio londrino. Contribuiu, de forma decisiva, para o desenvolvimento da economia na época, garantindo emprego e renda para muitas famílias sertanejas. Em 1987, sua falência foi declarada.

Diante de tão significativa contribuição econômica, histórica e, por que não dizer, cultural, seria justo demolir a chaminé? O argumento mais comum entre aqueles que se opõem à sua preservação é que o terreno ocupado por ela, uma área pequena, poderia ser usado para a construção de empreendimentos econômicos, inclusive valorizando o bairro onde está localizada, que é periférico e marginalizado. No entanto, a preservação da chaminé poderá trazer benefícios econômicos e valorização do bairro, caso seja transformada em um ponto turístico. O que pode ser comparado à chance das gerações futuras de verem de perto um monumento que represente a história do nosso povo ou ao orgulho de ter uma das cinco chaminés desse modelo existentes no mundo?

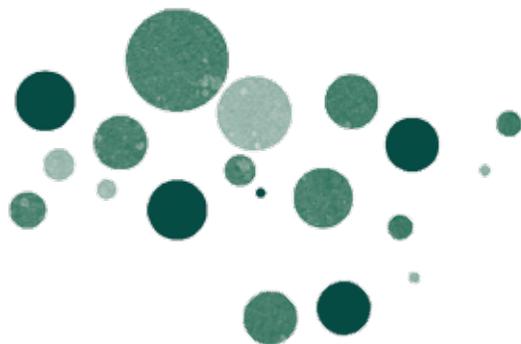
Há ainda aqueles que argumentam que não se deve preservar algo que, de certa forma, contribuiu, mesmo que indiretamente, para a II Guerra Mundial. Ora, dessa forma, grandes monumentos históricos que tiveram relação direta com barbáries deveriam ser demolidos. Só para citar dois exemplos: o Coliseu, palco de espetáculos degradantes – na sua inauguração, os “jogos” lá realizados causaram a morte de 9 mil animais e 2 mil gladiadores; e o Muro de Berlim, que dividiu

as Alemanhas Ocidental e Oriental – a parte do muro preservada é hoje o ponto turístico mais visitado da Alemanha.

A chaminê, de uma forma ou de outra, interferiu em nossa vida. Todo pombalense tem um parente ou um conhecido que, ao lembrar aquele tempo, cita algo relacionado à Brasil com nostalgia. Segundo Sônia Regina Rampim Florêncio, coordenadora de educação patrimonial do Iphan, “a partir da memória e da cultura local, as pessoas começam a se sentir pertencendo ao local, portanto recomeçam a resgatar uma memória coletiva, e isso gera um processo de autoestima na comunidade, que é fundamental para escolher os caminhos do desenvolvimento daquele lugar”. Ela ainda afirma que “não se valoriza somente o que se conhece, mas também o que a gente se sente pertencendo”. Partindo dessa afirmação, pode-se concluir que a chaminê deve ser preservada, pois nossa história está ligada a ela. Ela nos pertence.

Tenho a convicção de que a chaminê deve permanecer erguida não para lembrar apenas a história da empresa Brasil Oiticica, mas para manter viva a memória de uma época tão importante para o povo de Pombal.

Não se prega tanto o desenvolvimento sustentável preservando a fauna e a flora, por que também não preservar a nossa história? É certo que para se transformar em patrimônio histórico e cultural, ainda segundo Sônia Regina Rampim Florêncio, “é necessário que haja ações educativas para haver um reconhecimento do patrimônio como nosso, pois o patrimônio histórico-cultural pertence à comunidade e cabe a ela julgar relevante ou não sua permanência”. Portanto, é importante que a comunidade se mobilize para garantir à chaminê a condição de patrimônio histórico material imóvel de nossa comunidade, para que se mantenha viva, na memória coletiva, a lembrança de um caminho percorrido e para firmarmos nossas raízes.



Álcool e direção: um grande problema da “Terra da Cachaça”

Aluno: Paulo Natanael Sousa Sales

Localizada ao norte do Estado, Castelo do Piauí é conhecida como a “Capital da Cachaça”, pois a produção desse tipo de bebida é a principal atividade econômica do município. Por conta disso, desde 2005 vem ocorrendo um festival anual chamado “Cachaça Fest”, que promove o agronegócio, o turismo e a cultura local. Uma boa iniciativa que tem contribuído para projetar a cidade na região e até mesmo no país. Porém, o que mais movimenta a economia da cidade – a produção da cachaça – traz alguns problemas sociais dignos de atenção: o consumo do álcool por adolescentes e o consequente aumento dos índices de violência no trânsito.

Observando-se as principais ruas da cidade, percebe-se um grande número de estabelecimentos que comercializam bebidas alcoólicas, desrespeitando a Lei nº 8.069/90, que proíbe a venda de bebidas alcoólicas para menores de idade, e estes muitas vezes também conduzem veículos como motos e carros sem a devida habilitação. Junta-se a essa observação o fato de a cidade não possuir sinalização de trânsito como placas, faixas de pedestres, nem agentes fiscalizadores de trânsito fora da época do Cachaça Fest.

Pessoalmente, penso que a cidade, por ser considerada a terra da cachaça, influencia de alguma forma as pessoas a consumir álcool. O problema está em consumi-lo e sair dirigindo alcoolizado pela cidade, pondo em risco a vida dos cidadãos castelenses.

As pessoas do lugar onde vivo ainda têm muito que aprender com: “Se beber, não dirija”, ou: “Não misture bebida alcoólica com direção”. Apesar de clichês, essas frases são de extrema importância. Se esses conselhos fossem seguidos, acredito que os índices de acidentes de trânsito não seriam tão altos.

Só no Estado do Piauí os acidentes de trânsito com vítimas fatais chegam a 91%, de acordo com o *site* estadual 180 Graus. Em Castelo, o Hospital Nilo Lima registra em ata uma média de cinquenta mortes por ano em decorrência de acidentes no trânsito, boa parte delas ligada ao consumo de álcool e condução de veículos. É um número assustador, que não deve ser visto como algo natural pelas autoridades e pela população.

Diante desse fato, a prefeitura diz que não há nenhum projeto específico nessa área porque não é de sua responsabilidade. Já o Departamento de Trânsito (Detran) explica que a cidade não é sinalizada nem fiscalizada como necessita, pelo fato de o setor não ser municipalizado, ou seja, Castelo do Piauí precisaria ter acima de 40.000 habitantes para receber os recursos necessários e realizar as ações específicas nessa área, número longe de ser alcançado em curto prazo, já que o município conta atualmente com aproximadamente 18.593 habitantes, segundo dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Alguns jovens acreditam que a bebida alcoólica não é a causadora dos acidentes. Para eles, a falta de sinalização e a imprudência das pessoas ao dirigirem são os fatores responsáveis pelos alarmantes números de acidentes, esquecendo-se que é comprovado cientificamente que quando se está alcoolizado os sentidos são afetados: sendo assim, é indiscutível que a combinação de álcool e direção não dá certo.

Enquanto é discutida a real causa dos acidentes, o que se vê é o crescente número de vidas sendo ceifadas em nossa cidade, que poderia ser reduzido, independentemente das burocracias e responsabilidades, se todos – famílias, entidades (escolas, projetos educacionais municipais e estaduais e conselhos já existentes), secretarias de Justiça e Segurança – se unissem em prol da fiscalização e do cumprimento das leis.

Enfim, se minha cidade fosse devidamente fiscalizada e sinalizada, além de reduzir significativamente as taxas de acidentes, seus moradores viveriam com mais segurança. Assim, a cidade poderia desfrutar de seu título de “Capital da Cachaça” com tranquilidade e orgulho.



Quem me dera ser um peixe!

Aluno: Italo Rodrigues Gomes da Silva

Fortaleza, cidade de grandes belezas naturais, recebe anualmente milhares de turistas nacionais e internacionais, atraídos, principalmente, por suas belas praias e pelo seu rico artesanato. Mas, em breve, a capital do Ceará será conhecida como a cidade que abriga o maior aquário da América Latina. Alegando aumentar o fluxo turístico e promover o conhecimento científico, o governo do Estado deu início à construção do Acquário Ceará, obra orçada na “pequena” quantia de 250 milhões de reais.

Mas a pertinência da referida obra vem sendo questionada pela população, que, através de manifestações públicas, abaixo-assinados e redes sociais, vem exigindo da administração municipal a não concessão do alvará de construção da obra.

Críticos alegam que essa intervenção arquitetônica não dialoga com a paisagem da praia de Iracema, sendo uma afronta ao que já existe no lugar. Além disso, a centenária comunidade de Poço da Draga sofrerá, de forma irreversível, os impactos da especulação imobiliária, correndo o risco de ser removida do local.

Mas nem todos são contra a execução desse projeto. Muitos defendem que o Acquário Ceará será motivo de orgulho para os cearenses e que uma obra desse porte acabará trazendo muitos recursos para o Estado, além de beneficiar a população com a geração de novos empregos.

Particularmente, acho que deveria ter havido um referendo e um estudo mais sério e aprofundado antes de iniciarem as obras. Acredito que desse estudo resultaria a percepção, por parte das autoridades e especialistas envolvidos nesse processo, de que antes do Acquário é preciso pensar a infraestrutura da cidade. Quem mora aqui pode comprovar o estado de nossas ruas e avenidas. Também são visíveis os problemas de saúde e segurança. Pergunto-me se é mais fácil conseguir recursos e parcerias para o que é sofisticado do que para o que é básico, já que os problemas invariavelmente esbarram em questões orçamentárias.



Além disso, a cidade tem que ser essencialmente boa para os que nela habitam, para que só depois possa se pensar numa cidade “pra turista ver”. Queremos nos orgulhar de ter o maior aquário da América Latina, mas, antes, queremos nos orgulhar de sermos cearenses, respeitados e assistidos em todos os nossos direitos.

Finalmente, essa retórica do cartão-postal não diz muito para quem vivencia a cidade. E, como disse Caio Fernando de Abreu, “olhar para fora é fácil... o difícil é manter um olho dentro e o outro fora”.

Quem me dera ser um peixe! Só sendo um peixe!

Motocicletas: meio de transporte ou de perigo

Aluna: Odila Fernanda Matoso Fleita

O lugar onde vivo é um pequeno povoado pertencente ao município de Aral Moreira, em Mato Grosso do Sul, conhecido pelos moradores mais antigos como “Vila Caú”, que significa bêbado, na língua Tupi-Guarani, mas que atualmente é denominada por Rio Verde. Esta Vila é emoldurada por plantações de todos os lados, o que a torna uma vila tipicamente rural nos costumes e no modo de vida dos moradores, sem precisar abrir mão das facilidades que a cidade pode oferecer, pois a vila fica a vinte quilômetros de distância da sede do município.

Assim como nas demais regiões de nosso município, a produção agrícola de soja e milho é uma das principais fontes geradoras de trabalho não só para os moradores da própria vila, como para pessoas que vêm de outras áreas do município para trabalhar na lavoura. Devido à curta distância entre a vila e a sede do município, muitos trabalhadores utilizam como meio de transporte pequenas motocicletas que são adquiridas no país vizinho, uma vez que Aral Moreira faz fronteira com o Paraguai. No entanto, não são apenas os trabalhadores que utilizam essas motos. De acordo com informações do Departamento de Trânsito (Detran), 70% por cento da população faz uso desse tipo de veículo para se locomover. Infelizmente, grande parte faz uso irresponsável desse veículo.

Ultimamente, essa situação vem causando preocupação e tirando a tranquilidade dos moradores e das autoridades desse lugar, pois aumentou muito o número de acidentes envolvendo esse tipo de veículo, e o mais grave ainda é que na maioria das vezes temos vítimas fatais. Muitos são os fatores que contribuem para que os acidentes ocorram. Entre eles estão a imprudência dos próprios condutores que não utilizam os equipamentos de segurança necessários, pessoas despreparadas para a condução, menores de idade e pessoas não habilitadas na condução desses veículos.

Por algumas vezes, a Polícia Militar, que é o órgão responsável pela fiscalização dos veículos no município, já tentou coibir essa prática, mas sem sucesso porque os usuários desse meio de transporte ficam sabendo da fiscalização, através de outras pessoas, evitam sair ou desviam da fiscalização. Quando os policiais se recolhem tudo volta ao “normal”: menores pilotando as motocicletas, mães que as utilizam e levam filhos menores na garupa, na maioria das vezes, mais de um, até mesmo para levá-los à escola, e, pior, pilotando sem capacete.



Essa polêmica já foi assunto de sessões extraordinárias na Câmara de Vereadores de Aral Moreira, e divide a opinião da população. De um lado, temos os proprietários e usuários de motocicletas que argumentam que esse é o único meio que dispõem para se locomover, porque é um meio de transporte rápido e econômico. De outro, temos as autoridades competentes que argumentam que essas motocicletas devem ser apreendidas e tiradas de circulação e que as leis devem ser cumpridas por todos, uma vez que esses veículos não são legalizados e seus proprietários não pagam impostos.

Na minha opinião, os benefícios de possuir uma motocicleta e utilizá-la como meio de locomoção para o trabalho são inegáveis, todavia, não é somente para isso que ela é utilizada, nem somente por pessoas habilitadas. Por isso acho que deveria haver uma fiscalização permanente e eficaz para permitir que somente pessoas habilitadas e veículos legalizados circulassem em vias públicas.

Assim, o trânsito de nossa cidade oferecerá segurança aos seus usuários, garantindo o direito de ir e vir e não vitimando a cada esquina muitas pessoas inocentes, decorrentes da irresponsabilidade de alguns.

De leste para "lost"

Aluna: Daniella Rocha Gonçalves

Quando o assunto é violência e falta de infraestrutura, o primeiro lugar que vem à cabeça dos paulistanos é a Zona Leste. E não é de hoje que sofremos esse tipo de preconceito. Essa região é muito atacada por questões ligadas à segurança, pelo fato de a grande maioria de seus moradores serem de uma classe social menos favorecida e de a grande quantidade de áreas invadidas formando favelas.

Uma das tentativas do governo valorizar essa região foi a construção de um *campus* da Universidade de São Paulo (USP), que é a universidade mais conceituada e concorrida da América Latina. Mas, em vez de prestigiado, esse fato vem sendo muito discutido por moradores da região e alunos da faculdade.

A USP Leste, como ficou conhecida, abriga a Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH). Muitos acreditam que quem estuda na USP Leste só está lá porque não conseguiu passar na USP "de verdade", que é na Cidade Universitária, localizada no Butantã, Zona Oeste de São Paulo. Posto que os próprios estudantes da Cidade Universitária apelidaram a USP Leste de "USP Lost", que é um termo herdado da Zona Leste, que é conhecida, pelos moradores das zonas Sul e Oeste, como "zona lost" devido à sua localização, um termo pejorativo.

Já os alunos da USP Leste se dividem entre o orgulho e a resistência, os elogios e a preocupação com o mercado de trabalho, sofrendo um preconceito inicial diante dos estudantes de outras unidades da USP, que não querem aceitá-los em aulas conjuntas, e da própria reitoria, que não quis aceitar estagiárias parteiras no hospital-escola da USP.

Com base em pesquisa feita com os alunos da USP Leste pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, os estudantes apontam que talvez um dos problemas seja o fato de a USP Leste oferecer cursos considerados genéricos, não expandindo para cursos mais procurados, como os das áreas da engenharia, medicina e direito.

Os moradores da região têm opiniões bem divididas: uns criticam o fato de o *campus* não ser aberto à comunidade e seu excesso de segurança, o que faz parecer que é a "ilha de excelência" em meio a um pântano, cercada por altos muros, dentro dos quais ninguém, a não ser os estudantes, entra. Já outros apontam que a USP Leste trouxe muitas melhorias para a comunidade e para o mercado local.

Na minha opinião, claro que a USP Leste tem muito a melhorar, assim como o preconceito das classes mais favorecidas e moradores de outras regiões da cidade de São Paulo deve diminuir. A USP Leste traz muitos benefícios até mesmo para a população local, como uma matéria interdisciplinar que os alunos cursam chamada Resolução de Problemas (RP), em que são estimulados a buscar problemas reais e propor soluções, e não é raro serem tratados nesses projetos problemas do cotidiano dos moradores da região, que são problemas enfrentados pelos alunos também durante a graduação.

Não se deve julgar uma faculdade pela localização, e sim pelo conteúdo. A Zona Leste de São Paulo, apesar de seus problemas, pode, sim, apresentar grandes feitos para a cidade de São Paulo. E com muito trabalho e força de vontade é possível, sim, mudar esse quadro.



Barroso está realmente diante do seu Eldorado?

Aluna: Viviane Maria de Souza Basílio

Jovem filha das Minas Gerais, Barroso, tímida com sua pequena extensão, guarda em suas entranhas um extenso e notável futuro, advindo de suas jazidas calcárias. Tal privilégio da natureza despertou o interesse de empreendedores, que aqui vislumbraram condições para realizar as expectativas de desenvolvimento de suas empresas. Por isso, hoje, a cidade se vê diante de seu maior desafio: a expansão de sua unidade da fábrica de cimento, a Holcim. Alguns creem que a mudança, além de se tornar a principal fonte de renda da cidade, será de vital importância para os barrosenses, para o Estado e para o Brasil. No entanto, não são unanimidade os seus aspectos positivos. Há muitas controvérsias sobre o assunto.

A escolha do município é justificável, pois, conforme Otmar Hübscher, presidente da instituição, ela ocorre em virtude de sua localização estratégica, facilitando a distribuição de seus produtos para seus principais mercados. Assim, a capacidade de produção triplicará, gerando a contratação de aproximadamente 2,5 mil pessoas. E, de acordo com o governador do Estado, Antônio Anastasia, estaremos em posição de igualdade com as capitais, caminhando rumo à prosperidade e ao progresso tão sonhado para Barroso e região.

Contudo, penso que a polêmica é justa, porque a cidade enfrentará uma série de problemas. Por exemplo, o fluxo de migração aumentará consideravelmente, podendo haver conflito de costumes entre os futuros e atuais moradores. Isso já ocorreu no passado, quando houve a construção do terceiro forno da Companhia de Cimento Portland Barroso. Há relatos que comprovam o total desrespeito de alguns operários, vindos de outras localidades, para com a conduta moral dos habitantes locais. Nessa época, na cidade, crimes, agressões físicas, estupros e assassinatos eram comuns.

Outra preocupação é a exploração das jazidas, que, com a expansão, será mais intensa, podendo levar a impactos ambientais irreversíveis. “A mineração é uma atividade extremamente impactante do ponto de vista ambiental [...] devido à formação de cavas e retirada da vegetação nativa”, afirma Marcos Eduardo Camargo, técnico em mineração.



E, pior, se Barroso ficar atada apenas às oportunidades que essa indústria oferece, poderá sofrer com as adversidades da economia capitalista atual, levando-a a um colapso financeiro, uma vez que a empresa multinacional é sujeita a todos os caprichos do mercado. O historiador local, Wellington Tibério, salienta: “A indústria cimenteira foi criada na mesma época da emancipação política da cidade. Por ser a maior geradora de empregos, a população sempre a viu como sua redentora, não criando expectativas próprias para o seu desenvolvimento”. Dessa forma, não podemos contemplá-la como o nosso “Eldorado” esculpido em calcário.

Então, cabe à nossa sociedade, em parceria com a Holcim, a prefeitura municipal e os representantes legislativos, promover debates sensatos. Acredito que discutir as ideias, respeitando as divergências das opiniões, para solucionar as questões, como a interação harmoniosa entre os habitantes da comunidade e seus futuros cidadãos, a reposição dos bens naturais afetados pela ampliação e, principalmente, formas de diversificar a economia, seja o ideal para chegarmos ao bem comum. Desse ponto de vista, menos entusiasta, mais racional e realista, os obstáculos, apontados, serão metas, e nós, barrosenses, ficaremos convictos das palavras de nosso hino: “[...] Se és agora cidade-criança. / Teu presente é paz e labor. / Do futuro és cidade-esperança / feita em cal, em cimento, em amor”.



"Santa Helena" não faz milagres

Aluna: Daniele Guerra



Comenta-se muito desenvolvimento social, ou seja, quando a população de um país tem um bom nível de qualidade de vida. Entretanto, quando observo o que ocorre na cidade de Santa Helena, situada no extremo oeste catarinense, de 2.382 habitantes, conhecida também como a "Cidade das Flores", pois apresenta em suas ruas um vasto colorido oferecido pelas flores para os olhos das pessoas, deparo-me com uma questão que vem preocupando e, de certa forma, prejudicando parte dos moradores do município: o desemprego.

Colonizada por gaúchos descendentes de imigrantes italianos e alemães e emancipada em 9 de janeiro de 1992, a principal atividade de Santa Helena, na época, era a extração de madeira, o que resultou em serrarias e fábricas de pequenos móveis. No decorrer dos anos, com o aumento do setor industrial e comercial, novas fábricas, comércios e mercados foram criados, o que gerou novas chances de emprego para as pessoas.

Com o passar do tempo, o setor agrícola destacou-se em Santa Helena e isso fez com que surgissem novas vagas de emprego, o que é uma situação favorável e muito boa para os trabalhadores. Desse modo, parte de todos os produtos que são cultivados na agricultura servem como abastecimento, tanto no campo como na cidade, facilitando, assim, a vida das pessoas.

Mas penso que o desemprego, de certa forma, pode ser atribuído à falta de oportunidade e oferta, o que vem ocorrendo em muitas cidades e Estados, bem como em todo o Brasil. Sem dúvida, uma das grandes preocupações das pessoas no mundo inteiro é conseguir e manter um trabalho, um emprego, com o qual elas consigam se sustentar, exercendo sua cidadania. Vejo que aqui em Santa Helena não é diferente, também convivemos com esse problema, o que provoca a preocupação, a angústia e até o sofrimento dos munícipes.

Ao que tudo indica, esse problema do desemprego aqui em Santa Helena pode ser imputado a muitos fatores. Acho que primeiramente pode atribuir-se à falta de uma boa formação educacional e qualificação profissional, o que atrapalha a vida dos desempregados. Muitas vezes, há emprego para a vaga que o trabalhador está procurando, porém ele não possui formação adequada para exercer aquela função. Em segundo lugar, a falta de novas empresas no município faz com que falte emprego para os cidadãos.



Outra questão é que hoje em dia existem muitas pessoas, jovens ou adultos, que são acomodadas, sem muita vontade de estudar ou de trabalhar, querem tudo do seu jeito e não vão atrás de novas alternativas na vida. Segundo dados do cadastro geral de empresas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são 97 unidades locais de empresas, como fábricas, comércios e propriedades rurais, com 389 pessoas trabalhando nessas unidades.

De acordo com dados de pesquisa realizada na indústria, a capacitação pode ajudar a resolver a questão do desemprego no município, mas a mudança cultural dos jovens é primordial. Os estudantes entrevistados do Ensino Médio pretendem exercer a profissão “aqui em Santa Helena”, pois assim poderão “trabalhar sem sair do município”, além de poder “estar sempre junto à família”.

Após uma análise sobre o problema do desemprego, concluo que todos os munícipes interessados em adquirir um emprego devem empenhar-se para ter uma boa formação, frequentando cursos e palestras, buscando novas alternativas, não esperando pela boa vontade dos outros; além disso, os moradores devem ter em mente a vontade de trabalhar e ser capacitados para tal função. Na minha opinião, adquirir novas tecnologias, aumentar a produtividade e construir novos pavilhões para atrair novas empresas são boas maneiras de resolver essa questão, levando em conta a realidade local.

Santa Helena terá um futuro melhor e muito mais brilhante se atingirmos o desenvolvimento social ideal. Todos os moradores devem ter o direito de possuir um emprego e de ser felizes, gerando progresso para a pequena cidade e trazendo de volta para a vida das pessoas a alegria de viver, bem como de poder apreciar o vasto colorido que as flores proporcionam, parte da belíssima paisagem catarinense.

Novo Código Florestal: em busca de um desenvolvimento sustentável

Aluna: Maria Vitória Fantozzi da Silva

Um assunto que vem preocupando os moradores, principalmente os pequenos produtores rurais de Cândido Mota, uma pequena cidade do interior do Estado de São Paulo, é o novo Código Florestal, pois na década de 1970 o governo incentivou o desbravamento de áreas verdes para evitar doenças. Mas a realidade mudou e agora todos estão sendo obrigados a reconstituir essas áreas devido à preocupação ambiental.

Entre as alterações introduzidas no novo Código estão a redução das áreas de matas ciliares, maior liberação de plantio no topo de morros e a desobrigação de pequenos proprietários rurais de terem reservas legais em suas terras. Essas mudanças beneficiam um dos principais setores da economia brasileira: a agricultura. É por isso que ruralistas e fazendeiros são os maiores defensores do novo Código. Eles alegam que essa flexibilização trará benefícios econômicos e sociais, como aumento dos lucros e maior produção de alimento.

Mas como isso tem afetado os pequenos produtores agrícolas?

De acordo com uma reunião realizada no dia 30 de maio pelo Sindicato Rural de Cândido Mota, os produtores discordam da necessidade de recomposição de áreas de preservação permanente ao longo de rios e cursos d'água. O presidente do sindicato, João Antônio Ferreira da Motta, diz que eles não podem concordar em aceitar que uma responsabilidade que é de toda a sociedade recaia somente sobre os ombros deles. Os fazendeiros acreditam que há pontos no novo Código que deveriam ser negociados, como, por exemplo, a exigência de recomposição de áreas que eles nem sequer sabem se eram desprovidas ou não de vegetação.

Entretanto, nem todos concordam com essas mudanças, afirmando que muita área verde será desmatada, e que favorecerá fazendeiros que só pensam em lucro. Fazem parte do grupo de opositores os ambientalistas, que acreditam que essa nova lei promove a anistia aos produtores agrícolas. Para eles, esse novo Código reduziu a proteção ambiental e não condiz com a campanha da nossa presidente. Mas a pior parte é sobre a recomposição menor das Áreas de Preservação Permanente (APPs) que foram desmatadas desde julho de 2008. Contra os argumentos

dos ruralistas, de que não é anistia, o consultor jurídico da SOS Mata Atlântica e do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam), André Lima, diz que “anistia não é só de multa, mas também de fazer uma compensação menor”.

Outro ponto que eles usam contra o novo Código é sobre como as APPs serão reflorestadas. O medo é que haja uma perda das vegetações nativas de cada região, pois não há nada explícito sobre quais plantas deverão ser usadas.

Está claro o que pode acontecer com as gerações futuras do nosso planeta: muito da nossa biodiversidade hoje comum para nós estará perdida. Eu não digo isso como uma sentença sem fundamento, pois atualmente muitas atitudes podem levar a esse triste futuro. Será mesmo que apenas 15 metros de mata ciliar sustentarão um rio? Será que durante esse processo de reflorestamento muitas espécies de árvore não serão perdidas?

O Brasil precisa que a agricultura cresça, mas de que adianta um país desenvolvido e próspero se perdermos nosso maior bem: a natureza? É necessário que tenhamos um desenvolvimento sustentável, e para que isso ocorra reservas naturais, florestas e rios devem ser preservados. Além disso, acho que os produtores agrícolas colocam seu lucro em primeiro lugar. Por exemplo, em minha cidade já vi muitos casos de produtores plantando em terrenos de bairros residenciais e passando agrotóxicos a ponto de o cheiro se tornar insuportável, causando um grave risco para a saúde. É por isso que, mesmo morando em uma cidade onde a agricultura é forte, fico do lado do meio ambiente. Para mim, é isso que deve vir em primeiro lugar, acima de qualquer desejo de lucro, pois, como já dizia o filósofo Albert Schweitzer, “o mundo tornou-se um lugar perigoso, porque os homens aprenderam a dominar a natureza antes de dominarem a si mesmos”.

Queijo caseiro

Aluno: Samuel dos Santos

“Se eu puder fazer o queijo eu rio, mas se não eu fico triste e choro.”

É na fartura da minha mesa que com os olhos molhados de lágrimas vejo a figura do queijo no arroz, no feijão e na cocada, pois o queijo caseiro é uma tradição familiar e também o alimento mais presente na mesa do sertanejo, fruto do trabalho na roça com a peleja do gado, cultura muito presente em Lagoa do Rancho. É no momento da produção que cada família rancheira produtora aproveita para dialogar e mostrar para os seus sucessores a importância dele. Além do mais, “enriquece” o povoado devido à fama e à qualidade desse produto artesanal.

Porém, os rancheiros estão indignados com a rigidez imposta pelo governo, que intensificou a fiscalização nas casas onde é produzido o queijo, como também nas fabriquetas. O padrão imposto pela entidade governamental (Vigilância Sanitária) exige a higiene pessoal dos produtores, do ambiente onde há a produção e dos instrumentos com os quais o produto é feito. Além disso, exige também um local apropriado somente para a realização do trabalho, com distância mínima de 200 metros do povoado, quinze ou mais funcionários com carteira assinada, vestimentas adequadas, e determina a cor que o estabelecimento deve ter. Dessa forma, impõe regras que as famílias produtoras não terão condições de atender.

O governo tem todo o direito de querer o melhor para a sociedade, e a higiene na produção é indispensável, já que possibilita melhor qualidade do produto e a segurança de estarmos consumindo algo saudável. Mas será esse o real motivo para tantas regras? Será que com toda essa mudança ainda podemos chamar o produto de “queijo caseiro”? Será que a tradição familiar conseguirá sobreviver?

O governo buscou uma nova forma de nos explorar, como se já não bastassem todos os impostos que pagamos, pois, para exercerem todas essas demandas, os produtores terão um custo alto, com o qual dificilmente terão condições de arcar. Essas mudanças acabarão com a tradição do queijo feito em casa, trocando o cuidado do preparado com as mãos pela praticidade das máquinas. Além disso, aqui ele não tem somente valor financeiro, mas também simbólico. É a tradição de nossa gente que corre o risco de acabar. E, por fim, a fonte de renda desses trabalhadores.

Não é justo que acabem com a forma artesanal de fazer o queijo, pois, além de ser mais saboroso, o preço é mais baixo e a forma como chega à população, mais fácil e prática. E, com essas casas tornando-se fábricas, esse laticínio só poderá ser vendido em grande quantidade, sendo distribuído para outros locais, com possibilidade de ficar extinto por aqui, e para poder saborear essa iguaria o povo rancheiro deverá deslocar-se para outros lugares, como feiras e mercados.

Assim, é modificado todo o processo de feito, sem falar que os reagentes utilizados pelas fábricas durante a produção do queijo são bem mais prejudiciais à saúde do homem do que o único reagente usado na produção caseira: o coalho, que não traz malefícios, pois algumas famílias utilizam o coalho natural, extraído do boi, num processo muito trabalhoso, mas que proporciona um sabor inigualável ao queijo.

Mas quero saber: é mais prejudicial para a saúde do povo a falta de higiene (de fato um problema) da forma rústica e simples como o queijo é preparado pelos pequenos produtores ou o formol, que é uma substância química usada na conserva do leite?

É comprovado, por estudos de laboratórios, que o formol é um ácido muito potente, usado em escovas progressivas, conserva de cadáveres, fetos, tecidos, e pode, inclusive, desenvolver câncer no organismo humano, entre outros danos.

Melhor seria se o governo, que parece não se preocupar com o mal que pode causar às famílias, oferecesse condições para melhorar a forma como o queijo é produzido, como também realizasse palestras de conscientização sobre a importância da higiene, mas sem perder a essência do caseiro, a maneira e o prazer como o produto é feito.

Mas, ao contrário, com todas essas demandas, o governo vira o balde dos produtores rancheiros e derrama todo aquele leite que ontem e hoje fora a base familiar tradicional desse povo. Assim, desvaloriza a grandiosa riqueza dos derivados desse ouro branco.



Pesca: sustentabilidade ou diversão?

Aluna: Rosa Lília Matucaria Chube

Banhada pelas águas do rio Guaporé, Vila Bela da Santíssima Trindade é uma pequena cidade de apenas 14.493 habitantes, situada no extremo oeste do Estado de Mato Grosso. Vila Bela ficou conhecida pela sua rica cultura histórica e por ter sido a primeira capital do Estado.

Recentemente, uma lei estadual que proíbe a prática da pesca vem causando polêmica entre a população vila-belense. A Lei nº 9.794, sancionada pelo governador Silval Barbosa em 30 de julho de 2012, afeta diretamente a vida da maioria dos moradores da cidade que fazem da pesca uma fonte para cultura alimentar.

A questão refere-se especificamente ao artigo 17, que apresenta a seguinte redação: “É permitida ao portador da Carteira de Pescador Amador somente a modalidade de pesque e solte, não lhe sendo conferido o direito a cota de transporte e captura por período de três anos”. Conforme afirmado, durante um triênio ficará inviabilizada a pesca para o consumo familiar. Além disso, a lei limita aos profissionais da pesca a quantidade de captura, reduzindo de 150 para 100 quilos semanais, desde que respeitado o tamanho ideal dos peixes, os quais poderão ser transportados com a Declaração de Pesca Individual (DPI). A discussão em âmbito estadual provocou a criação da Lei nº 9.798, que prorrogou a proibição, passando de 30 de junho para 5 de novembro de 2012, ou seja, a ação por parte dos parlamentares estaduais apenas adiou a questão que tanto preocupa quem depende da pesca.

Estou convicta de que não é justo vetar um direito legal do cidadão, pois cerca de 12 mil famílias sobrevivem da pesca nos 141 municípios mato-grossenses, entre os quais está diretamente contemplado o município de Vila Bela, cuja grande parte da população tira da pesca o alimento para o consumo cotidiano e/ou renda mensal. Acredito que os vila-belenses que se expõem aos perigos nas margens do rio em busca de peixes não o fazem por mera diversão. É uma questão de sobrevivência, pois em nosso município há muitas famílias de baixa renda que dependem da pesca para garantir o sustento familiar.

Como ficarão essas pessoas ao serem proibidas de levar o pescado para seu lar? Passarão a morar às margens do rio Guaporé? Ou o governo criará um fundo de apoio a essas famílias carentes?

Sabemos que a fome dói.

Sobre a questão, há aqueles que dizem que a lei é uma forma de melhoria da fiscalização ambiental para preservação das espécies. Vale lembrar que para isso já existe o período de piracema, no qual a proibição da pesca possibilita a reprodução das espécies aquáticas. Creio que proibir a pesca amadora por longo período é uma medida um tanto quanto radical, uma vez que provoca grandes efeitos socioeconômicos. A modalidade pesque-pague, que aparentemente ameniza a proibição, não resolve a situação dos vila-belenses de baixa renda, nem oferece benefícios ambientais. Segundo o ecólogo da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Francisco de Arruda Machado, ao serem devolvidos ao rio, a maioria dos peixes não sobrevivem mais que quinze dias, pois, de acordo ainda com o especialista, o anzol provoca ferimentos irreparáveis. O ecólogo afirma também que a nova lei é socialmente injusta e equivocada economicamente, uma vez que limita uma atividade profissional legalizada.

Volto a ressaltar que é mais útil um cidadão exercer o seu direito de pescar e levar para casa um peixe e saborear com sua família do que a diversão com a vida dos peixes. Diante da situação instaurada a partir da Lei nº 9.794, coloco o seguinte questionamento: a qual classe social essa medida é favorável? Para aqueles que têm na pesca um esporte ou para os que dependem dela para sobreviver? Diante dos argumentos apresentados, a lei não só prejudica as famílias pesqueiras, mas também o comércio local que vende produtos destinados ao setor. Dessa forma, podemos afirmar que o impacto da proibição da pesca será sentido na vida econômica da cidade de Vila Bela.

Enfim, é preciso ponderar as medidas postas pela lei estadual que normatiza a pesca no Estado, tendo em vista que há equívocos que desfavorecem quem faz da pesca uma fonte de consumo doméstico, que conseqüentemente afeta a cultura alimentar e a economia de cidades mato-grossenses, como já é perceptível em Vila Bela da Santíssima Trindade.

Descaso a céu aberto

Aluna: Giulia Cioffi Nascimento

Moro em uma típica cidade da Floresta Amazônica, com uma vasta riqueza em recursos naturais, altas temperaturas e grande potencial econômico. É considerada uma das 25 melhores cidades para se empreender, segundo dados da revista *Pequenas Empresas & Grandes Negócios*. Embora esteja distante dos grandes centros comerciais, Ariquemes se difere graças à sua contínua busca pelo crescimento econômico. Destacou-se no cenário internacional, através da mídia, após a descoberta da maior reserva a céu aberto de cassiterita do planeta, o que a tornou uma cidade singular em nosso país.

Em meados de 1980, após madeireiros encontrarem de forma inusitada a reserva de cassiterita, principal fonte de estanho, utilizado em telefones, computadores e outros objetos, a exploração se tornou a maior fonte de renda do Estado de Rondônia. Isso ocasionou a vinda de pessoas de várias regiões do país, em busca do tão valioso minério, que trazia consigo a promessa de vida melhor. A migração envolveu desde seringueiros oriundos do Acre até pequenos agricultores do sul do Brasil, desencadeando um crescimento desordenado.

A extração de cassiterita do Garimpo Bom Futuro modificou ambiental e socialmente a nossa cidade, gerando o intercâmbio de culturas, costumes e problemas. Acredito que a desenfreada cobiça pela riqueza fez com que os problemas sociais gerados pela excessiva aglomeração de pessoas fossem considerados irrelevantes para os governantes.

É inadmissível que um local que gera tanto dinheiro ao país esteja à mercê do descaso administrativo. Segundo a *Revista de Geofísica*, em 1997 houve a produção de 7.500 toneladas de minérios, contribuindo com 78,5% para o total da produção brasileira. Em seus melhores anos, produziam-se 123 toneladas diariamente. Mesmo com tamanha circulação de dinheiro e a chegada de tantas mineradoras, a urbanização parece ter ficado presa no caminho, tendo o garimpo suas vias de acesso sem asfalto.

Há os que dizem que o garimpo trouxe inúmeros aspectos positivos; afinal, foram gerados empregos diretos e indiretos. Aumentou-se a população e, assim, houve a vinda de empresas ligadas à alimentação e à saúde, aquecendo a economia local.

Os que discordam dessas afirmações alegam que esses fatos estão sendo analisados com uma visão empresarial, visando apenas os lucros e não a situação social de quem manualmente retira a cassiterita.

Na minha opinião, é notório o crescimento econômico que o garimpo trouxe para a região. Entretanto, o retorno em investimentos é insuficiente para suprir as necessidades existentes. Sendo terras da União, não seria obrigação do governo federal implementar políticas públicas para dar condições de vida aos habitantes do garimpo? Observo que desde 1988, quando o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) tentou, com a ajuda da mídia, monopolizar o garimpo dando poder apenas a uma mineradora, os garimpeiros e suas condições de sobrevivência são tratados com indiferença. Foram poucos os investimentos em infraestrutura, resultando em uma realidade paradoxal: um centro econômico essencial que tem mais duzentos anos de extração garantidos pelo governo, porém sem assistência necessária.

Toda a administração do garimpo está polarizada em uma pequena escola municipal que luta para se tornar mais atrativa, tendo ganhado incentivos da Unesco para manter na sala de aula e não no “melechete” (nome dado ao lugar onde ocorre a extração de minério) os alunos que já sofrem um preconceito regional por serem filhos de “requeiros”, trabalhadores que exploram manualmente a cassiterita.

Entretanto, só relatar sua situação não é o bastante. É preciso mais assistência à população: redes de esgoto, mais profissionais qualificados na área da saúde e investimentos que sejam realmente para quem gera a economia local, acabando com essa relação colonial.

Não precisamos repetir o passado. Há urgência no pedido de modificação da administração do garimpo. Com políticas públicas adequadas, é possível gerar uma economia que garanta renda e ao mesmo tempo qualidade de vida à comunidade. Sabemos que é um desafio alterar essa realidade, mas é necessária a mudança para que o lugar onde vivo, que já é um dos mais ricos em cassiterita do Brasil, torne-se rico em cidadania.

Prospecção de petróleo e gás no Juruá: por um desenvolvimento sustentável

Aluno: Alex Uilian Almeida de Alencar

Um trabalho iniciado em 2007 pode significar um marco na emancipação socioeconômica de Cruzeiro do Sul e demais municípios do Acre. Trata-se da prospecção de gás e petróleo na região do Vale do Juruá, que faz parte de um grandioso projeto, atualmente em fase de estudos. As evidências da suposta existência de gás natural e petróleo em solo acriano foram apontadas por pesquisas de geoquímica. Para chegar a essas conclusões, foi percorrido um longo caminho, iniciado com levantamentos aéreos, posteriormente levantamentos químicos e atualmente estudos de sismica terrestre.

Para os cruzeirenses, a expectativa da existência de petróleo e gás na região gera simultaneamente a esperança de desenvolvimento da cidade e a preocupação com a preservação ambiental, em especial das áreas de conservação e das terras indígenas, que futuramente poderão ser exploradas. A pergunta que todos fazem é: será possível, nesse caso, conciliar desenvolvimento e preservação?

Para o vice-governador do Acre, César Messias, os recursos provenientes de *royalties*, que chegariam a bilhões de reais, podem mudar a realidade dos municípios do Estado. “Poderemos fazer investimentos pesados em saúde, educação, infraestrutura e, principalmente, em meio ambiente”, declara ele.

O atual prefeito de Cruzeiro do Sul, Vagner Sales, compartilha a mesma visão do vice-governador, pois prevê a geração de empregos com a criação de escolas técnicas para a formação de mão de obra especializada, focos de trabalho aos bacharéis da universidade local e até mesmo a apresentação de vagas dos mais diversos cargos na empresa instalada na região. Além disso, o administrador acredita que a cidade muito ganhará com a promoção do turismo.

Em contrapartida, os ambientalistas afirmam que a suposta exploração poderá acarretar sérios problemas ambientais e sociais, tendo em vista que, no levantamento sísmico, fase atual da prospecção, os trabalhadores terão que abrir trilhas e clareiras na mata densa, gerando morte e fuga dos animais, que constituem a principal fonte de alimentação dos moradores da floresta. Será gerada ainda uma grande movimentação fluvial e terrestre, que pode ocasionar

poluição dos rios, afetando as vidas aquáticas e a saúde da população local. Além disso, alegam que o aumento do fluxo de pessoas nessa área pode comprometer a preservação do Parque Nacional da Serra do Divisor, a maior unidade de proteção integral do Brasil e um dos principais pontos turísticos da região.

Tomando por base o mapeamento da empresa Georadar, grande parte da exploração ocorrerá próxima a terras indígenas, o que aumenta a preocupação quanto aos impactos sociais e culturais que a atividade pode causar nessas comunidades.

Penso que, se a exploração for consolidada de fato, será um grande passo para o desenvolvimento de Cruzeiro do Sul, que, com o capital proveniente de *royalties*, a promoção do turismo e a geração de empregos, experimentará uma melhora significativa em sua atuação na economia do Estado e no nível socioeconômico de sua população.

Por outro lado, se o projeto não for bem planejado e bem executado, poderão ser gerados problemas ambientais (a exemplo do acidente que ocorreu no Golfo do México em 2010) e sociais irreversíveis, como bem afirmam os ambientalistas. Todavia, a propósito dos possíveis riscos, cabe à sociedade civil e às autoridades competentes fiscalizar seriamente as práticas da indústria petrolífera, garantindo que as leis que regulamentam a atuação dela e que impõem as sanções sejam rigorosamente respeitadas, sob pena de amargarmos as consequências advinentes de nossa omissão ou de um desejo de desenvolvimento a todo o custo.

Creio ser possível, sim, nesse caso, o desenvolvimento sustentável, pois, além de termos um Estado que não abre mão de manter sua política de sustentabilidade, das políticas amazônicas corretas, como afirma o governador Tião Viana, ainda contamos com tecnologia de ponta associada aos conhecimentos científicos e profissionais especializados, tornando possível a precaução e a tomada de medidas cabíveis contra eventuais desastres ecológicos. Sendo assim, que jorre o “ouro negro” em terras acrianas!

Minhocultura ou piscicultura, o que é melhor para a minha cidade?

Aluna: Even Nayre Fonseca Batista

Como na maioria das cidades pequenas do Brasil, os moradores de Alto Paraguai, no Estado do Mato Grosso, enfrentam problemas em conseguir emprego. Ultimamente essa falta de alternativas para conseguir trabalho tem sido algo polêmico no nosso município. A polêmica surgiu devido à insatisfação demonstrada pelos minhoqueiros, que almejam continuar explorando uma área de terra de 2.000 hectares de onde eles extraem iscas vivas. Esses hectares de terra chamaram a atenção de uma empresa privada: Fazenda Agroindústria Princesa, que se interessou em instalar uma grande empresa de piscicultura na região.

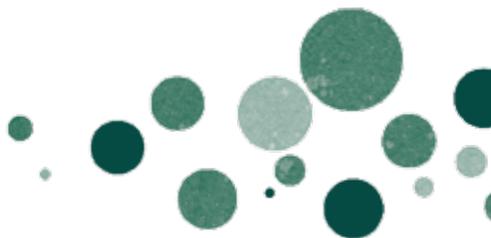
Boa parte da população não concorda com a instalação da piscicultura privada no local, pois ela será construída em uma das principais áreas onde os extratores de iscas vivas (o minhocoçu) tiram o sustento de suas famílias. De acordo com a Secretaria de Comunicação da Assembleia Legislativa do Mato Grosso, cerca de duzentas famílias são sustentadas pela comercialização de iscas. Durante entrevista com minhoqueiros da cidade, é possível perceber como eles estão se sentindo ameaçados, uma vez que é a opção de sobrevivência que eles encontraram, já que não há alternativa de emprego na cidade, principalmente para pessoas que não possuem bom grau de escolaridade.

Por outro lado, há pessoas no nosso município que concordam com a construção da piscicultura nessa região. Eles afirmam que a Secretaria de Estado do Meio Ambiente de Mato Grosso (Sema) já publicou no *Diário Oficial*, nº 25.799, página 74, a licença prévia e de instalação do projeto de piscicultura na Fazenda Princesa, localizada no município de Alto Paraguai. De acordo com um dos operadores de máquinas que trabalham nas terras da fazenda, mais de trezentas famílias serão beneficiadas, pois terão direitos trabalhistas assegurados: carteira assinada, previdência social, FGTS, PIS, seguro-desemprego e outros benefícios que a extração de minhoca não contempla, considerando que os minhoqueiros não trabalham de forma organizada, nem legalizada. A turma da nossa sala (2º ano A) entrevistou um dos piscicultores e administrador público de Alto Paraguai, o qual disse que as minhocas poderão entrar em extinção, terminando assim a chance de trabalho dos minhoqueiros; já a piscicultura é uma atividade mais estável, pois pode gerar empregos para pessoas de diferentes graus de escolaridade, por tempo indeterminado.



Na minha opinião, essa empresa de piscicultura irá ajudar a cidade evoluir muito, pois o lugar onde eu vivo já foi muito desmatado quando a economia básica dependia da extração de ouro e diamante e a seqüela dessa economia foram os buracos deixados no solo. Eu sou a favor da implantação da empresa de piscicultura, porque irá fortalecer os piscicultores que já estão na atividade, aproveitando os buracos deixados pelos garimpeiros, criando uma produção de peixes em grande escala, que, segundo o secretário da Associação dos Produtores Rurais da Sede Alto Paraguai (Aprusa), irá melhorar a economia do município, garantir segurança no trabalho e estabilidade para os moradores.

Assim, Alto Paraguai, que ainda não possui nenhuma empresa, terá a oportunidade de ter uma fonte de emprego legalizada dentro de suas terras, beneficiando uma população carente e desprovida de um trabalho seguro.



Tortura não é cultura

Aluno: Hiago Natan Batista Alves

“A grandeza de uma nação pode ser julgada pelo modo como seus animais são tratados.”

Mahatma Gandhi

Em julho de 1990 a pequena cidade de Campo Azul, localizada no extremo norte de Minas Gerais, tornou-se mais uma das vítimas da cultura na qual os animais são o alvo de um espetáculo implacável, sendo as agressões destes uma das razões da festa, expondo a comunidade presente a cenas de tortura e maus-tratos. Refiro-me à vaquejada, uma festa que desde então tem sido realizada anualmente, fazendo parte da tradição local.

Ela traz consigo alguns benefícios, como, por exemplo, o reencontro de toda a população que se migrou para outras cidades em busca de empregos e a circulação de capital em seu momento festivo.

Os defensores das vaquejadas alegam que isso não passa de manifestação cultural, amparada pelo disposto no artigo 215, parágrafo 1º, da Constituição Federal, que diz: “O Estado garantirá a todos pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” e que “o Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”. Ademais, essa prática é um atrativo para o incremento do turismo e para o movimento da economia local, com a geração de vários empregos sazonais.

Em sentido contrário, penso que temos tudo para colocar um fim a essa infâmia, pois pelo artigo 225, parágrafo 1º, VII, da Constituição Federal de 1988, incumbe ao poder público proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provocando extinção de espécies ou submetendo os animais à crueldade. Além disso, o artigo 32 da Lei Federal nº 9.605/1998 prescreve: “É considerado crime praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos”. Diante disso, acredito que para certa mobilização cultural não é necessário esse tipo de modalidade, na qual os animais são sujeitos a tamanha humilhação e crueldade.



A meu ver, pegar a bassoura, ou seja, o rabo ou calda do boi, e fazê-lo cair no chão, dentro da área demarcada com cal, jamais poderia ser considerado como cultura, e os participantes “vaqueiros” não podem ser considerados valentes e corajosos, pois tudo isso não passa de um ato de covardia, sem mencionar os abusos a que o animal fica sujeito antes de ser solto na pista. O lugar onde vivo é assim, mais uma cidade vítima dessa cultura, sendo um dos seus reais objetivos a exploração de pobres animais indefesos numa arena rodeada por um público de olhos vibrantes. Triste é saber que nem todos hoje em dia têm como pensamento defender a nossa fauna, que até então é dominada por homens que se dizem racionais.

É necessário que mudemos as nossas atitudes em relação aos animais, pois observamos na vaquejada um completo desrespeito, o que poderia ser considerado afronta aos artigos da Constituição Federal e às demais leis de caráter ambiental. Dessa forma, devemos acabar com essa “modalidade esportiva” que se esconde por trás de uma máscara de cultura popular.

Assim, fica como dever nosso lutar contra esses atos cruéis, e também é competência do poder público lutar conosco em defesa desses seres; precisamos melhorar a nossa nação, combatendo a violência aos animais, pois, como já dizia o sábio Mahatma Gandhi, “a grandeza de uma nação pode ser julgada pelo modo como seus animais são tratados”. Por fim, para falar a verdade, a vaquejada nunca foi cultura, e sim atos de torturas.

Usinas na bacia do Teles Pires: os prós e os contras

Aluno: Matheus Sergio Lubian

A sociedade vive um momento em que muito se discutem questões ambientais. Por um lado, os ambientalistas procuram alertar sobre o caos provocado pelas ações inconsequentes do homem na natureza e, por outro, aqueles que acreditam que tudo deve ser feito em nome do progresso, do desenvolvimento econômico, e as consequências, sejam elas boas ou más, são inevitáveis e fazem parte do processo.

Cito aqui as usinas que estão sendo construídas na bacia do Teles Pires: a de Nova Canaã do Norte (MT) e a de Paranaíta/Alta Floresta (MT). A construção da Usina Hidrelétrica Teles Pires está sendo realizada na região da Cachoeira Sete Quedas, entre Paranaíta (MT) e Jacareacanga (PA). Ambas vêm se tornando alvo de críticas, especialmente no que diz respeito ao impacto gerado ao meio ambiente e aos povos indígenas. Entretanto, muito se discute sobre os possíveis benefícios que elas trarão, entre os quais se pode citar a ampliação da produção de energia elétrica, uma vez que a necessidade energética do país vem aumentando com o crescimento da população e das indústrias.

O problema encontrado na construção das usinas é o aumento explosivo da população da região, uma vez que não há infraestrutura necessária para receber as pessoas que irão trabalhar na sua construção. Vários encontros foram realizados pelos municípios envolvidos para discutir as compensações necessárias na região em diversas áreas, entre as quais a saúde e a educação. Estima-se que, no auge das obras, cerca de 40 mil pessoas migrarão para a região. Percebe-se que a dificuldade de relacionamento com os povos indígenas da região também é um fator que tem dificultado o andamento das obras. Os povos indígenas alegam ser prejudicados, pois estão sendo retirados de seu local de moradia, o que os obriga a buscar novas áreas e novos hábitos. Além disso, a região da Cachoeira Sete Quedas é um nascedouro de peixes que alimenta a população indígena.

Segundo uma reportagem de Fátima Lessa, do jornal *O Estado de S. Paulo* (3/4/2012), os índios Caiabis, Apiacás e Mundurucus vêm sofrendo ameaças após uma breve paralisação das obras por determinação da Justiça Federal. O meio ambiente também é outro assunto bastante discutido, uma vez que a fauna e a flora locais podem ser muito prejudicadas.

Há quem defenda que essa usina trará muitos benefícios para o país, uma vez que terá capacidade instalada de 1.820 MW, o suficiente para abastecer uma população de 2,7 milhões de famílias. O país está crescendo, e com isso a necessidade de energia também aumenta. Apesar da grande quantidade de pessoas nas cidades que receberão as usinas, a geração de empregos também será um benefício para elas, pois cerca de 45% do efetivo mora na região e a meta é atingir os 80%. Quanto à fauna e flora locais, a empresa responsável pela construção da usina alega que há um programa de resgate da fauna que promete contribuir para o conhecimento científico da diversidade biológica do local afetado, bem como diminuir os impactos negativos causados nela pela obra. Por isso, estão providenciando o resgate, a catalogação e o remanejamento das espécies afetadas, bem como o cuidado para não prejudicar as etnias indígenas que habitam a região.

Entretanto, com o rápido crescimento do país, há a necessidade de geração de mais energia, e o país tem capacidade para produzi-la. É claro que os efeitos causados não são de todo positivos, mas, caso não sejam construídas, existe o risco de faltar energia, bem como o aumento de preço que a população terá de pagar pelo seu consumo. As energias renováveis seriam as melhores alternativas, mas inviáveis pelo alto custo.

Diante disso, vale ressaltar: para que seja possível atender à demanda da população, faz-se necessária a busca pela ampliação da produção de energia elétrica no país. No entanto, é importante que essas medidas sejam tomadas de maneira consciente, de modo a minimizar as consequências negativas causadas à população e ao meio ambiente. Isso pode acontecer se o governo e as empresas construtoras tiverem a preocupação de ouvir a população, visando a busca de um acordo entre as partes envolvidas.



O conflito entre o temporário e o permanente

Aluna: Aline Oliveira da Mota

Eu moro em uma cidade chamada Iporã (nome de origem indígena que significa “águas claras”). Segundo a última estimativa do IBGE, somos hoje mais de 31.500 habitantes em uma área de 1.030 quilômetros quadrados, o que faz com que seja geograficamente uma das maiores cidades do oeste goiano, região formada por pequenos municípios. As terras iporaenses já foram, em tempos remotos, motivo de disputas devido às suas riquezas, e, apesar do passado glorioso permeado de histórias sobre minas de ouro e diamantes, Iporã, hoje, enfrenta um problema comum às cidades que sofreram com a mineração: a estagnação econômica resultante do fim dos minérios.

A nossa economia é baseada na agricultura, pecuária e comércio. No entanto, as vagas disponíveis não são suficientes para atender à demanda da população, o que tem feito com que o desemprego alcance índices elevados. Atualmente, estão sendo construídas duas usinas hidrelétricas na região, as quais têm oferecido trabalho a muitos cidadãos iporaenses, além de gerar migração de pessoas que chegam aqui em busca de emprego.

Iporã, apesar de ser pequena, é indiscutivelmente uma cidade com grande potencial produtivo; porém, há uma divergência de opinião por parte dos habitantes quando discutem sobre as formas de explorar esse potencial. A construção das usinas tem sido constante causa de debates. Uma parcela da população defende os aspectos positivos, como a geração de empregos, a valorização dos imóveis devido à grande procura por parte dos migrantes, além do crescimento econômico que envolve a cidade. Em contraste com os pontos positivos, o ponto negativo defendido por aqueles que, assim como eu, são contrários à construção de hidrelétricas na região é suficientemente grave: a degradação ambiental à qual a nossa cidade está sendo exposta. Vários biólogos estão sendo consultados a fim de orientar sobre as maneiras de continuar as construções com um impacto menor no meio ambiente; contudo, apesar dos esforços desses profissionais, nada poderá reparar o desequilíbrio ecológico sofrido pela natureza. O professor de biologia Elias Centofante, um dos responsáveis pela avaliação ecológica do local, afirma que, apesar de não haver riscos maiores, o desmatamento representou uma perda irreparável para o cerrado goiano e para a identidade do município.



Para que as usinas fossem construídas, muitos iporaenses tiveram que escolher entre vender suas terras por um preço abaixo do valor corrigido e desapropriá-las. As áreas utilizadas para a construção das usinas possuíam grande valor ecológico devido às variadas espécies de animais e plantas nativas do cerrado. Centenas de animais silvestres tiveram sua paz perturbada, sendo transferidos do seu hábitat para outros lugares. Várias espécies de planta foram retiradas e enviadas para reservas especiais. Sinto uma sincera indignação ao ver lugares antes considerados paraísos se reduzirem a um amontoado de tijolos! Centenas de animais expulsos, centenas de árvores derrubadas... Esse é o quadro geral do suposto avanço econômico de Iporá.

Não sou contra a vinda de empresas ou indústrias para a cidade; pelo contrário, defendo que o potencial de Iporá deva ser explorado, mas de forma correta e sustentável, sem que seja necessário destruir o permanente (a natureza) para construir o temporário (as empresas). O fato de os empregos gerados serem provisórios e durarem apenas até a conclusão das usinas também merece atenção. Será que os lucros são capazes de suprir os desgastes ecológicos? Até mesmo os que defendem a construção das usinas são obrigados a concordar quando afirmo que os danos ambientais são irreparáveis.

Não há fórmulas prontas para resolver o conflito entre desenvolvimento e sustentabilidade; contudo, creio que a solução está em investir na educação. A capacitação de jovens para o mercado de trabalho resultará em um interesse maior das empresas em investir na nossa cidade, o que ampliará nosso potencial produtivo, além de abrir novas possibilidades a serem exploradas para o alcance do tão sonhado progresso. Espero ansiosamente pelo dia em que verei o lugar onde vivo se tornar novamente uma fonte produtiva, assim como foi nos seus dias áureos de glória, com a diferença de que o progresso dessa vez seja permanente. Quando esse dia chegar, poderei afirmar, sem receio, que tenho orgulho de ser cidadã iporaense.

Hidrelétricas: necessidade ou ganância?

Aluno: Ricardo Bauer Pilla

Localizada no noroeste gaúcho e fazendo fronteira com Santa Catarina e Argentina, Derrubadas é uma pequena cidade interiorana de apenas 3 mil habitantes, mas um ótimo lugar para viver. Nos últimos anos, as construções de hidrelétricas ao longo do rio Uruguai colocaram uma incógnita não apenas ao futuro do nosso município como de toda a região: o maior potencial turístico regional, o Salto do Yicumã, a maior queda d'água longitudinal do mundo e considerada uma das sete maravilhas do Estado, já tem grande parte de suas quedas comprometidas pela ação das usinas, o que se agravará ainda mais com a construção de novas hidrelétricas, principalmente a de Itapiranga, a pouco mais de 20 quilômetros, e o complexo Garabi–Panambi, um projeto binacional entre Brasil e Argentina, que, segundo previsão, deverá ser o maior empreendimento hidrelétrico do Estado.

Conforme os idealizadores das usinas e grandes empresários envolvidos, os empreendimentos hidrelétricos gerarão milhares de empregos e serão excelentes para o Rio Grande do Sul, visto que aumentarão a integração energética entre Brasil e Argentina, permitindo que o Estado importe menos energia de outras regiões do país, tendo assim maior autonomia nos recursos energéticos.

Por outro lado, os que são contra destacam os imensos problemas que as barragens provocarão no nosso meio. Comunidades ribeirinhas deixarão para trás suas raízes culturais; o ecossistema local será afetado, pois áreas nativas serão inundadas e belezas naturais, como, principalmente, o salto do Yicumã, serão submersas. Logo, o comércio turístico terá uma grande queda, já que perderá seu principal sustentáculo. Afirmam também que se o salto for submerso, perderão parte de sua identidade.

Dessa forma, considero a produção de energia fundamental, mas os impactos ambientais e sociais gerados pela construção de tais hidrelétricas são arrasadores e de proporções indiscutíveis. Aliás, nossos rios estão todos fragmentados e em desequilíbrio, juntamente com o restante da natureza, tornando-se mercadorias. Por isso deve-se ponderar o preço que a população e a natureza terão de pagar. Como exemplo disso, a perda do maior potencial turístico regional, uma preciosidade, a maior do mundo, que leva seu nome a uma rota de beleza e encantamento como referência e orgulho de uma região. Sendo assim, fico a perguntar: será que a necessidade energética justifica tantos problemas?

Na minha opinião, deve-se recorrer a outros recursos energéticos tão renováveis quanto esse, mas que causam menos impactos ao meio ambiente, como a energia solar e eólica, que, apesar de terem um custo ligeiramente maior que a hidrelétrica, causam menos transtornos, preservando a natureza e não perturbando a vida local. Podemos citar como exemplo a China, que concilia seu desenvolvimento com a diversificação da matriz energética, assim conseguindo menor dependência de combustíveis fósseis e preservando o meio ambiente, motivo que lhe garante o primeiro lugar no *ranking* mundial de energia eólica. O Brasil também poderia explorar mais este recurso, pois, segundo o Atlas do Potencial Eólico Brasileiro, da Eletrobrás, o país tem capacidade para gerar até 140 GW; porém, atualmente a capacidade instalada não passa de 1% da estimativa.

Recentemente, recebemos grandes investimentos que muito contribuíram para o desenvolvimento da área turística, e o município inteiro está se voltando para receber e aconchegar cada vez mais e melhor os visitantes. Estamos depositando muitas expectativas, mas o que faremos se tudo for em vão? É lamentável, mas está ocorrendo aquilo que sucedeu com as Sete Quedas do rio Paraná quando a gigante Itaipu foi construída.

Enfim, a energia se faz necessária; no entanto, devemos procurar alternativas que mantenham o equilíbrio ecológico e não desestremem alicerces da sociedade, pois hoje já não podemos escolher focando apenas o lado financeiro, mas também visando um amanhã sustentável, e, como Gandhi dizia, “a natureza pode suprir todas as necessidades do homem, menos a sua ganância”. Que façamos algo enquanto há tempo...



O uso indevido dos recursos hídricos

Aluno: Francisco Valberdan Pinheiro Montenegro

Miraíma é uma pequena e charmosa cidade localizada no noroeste cearense. Nessa curiosa cidade do semiárido nordestino localiza-se o açude São Pedro, reservatório que gera renda e abastece os domicílios do município. Numa região castigada pelas secas, possuir um reservatório com capacidade para armazenar 19.259.000 metros cúbicos de água representa um imensurável benefício. No entanto, alguns habitantes parecem não perceber o quanto o açude é importante e deve ser preservado.

Em virtude do uso inadequado dos recursos hídricos e da falta de cuidados o reservatório vem sendo assolado por problemas ambientais, como a poluição e a contaminação da água, além da morte de peixes, ocasionada pela presença de substâncias tóxicas em seu hábitat. O problema tem como principal fator o exercício de práticas como a lavagem de automóveis e o banho de animais com produtos químicos no reservatório.

Quanto à importância da água, há um consenso; entretanto, o modo como deve ser usada é uma questão que tem dividido a opinião pública. Embora lavar veículos e banhar animais com produtos químicos às margens do açude constitua uma prática criminosa, muitos proprietários persistem em descumprir a lei. Os que se posicionam a favor buscam justificar essas ações ecologicamente incorretas argumentando que o açude pertence a todos, por isso cada um pode usá-lo do modo que achar melhor. Para os que, como eu, são contrários a essas práticas, essa é uma questão de saúde pública e deve ser alvo de políticas públicas eficazes, de resultados imediatos.

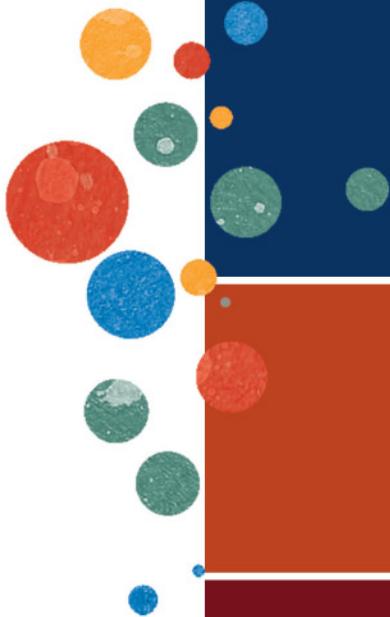
Para o técnico da Companhia de Gestão de Recursos Hídricos (Cogerh), essa é uma questão complexa que deveria preocupar a todos, pois os recursos hídricos têm sido comprometidos no município. Segundo ele, a ação mais eficiente para solucionar o problema seria a criação de uma lei municipal específica, que objetivasse punir os infratores, evitando assim maiores impactos ao meio ambiente. Já os estudantes da única escola estadual do município, indagados sobre o assunto numa pesquisa, afirmaram, em sua maioria – 66,67% –, ter conhecimento dessas práticas, mas ser contrários a elas. Outros – 25% –, mostraram-se favoráveis, o que é preocupante, pois evidencia a ausência e a necessidade do desenvolvimento de uma consciência ecológica nos jovens do século XXI.

A água é um elemento natural importantíssimo, uma vez que garante a manutenção de todas as formas de vida na Terra. Estima-se que aproximadamente 70% da superfície terrestre seja coberta por água e apenas 3% desse volume, doce, porém indisponível, pois está congelado. Desse total resta apenas uma pequena quantidade para as atividades humanas. Daí a importância de se preservar e usar corretamente os recursos hídricos disponíveis.

Penso que deveriam ser empreendidas medidas educativas a fim de conscientizar a população dos riscos e consequências do uso inadequado da água. Precisamos pensar no futuro e educar os jovens e as crianças para o uso ético, solidário e consciente dos recursos hídricos disponíveis.

Ações como a criação de campanhas de esclarecimento e a colocação de placas sinalizando a proibição nos locais onde as pessoas costumam lavar os automóveis e banhar os animais, aliadas a medidas punitivas, poderiam evitar maiores danos ambientais.





Parceria



Coordenação
Técnica



Iniciativa

